

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS

MARCELO EDUARDO DA SILVA

A CORPORIFICAÇÃO TENSIVA DA POLÊMICA:
UMA PROPOSTA TIPOLOGICA DE ENUNCIADOS
SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19

Campo Grande - MS
2025

MARCELO EDUARDO DA SILVA

**A CORPORIFICAÇÃO TENSIVA DA POLÊMICA:
UMA PROPOSTA TIPOLOGICA DE ENUNCIADOS
SOBRE A PANDEMIA DE COVID-19**

Tese apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEL/Faalc/UFMS), para obtenção do título de Doutor em Estudos de Linguagens.

Área de concentração: Linguística e Semiótica

Linha de Pesquisa: Práticas e Objetos Semióticos

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Sueli Maria Ramos da Silva

**Campo Grande - MS
2025**

MARCELO EDUARDO DA SILVA

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Sueli Maria Ramos da Silva (presidente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof.^a Dr.^a Norma Discini de Campos (membro titular externo)
Universidade de São Paulo (USP)

Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno (membro titular externo)
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof.^a Dr.^a Aline Saddi Chaves (membro titular externo)
Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS)

Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins (membro titular)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Prof. Dr. Paolo Demuru (membro suplente externo)
Universidade Presbiteriana Mackenzie

Prof.^a Dr.^a Eluiza Bortolotto Ghizzi (membro suplente)
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central – UFMS, Campo Grande, Brasil)

SILVA, Marcelo Eduardo da.

A corporificação tensiva da polêmica: uma proposta tipológica de enunciados sobre a pandemia de Covid-19. Marcelo Eduardo da Silva – Campo Grande, 2025. N. de folhas 290.

Orientadora: Sueli Maria Ramos da Silva.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Faculdade de Artes, Letras e Comunicação do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens.

Assunto(s). I. SILVA, Sueli Maria Ramos da (Orientadora). II. Tipologia da Polêmica; Pandemia; *Éthos*; Estilo; Corpo. CDD

*A Terezinha e José, meus pais,
e Marcio, meu irmão.*

AGRADECIMENTOS

À Prof.^a Dr.^a Sueli Maria Ramos da Silva, pela cara atenção disponibilizada durante o acompanhamento de orientação e pelos ensinamentos trocados durante as reuniões, as aulas e as escritas de artigos em parceria.

Aos técnicos e docentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Faculdade de Artes, Letras e Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (PPGEL/Faalc/UFMS), em especial: ao Prof. Dr. Geraldo Vicente Martins, pelos ensinamentos transmitidos nas aulas e apresentações de trabalhos em eventos, na cooperação de escritas acadêmicas e nas bancas de Exame de Qualificação e de Defesa; e à Prof.^a Dr.^a Elaine de Moraes Santos, que, durante a ministração da disciplina sob sua responsabilidade, demonstrou atenção específica para cada estudante – mesmo àqueles que não são de sua linha de pesquisa direta –, ao debater com cada um textos e observações que contribuíam para o entendimento de seus próprios objetos de estudo (a polêmica, no meu caso).

Ao Prof. Dr. Alexandre Marcelo Bueno, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, pela leitura atenta e pelas diversas indicações durante o Exame de Qualificação que colaboraram na melhoria do texto, bem como às recomendações durante a banca de Defesa.

À Prof.^a Dr.^a Norma Discini pela leitura minuciosa e pela conversa atenciosa quando da Defesa da Tese (promovendo uma arguição, na realidade, repleta de ensinamentos).

À Prof.^a Dr.^a Aline Saddi Chaves, igualmente, pela leitura cuidadosa da Tese com zelo acadêmico e sensibilidade em cada apontamento durante a Defesa.

Ao Prof. Dr. Paolo Demuru, da Universidade Presbiteriana Mackenzie, e à Prof.^a Dr.^a Eluiza Bortolotto Ghizzi, da UFMS, por aceitarem a participação como membros suplentes externo e interno para a Defesa.

Aos colegas de curso do PPGEL, pela troca de ideias, seja realizada em conversas informais ou quando de suas apresentações em seminários ou comunicações orais em eventos aos quais tive oportunidade de assistir.

Aos colegas de trabalho do *campus* Campo Grande do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul (IFMS) – onde sou servidor público do corpo Técnico Administrativo em Educação –, tanto pelo apoio moral quanto pela adaptação de jornada da equipe em que atuo mais diretamente para que pudesse cumprir as agendas de aulas regulares e demais compromissos acadêmicos.

[...] o ato enunciativo, ao firmar um posicionamento discursivo, a favor ou contra alguma coisa, apresenta-se, a cada vez, de uma vez por todas.
(Discini, 2015, p. 39)

RESUMO

Estendida de 11 de março de 2020 a 5 de maio de 2023, a pandemia de Covid-19 foi marcada por uma disputa entre quem respeitava e quem rechaçava as normativas defendidas por grande parte dos especialistas da área da saúde. Atentos a essa conjuntura, pensamos semioticamente essa polêmica para defendermos a tese de que ela pode ser percebida enquanto *corpo discursivo* (Discini, 2015), a ponto de apresentar um *estilo* (Discini, 2015). Propomos de forma inovadora que o *estilo* pode ser percebido também no cotejo entre textos de enunciadores distintos e nos perguntamos: como se desenvolve a ‘corporificação’ da polêmica? Inspirados por essa indagação, nosso objetivo geral é propor uma tipologia da polêmica a partir da análise de *corpus* formado por textos de gêneros diversos selecionados por terem pontos em comum que assinalam para as noções de *totus* (princípio que remete à totalidade de manifestações de determinado ator/corpo enunciativo) e *unus* (que indica uma unidade). Os textos datam sobretudo de 2020 e 2021 (auge do período pandêmico, quando embates ficaram exacerbados por conta de medidas como fechamento de estabelecimentos comerciais e religiosos) e são levados em consideração por manifestarem conflitos que emergiram em vários setores da sociedade e por comporem, a nosso ver, uma síntese de elementos capazes de serem ordenados ao mesmo tempo como gráficos e redes tensivos e como amostras de perturbação na/da relação *Eu-Outro*. Perturbação essa que, conforme verificado nas análises, é o elemento crucial que (re)constrói a polêmica, graduada a partir da percepção da *foria* e seus acréscimos ou decréscimos de *mais* ou de *menos* para formular diagramas, gráficos e redes tensivos. Fazem parte do *corpus*: um pronunciamento do bispo evangélico Edir Macedo veiculado em redes sociais e uma celebração ministrada pelo bispo-auxiliar católico Nivaldo dos Santos Ferreira (ambas de março de 2020, com comentários sobre o coronavírus); propaganda institucional do governo de Mato Grosso do Sul (“Coronavírus: a balada pode esperar”, de janeiro de 2021), sobre o distanciamento social; reportagem relatando entrega de alimentos a pessoas em situação de rua em Belém; a confecção de cartilha sobre cuidados sanitários em Dourados (MS) impressa na língua guarani; denúncia a respeito de comentários racistas referentes a indígenas terem preferência à vacina; um evento em que um cliente de sorveteria em Campinas (SP) tem acesso raivoso ao ser abordado por usar inadequadamente a máscara no estabelecimento; projeto de extensão de acolhimento a imigrantes formulado por uma universidade em Campo Grande. Nossos objetivos específicos perpassam por: identificar como os enunciadores envolvidos têm seus *éthe* constituídos nesse processo e como utilizaram argumentos retóricos (como algumas figuras de linguagem) visando a obter a adesão da opinião pública; como as investidas de cada lado fizeram sobressair diante do público o afeto como elemento persuasivo; e como essa disputa de pontos de vistas díspares influenciou na aspectualização dos atores envolvidos. Destarte, precisamos dar conta do espaço contínuo entre os termos opostos indicados no quadrado semiótico original da Semiótica Discursiva. Para tanto, propomos como base teórica pressupostos da Semiótica Tensiva e da Sociossemiótica, por entendermos que essas correntes acrescentam outros operadores às análises (como relações gradativas e os regimes de interação e sentido, respectivamente). Mobilizamos, ademais, conceitos como *quase-presença* (ferramenta de medição da densidade do *corpo*), *éthos* (a imagem do enunciativo perante o enunciatário) e *páthos* (o afeto que influencia o enunciatário). Metodologicamente, nos moldes de redes e diagramas tensivos, são graduados elementos conforme similaridades e/ou distinções enunciativas que configuram um *corpo discursivo polêmico*. Entender a polêmica durante a pandemia contribui para que possamos interpretar melhor nosso próprio agir em sociedade. Assim sendo, consideramos que nossas análises auxiliam nos esforços para a compreensão científica (especificamente na Semiótica) sobre o dissenso e colabora para a retomada da retórica nas pesquisas semióticas.

Palavras-chave: Tipologia da polêmica; Pandemia; *Éthos*; Estilo; Corpo.

ABSTRACT

Between March 11, 2020, to May 5, 2023, the Covid-19 pandemic was marked by a dispute between those who respected and those who rejected the guidelines advocated by most health experts. Aware of this situation, we thought about this controversy semiotically to defend the thesis that it can be perceived as a *discursive body* (Discini, 2015), to the point of presenting a *style* (Discini, 2015). We propose, in an innovative way, that *style* can also be perceived in the comparison between texts from different speakers, and we ask ourselves: how does the ‘embodiment’ of the polemic develop? Inspired by this question, our overall objective is to propose a typology of polemics based on the analysis of a *corpus* formed by texts of various genres selected for having points in common that point to the notions of *totus* (a principle that refers to the totality of manifestations of a given actor/enunciative body) and *unus* (which indicates a unit). The texts date mainly from 2020 and 2021 (the height of the pandemic period, when clashes were exacerbated by measures such as the closure of commercial and religious establishments) and are taken into account because they express conflicts that emerged in various sectors of society and because, in our view, a synthesis of elements that can be ordered both as graphs and tension networks and as samples of disturbance in/of the *I-Other* relationship. This disturbance, as verified in the analyses, is the crucial element that (re)constructs the polemic, graded from the perception of *phoria* and its increases or decreases of *more* or *less* to formulate diagrams, graphs, and tensive networks. The *corpus* includes: a statement by evangelical bishop Edir Macedo posted on social media and a celebration led by Catholic auxiliary bishop Nivaldo dos Santos Ferreira (both from March 2020, with comments on the coronavirus); institutional propaganda from the government of Mato Grosso do Sul, whose name “*Coronavírus: a balada pode esperar*” (“Coronavirus: the party can wait,” from January 2021), about social distancing; a news report on food delivery to homeless people in Belém (capital of Pará, in the Northern of Brazil); the production of a booklet on health care in Dourados (state of Mato Grosso do Sul, MS, Midwest of Brazil) printed in the Guaraní language; complaint about racist comments regarding indigenous people having preference for the vaccine; an event in which a customer at an ice cream shop in Campinas (in São Paulo, Southeast of Brazil) reacts angrily when approached for improperly wearing a mask in the establishment; an extension project to welcome immigrants formulated by a university in Campo Grande (MS). Our specific objectives include: identify out how the speakers involved have their *ethé* constituted in this process and how they used rhetorical arguments (such as figures of speech) to gain public support; how the attacks from each side highlighted affection as a persuasive element in the eyes of the public; and how this dispute between disparate points of view influenced the aspectualization of the actors involved. Thus, we need to account for the continuous space between the opposing terms indicated in the original semiotic square of Discursive Semiotics. To this end, we propose the assumptions of Tensive Semiotics and Sociosemiotics as a theoretical basis, as we believe that these currents add other operators to the analyses (such as gradual relations and regimes of interaction and meaning, respectively). We also mobilize concepts such as “*an almost presence*” (a tool for measuring *body* density), *ethos* (the image of the speaker before the listener), and *pathos* (the emotion that influences the listener). Methodologically, following the model of networks and tensional diagrams, elements are graded according to similarities and/or enunciative distinctions that configure a *polemical discursive body*. Understanding the polemic during the pandemic helps us to better interpret our own actions in society. Therefore, we believe that our analyses contribute to efforts to achieve scientific understanding (specifically in semiotics) of dissent and contribute to the resumption of rhetoric in semiotic research.

Keywords: Typology of polemic; Pandemic; *Éthos*; Style; Body.

RESUMEN

Entre el 11 de marzo de 2020 y el 5 de mayo de 2023, la pandemia de Covid-19 se caracterizó por una disputa entre quienes respetaban y quienes rechazaban las directrices defendidas por la mayoría de los expertos en salud. Conscientes de esta situación, reflexionamos semióticamente sobre esta polémica para defender la tesis de que ella puede ser percibida como un *cuerpo discursivo* (Discini, 2015), hasta el punto de presentar un *estilo* (Discini, 2015). Proponemos, de manera innovadora, que el *estilo* también puede ser percibido en la comparación entre textos de diferentes hablantes, y nos preguntamos: ¿cómo se desarrolla la “corporificación” de la polémica? Inspirados por esta pregunta, nuestro objetivo general es proponer una tipología de la polémica basada en el análisis de un *corpus* formado por textos de diversos géneros seleccionados por tener puntos en común que apuntan a las nociones de *totus* (un principio que se refiere a la totalidad de las manifestaciones de un determinado actor/cuerpo enunciativo) y *unus* (que indica una unidad). Los textos datan principalmente de 2020 y 2021 (el punto álgido del periodo pandémico, cuando los enfrentamientos se agravaron por medidas como el cierre de establecimientos comerciales y religiosos) y se tienen en cuenta porque expresan conflictos que surgieron en diversos sectores de la sociedad y porque, en nuestra opinión, sintetizan elementos que pueden ordenarse tanto como gráficos y redes de tensión como muestras de perturbación en/de la relación *Yo-Otro*. Esta perturbación, tal y como se verifica en los análisis, es el elemento crucial que (re)construye la polémica, graduada desde la percepción de la *foria* y sus aumentos o disminuciones de *más* o *menos* para formular diagramas, gráficos y redes tensivos. El *corpus* incluye: una declaración del obispo evangélico Edir Macedo publicada en las redes sociales y una celebración dirigida por el obispo auxiliar católico Nivaldo dos Santos Ferreira (ambas de marzo de 2020, con comentarios sobre el coronavirus); propaganda institucional del gobierno de Mato Grosso do Sul, cuyo nombre es “Coronavirus: la fiesta puede esperar”, de enero de 2021, sobre el distanciamiento social; una noticia sobre la entrega de alimentos a personas sin hogar en Belém (capital de Pará, en el norte de Brasil); la producción de un folleto sobre la atención sanitaria en Dourados (estado de Mato Grosso do Sul, MS, centro-oeste de Brasil) impreso en lengua guaraní; una denuncia sobre comentarios racistas relativos a la preferencia de los indígenas por la vacuna; un incidente en el que un cliente de una heladería de Campinas (en São Paulo, sureste de Brasil) reacciona con enfado cuando se le llama la atención por no llevar correctamente la mascarilla en el establecimiento; un proyecto de extensión para acoger a inmigrantes formulado por una universidad de Campo Grande (MS). Nuestros objetivos específicos incluyen: identificar cómo los oradores incluidos se constituyeron en este proceso y cómo utilizaron argumentos retóricos para ganarse el apoyo del público; cómo los ataques de cada grupo resaltaron el *afecto* como elemento persuasivo; y cómo esta disputa entre puntos de vista dispares influyó en la actualización de los actores. Por lo tanto, proponemos los supuestos de la semiótica tensiva y la sociosemiótica como base teórica, ya que creemos que estas corrientes añaden otros operadores a los análisis (como las relaciones graduales y los regímenes de interacción y significado). Movilizamos conceptos como *casi-presencia* (medición de la densidad del cuerpo), *éthos* (la imagen del enunciador) y *páthos* (que influye en el enunciatario). Metodológicamente, siguiendo el modelo de redes y diagramas tensivos, se gradúan los elementos según similitudes y/o distinciones enunciativas que configuran un *cuerpo discursivo polémico*. Comprender la polémica en medio a la pandemia nos ayuda a interpretar mejor nuestra propia actuación en la sociedad. Consideramos que nuestros análisis contribuyen por la comprensión (específicamente en la semiótica) sobre el disenso y colaboran a la reanudación de la retórica en las investigaciones semióticas. y contribuyen a la reanudación de la retórica en la investigación semiótica.

Palabras clave: Tipología de la polémica; Pandemia; *Éthos*; Estilo; Cuerpo.

RÉSUMÉ

Prolongée du 11 mars 2020 au 5 mai 2023, la pandémie de Covid-19 a été marquée par un conflit entre ceux qui respectaient et ceux qui rejetaient les normes défendues par la plupart des experts de la santé. Conscients de cette situation, nous avons analysé cette controverse d'un point de vue sémiotique afin de défendre la thèse selon laquelle elle peut être perçue comme un corps discursif (Discini, 2015), au point de présenter un style (Discini, 2015). Nous proposons de manière innovante que le *style* puisse également être perçu dans la comparaison entre des textes de différents auteurs et nous nous demandons: comment se développe la “corporification” de la polémique? Inspirés par cette question, notre objectif général est de proposer une typologie de la polémique à partir de l’analyse d’un *corpus* composé de textes de genres divers sélectionnés pour leurs points communs qui renvoient aux notions de *totus* (principe qui renvoie à la totalité des manifestations d’un acteur/corps énonciatif donné) et *unus* (qui indique une unité). Les textes datent principalement de 2020 et 2021 (au plus fort de la pandémie, lorsque les affrontements ont été exacerbés par des mesures telles que la fermeture des commerces et des lieux de culte) et sont pris en considération car ils reflètent les conflits qui ont émergé dans divers secteurs de la société et constituent, à notre avis, une synthèse d’éléments pouvant être classés à la fois comme graphiques et réseaux tendus et comme exemples de perturbation dans/de la relation *Moi-Autre*. Cette perturbation, comme le montrent les analyses, est l’élément crucial qui (re)construit la polémique, graduée à partir de la perception de la force et de ses augmentations ou diminutions pour formuler des diagrammes, des graphiques et des réseaux tendus. Font partie du *corpus*: une déclaration de l’évêque évangélique Edir Macedo diffusée sur les réseaux sociaux et une célébration présidée par l’évêque auxiliaire catholique Nivaldo dos Santos Ferreira (toutes deux datant de mars 2020, avec des commentaires sur le coronavirus); une publicité institutionnelle du gouvernement de Mato Grosso do Sul (“Coronavirus : la fête peut attendre”, janvier 2021), sur la distanciation sociale; reportage relatant la distribution de nourriture aux sans-abri à Belém (capitale de l’État du Pará, dans le nord du Brésil); la création d’un livret sur les mesures sanitaires à Dourados (à Mato Grosso do Sul, MS, Brésil) imprimé en langue guarani; dénonciation de commentaires racistes selon lesquels les indigènes auraient la priorité pour la vaccination ; un événement au cours duquel un client d’un glacier à Campinas (à São Paulo, Brésil) s’est montré agressif lorsqu’il a été interpellé pour avoir mal utilisé son masque dans l’établissement; projet d’extension de l’accueil des immigrants élaboré par une université à Campo Grande (MS). Nos objectifs spécifiques sont les suivants: identifier comment les locuteurs impliqués ont constitué leur *éthos* dans ce processus et comment ils ont utilisé des arguments rhétoriques (tels que certaines figures de *style*) afin d’obtenir l’adhésion de l’opinion publique; comment les attaques de chaque camp ont mis en avant l’affect comme élément persuasif auprès du public; et comment cette dispute entre points de vue divergents a influencé l’actualisation des acteurs impliqués. Ainsi, nous devons tenir compte de l’espace continu entre les termes opposés indiqués dans le carré sémiotique original de la sémiotique discursive. Pour ce faire, nous proposons comme base théorique les principes de la sémiotique tendative et de la sociosémiotique, car nous estimons que ces courants ajoutent d’autres opérateurs à l’analyse (tels que les relations graduelles et les régimes d’interaction et de sens, respectivement). Nous mobilisons également des concepts tels que la *quasi-présence* (outil de mesure de la densité du corps), l’*ethos* (l’image de l’énonciateur face à l’énonciat) et le *pathos* (l’affect qui influence l’énonciat). Sur le plan méthodologique, selon le modèle des réseaux et des diagrammes tensifs, les éléments sont classés en fonction des similitudes et/ou des distinctions énonciatives qui configurent un *corps discursif polémique*.

Mots-clés: Typologie de la polémique; Pandémie; *Éthos*; Style; Corps.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <i>Print</i> de canal do <i>YouTube</i> [®] em que fala de bispo evangélico é repercutida	133
Figura 2 - <i>Print</i> em que fala de bispo evangélico é repercutida junto com a do apóstolo Paulo.....	133
Figura 3 - <i>Print</i> de canal do <i>YouTube</i> [®] transmitindo missa de Ramos no altar da igreja.....	142
Figura 4 - <i>Print</i> de canal do <i>YouTube</i> [®] em que fala de bispo católico é repercutida....	143
Figura 5 - Pessoas morando na rua aguardando refeição doada por voluntários.....	174
Figura 6 - Comentários considerados ofensivos contra população indígena.....	181
Figura 7 - Faixa informando obrigatoriedade do uso de máscaras dentro de estabelecimento comercial.....	184
Figura 8 - Cliente em ataque de fúria chuta balcão de sorveteria.....	185

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Tabela dos modos de existência de acordo com a tensividade.....	95
Quadro 2 - Quadrado veridictório “clássico”.....	99
Quadro 3 - Quadrado veridictório baseado na Semiótica Tensiva, conforme proposto por Soares e Mancini (2023) e Barros, Demuru, Gomes e Mancini (2025)	101
Quadro 4 - Exemplo de grandezas espaciais proposto por Zilberberg (2011).....	105
Quadro 5 - Exemplo de grandezas espaciais de acordo com a Semiótica <i>standard</i>	105
Quadro 6 - Diagrama referente à triagem e à mistura.....	111
Quadro 7 - Definição entre <i>discussão</i> vs. <i>disputa</i> , de acordo com Dascal (2008).....	120
Quadro 8 - <i>Discussão, controvérsia e disputa</i> , de acordo com Dascal (2008).....	120
Quadro 9 - Quadrado semiótico da junção entre sujeitos.....	126
Quadro 10 - Gradação da junção entre sujeitos.....	127
Quadro 11 - Transcrição do “Enunciado 3”.....	156
Quadro 12 - Gradação referente ao “Enunciado 3”.....	165
Quadro 13 - Rede da gradação de triagem-mistura presente nos textos analisados.....	190
Quadro 14 - Rede das figuras-retóricas no “Enunciado 6”.....	219
Quadro 15 - Tipologia da polêmica.....	231
Quadro 16 - Tipologia da polêmica na totalidade do <i>corpus</i>	237

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Relação entre precipitação em tomadas de decisões e disseminação de <i>fake news</i>	63
Gráfico 2 - Operações de triagem e de mistura com base no <i>corpus</i> analisado por Fulaneti (2021) em seus estudos sobre propagandas de prevenção à Covid-19	76
Gráfico 3 - Gradação veridictória verdade/falsidade.....	100
Gráfico 4 - Gradação veridictória segredo/mentira.....	100
Gráfico 5 - Diagrama intensidade x extensidade: correlação conversa.....	104
Gráfico 6 - Diagrama intensidade x extensidade: correlação inversa.....	104
Gráfico 7 - Primeiro exemplo de gradação polêmica sobre uso de máscara.....	109
Gráfico 8 - Segundo exemplo de gradação polêmica sobre uso de máscara.....	109
Gráfico 9 - Estrutura canônica do gráfico tensivo da triagem e da mistura.....	111
Gráfico 10 -Gráfico tensivo do “Enunciado 1”.....	140
Gráfico 11 -Gráfico tensivo do “Enunciado 2”.....	148
Gráfico 12 -Gráfico tensivo <i>crer vs. saber</i> com base no “Enunciado 1”.....	150
Gráfico 13 -Gráfico tensivo <i>crer vs. saber</i> com base no “Enunciado 2”.....	150
Gráfico 14 -Operações de triagem e de mistura nas interações sociais analisadas...	192
Gráfico 15 -Gráfico dos <i>hipérboles-acontecimentos</i> no “Enunciado 1”.....	198
Gráfico 16 -Gráfico da <i>ironia-acontecimento</i> no “Enunciado 1”.....	199
Gráfico 17 -Gráfico das <i>figuras-acontecimentos</i> no “Enunciado 2”.....	205
Gráfico 18 -Gráfico das <i>figuras-acontecimentos</i> no “Enunciado 3”(temporalidade) ..	210
Gráfico 19 -Gráfico das <i>figuras-acontecimentos</i> no “Enunciado 3”(espacialidade)..	210
Gráfico 20 -Gráfico das <i>figuras-acontecimentos</i> no “Enunciado 4”.....	215
Gráfico 21 -Gráfico de estrutura implicativa no “Enunciado 5”.....	217
Gráfico 22 -Gráfico da gradação como figura-retórica no “Enunciado 8”.....	223
Gráfico 23 -Gráfico da gradação como figura-retórica no “Enunciado 7”.....	224
Gráfico 24 -Gráfico tensivo dos objetivos dos enunciadores polêmicos.....	234
Gráfico 25 -Gráfico tensivo dos tipos de polêmica.....	236

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	16
CAPÍTULO I – A PANDEMIA DE COVID-19.....	41
1.1 Negacionismo: ambiente propício à proliferação do vírus e da polêmica.....	43
1.2 Pensar a pandemia envolto pela pandemia: um ainda (se) pensando.....	47
1.3 A pandemia e a polêmica como objetos dos Estudos de Linguagens.....	53
1.3.1 <i>A pandemia como objeto discursivo</i>	53
1.3.2 <i>A pandemia como objeto da Semiótica Cultural</i>	57
1.3.3 <i>A pandemia como objeto da Semiologia e da Sociossemiótica</i>	65
1.3.4 <i>A pandemia como objeto da Semiótica Tensiva</i>	72
CAPÍTULO II – CORPO, TENSIVIDADE E POLÊMICA.....	78
2.1 Sobre o corpo, sobre a quase-presença e sobre o estilo.....	78
2.2 Sobre a tensividade.....	98
2.3 Sobre a polêmica e sobre a presença do outro.....	112
2.3.1 <i>Polêmica e pragmática: a teoria das faces e a teoria da polidez</i>	114
2.3.2 <i>Polêmica e discurso: por um lado interincompreendida; por outro, exaltada</i>	116
2.3.3 <i>Polêmica e um princípio de tipologia: a teoria das controvérsias</i>	119
2.3.4 <i>Polêmica e semiótica: a foria sob a presença do outro</i>	122
CAPÍTULO III – OPERADORES DA POLÊMICA.....	130
3.1 <i>Éthos</i> como princípio operador.....	130
3.2 Afeto e efeito.....	152
3.3 O <i>Eu</i> , o <i>Outro</i> e o <i>Entre</i>	171
3.3.1 <i>A postura do Eu perante o Outro</i>	172
3.3.2 <i>Espécies de segregação</i>	173
3.3.3 <i>Sobre admissão e sobre exclusão</i>	177
3.3.4 <i>Sobre o acolhimento</i>	187
3.3.5 <i>Tensividade e acolhimento</i>	189
CAPÍTULO IV – A CORPORIFICAÇÃO DA POLÊMICA.....	193
4.1 Estilo polêmico.....	194
4.2 Uma proposta tipológica para a polêmica.....	230
CONCLUSÃO.....	241
REFERÊNCIAS.....	251
ANEXOS.....	265

INTRODUÇÃO

O discurso da pesquisa é apanhado em sua própria contradição.
Para poder dizer o que busca, ser-lhe-ia preciso já o ter encontrado.
(Landowski, 2012, p. IX)

Chega um instante em que a tese precisa ser apresentada. Essa é uma exigência do gênero, quando é necessário deixar claros sua hipótese, seus objetivos, *corpus* de análise, base teórica, um estado da arte do que pretende esboçar. Se da ciência se espera objetividade, essas são tarefas complicadas quando o pesquisador é parte de tudo. Discorreremos sobre a pandemia de Covid-19 e sobre a polêmica em torno das perspectivas a respeito das diretrizes médico-sanitárias. Isto é, o pesquisador que escreve estas linhas, embora não tenha sido infectado, teve (como todo mundo) seu cotidiano alterado com o advento do vírus (também ficou em isolamento, atuou por teletrabalho, precisou adotar hábitos aos quais não estava acostumado, precisou ficar distante de pessoas queridas etc.) e, por seu caráter profissional e formativo – ser servidor público (além da formação jornalística) –, presenciou diversos conflitos de opiniões entre os defensores dos procedimentos adotados para diminuir os perigos da nova doença e seus negacionistas; esteve imerso na polêmica. Portanto, iniciemos o empreendimento, cientes de que, não sendo a linguagem transparente, se trata de um esforço paradoxal, “nomear-se mostrando-se, situar-se dizendo do que se ocupa, em suma, alegar o que é, como se conhecesse a própria identidade e soubesse exatamente o que faz, enunciando-se” (Landowski, 2012, p. IX). Começemos por tentar situar as circunstâncias do objeto desta tese, o contexto pandêmico.

Em 31 de dezembro de 2019, a Organização Mundial da Saúde (OMS) recebeu alerta sobre diversos casos de pacientes com graves problemas respiratórios na cidade de Wuhan, na China. A causa era um novo tipo de coronavírus, denominado Sars-Cov-2. Transcorridos poucos meses, a contaminação espalhou-se por várias partes do mundo, e a entidade global declarou situação de pandemia em 11 de março do ano seguinte. A Covid-19, doença causada pelo micro-organismo, modificou radicalmente o cotidiano do planeta, seja pelo medo da contaminação, seja pela introdução de procedimentos com os quais não estávamos acostumados: como uso de máscara protetiva, distanciamento social etc. Somente em 5 de maio de 2023, a OMS declarou fim da emergência em saúde pública de importância

internacional em relação a essa doença. Durante o transcorrer de tempo superior a três anos, apesar de as autoridades médicas prescreverem procedimentos visando a diminuir a proliferação viral, muitas pessoas desdenharam das normativas ou mesmo negaram os riscos causados pelo vírus, se negaram a serem vacinadas quando os imunizantes estavam disponíveis, bem como negaram a existência de uma real letalidade do vírus: por tantas *negações*, a denominação que lhes calhou, segundo as favoráveis às medidas, foi a de *negacionistas*. Esse embate entre posturas divergentes foi travado de maneira polêmica em diversos espaços públicos, como a imprensa, as manifestações nas ruas e os comentários em redes sociais, por exemplo. A partir do momento em que ao menos dois lados contrários entram em disputa, essa configuração ganha contexto de polêmica, uma “atividade humana, concebida sob a forma de defrontações” (Greimas; Courtés, 2014, p. 376).

Como impactou todo o planeta e causou grande controvérsia, a pandemia de Covid-19 motivou estudos nos mais diversificados campos do conhecimento, não sendo diferente no dos Estudos de Linguagem. No período que compreende a realização da revisão da literatura para a presente tese, ao indicar como tema de busca “pandemia de Covid”, o Banco de Dissertações e Teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes, 2025a) contabiliza 13.468 resultados entre cursos de pós acadêmicos e profissionais. Ao restringirmos a busca para a Grande Área do Conhecimento “Linguística, Letras e Artes”, a quantidade é reduzida para 553, sendo 452 dissertações e 101 teses. Delimitando ainda mais, para a Área do Conhecimento “Estudos da Linguagem”, são 20 dissertações e 2 teses. Quanto aos periódicos científicos, um levantamento (de publicações entre 2019 e 2025) indicando simultaneamente os termos “pandemia” e “polêmica” no campo de busca (Capes, 2025b) indica 71 artigos publicados. Quando fazemos a procura com: os termos “pandemia” e “semiótica”, são 88 artigos, sendo um de nossa coautoria (Silva; Silva, 2023); com os termos “polêmica” e “semiótica”, 12; e, com os três assuntos procurados conjuntamente, como propomos tratá-los nesta tese, somente um aparece. No mundo, são 221 artigos indexados na plataforma acadêmica Scielo sobre o tema “pandemia de Covid”, levando-se em consideração a área de “Linguística, Letras e Artes”.¹

Entre os textos que abordam “pandemia” ou “polêmica”, por uma perspectiva ligada à Linguagem, podemos citar algumas obras: o livro *Os discursos de um Brasil efervescente em tempos de pandemia*, organizado por Conceição Maria Alves de Araújo Guisardi, Lucas Araujo Chagas e Anísio Batista Pereira (2020), contém artigos voltados às circunstâncias histórico-

¹ Todos os dados são referentes a busca efetuada em 4 de outubro de 2025.

ideológicas ou a uma psicanálise que indica um tipo de patologia social em meio às disputas durante a pandemia. É uma obra voltada sobretudo às condições de produção, distanciando-se, assim, a nosso ver, do ponto de vista semiótico. Também mostrando as facetas das disputas sociais em meio à pandemia, indicamos o livro *Discursos da pandemia: entre dores e incertezas* (Baalbaki; Silva, 2020), escrito com base na Análise do Discurso de Linha Francesa (AD); a *Revista Linguasagens* (Universidade Federal de São Carlos, SP – UFSCar, 2020), volumes 35 e 41 (UFSCar, 2022), respectivamente, com dossiê e seção dedicados ao assunto; o número 4 do volume 9 da *Revista Macabéa* (Universidade Regional do Cariri, CE – Urca, 2020); a série de *lives Discurso em tempos de pandemia*, veiculada de maio a julho de 2020, pelo Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais da UFSCar. Textos ricos em observações sobre a polêmica e a convivência num país cujas disparidades socioeconômicas são tão grandes. Entretanto, encontramos diferenças quanto à abordagem teórica: com relação à focalização sobre o objeto, como partimos da Semiótica, definimos o texto, e partimos dele, tendo como metodologia de análise o percurso gerativo de sentido.

O texto de Maingueneau (2021) “A análise do discurso diante da crise do coronavírus: algumas reflexões”, para a *Revista Bakhtiniana*, também merece destaque. O autor examina a vulgarização do sentido de urgência. Segundo ele, existiu, durante muito tempo na pandemia, um exagero nas informações (referentes à própria pandemia, ao vírus etc.). Discordamos desse ponto de vista: em primeiro lugar, porque se tratava de um assunto de relevância planetária e crucial para a sobrevivência, demandando, dessa forma, uma quantidade maior de atenção por parte de todos nós, sendo assim, por parte da mídia também; em segundo lugar, pela própria definição de *acontecimento* ser entendida diferentemente pela Análise do Discurso (AD) e pela Semiótica. Para a AD, esse conceito pode se referir a uma ruptura indicativa da modificação de uso de uma maneira de dizer, de se pensar sobre alguma coisa. Para a Semiótica Tensiva, refere-se a um fenômeno que desestabiliza o sujeito. Para nós, pandemia foi um *acontecimento* (Zilberberg, 2011), conceito a ser mais bem elucidado no “Capítulo II” desta tese, cabe, por ora, indicarmos que ele diz respeito a uma ocorrência imprevista: “Realmente, o acontecimento é o correlato objetual do sobrevir” (Zilberberg, 2011, p. 236). Como pensamos que a pandemia foi um *acontecimento* (Zilberberg, 2011), entendemos que o coronavírus, e sua ameaça à saúde, surgiu de forma abrupta diante do sujeito, portanto, exigiu deste um tempo maior para que estabelecesse uma significação sobre tudo que ocorria. Seria natural que, com o passar do tempo, dados e informações sobre o vírus e a doença por ele causada fossem ampliadas e a

repercussão dessas notícias, amplificada.

Podemos destacar também o número temático “Discursos, subjetividades e vidas em tempos de pandemia” (Júnior; Witzel, 2021) da *Revista Heterotópica*, organizado por Antônio Fernandes Júnior e Denise Gabriel Witzel, também com influências da Análise do Discurso e não da Semiótica. A obra nos auxilia a entender mais sobre a vivacidade da polêmica instaurada no período, todavia, a nosso ver, não existe a ideia de que ela pode ser graduada, como propomos. A revista *Diálogo das Letras* publicou artigos sobre o tema. Com “Contextos discursivos e pandemia: a construção de objetos de discurso na narrativa bolsonarista”, Denise Teixeira Marques (2021), sob o arcabouço da Linguística Textual, interpreta falas do então presidente Jair Bolsonaro sobre a pandemia, implicando a elas um caráter negacionista. No artigo “A (des)informação como estratégia política na gestão da pandemia da Covid-19 no Brasil: uma análise discursiva”, Orlando Silva de Oliveira e Kélvya Freitas Abreu (2022), por meio dos estudos vinculados ao Círculo de Bakhtin, apontam quais interesses estavam implícitos nos enunciados proferidos também pelo ex-chefe do Executivo. A percepção desses três autores condiz com o que encontramos em alguns dos enunciados que selecionamos, como os que apresentaremos logo mais em “1.1 Negacionismo: ambiente propício à proliferação do vírus e da polêmica”. Na mesma revista, com o artigo “Enunciação em memes sobre a pandemia: análise discursiva de sentidos na web”, Bruno Deusdará, Poliana Coeli Costa Arantes e Thatiana Muylaert (2021), por meio da Análise do Discurso de linha francesa, debatem sobre noções como interdiscurso, pressupostos e subentendidos contidos em memes veiculados na internet. O texto aborda a interdiscursividade numa perspectiva próxima à que defendemos, pois será o cotejo entre os diversos enunciados que selecionamos como *corpus* que possibilitará uma categorização da polêmica.

Outros textos com viés mais pragmático, como “‘A senhora tá totalmente descontrolada’: as avaliações da impolidez no caso de machismo na CPI da Pandemia no Brasil” (Filho; Fernandes, 2023), de Ricardo Rios Barreto Filho e Otávia Pinheiro Pedrosa Fernandes, publicado na *Revista do Gelne* (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste) também trouxeram a pandemia em suas análises. Esse artigo parte das observações da Teoria dos Atos de Fala. Nossa perspectiva diferencia-se porque levamos em consideração que a polêmica ultrapassa a disputa entre dois competidores frente a frente, mas pode ser vista nas mais diversas manifestações textuais, ou seja, a Semiótica não tem como objeto o diálogo, mas a análise do texto e de seus mecanismos, sobretudo internos, utilizados para que signifique.

Todos esses são estudos valiosos para o entendimento do contexto pandêmico e da vivência em sociedade, bem como confirmam a percepção de que a linguagem é menos transparente do que o senso comum leva o cidadão desinformado a entender. Contudo, essas obras ainda estão distantes daquilo que propomos: categorizar a polêmica por meio de elementos presentes numa totalidade de textos em que possamos indicar um corpo.

Em termos semióticos, apontamos o dossiê publicado pela *Revista Acta Semiotica* (2021) sob o título *La pandémie: hasard ou signification?*, organizado por Eric Landowski (2021a). Utilizamos conceitos da Sociossemiótica em nossas análises, principalmente os encontrados em “A presença do Outro” (Landowski, 2012), como os regimes de interação, explicados por nós oportunamente mais adiante (em “1.2 Pensar a pandemia envolto pela pandemia: um ainda (se) pensando” e “3.3 O Eu, o Outro e o Entre”). Concordamos com o semioticista quando percebe que as populações de todos os países ficaram diante de um impasse: se assumiriam o risco ou se se precavam do perigo. Compreendemos que a contrariedade de opiniões e posturas ajudou a fomentar a polêmica.

O artigo de Otávia Marques de Farias e Ricardo Leite (2021) sobre enunciação e tensividade na mídia jornalística durante a pandemia examinou como a enunciação modulou as dimensões sensível e inteligível em *leads*² de veículos da imprensa. Os estudiosos apontaram que o enunciatário poderia perceber determinado enunciado como mais ou menos sensacionalista a depender das estratégias do enunciador. Vemos no trabalho algo próximo do que propomos: assim como eles graduaram o sensacionalismo em alguns textos, poderíamos graduar a polêmica. Todavia, ainda ficam longe de um apontamento sobre o corpo e a *quase-presença* e não propõem uma categorização do sensacionalismo, menos ainda de uma polêmica que, no caso do artigo, permanece implícita e para/na nossa tese é patente.

Os trabalhos de Elaine Cristina de Queiroz Silva e Sueli Maria Ramos da Silva (2021, 2022) publicados, respectivamente, na *Revista Papéis* (sob o título “Uma reflexão sobre linguística e semiótica em tempos de pandemia”) e na *Revista Linguasagem* (“Pandemia e feira livre: uma abordagem semissimbólica”) estão voltados ao semissimbolismo. O segundo faz observações sobre uma reportagem de telejornal local do estado de Mato Grosso do Sul: como fazem parte de nossas análises uma peça propagandística formulada para veiculação na internet, mas não nos aprofundaremos nessas questões, indicamos os apontamentos das autoras como interessante contribuição para adensar as pesquisas sobre o plano da expressão.

2 O *lead* é a abertura de um texto jornalístico. Reúne em poucas frases informações cruciais para o entendimento por parte do enunciatário idealizado, ao trazer um resumo do fato relatado informando *o que* aconteceu, *quem* fez acontecer, *quando*, *onde*, *como* e *por quê* algo aconteceu.

Mais próximos ao que defendemos na presente tese, citamos os trabalhos de Conrado Moreira Mendes e Geane Carvalho Alzamora, incluindo o texto escrito em conjunto “Lógicas da propagação da informação e da desinformação no contexto da pandemia de covid-19: abordagem semiótica” (Mendes; Alzamora, 2023), publicado na *Matrizes*, revista do Programa de Pós-graduação em Ciências da Comunicação da Universidade de São Paulo (USP). A intenção da dupla é, “a partir da análise do *corpus* em diálogo com a semiótica discursiva e a sociossemiótica, [propor] um modelo que teoriza sobre as lógicas de propagação da informação e da desinformação” (Mendes; Alzamora, 2023, p. 193). Estamos de acordo com os autores, pois defendemos a possibilidade de encontro entre vertentes distintas: em nosso caso, entre a tensiva e a sociossemiótica.

Portanto, embora trabalhos importantes sobre o assunto venham sendo publicados, cremos que as pesquisas especificando a polêmica durante o momento pandêmico e aportando na possibilidade de junção entre conceitos da Semiótica Tensiva e da Sociossemiótica, ou nos estudos sobre a retórica e o afeto, ainda surgem em menor quantidade. Em 2019, Patricia Veronica Moreira publica a tese de Doutorado “A emergência do sensível na semiótica discursiva: uma abordagem historiográfica”, pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (Unesp/Araraquara). Ao realizar um longo levantamento de conceitos advindos de obras anteriores à “Semântica Estrutural” (1966) de Greimas até as de Fontanille, Landowski e Zilberberg nos anos 1980 a 2000, para, entre outras de suas metas, definir o que vem a ser o *sensível* trabalhado retoricamente na Semiótica Discursiva, a autora afirma o seguinte: “[...] a dualidade que sempre existiu entre o sensível e o inteligível na semiótica não é restrita à disciplina. Essa discussão retoma um longo caminho de retrospectão” (Moreira, 2019, p. 16). Amparada em comentadores e na leitura do próprio Greimas, a autora consegue “construir um percurso coerente do sensível na semiótica” (Moreira, 2019, p. 26) e nos auxilia a ficarmos atentos, pois, a partir de sua pesquisa, nos alerta para os riscos no cometimento de equívocos teóricos ao se unir vertentes distintas:

A título de exemplo, a sistematização das paixões em um percurso canônico remonta antes da Semiótica das Paixões, em Fontanille, pois a partir de 1986 já é evocado. A questão do contágio é sistematizada em duas vertentes: pelo viés de Fontanille, ocorre na moralização do percurso passional; enquanto em Landowski, aparece relacionado ao regime de união, em termos de sentido sentido, do corpo a corpo. Duas possibilidades isoladas, que não encontraram um meio de dialogar. (Moreira, 2019, p. 2010)

Um encontro, em certos aspectos, entre Sociossemiótica e Semiótica Tensiva é o que propomos em nossa empreitada; mas defendemos uma prudência na associação entre

princípios das duas vertentes, nos limitando à correlação quanto à tipologização da polêmica. Consideramos que a presente tese pode ajudar nos esforços para compreensão científica (no campo dos “Estudos de Linguagens”) sobre a polêmica no período pandêmico e colaborar com a retomada da retórica aos estudos semióticos. Cientes de que qualquer correlação entre teorias tidas como diversas carece de cuidado para que a colaboração metodológica não se torne uma mistura confusa e debilitada, buscamos promover determinados encontros com parcimônia e fundamentação adequada – tendo em vista entendermos que nenhuma teoria dá conta de atingir por completo todos os objetos e ser sempre o objeto analisado quem propiciará as possibilidades de conexões.

Alertados por Moreira (2019), vimos possibilidades de aproximação entre as vertentes com relação à exaltação do sensível e da convivência com o outro. Ao conjecturar que “[...] não tem como falar do sentido, do mundo, do humano, da nossa história sem levar em consideração o sensível, como domínio amplo, independentemente da área” (Moreira, 2019, p. 211), a autora complementa ter encontrado na cartografia “a relevância do sensível inclusive na física” (Moreira, 2019, p. 211). Inferimos que, mesmo alertando, a autora não parece avessa à conexão entre teorias diferentes, desde que oportunamente adequadas aos objetos em análise: “[...] sobre a questão da escrita, se de acordo com a máxima de Lavoisier, ‘Na natureza nada se perde e nada se cria, tudo se transforma’, nós acrescentamos que na semiótica nada se perde e nada se cria, de tudo se faz uma bricolagem” (Moreira, 2019, p. 212).

Em se tratando de polêmica e pandemia, citemos o italiano docente da Faculdade Presbiteriana Mackenzie, Paolo Demuru. Em Demuru (2023), o autor busca entender a figura do “povo brasileiro” sobre os pontos de vista da extrema-direita e da esquerda, a fim de verificar “uma teia de conceitos interdefinidos suscetível de ser desenvolvida para dar conta das diferentes formas de produção do sentido do povo (mais especificamente, do ‘povo nacional’) e das maneiras como ele concebe e lida com a sua diversidade interna e externa” (Demuru, 2023, p. 95). Tendo como fundamento teórico a Sociosemiótica, define alguns critérios baseados nos regimes de alteridade:

[...] o populismo de extrema-direita constrói discursivamente o povo com base nos seguintes critérios:

- o povo como massa indistinta de unidades idênticas;
- totalidade integralista;
- exclusão das alteridades que marcam sua diferença e não se assimilam ;— lógica da neutralização;
- a nação como espaço neutralizador onde se apagam as diferenças.

Ao contrário, em uma perspectiva da esquerda, as diretrizes que norteiam a construção do povo são outras:

- o povo como rede de alteridades em conexão;
 - totalidade participativa;
 - pluralismo e construção de planos de traduzibilidade locais entre sujeitos que preservam e reafirmam suas diferenças;
 - lógica da complexificação;
 - a nação como termo/espço complexificador onde as diferenças convivem.
- (Demuru, 2023, p. 104)

Dessa maneira, o autor demonstra semioticamente que o povo não é um ente homogêneo. As diferenças entre os sujeitos não são reduzíveis. Sendo assim, reforça a importância de se defender a diversidade de um povo: “A formação de um projeto coletivo não deve excluir as diversas vozes e identidades presentes na sociedade” (Demuru, 2023, p. 105).

Em Demuru (2024), ao misturar a escrita de um ensaio com a de um romance, o autor defende o reencantamento do discurso acadêmico, ou seja, uma maneira mais sensível de perceber a realidade para enfrentar os discursos de ódio desferidos pela extrema-direita. Esse reencantamento está disposto, resumidamente, em dois pontos: i) o entendimento de que pouco se discute sobre como a extrema-direita busca provocar fascínio em seus seguidores, ou seja, as discussões a respeito desse tipo de discurso são travadas academicamente no âmbito racional por parte daqueles que pensam em combater o ódio, mas seria preciso observar mais o lado afetivo nos embates. Segundo o semioticista, “para enfrentarmos os feitiços da extrema direita, a escrita acadêmica não basta” (Demuru, 2024, p. 110); ii) o entendimento de que é preciso uma crítica racional e sensível a respeito das “fábulas conspiratórias” (Demuru, 2024, p. 11) baseadas em ideias como a negação da existência do coronavírus ou o uso de vacinas como armas biológicas de controle em massa:

- É uma luta que requer outras linguagens e uma virada afetiva, as duas coisas ao mesmo tempo. Não se combate uma batalha de magia política com um artigo científico, cem notas de rodapé. Não se sai de anos de tamanha alucinação com uma boa bibliografia, dados e raciocínios que mostram as falácias do movimento antivacina [...]. (Demuru, 2024, p. 111)

Segundo o autor, o discurso maravilhoso do extremismo estaria ligado à percepção daqueles que seguem esse viés ideológico de que eles teriam sido apresentados à verdade sobre a realidade do mundo. Algo que seria segredo para todo o planeta, para eles foi revelado. Por exemplo, em vez de uma vacina contra o coronavírus, a Coronavac conteria elementos químicos ineficazes ou capazes de aumentar os efeitos da Covid (ou mesmo causar outros distúrbios, síndromes, doenças ou transtornos: como o autismo). Essas estratégias de uma linguagem fantasiosa seria um mecanismo perpétuo de encantamento por parte da extrema-direita. E a

esquerda perde a disputa pelo poder e pela opinião pública por conta de, sobretudo depois da pandemia, ter se desencantado: “[...] enquanto a direita foi se tornando cada vez mais radical, a esquerda foi se tornando cada vez mais deprimida” (Demuru, 2024, p. 126). Em outras palavras, em vez de partir para o enfrentamento da quantidade cada vez maior de desinformação por meio de argumentos racionais tão somente, a chave para acessar o público seria o afeto. Ao polemizar usando somente a razão, a esquerda estaria se apresentando como intelectualmente arrogante frente a sociedade, uma espécie de discurso do ‘a ciência está certa e o que você (que acredita em teorias da conspiração) pensa é um absurdo porque os estudos X, Y e Z provam que isso não está correto’. Essa postura afasta a população por parecer intelectualmente elitista, ao contrário da postura vista pela maioria dos defensores (políticos, *youtubers* etc.) da extrema-direita. É preciso pensar em outros temas e até mesmo ignorar as pautas sensacionalistas ditadas pela extrema-direita, que serviriam de cortina de fumaça para assuntos realmente relevantes para a sociedade (como aumento de vagas de emprego, melhora na condição climática etc.) e não debater com discurso de ódio, pois como diz o autor:

[...] essas manifestações de indignação [comentários sobre as teorias da conspiração serem absurdas, por exemplo] querem desvalorizar o discurso do adversário, mas fazem exatamente o contrário: ao negá-lo, o reafirmam, o trazem novamente à tona, lhe dão visibilidade.

[...] Se quero que você não pense no elefante e digo “Não pense no elefante”, a primeira coisa em que você vai pensar é justamente no elefante. (Demuru, 2024, p. 113)

Em Semiótica, entendemos que a linguagem faz agir, por isso mesmo, existiram, por exemplo, atos como as negações sobre o risco do coronavírus, em que as pessoas iam às ruas e se aglomeravam mesmo isso sendo perigoso para elas, para seus familiares e para a sociedade como um todo. Era o próprio presidente à época que ia à rua e que se aglomerava e mostrava assim uma imagem (passada por meio da linguagem) de que aquelas atitudes não causavam riscos reais; portanto, se o mandatário maior do país agia assim, todos poderiam (ou até mesmo deveriam) agir assim. Semioticamente, essa linguagem remeteria a paixões. Demuru (2024) aponta duas delas envolvidas nesse período: a indignação e o entusiasmo. Para o autor, a segunda seria a paixão que deveria estimular aqueles que querem promover um mundo melhor:

– [a indignação é] Uma paixão traiçoeira e paralisante. Satisfaz ilusória e brevemente o seu desejo de reação, te faz acreditar que você está fazendo alguma coisa, mas na real não leva a lugar nenhum.

– E há um certo prazer em se indignar parado, sentado em frente ao computador, ou no sofá de casa, com o celular na mão.

– O tal ativismo de sofá, como foi chamado. Gozamos com afetos, paixões mais positivas e potencialmente revolucionárias. Parece que isso nos basta, ou ao menos nos

bastou. Com certeza é o que basta às plataformas [como Facebook®, Youtube® etc.]. No fundo, o que elas querem é que tudo surja e pare por aí. Que pare, sobretudo. [...]

– Sabe, nesse sentido me parece que há um vínculo entre a explosão das redes e toda essa indignação que eclodiu por aí nas últimas duas décadas. Diria que não é casual que a indignação tinha se tornado a paixão política de nosso tempo, o tempo das mídias sociais, onde tudo anda tão rápido e parece se transformar a todo o momento, mas, no fundo, nada se mexe, nada muda. A indignação e a rede têm o mesmo ritmo, viajam nas mesmas frequências: promovem picos de tensão, mas param neles, nos prendem neles, nos viciam neles. O que importa não é a mudança, mas a ilusão de mudança. É isso: a indignação digital é a paixão da ilusão da mudança. (Demuru, 2024, p. 115-130)

Nesse diálogo entre dois personagens “fictícios” (dois Demurus?: o obrigado a escrever em formato acadêmico e o crítico da ‘limitação acadêmica’), o autor, passando do ensaio ao romance, escreve a respeito das paixões, objetos de estudo caros à Semiótica Discursiva e que serão também apontadas em nossa tese. Sobretudo, indicamos em nossas análises que, durante a pandemia, a paixão do medo foi usada como estratégia de manipulação do enunciatário. Demuru (2024) finaliza sua escrita reafirmando a defesa do reencantamento da academia para enfrentar as fantasias da extrema-direita, dizendo que é preciso se sensibilizar, mas, mais que isso, mover-se para mudar: “Diferentemente da indignação, o entusiasmo é uma paixão que descreve não apenas um estado de ânimo, mas uma disposição à ação. O entusiasmo, como se diz em semiótica, é uma ‘paixão do fazer’” (Demuru, 2024, p. 130).

Também tendo como inspiração a busca por entender os efeitos de sentido causados pela proliferação de discursos de desinformação na internet e sendo provocados pelos novos problemas de veridicção causados pelas *fake news*, Diana Luz Pessoa de Barros, Paolo Demuru, Regina Souza Gomes e Renata Ciamponi Mancini (na obra “A construção da verdade”, 2025), propõem uma gradação (com base na Semiótica Tensiva) do quadrado veridictório originado pela Semiótica *standard*. Os autores pensam em como um discurso comprovadamente mentiroso ou falso se faz passar por verdadeiro em meio à sociedade.

Calcados nas relações de contrariedade e de contraditoriedade, Greimas e Courtés (2021) ilustram quatro modalidades para um crer-verdadeiro: quando algo (ou alguém) *é* e *parece* com o que *é*, estamos diante de uma verdade; quando, embora *parece ser*, *não é*, enfrentamos uma mentira; quando *não é* e *não parece*, verificamos uma falsidade; e, quando, embora seja verdadeiro, *não o parece*, estamos diante de um segredo. Esse esquema ficou conhecido como quadrado veridictório (em “2.2 Sobre a tensividade”, apresentaremos a gradação dessas relações proposta pela Semiótica Tensiva). Diferentemente do quadrado original, para Barros *et al.* (2025), a verdade e a mentira não são vistos como termos

polarizados sem um intervalo entre eles. Podem existir outros elementos entre o ser e o não ser: parecer muito, parecer pouco, quase ser, não ser de forma alguma, ser exatamente, até ser, quase ser, quase parecer, não parecer nada (Barros; Demuru; Gomes; Mancini, 2025).

Na obra supracitada, os autores preocupam-se: com a arquitetura do discurso veridictório; a gradação entre verdade e mentira; o desmascaramento das *fake news* por meio do exame dos próprios textos (ou seja, semioticamente); e o que chamam de *hibridização dos regimes de crenças e veridicção* (Barros; Demuru; Gomes; Mancini, 2025).

Tendo como *corpus* algumas *fakes news* que circularam pela internet durante a pandemia,³ os pesquisadores – corroborando o que já era assinalado por Greimas em “Sobre o sentido II” (Greimas, 2014) – reforçam que, se para a Semiótica Discursiva a verdade é um efeito de sentido objetivando parecer-ser-verdadeiro, de acordo com a maneira como a desinformação influencia o público o conceito de verdade tende a se transmutar em eficácia.

Ao analisarem mensagens de grupos tidos de viés político de extrema-direita veiculados no *Twitter*[®], no *Facebook*[®] e no *WhatsApp*[®], os pesquisadores encontraram alguns padrões que possibilitaram sistematizar as principais ocorrências de enunciação num discurso desinformativo. Essa sistematização leva em conta os conceitos de: i) procedimentos, isto é, os mecanismos de enunciação (de assunção do enunciador e de convocação do enunciatário) são ora mostrados e ora encobertos no texto. No primeiro caso, teríamos uma camuflagem subjetivante, aquela em que “o sujeito da enunciação faz questão de mostrar sua presença e seu papel, apresentando-se como um ‘eu fiador da verdade’” (Barros; Demuru; Gomes; Mancini, 2025, p. 16); e, no segundo, uma camuflagem objetivante, a que “consiste no apagamento, no enunciado, de todas as marcas do sujeito da enunciação” (Barros; Demuru; Gomes; Mancini, 2025, p. 15); ii) gêneros, o que, para eles, são “formas convencionais que guiam as interações comunicativas” (Barros; Demuru; Gomes; Mancini, 2025, p. 19)⁴; iii) e atores, “os protagonistas” (humanos ou não humanos, explícitos e implícitos) do discurso subjetivante ou objetivante” (Barros; Demuru; Gomes; Mancini, 2025, p. 20).

Vimos nessa pesquisa uma ótima indicação sobre os conflitos existentes nos debates com vários pontos de vistas na pandemia, todavia, ainda não se trata de um apontamento que dê conta de uma categorização da polêmica em si, como é nosso objetivo principal. Podemos

3 As *fakes news* deflagradas durante a pandemia são também foco do trabalho de Paolo Demuru, Yvana Fachine, Cecília Almeida Rodrigues Limab e Juliana Gondim (2022), trabalho citado e ampliado em Barros, Demuru, Gomes e Mancini (2025).

4 Nesse caso, não está distante da clássica definição de gênero dada por Bakhtin, de enunciados mais ou menos estáveis, pois “a utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana” (Bakhtin 2011, p. 280).

apontar um exemplo para a conceituação de Barros *et. al* (2025) e Demuru *et. al* (2022): em meados de 2020, passou a circular um áudio nas redes sociais de uma mulher comentando que a Covid-19 poderia tornar-se mais grave, passando a ser Covid-20, 21, 22, e assim por diante. Algo que, obviamente, não faz sentido (pois o algarismo 19 se refere ao ano de 2019); entretanto, foi levada a sério por algumas pessoas. Podemos observar neste trecho de matéria jornalística tratando sobre o assunto: “‘A Covid-19 vai aumentando para Covid-20, Covid-21... Ele vai aumentando até chegar no coronavírus, quando não tem mais jeito’, afirma a mulher na gravação. ‘Eu também pensei que os dois fossem o mesmo, mas o pessoal do hospital me explicou’, diz ela” (Galileu, 2020, s/p). Estamos diante do que Demuru *et al.* (2022) identificaram como uma pessoa comum apresentando um testemunho, pois ela afirma que “o pessoal do hospital” lhe contou, ou seja, passa um tom de credibilidade de quem ouviu pessoalmente de alguém com saber especializado. É uma desinformação ancorada numa camuflagem subjetivante:

No que tange à camuflagem subjetivante, pode-se postular a existência de dois procedimentos de base: (i) o discurso em primeira pessoa, que prevê a inscrição explícita do EU enunciador no enunciado por ele produzido; (ii) a interpelação, isto é, a convocação direta e, portanto, a inserção, do enunciatário no enunciado. (Demuru *et al.*, 2022, p. 7)

Portanto, o discurso em primeira pessoa causa efeito de sentido de subjetividade e auxiliou, segundo os autores, a espalhar desinformação pelo ambiente virtual. O que podemos influir que ecoou na vida real, fazendo com que muitas pessoas deixassem de tomar atitudes para minimizar os efeitos da pandemia.

Efetivamente, encontro frutífero entre Sociossemiótica e Semiótica Tensiva vem sendo promovido pelo Grupo de Estudos do Sentido do Tocantins (Gesto), da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT), ao investigar a interação nos gêneros digitais unindo as duas vertentes. Citemos um dos textos mais recentes redigidos pelos pesquisadores: “Narrativa de uma busca interminável: lacunas do sujeito e da história em romances de Milton Hatoum”, de Luiza Helena Oliveira da Silva, Naiane Vieira dos Reis e Márcio Araújo de Melo (2022). No referido artigo, os autores analisam os romances de Hatoum “A noite de espera” (2017) e “Pontos de fuga” (2019) para vislumbrarem neles um esforço de reelaboração de uma memória do AI-5⁵ ameaçada de esquecimento por novas narrativas negacionistas defendidas por um governo também negacionista, como o que presidiu o país

5 O Ato Institucional promovido em 1965 pela Ditadura Militar e que levou a várias ações repressoras, como fechamento do Congresso e prisões desmedidas de políticos e artistas contrários ao regime.

entre 2019 e 2022, segundo os autores. Como arcabouço teórico, adotam a teoria literária e a Sociosemiótica, para observar o espaço tratado por Hatoum em suas páginas, e a Semiótica Tensiva, para demonstrar qual é a gradação dessa espacialidade entre os dois romances. Os autores consideram que a união entre Sociosemiótica e Tensiva tende a uma semiótica da ação:

Para apreender grandes ações e peripécias como a de sujeitos que se apresentam como narradores e protagonistas em movimentos de resistência como as que se sucederam com as guerrilhas urbana e rural, *uma semiótica da ação pode atender mais prontamente com sua gramática narrativa*. Mas encontramos em Hatoum, como em outros romancistas contemporâneos que retomam os anos do golpe, um outro modo de dizer, um outro ritmo para tratar de uma violência que dura, perdura, aniquila. Houve em nossa história quem ousou enfrentar o inominável, vivendo e morrendo por uma causa. Mas estes não são então apresentados como sujeitos rasos, monocórdios, mas assolados por contradições, afetos e paixões. A literatura respeita, portanto, também sua humanidade. (Silva; Reis; Melo, 2022, p. 111-112, grifos nossos)

Num texto mais antigo, “Análise semiótica de mapas das eleições presidenciais de 2014: Fraturas no discurso da identidade nacional”, Luiza Helena de Oliveira Silva (2017) alia propostas de Landowski (como *regime de assimilação*) com as de Zilberberg (como *triagem e mistura*) e conclui:

Os modos de representar os números da eleição não são indiferentes aos efeitos produzidos nos leitores/espectadores que, na condição de eleitores, tinham em mãos documentos para analisar e posicionar-se quanto ao processo. Esconder as nuances, traduzindo a divisão, foi a opção política e ideológica que serviu para sancionar negativamente os eleitores do norte. As respostas a essa opção não tardaram a produzir resultados nas redes sociais e nas bocas de muitos pelo país, em alguns casos ganhando os espaços da grande mídia nacional. (Silva, 2017, p. 175)

Daniervelin Renata Marques Pereira (2021) é também favorável à colaboração entre pressupostos tidos como diferentes, mas com similaridades. A professora da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) afirma categoricamente:

Pode-se, certamente, selecionar além de elementos da semiótica greimasiana, outros, de desdobramentos posteriores da semiótica (Tensiva, Sociosemiótica etc.), o que contribuirá para se depreender com maiores detalhes a construção do sentido no objeto de estudo. (Pereira, 2021, p. 130)

Uma das correspondências é – como, de certa maneira, já apontava Moreira (2019) – o foco nas questões que envolvem o sensível: “graus de presença (copresença ou em superposição); modos de eficiência, existência e junção; paixões; regimes de interação enunciadador-enunciatário (programação, manipulação e ajustamento)” (Pereira, 2021, p. 132).

Recentemente, a tese de doutorado “A primazia do sensível sobre o inteligível em paixões pandêmicas: o que restou dos estados de alma?”, apresentada por Silvana Regina Martins Brixner (2024) ao Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), propôs uma leitura do *site* Coronavirus Lost and Found – A Pandemic Archive (Perdidos e Achados do Coronavírus – Um arquivo da pandemia)⁶ por meio da semiótica das paixões correlacionada à tensividade (principalmente à dimensão sensível). O referido *site* é um repositório em forma de diário em que as pessoas afetadas pela pandemia podem deixar comentários a respeito de suas dores (mortes de entes queridos, perda de emprego, doenças remanescentes da piora pela Covid-19 etc.) e também de algumas situações boas que, mesmo em momento tão conturbado, apareceram em meio à pandemia (como estar mais em casa com a família, ver a solidariedade quando as pessoas ajudavam quem precisava de apoio etc). Algumas das paixões analisadas pela pesquisadora foram tédio, medo, melancolia e tristeza (no caso de comentários sobre algo “perdido” na pandemia) e amizade, amor e gratidão (no caso de algo “encontrado”). Essas paixões foram nomeadas como, respectivamente, “dos estados de alma perdidos” (Brixner, 2024, 83) e “dos estados de alma achados” (Brixner, 2024, 167).

A autora constrói seu trabalho também com auxílio de um encontro entre a Sociossemiótica e a Semiótica Tensiva, por entender (como nós também entendemos) que: as significações provenientes do *acontecimento* pandêmico são fruto de “um processo interativo resultante da competência de cada sujeito para sentir as paixões pandêmicas nas condições espaço-temporais que emergiram no campo de presença desses sujeitos” (Brixner, 2024, 20); e que as paixões sentidas durante a pandemia são “(res)sentidas em um momento histórico global que tem a primazia do sensível sobre o inteligível” (Brixner, 2024, 20). Ela conclui seu trabalho lembrando as privações e mudanças no período:

Os relatos com suas paixões pandêmicas se apresentaram aqui como uma macrossemiótica entrelaçada de esquemas que traduziam o real pandêmico projetando estruturas de significação que trouxeram paixões e tensões diversas, redimensionando a capacidade de instauração de rupturas e possibilitando um devir que atribuiu “um valor do valor” à vida e à busca de seu sentido e significado. A pandemia da Covid-19, além de aflorar muitas paixões e sentimentos de forma concomitante, também se apresentou como um momento que permitiu uma maior reflexão sobre o nosso entorno, sobre as narrativas sócio-históricas registradas nestes relatos como representações e imagens sobre o evento pandêmico que, no geral, são associadas a acontecimentos trágicos e desagregadores do convívio social. (Brixner, 2024, 265)

6 Disponível em: <https://pandemicarchive.com/>. Acesso em: 21 jun. 2025.

Trabalhos consistentes unindo Sociossemiótica e Semiótica Tensiva também são apresentados por Rafael Alberto Alves dos Santos (Rafael Alves⁷, 2020, 2022, 2023). Tendo como base assemelhada à nossa pesquisa, o estudioso também observou o momento de pandemia pelo qual todos passávamos. No entanto, seu ponto de vista estava voltado principalmente para o discurso religioso. Em um de seus estudos sobre o *éthos*⁸ do Papa Francisco, analisou como ele influenciava os fiéis:

De que modo essa presença sensível de Francisco contagia?

Estamos aqui diante de uma questão que, a nosso ver, pode ser respondida com a ajuda de duas vertentes da semiótica desenvolvidas a partir da obra de Greimas: a sociossemiótica de Eric Landowski, com seus regimes interacionais, e a semiótica tensiva de Claude Zilberberg, com seu esquema tensivo que articula intensidade (sensível) e extensidade (inteligível). Ambos os pesquisadores partem do desafio de integrar o sensível a uma teoria essencialmente voltada para o inteligível. Nas duas correntes, o sensível introduziu o contínuo na proposta de Greimas. No lugar das categorias estanques do quadrado semiótico, abriu-se espaço para as passagens, o movimento, o intervalo, seja entre um regime interacional mais ou menos arriscado e outro, na elipse sociossemiótica proposta por Landowski, seja no deslocamento do valor na articulação conversa ou inversa entre intensidade e extensidade no esquema tensivo de Zilberberg. Em ambas, o interesse está justamente nessas passagens, na complexidade que une as categorias sem uma nunca completamente excluir a outra. (Alves, 2023, p. 225-226)

Em texto anterior, Alves (2022) preocupou-se com o sensível no *fazer* persuasivo do Papa Francisco, ou seja, interessava-se pela retórica também. Alves conclui que as *cifras tensivas* de Zilberberg e os *regimes de interação* de Landowski são capazes de proporcionar uma análise adequada sobre a imagem do pontífice:

Pela plasticidade de um corpo que faz sentido na interação com os corpos dos fiéis, o Papa Francisco projeta o *ethos* de uma liderança religiosa que testemunha o sagrado como partilha e vivência coletiva e sensível da fé. Como podemos observar nas análises, a estratégia de adesão aos valores do Papa passa pela sua presença sensível, produtora de uma estesia que, articulada com outros formantes do plano da expressão, impõe-se antes mesmo da leitura racional de que se trata, afinal, do Papa. (Alves, 2022, p. 201)

A ideia de uma compactuação entre as duas vertentes não vem de agora. Juan Alonso Aldama, doutor em Semiótica e professor de Ciências da Informação e de Semiótica da Comunicação Política na Université Paris 12, e Federico Montanari, doutor em Semiótica,

7 Seu Lattes (ID: 2326593453231842) aponta o nome completo, mas o pesquisador assina como Rafael Alves.

8 Há diferentes usos da palavra *éthos* nas diversas áreas de estudo. Optamos pela grafia conforme a original do grego, de onde advêm os estudos sobre a retórica, que também nos servem de inspiração. Assim, será escrita *éthos* no decorrer da tese (com exceção das citações diretas em que são originalmente grafadas de outra maneira). O mesmo fizemos com os termos *lógos* e *páthos*. Conforme explica Cunha (2011), os termos são derivados do grego e dizem respeito a: “*éthos*, ‘costume, uso’” (Cunha, 2021, p. 274); “*lógos*, ‘palavra, estudo, tratado’” (Cunha, 2021, p. 393); e “*páthos*, ‘doença’, ‘paixão, sentimento’” (Cunha, 2021, p. 481).

professor de Análise do Discurso Político e de Semiótica na Universidade de Bolonha (Itália) e professor visitante na Universidade da Califórnia (San Diego, Estados Unidos) são dos mais antigos estudiosos a defenderem a complementariedade entre Sociossemiótica e Semiótica Tensiva. Ao menos desde a década de 1990, os autores semioticistas propõem literalmente uma *Sociossemiótica Tensiva*, ou seja, uma unificação das duas vertentes:

Se a semiótica das paixões deu conta do aparecimento do sujeito e do significado em grande parte a partir da problemática do tempo verbal, com razão ainda maior podemos conceber o sujeito social como o produto de forças e tensões que o atravessam antes de se constituir num verdadeiro sujeito actante social definido modalmente, dotado de um programa de ação concreto ou de um papel temático ou pático específico.

Por outro lado, a par da tentativa de explorar o que poderíamos chamar de uma *sociossemiótica tensiva*, um dos nossos objetivos é tentar dar conta do espaço – ou de criá-lo – de intersecção que existe entre as diversas ciências sociais e a semiótica. Contudo, não se trata de um empreendimento vagamente interdisciplinar, mas sim de uma reivindicação da sociossemiótica como disciplina de fronteira, como operador de tradução entre as ciências humanas em geral. É precisamente a partir desta noção de “tradução” que pretendemos desenvolver o nosso projeto. Na verdade, trata-se de regressar à ideia de uma semiotização do contexto social ou de construir uma “semiótica das situações”, como já propõe há algum tempo E. Landowski. (Aldama; Montanari, 1999, p. 116, tradução nossa, grifos nossos)⁹

Ambos lembram que já naquela época o próprio Landowski (1989) comentava sobre essa possibilidade. De fato, o autor parece afirmar tal possibilidade em entrevista concedida a Luiza Helena Oliveira da Silva (2014), quando, ao ser perguntado como foi se delineando seu pensamento e sua forma de abordagem, ele entra no assunto tensividade:

Hoje, ao lado da semiótica “tensiva” elaborada por Jacques Fontanille [e Zilberberg], a sociossemiótica, concebida como teoria do sentido na interação, apresenta-se como uma das problemáticas mais gerais propostas por nossa disciplina, “após Greimas”. Falar em “semiótica tensiva” ou em “sociossemiótica” é utilizar expressões econômicas para designar dois modos de fazer, dois estilos, duas vias paralelas e *talvez complementares*.

São essas, a meu ver, as duas linhas mais presentes nos países onde se faz semiótica hoje. Evidentemente, constituem, ambas, o prolongamento da perspectiva aberta por

9 Tradução nossa, a partir do espanhol: Si la semiótica de las pasiones ha dado cuenta de la aparición del sujeto y de la significación en gran parte a partir de la problemática tensiva, con mayor razón podemos concebir al sujeto social como el producto de fuerzas y tensiones que lo atraviesan antes de que se constituya en un verdadero actante social modalmente definido, dotado de un programa de acción concreto o de un papel temático o pático determinados.

Por otra parte, junto a la tentativa de explorar lo que podríamos llamar una sociosemiótica tensiva, uno de nuestros objetivos es intentar dar cuenta del espacio – o de crearlo – de intersección existente entre las diversas ciencias sociales y la semiótica. No se trata sin embargo de una empresa vagamente interdisciplinaria, sino de reivindicar la sociosemiótica como disciplina de frontera, como operador de traducción entre las ciencias humanas en general. Es precisamente a partir de esta noción de “traducción” que pretendemos desarrollar nuestro proyecto. De hecho, se trata de retomar la idea de una semiotización del contexto social o de construir una “semiótica de las situaciones”, como E. Landowski propone desde hace tiempo. (Aldama; Montanari, 1999, p. 116)

Greimas, o que significa que existem também outras – a teoria da cultura de Lotman, a semiótica de Peirce etc. – mas isso é outra coisa. (Silva, 2014, grifos nossos)

Além da supracitada entrevista, o autor também comenta em um de seus textos sobre a união entre *sensível* e *inteligível*, ponto de vista também defendido, a seu modo, por Zilberberg (2011). Assim como Zilberbeg (2011), Landowski (2005) aponta ser “Da imperfeição” de Greimas a obra demarcatória de um novo modo de pensar o sensível nos estudos semióticos.

A reflexão sobre o estatuto da significação na experiência estética conduz a rechaçar a concepção herdada da tradição que consiste em opor a sensação à cognição. No quadro da semiótica, a tentativa de ultrapassar essa visão dualista não supõe a invenção de uma nova problemática “do sensível”, vista como oposta à “do inteligível”, mas exige um esforço para tornar a própria semiótica *mais sensível*. (Landowski, 2005, p. 94, grifos do autor).

Partimos da hipótese de que a polêmica é manifestada pela/na troca entre o *Eu*¹⁰ e o *Outro*, enquanto efeito de sentido entre enunciador e enunciatário. Sendo assim, ela pode ser percebida enquanto *corpo discursivo* (Discini, 2015), a ponto de apresentar um *estilo* (Discini, 2015). A partir de então, nos perguntamos: como se desenvolve a ‘corporificação’ da polêmica?. Instigados a entender como se (re)constrói discursivamente uma polêmica, nosso objetivo geral é analisar como se desenvolve a sua ‘corporificação’, por meio da formulação de uma tipologia. Indicamos uma categorização hierárquica da polêmica a partir da análise de um *corpus* formado por textos (de gêneros diversos) que possuem em comum o fato de manifestarem (em maior ou menor grau) conflitos entre posicionamentos divergentes que emergiram em vários setores da sociedade e que dizem respeito a questões que o período de pandemia de Covid-19 exacerbou. A comparação entre os enunciados demonstra a existência de um *estilo polêmico* resultante da ação de um *corpo discursivo polêmico*¹¹. Nos inspiramos em Discini (2004; 2015), mas a noção de *corpo* que propomos é inovadora por ser constituída a partir da seleção de textos de gêneros e enunciadores heterogêneos. Isto é, além da formulação

10 Nesta tese, optamos por adotar *Eu* por buscamos estudar também o *éthos*, que é a imagem do enunciador que se constitui durante o ato de enunciar. Sendo assim, aludimos ao aparelho formal da enunciação de Benveniste (2023): como *Eu* aquele que enuncia e *Outro* aquele para quem se enuncia. Porém, lembremos que também analisamos a partir da Sociossemiótica, que dispõe do conceito de *Si*, que seria um sujeito relacional, em constante (re)construção a partir das interações com outros sujeitos. Então, embora não utilizemos essa nomenclatura, indicamos que nossas análises partem do entendimento de que as relações entre o *Eu* e o *Outro* são conflituosas e determinam as identidades/alteridades desses sujeitos. As noções de *Si*, trazida pela Sociossemiótica, e de *éthos*, trabalhada mais na Semiótica Tensiva, são ambas compatíveis com as noções de presença e quase-presença. Porém, elas são diferentes, complementares, vizinhas e fronteiriças. Por isso, nossa escolha pelo uso do *Eu*, por aludir à categoria de pessoa subjetiva benvenistiana.

11 O conceito de *corpo* será mais bem explicado no “Capítulo II”, assim como serão outros (por exemplo, os de *quase-presença*, *estilo*, *éthos*, *páthos*, *afeto*) apresentados de modo mais resumido nesta “Introdução”.

de um *corpo discursivo* composto a partir da percepção de um *ator enunciativo* (ou seja, de uma unidade) e de um *estilo* (de uma totalidade de enunciados) aludidos a um mesmo enunciador¹², demonstramos a possibilidade de observar um *estilo* na totalidade de textos produzidos por enunciadores distintos: verificando *éthe* no nível das práticas sociais em diferentes *esferas da atividade humana* (Bakhtin, 2011)¹³. Porém, a seleção de *corpus* heterogêneo não é aleatória: ela justifica uma estratificação, assim como uma tipologização da polêmica. Diferentemente de outros trabalhos, em que os *corpora* já são constituídos a partir de uma polêmica instaurada nos textos, no nosso caso, a noção de aspectualização do *corpo* do *ator da enunciação* se (re)constrói a partir do *corpus* instaurado pelo pesquisador. A análise por esse viés permite trabalhar sobre um agrupamento de textos que apresentam cada um seu próprio *ator enunciativo* e, no cotejo entre eles, um *estilo “conjunto”*. Em nosso caso, um *estilo (“conjunto”) polêmico*: um *estilo* cujo eixo motriz é a polêmica. Embora apresentamos como *corpus* um agrupamento de textos referentes àquela polêmica surgida nas confrontações durante o período de pandemia de Covid-19 (entre os que eram favoráveis e os que eram contrários aos preceitos médico-sanitários), nossas observações pretendem ultrapassar os limites dos enunciados reunidos.

Nossos objetivos específicos são: descrever como os enunciadores envolvidos tiveram seus *éthe* constituídos nessa polêmica; como, nesse processo, esses enunciadores utilizaram elementos retóricos, como figuras de linguagens (metáforas, ironias e hipérboles, por exemplo) visando a obter a adesão da opinião pública¹⁴; como as investidas de cada lado fizeram sobressair diante do público o afeto como elemento persuasivo; e como o embate de opiniões influenciou na aspectualização dos envolvidos.

Ao entendermos *afeto* como efeito de sentido ocasionado por um *corpo*, nos

12 Como em Discini (2015), por exemplo, ao propor um *estilo* Cecília Meireles por meio da observação de um conjunto de enunciados em seus poemas. Quanto às noções de unidade e de totalidade, elas são usadas por Discini (2015) a partir das proposições de Brøndal (1948), que comentaremos em mais detalhes nos “Capítulos III” e “IV”.

13 Bakhtin (2011) define como *esferas da atividade humana* ambientes sociais de interação, que, por sua vez, se estabelecem por meio de modos de agir e de dizer com certa regularidade. O que, de maneira concreta, se definirá como gêneros de discurso. Entre os exemplos citados pelo autor estão o relato familiar, uma carta, ordens militares, declarações públicas (de políticos, por exemplo) (Bakhtin, 2011). No nosso *corpus*, apresentamos enunciados de gêneros diversos, por exemplo: missa católica, propaganda governamental audiovisual, cartilha didática sobre prescrições que diminuem os riscos de contágio pelo coronavírus, reportagem jornalística, comentário em rede social.

14 Patrick Charaudeau (2016) analisa os mecanismos utilizados por agentes públicos para manipular e conquistar a opinião pública. Para o autor, a possibilidade de agir sobre o outro, ou seja, de submetê-lo à sua vontade, se dá por meio de três quesitos: i) *legitimidade*, quando o sujeito é reconhecido pela sociedade como detentor do direito de falar ou agir em nome dela (como um médico para falar sobre saúde); *autoridade*, quando há uma legitimidade inerente ao sujeito, por ele ser sábio ou competente a respeito do que diz e como age (por exemplo, o médico com relação à área da saúde detém o conhecimento sobre doenças e sobre como tratá-las pois possui formação científica especialmente com essa finalidade); e *potência*, a capacidade de poder falar ou agir, isto é, de fazer algo acontecer (por exemplo, um chefe de Estado tem a capacidade de usar o conglomerado de instituições estatais a favor da população ou a seu próprio interesse, a menos que seja investigado por isso).

alicerçaremos sobremaneira nos incrementos teóricos de Claude Zilberberg (2011) ao percurso gerativo de sentido proposto inicialmente por Algirdas Julius Greimas e Joseph Courtés (2021) na denominada semiótica padrão, isto é, às dimensões de extensidade e de intensidade incluídas no quadrado semiótico: a chamada Semiótica Tensiva. Por conseguinte, inserimos nas análises o nível tensivo permeando os níveis fundamental, narrativo e discursivo; o que é metodologicamente demonstrado pela formulação de diagramas e redes tensivos. Queremos dizer, com isso, que a polêmica pode ser graduada.

Entendemos também que os efeitos de sentido são decorrentes de interações entre enunciador e enunciatário. É na Sociosemiótica de Eric Landowski (2012, 2021) que verificamos uma possibilidade profícua de pensarmos a relação entre o *Eu* e o *Outro*. Portanto, esse arcabouço teórico também nos auxiliará a alcançarmos nossos objetivos específicos. As transformações e os corpos dos atores que as realizam não estão isolados: uma ação pressupõe um operador; um ator é um sujeito impulsionado a agir. A polêmica se dá no choque entre os simulacros do *Eu* e do *Outro* (sendo ambos o simulacro para o diferente dele).

Além da Introdução e Conclusão, a tese divide-se em quatro capítulos. O “Capítulo I – A pandemia de Covid-19” apresenta um histórico sobre a doença (do registro do novo coronavírus ao fim da decretação de emergência planetária) que acometeu a humanidade e ocasionou grande quantidade de mortes em pouco mais de três anos. Comentamos sobre a configuração de um negacionismo como ambiente propício à proliferação do vírus e da polêmica, com indicações e reflexões sobre enunciados que contradiziam ou defendiam os preceitos sanitários. Apresentamos uma provocação a respeito da complexidade em se pensar a pandemia envolto pela pandemia, estando o pesquisador tão próximo do objeto pesquisado. Também mostra uma revisão literária sobre escritos a respeito da pandemia e da polêmica como objetos, desde trabalhos filosóficos a pesquisas no terreno dos Estudos de Linguagens.

No “Capítulo II – Corpo, Tensividade e Polêmica”, ponderamos sobre as teorias nas quais nos baseamos. Explicamos como a inspiração na Fenomenologia de Maurice Merleau-Ponty (2021) serviu de base para que a Semiótica formulasse o conceito de *corpo*, bem como este é revigorado pelos estudos de Discini (2015) – os quais optamos por seguir –, para quem ele é entendido enquanto “corpo actorial, segundo densidades de presença [...]” (Discini, 2015, p. 25). Todavia, não podemos deixar de mencionar um outro entendimento sobre o conceito de corpo, segundo o qual este seria uma categoria formada pela tríade exteroceptividade, interoceptividade e propioceptividade, sendo: a primeira referente às propriedades perceptivas provenientes de um mundo exterior à pessoa; a segunda, às

provenientes de elementos que não encontram correspondência direta com o mundo (um sentimento, por exemplo); e a última, à percepção da pessoa de seu próprio corpo. A Semiótica propôs renomear a proprioceptividade por timia: “De inspiração psicológica, esse termo deve ser substituído pelo termo timia (portador de conotações psicofisiológicas)” (Greimas; Courtés, p. 393).¹⁵

Entendemos que o sentido só pode ser apreendido por meio das apreensões e foco do corpo. No caso do ser (ontológico) do mundo real, o corpo físico.¹⁶ No caso do ser (simbólico, histórico, social, construído de um exercício linguageiro) do mundo da linguagem (manifestada em textos) – o que nos interessa –, o corpo discursivo do ator da enunciação é capaz de (re)construir um conjunto de características expressivas que lhe confere um *estilo* próprio (Discini, 2015). Esse corpo é atravessado por uma dimensão inteligível e outra sensível, cujo encontro concebe a tensividade. A Semiótica Tensiva é a vertente do intervalo entre grandezas de valores de uma determinada categoria; por exemplo, a categoria *pequeno vs. grande* pode expandir-se para além desses termos (para minúsculo, pequeno, grande e gigante). O ator da enunciação se relaciona discursivamente com enunciatários, o que tende a ocasionar embates, (re)construindo a polêmica. De tal forma que ela mesma, a polêmica, ‘corporifica-se’ na relação entre enunciador e enunciatário.

No “Capítulo III – Operadores da polêmica”, apresentamos de forma mais sólida nossas interpretações sobre o *corpus* analisado. Na primeira parte do capítulo, entendemos a

15 De origem etimológica grega (*thumós*), timia significa vida, espírito, força interna, alma. Aquela tríade agora é chamada categoria tímica, e está articulada às noções de euforia ou de disforia que afetam o corpo. De origens na palavra grega *euphoros*, sendo eu = bem e *phoreo* = “eu levo, eu suporto” (Cunha, 2021, p. 222), a *euphoria* é a “sensação de perfeito bem-estar, de alegria intensa” (Cunha, 2021, p. 276) e a *dysphoria* é o “sofrimento insuportável” (Cunha, 2021, p. 222). Os vocábulos equivalem aos termos positivo e negativo da categoria tímica. Em estudos posteriores à semiótica *standard*, a foria (Cf. “2.2 Sobre a tensividade”) passou a ser entendida de forma mais ampla: como o elemento motivacional que inspira o sujeito semiótico a se mover. Com essa acepção, inspirou uma das vertentes da Semiótica Discursiva, denominada de Semiótica Tensiva. Essa outra acepção sobre a qual comentamos serviu muito de inspiração para Jacques Fontanille (2016), para quem o corpo é a “identidade que se constrói ao longo do processo de semiose, na reunião de dois planos de linguagem [...]” (Fontanille, 2016). São nesses “dois planos de linguagem” apontados pelo autor que vemos diferenças mais acentuadas com relação à nossa escolha. Fontanille (2016) defende existir o que ele definiu como carne (lembrando que se trata de algo figurado) e corpo-próprio. Este, seria um actante, e estaria ligado mais ao nível narrativo do percurso gerativo de sentido; aquele, estaria ligado ao nível discursivo, pois é ele a parte do corpo a quem se aludem os pontos de referência da enunciação. Além das diferenças já apresentadas, podemos ainda indicar que Discini (2015), embora faça divisões do *corpo*, as faz de maneira distinta da de Fontanille (2016). A autora, por exemplo, sugere duas orientações (*corpo* verificado por meio do *ator* e de seu *estilo*), bem como duas possibilidades de atitudes de acordo com dois perfis do ator discursivo: o ético (ligado ao *éthos*) e o pático (ligado ao *páthos*). Isso posto, de forma alguma refutamos os pareceres de Fontanille (2016), entretanto, para o propósito da presente tese, nos parecem mais adequadas as proposições de Discini (2015), porque elas permitem identificar, em um conjunto de textos (totalidade) marcas enunciativas semelhantes deixadas pelo *corpo* de um *ator enunciativo* em cada um dos textos (unidades) que demonstram um *estilo* (um modo característico de se enunciar); e estamos, de certa maneira, em busca de identificar características de um *estilo polêmico*.

16 Reforcemos: a Semiótica não se coloca ao estudo do ontológico, ou seja, a entender a existência do ser vivo enquanto ser de carne e osso caminhante pelo mundo, tal como próprio do subjetivismo individualista.

noção de *éthos* como princípio da enunciação e do estilo, assim, como da polêmica também. Nesse ponto, as formulações de Discini (2015)¹⁷ sobre o conceito retórico advindo de Aristóteles nos balizam. Lançamos o olhar sobre o pronunciamento de dois religiosos a respeito do perigo referente ao novo coronavírus: o bispo evangélico Edir Macedo durante o programa televisivo “Palavra amiga do Bispo Macedo”¹⁸, veiculado (a partir de São Paulo) também nas redes sociais, fazendo pouco caso dos riscos do coronavírus à saúde; o bispo-auxiliar católico Nivaldo dos Santos Ferreira, durante cerimônia em Belo Horizonte transmitida via internet¹⁹, alertando sobre a ameaça que seria o micro-organismo. Os enunciados datam de 2020, quando as informações sobre o vírus ainda eram escassas, todavia, o embate de opiniões já era ferrenho. Entre as mais diversas manifestações nesse âmbito, elegemos os enunciados dos bispos por terem sido mais repercutidos pela imprensa e pelas redes sociais e por serem demonstrativos de um ponto de vista de duas das denominações mais seguidas no País, a Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd) e a Católica. Veremos que há uma controvérsia entre os religiosos: enquanto um defende que o objeto-valor do fiel (a Salvação) será alcançado quando este seguir os caminhos da ciência (*Saber* → *Salvação*) o outro defende o oposto (*Crer* → *Condenação*). Dessa maneira, agem ambos como manipuladores, porém, um deles rompe o discurso religioso, aproximando-o do discurso científico, ao colocar a obediência às prescrições médicas durante a pandemia no mesmo patamar que a fé.

O capítulo tem sequência com a seção “Afeto e efeito”. Analisamos a propaganda institucional do governo de Mato Grosso do Sul (“Coronavírus: a balada pode esperar”, de janeiro de 2021). Ela trata sobre o distanciamento social. A tensividade de Zilberberg (2011) se faz presente na maior parte desse tópico. Intentamos mostrar que, assim como preconizava o semioticista francês, o sensível é regente do inteligível. Os *atores* da peça propagandística foram afetados e os enunciatários (as pessoas que assistiram aos vídeos veiculados na mídia) também sofreram efeitos de sentido. Esse vídeo foi elencado por repercutir positivamente na sociedade e tratar do distanciamento social, ou do isolamento, tema que gerou debates incalculáveis a ponto de serem entendidos por Lara e Landim (2021) como uma verdadeira “fórmula discursiva”²⁰. O texto traz uma contraposição entre o Poder Executivo Estadual e

17 A autora inspira-se em observações de Dominique Maingueneau (2012a, 2012b, 2013, 2022) e reconfigura as ideias do linguista e analista do discurso para o âmbito da Semiótica condicionando o *éthos* à tensividade.

18 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=32TIDTXrGp0>. Acesso em 25 ago. 2022.

19 Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KDA49EwC-y0>. Acesso em 25 ago. 2022.

20 Advindo dos estudos em Análise do Discurso, não usaremos o conceito de “fórmula discursiva” em nossas análises, mas, neste momento, é interessante sua indicação para entendermos melhor a repercussão social das expressões “distanciamento social” e “isolamento social”. De acordo com Krieg-Planque (2010), um sintagma comporta-se como fórmula discursiva quando apresenta, mais ou menos explicitamente, quatro características: a) tem uma superfície cristalizada, que permita fácil circulação e um rastreo no espaço público; b) vira ponto de

aqueles cidadãos que se recusavam a manter distanciamento social e a não parar de causar aglomerações. A polêmica se dá por meio da personagem Letícia (o *ator enunciativo*, no vocabulário semiótico), principal da propaganda audiovisual, que contamina o pai com Covid-19 por desobedecer às normativas. O enunciário passa trinta segundos diante da tela acompanhando Letícia passar da alegria, à preocupação e ao desespero.

“O *Eu*, o *Outro* e o *Entre*” é a seção final do “Capítulo III”. Utilizamos indicações da Sociossemiótica, a partir de uma releitura nossa propondo o encontro (com prudência) de algumas observações dessa vertente com a vertente tensiva, sobretudo as possibilidades de pensarmos melhor a “presença do outro” (Landowski, 2021) por intermédio das gradações apresentadas por Zilberberg (2011). São analisados enunciados como:

- uma reportagem jornalística relatando entrega de alimentos a pessoas em situação de rua em Belém durante a pandemia. Esse enunciado foi escolhido por apresentar mais explicitamente a disputa entre o olhar de quem está na rua em contraposição ao de quem está dentro das casas e nega ajuda e ao de terceiros que se predispõem a ajudar (apresentando, somente em um único texto, uma gradação inicial de três posturas distintas, aspecto extremamente valioso para nosso objetivo de pesquisa de tipificar a polêmica por meio de uma gradação);
- a confecção de uma cartilha sobre cuidados sanitários, para tentar diminuir o contágio de Covid-19 em Dourados (MS), impressa somente na língua guarani (sem tradução para o português), a ser entregue em aldeias. Esse enunciado relata um evento extremamente raro em nosso cotidiano (uma língua diferente da portuguesa sendo preferida em material confeccionado por uma instituição governamental, mesmo esta sendo uma universidade pública);
- a denúncia a respeito de comentários racistas referentes a indígenas terem preferência à vacinação quando esta começava, em 2021, a ser disponibilizada no estado de Mato Grosso do Sul. O texto foi selecionado por apresentar em um único texto quatro posturas diferentes (a da moradora não indígena contrária à prioridade e

convergência de discussões sociais e históricas; c) torna-se referente social, porque seu uso se torna quase que imperativo (quase sem sinônimos); d) tem dimensão de controvérsia. De acordo com Lara e Landim (2021), as expressões “distanciamento social” e “isolamento social” ganharam esses moldes, pois: a) cristalizaram-se, a ponto de se fizessemos pesquisas num buscador como o Google por “distanciamento social” ou “isolamento social” a busca retornaria um resultado imenso tratando especificamente sobre as medidas de quarentena tomadas durante a pandemia de Covid-19, e praticamente nenhuma relacionada a outros casos; b) viraram ponto de convergência de debates, tanto que culminaram em várias ocorrências de discussão no campo jurídico, jornalístico ou religioso, por exemplo; c) tornaram-se referentes porque não bastava que se falasse em “manter-se longe de pessoas contaminadas” ou “ficar distante de pessoas em risco”, os termos exatos para entendimento geral eram “isolamento social” ou “distanciamento social”; e d) geraram conflitos de opiniões bastante ríspidos.

cometendo crime de preconceito em seus comentários; o do indígena; o do promotor que levou o caso à Justiça; e o da médica que defende a prioridade);

- um evento em que um cliente de sorveteria tem acesso raivoso com a proprietária, que solicitava a correta utilização da máscara no estabelecimento;
- um projeto de extensão de acolhimento a imigrantes formulado por uma universidade em Campo Grande. Esse texto se refere ao que denominamos de *acolhimento*, conceito a ser mais bem explicado em “3.3.4. Sobre o acolhimento”, que significa, em suma, o respeito à identidade do Outro.

Esses enunciados trazem exemplos de paixões como ódio, raiva, aversão, tolerância, caridade, estima, zelo e acolhimento. E nos permitirão mostrar resistências e embates surgidos durante o período pandêmico. Os textos que formam nosso *corpus* foram selecionados por apresentarem algumas características: a heterogeneidade genérica; conterem alguns enunciados que servem de amostras dos desdobramentos do debate sobre a pandemia de Covid-19 que de forma direta ou indireta afetaram Mato Grosso do Sul (localidade de residência do pesquisador); conterem amostras de textos que consideram pessoas em situação de maior vulnerabilidade econômica (como moradores de rua); suas potencialidades para análise de um funcionamento semiótico tenso da polêmica; o aspecto polêmico de fatos que contêm uma conotação política.

Claramente, nossa seleção está longe de contemplar o imensurável conglomerado de enunciados disparados durante o período pandêmico (com duração superior a três anos). Até por isso, nossos objetivos geral e específicos passam bem distante dessa intenção de enumerar ou mesmo de abarcar um quantitativo grande. Nossa meta é propor uma tipologia da polêmica e os textos por nós elencados muito bem nos possibilitam uma exemplificação bastante instrutiva de cada uma das categorizações que identificamos. Por meio dessa seleção criteriosa, podemos apontar elementos graduados conforme similaridades e/ou distinções enunciativas que representam um *corpo discursivo polêmico*, baseado na percepção de um *éthos* e de um *estilo* dispostos em uma unidade e em uma totalidade textuais. Essas noções apresentadas por Discini (2015) foram originalmente propostas pelo linguista dinamarquês Rasmus Viggo Brøndal (1948), autor que denomina *totus* o princípio (marcações textuais) que remete à totalidade (conjunto) de obras de um determinado ator enunciativo (seria um tipo de unidade universal ou integral) e *unus* o princípio que indica uma unidade realizada, isto é, o texto imediatamente diante do enunciatário (seria um tipo de unidade individual ou parcial). São noções caras para Discini (2015) trabalhar o conceito de *corpo* (que, em nossa tese, será mais bem explicado no próximo capítulo).

Uma análise sobre a construção de sentidos envolvendo a polêmica entre os dizeres a respeito da pandemia justifica-se porque é por meio da linguagem que ela é amplificada; como no caso da pandemia, em que as disputas de pontos de vistas converteram a situação sanitária na discussão coletiva globalmente predominante. É na linguagem que esses pontos de vistas disputaram a opinião pública mundial: colocando, no período evidenciado nesta tese, em polos opostos os que concordaram com as indicações sanitárias prescritas pela maioria das entidades médicas e os que delas discordaram.

Depois da demonstração das nossas interpretações sobre o *corpus* apresentado, o “Capítulo IV – A corporificação da polêmica” apresenta a proposta tipológica da polêmica. O capítulo é dividido em duas partes. Na primeira, “4.1 Estilo polêmico”, demonstramos como o estilo dos atores da enunciação polemizadores faz a polêmica ganhar corpo. Demonstramos essa corporificação polêmica inspirados nas observações que fizemos no capítulo antecedente, ou seja, pelas análises a respeito do *éthos*, do *páthos* e da relação entre o Eu e o Outro. Nesse sentido, além dos conceitos já elencados, nos amparamos nas interpretações de Discini (2015) sobre o que a autora denominou de *figura-argumento* e *figura-acontecimento*, dois tipos de *figuras retóricas*, cujo acento se faz sobre o *fazer-crer*, na primeira, e sobre o *afeto*, na segunda. Também nos alicerçamos em algumas propostas de Fiorin (2021) sobre figuras de retórica que impactam o enunciatário.

Em “4.2 Uma proposta tipológica para a polêmica”, categorizamos a polêmica levando em conta alguns aspectos, dentre eles: o *objetivo* do enunciador, a correlação *intensidade* e *extensidade*, a *postura do Eu* perante o *Outro*, e a *densidade de presença* da polêmica. Esses aspectos nos permitiram criar uma rede categorial. Não pretendemos esgotar as variedades de polêmicas, mas indicar viabilidades de entendimento sobre sua gradação. Assim, indicamos uma tipologia de acordo com os enunciados elencados como totalidade de nosso *corpus*, selecionados entre uma gigantesca massa textual que proliferou durante o período pandêmico – cujas possibilidades de exploração podem ser expandidas em trabalhos futuros. Defendemos que a tipologia proposta é consistente porque adveio da teoria adaptada ao objeto e não da adaptação do objeto para que este se encaixasse na teoria. Até por isso, percebemos a necessidade de união entre vertentes tidas como distintas, mas, como veremos, em certos pontos, complementares.

Nossas análises resultam numa categorização de seis possíveis gradações da polêmica. Apontadas em redes e gráficos tensivos, elas foram classificadas sobremaneira pelo nosso entendimento de que o *afeto* é efeito de sentido em um texto e de que o Outro deve ser

reconhecido como um impacto no campo de presença dos enunciadores. Ao posicionarmos a pandemia como acontecimento, indicamos que a relação entre o Eu e o Outro resulta em polêmica. Iniciamos, logo adiante, o “Capítulo I”: com a consideração geral sobre a pandemia de Covid-19.

CAPÍTULO I – A PANDEMIA DE COVID-19²¹

Como qualquer evento importante e de longa duração que afeta as comunidades humanas, a pandemia de coronavírus não pode deixar de ecoar sobre a própria língua e afetá-la direta ou indiretamente. [...] A semiótica nos ensinou a considerar a palavra como uma condensação significativa fixada pelo uso. À maneira dos comprimidos efervescentes mergulhados na água, essas significações se difundem nos diferentes contextos de seu emprego, desenvolvendo-se em configurações narrativas, passionais e figurativas bastante diversas, sempre suscetíveis a entrar em novas composições para trazer à tona uma inovação semântica, cuja análise pode buscar compreender. (Bertrand; Darrault-Harris, 2021, p. 323)

O registro formal de vários casos simultâneos de internações ocasionadas por Síndrome Respiratória Aguda Grave (SRAG) na cidade chinesa de Wuhan alertou a Organização Mundial da Saúde (OMS) em 31 de dezembro de 2019. Depois de uma investigação um pouco mais apurada, verificou-se que esses episódios correspondiam ao surgimento de uma cepa de coronavírus; ocorreu uma mutação da espécie que até então jamais havia sido registrada acometendo seres humanos de forma tão impactante. Decorrida uma semana, em 7 de janeiro de 2020, as autoridades locais confirmaram oficialmente a identificação do novo micro-organismo. O vírus que causava somente resfriados leves passa a afetar o homem com muito mais força, letalmente, inclusive.

Parte de um conglomerado viral (chamado de HCoV, na Medicina), o novo tipo junta-se a HCoV-229E, HCoV-OC43, HCoV-NL63, HCoV-HKU1, Mers-COV (causadora da Síndrome Respiratória do Oriente Médio) e Sars-COV (causadora da SRAG). Nomeada primeiramente de 2019-nCoV e, em 11 de fevereiro de 2020, renomeada Sars-CoV-2, a nova espécie foi a responsável por causar a doença Covid-19, aquela que viria a matar tantas pessoas.

O primeiro óbito no mundo ocasionado pela doença foi registrado em 11 de janeiro de 2020, na China: um homem de 61 anos de idade. No dia 30, a OMS declarou que o surto do novo coronavírus constituía-se uma Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII), nível de alerta máximo. Nos termos do Regulamento Sanitário Internacional (RSI), “um evento extraordinário que pode constituir um risco de saúde pública para outros países devido à disseminação internacional de doenças; e potencialmente requer uma resposta internacional coordenada e imediata” (Anvisa, 2005, p. 14).

21 Dados e datas contidos neste capítulo foram extraídos de *sites* de entidades ligadas à Saúde Pública, como a Organização Mundial da Saúde (OMS, 2023), a Organização Pan-Americana da Saúde (OPAS, 2023) e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz, 2023).

Aquela era a sexta vez que uma ESPII havia sido declarada. As demais foram em 25 de abril de 2009 (pandemia de H1N1), 5 de maio de 2014 (disseminação internacional de poliovírus), 8 de agosto de 2014 (surto de ebola na África Ocidental), 1º de fevereiro de 2016 (aumento de casos de microcefalia e outras malformações congênitas ocasionadas pelo vírus da zika) e 18 maio de 2018 (novamente por surto de ebola, mas, dessa vez, restrito à República Democrática do Congo). A OMS convocou um grupo de especialistas (formando o Comitê de Emergências do RSI) para deliberar especificamente quanto ao advento da ameaça que continha riscos de alcance global.

Em caráter emergencial, o referido comitê emitiu parecer ao diretor-geral da OMS, Tedros Adhanom Ghebreyesus, recomendando medidas urgentes a serem promulgadas para prevenção e/ou redução da propagação mundial do vírus. Naquele momento, visando, principalmente, a não interferir desnecessariamente no comércio e no tráfego (aéreo, marítimo ou rododiferroviário) internacional.

Tamanha era a disseminação viral, que a situação foi se acentuando e, na prática, o maior receio das entidades sanitárias confirmou-se: o planeta estava em situação de pandemia, decretada oficialmente pela OMS em 11 de março de 2020. Mesmo condizendo à sua distribuição geográfica, o vocábulo “pandemia”, com a Covid-19, passou a fazer sentido também com relação à sua gravidade, pois milhões de pessoas morreram por todo o mundo. Quanto mais o vírus circulava, maior era sua capacidade de transmutação, e maior era sua capacidade de causar problemas graves. Em 26 de novembro de 2021, a OMS oficializou o surgimento de uma variante da doença, a B.1.1.529, popularmente chamada de Ômicron. Logo depois, surgiram outras: Alfa, Beta, Gama e Delta, por exemplo, foram as mais conhecidas. Cada nova variante deixava virologistas preocupados quanto às taxas de transmissão e de letalidade potenciais do vírus.

Conforme levantamento da OMS (2024)²², globalmente, até o dia 28 de abril de 2024, houve mais de 775 milhões de casos confirmados da doença, incluindo mais de 7 milhões de mortes, notificados à OMS. No Brasil, até 29 de maio de 2024, houve 38.806.622 casos confirmados, com 712.205 mortes (Ministério da Saúde, 2024).

A Covid-19 é uma doença infecciosa causada pelo coronavírus Sars-CoV-2 e seus sintomas são fundamentalmente dificuldade para respirar (em alguns casos, extrema), febre, cansaço e tosse seca. Entretanto, outros menos comuns também acometeram muitos pacientes:

22 Números visualizados em 31 de maio de 2024 por meio dos *sites* do observatório internacional da doença confeccionado pela OMS (disponível em: <https://www.who.int/publications/m/item/covid-19-epidemiological-update-edition-167>) e do Ministério da Saúde (disponível em: <https://covid.saude.gov.br/>), portanto, pode ser que tenham se modificado numa atualização das informações realizada depois da data indicada.

calafrios, tonturas e náuseas, perda do paladar e/ou do olfato, congestão nasal, conjuntivite, dores de garganta, de cabeça e musculares, erupções cutâneas e até mesmo perda de memória.

A pandemia mexeu não somente com a saúde da população, mas com sua rotina. Ela emergiu num momento em que a sociedade, sobretudo ocidental, via-se diante de impasse também político. Agentes públicos considerados de extrema-direita haviam se estabelecido no poder depois de vencerem eleições em diversos países (como Donald Trump, nos Estados Unidos, e Jair Messias Bolsonaro, no Brasil). Esses mandatários do Executivo se apresentaram firmemente contrários a muitas medidas impostas pelas entidades médico-sanitárias visando a minimizar a proliferação do vírus, até mesmo desrespeitando diretrizes como uso obrigatório de máscaras em determinados locais e evitar aglomerações. Eles são representantes de um agrupamento de pessoas tidas como negacionistas: aquelas que se negavam a encarar o vírus como potencial perigo.

1.1 Negacionismo: ambiente propício à proliferação do vírus e da polêmica

A pandemia impactou a sociedade em diversos níveis. Ela ultrapassou a condição sanitária e repercutiu na economia e na política, mas os primeiros efeitos foram sentidos no quesito comportamental. Protocolos instaurados por diversos governos nas esferas municipais, estaduais e federais em muitas nações, por prescrição inicial da OMS, influenciaram o nosso dia a dia. Novos hábitos (uso de máscara, higienização das mãos com álcool em gel, cessação de visitas pessoais a parentes e amigos) e novas palavras (*lockdown*²³ e *homeoffice*²⁴, por exemplo) passaram a fazer parte da nossa vida.

Com exceção de estabelecimentos considerados essenciais (como supermercados e postos de combustíveis), instalações comerciais ou recreativas, escolas, igrejas e vários outros locais foram fechados – o que, por vezes, ocasionou a demissão de funcionários e a falência de micro e pequenas empresas. Houve aumento da desigualdade socioeconômica, da quantidade de moradores na rua e de famílias em situação de vulnerabilidade social.

Foram vários os fatores que desencadearam as adversidades sociais enfrentadas, ainda mais em países em desenvolvimento. Podemos citar algumas: falta de leitos hospitalares; falta de equipamentos como respiradores; inexistência de acesso a rede de saneamento básico; falta de tecnologia (internet, principalmente) de qualidade – muitos

23 A “medida de bloqueio decretada por autoridade governamental para impedir a circulação e a interação de pessoas pela interrupção de qualquer atividade ou serviço não essencial” (Zavaglia; Bastianello, 2020, p. 25).

24 A “atividade profissional realizada à distância” (Zavaglia; Bastianello, 2020, p. 37) por meio de teletrabalho auxiliado sobretudo pelo uso de computador (ou aparelho correlato) com acesso à internet.

alunos deixaram a escola por conta disso quando das aulas *online* —; queda da renda familiar devido a demissões ou pouco estímulo à prestação de alguns serviços (no caso de trabalhadores autônomos), o que exacerbou o agravamento da insegurança alimentar.

A China, primeira infectada pela Covid-19, foi também a primeira a adotar uma das principais deliberações de segurança para conter a proliferação do coronavírus: o distanciamento social e o *lockdown*, atitude também chamada de quarentena. Instrução que foi seguida em pouco tempo por onde o micro-organismo espalhava-se: restante da Ásia, depois Europa, depois Américas... Grandes centros urbanos conhecidos pelo imenso número de pessoas coabitando o mesmo espaço passaram a ser vislumbrados como um quase deserto: São Paulo, Nova York, Paris, Tóquio, por exemplo, tinham suas ruas e avenidas, antes repletas de veículos e transeuntes em passos acelerados, naquele momento, vazias.

Desprovidos de um imunizante ou remédio eficaz contra a doença, outras ações foram prescritas pela OMS, como já mencionamos, o uso de máscaras protetivas, a higienização das mãos com água e sabão ou com álcool, as ordens para não promover aglomerações. Decisões que se provaram importantes para prevenir e reduzir a circulação viral. Contudo, por motivos variados (da necessidade de sair de casa para trabalhar à insistência em negar a gravidade da doença), o número de infecções e de mortes passou a aumentar continuamente e sem controle.

Centros de pesquisas (de universidades públicas a empresas privadas) do mundo todo se empenharam, assim que os casos aumentavam, em criar um imunizante capaz de provocar resposta adequada do organismo humano. A primeira dose de uma vacina eficiente foi aplicada em uma britânica (de 91 anos), em 8 de dezembro de 2020. No Brasil, em 17 de janeiro de 2021, a enfermeira Mônica Calazans, em evento realizado no Hospital das Clínicas da Universidade de São Paulo (HC-USP), foi a primeira vacinada. Todavia, a completa imunização em território nacional demorou, em certa medida, devido ao negacionismo de muitos entes públicos, incluindo o então presidente da República, que, desde o surgimento da doença, repudiava as informações que davam conta de sua seriedade.

Em 27 de fevereiro de 2020, o Brasil registrou seu primeiro caso: um homem de 61 anos morador de São Paulo, capital, que havia sido internado no dia anterior no Hospital Albert Einstein. Em 12 de março, houve a primeira morte: uma mulher de 57 anos, internada desde o dia anterior no Hospital Municipal Doutor Carmino Caricchio, em São Paulo também. Duas semanas depois, no dia 24 de março de 2020, para sermos mais exatos, o então chefe do Executivo Federal, Jair Messias Bolsonaro, em pronunciamento oficial transmitido por

emissoras de rádio e televisão em cadeia nacional, foi a público afirmar que os brasileiros deveriam continuar com suas condutas corriqueiras e que a imprensa espalhava o pânico ao noticiar o impacto da doença. Ele criticou governadores e prefeitos por determinarem quarentena. Enquanto falava, vários protestos do tipo panelaço (pessoas batendo os utensílios de cozinha produzindo sons estridentes) foram realizados em todo o país. Contrário às prescrições de consenso na área científica, ele teceu comentários minimizando o risco da Covid-19, como no seguinte trecho:

No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus não precisaria me preocupar, nada sentiria ou seria, quando muito, acometido de uma gripezinha ou resfriadinho, como bem disse aquele conhecido médico daquela conhecida televisão. (Presidência da República, 2020, s/ p)

O presidente da República referia-se ao colunista de vários veículos (incluindo a rede Globo de televisão), o infectologista Drauzio Varella, que num primeiro momento (dadas as informações escassas referentes ao novo vírus) afirmou ser difícil existir uma pandemia, entretanto, poucos dias depois (com novas evidências), mudou de posicionamento e começou a indicar os perigos da doença. Mesmo depois dessa retratação, seus vídeos anteriores foram recuperados pelos defensores do presidente e pelo próprio político. O médico falou sobre isso em entrevistas, como na concedida ao Portal Uol, quando decretado o fim da emergência:

Eu avalei mal, como muitos outros avaliaram mal. [...] De fato, o coronavírus é uma das maiores causas de resfriados comuns, porque é que esse causaria a tragédia que ocasionou? Isso [quando “avaliou mal”] foi fim de janeiro [de 2020, pouco mais de um mês das notícias dos primeiros contágios na China]... na semana seguinte, na primeira de fevereiro, começamos a ver os relatos de colegas italianos e eu disse [em novo vídeo]: “Olha, o vídeo que eu fiz anteriormente, vocês esqueçam dele. A realidade mudou completamente, nós estamos enfrentando um vírus que é capaz de provocar insuficiência respiratória grave e isso vai ser um desafio pro sistema de saúde.” E passei pro outro lado. (UOL, 2023)

Atribuir a uma doença letal a designação de “gripezinha” como um deboche visando a minimizar seu impacto e ridicularizar quem defendia o ponto de vista de alta letalidade não soou como o presidente esperava – inferimos que tenha sido se mostrar vigoroso – e repercutiu de forma negativa na mídia. Em “Por que o histórico de atleta não garante imunidade contra a Covid-19”, a *Revista Veja* (2020) escrevia em 7 de julho de 2020 sobre casos em que atletas estavam em condições graves de saúde por acometimento da doença. Curiosamente, Bolsonaro havia se contaminado e estava de repouso em casa por ordens médicas. Meses depois, o à época presidente alardeou em eventos e *lives* que não havia mencionado a doença daquela forma:

Falei lá atrás, no meu caso, falei, pelo meu passado de atleta, não generalizei, se pegasse o Covid não sentiria quase nada. É o que eu falei. O pessoal da grande mídia falando que eu chamei de ‘gripezinha’ a questão do Covid. Não existe um vídeo ou áudio meu falando dessa forma. (Veja, 2020, s/p)

Nesse enunciado existe um ato retórico de *negação* (Perelman, 2004; Perelman; Olbrechts-Tyteca, 2014) por parte do presidente. Chaïm Perelman (2004) e Chaïm Perelman e Lucie Olbrechts-Tyteca (2014) defendem que a arte retórica diz respeito mais à adesão do público perante a imagem do enunciador que à verdade do que esse enunciador diz. A *negação* é uma estratégia por meio da qual o enunciador quer persuadir o enunciatário pela lógica de que, se uma proposição x é verdadeira, sua negação (não x) é falsa. No caso em foco, Bolsonaro diz que a expressão “não falei que a Covid era gripezinha” é verdade, sendo assim, o contrário (sua negação, ou seja, a afirmação de que ele falou que é uma “gripezinha”) é falso.

Christian Plantin (2025) aprofunda as explicações sobre a *negação* como estratégia argumentativa: “A negação *rejeita* (negação total), *corrige* (negação parcial), *refuta*, *retifica*, *repara*, *disside*... o enunciado” (Plantin, 2025, p. 399, grifos do autor). Ele acrescenta ainda outras formas de entendimento, por meio do verbete *denegação*, cuja definição é a negação formal de algo verdadeiro: “Aquele que denega uma dívida, nega que exista uma dívida, ou que seja ele que tenha contraído essa dívida. Uma denegação é a rejeição de uma acusação” (Plantin, 2025, p. 401, grifos do autor). Bolsonaro, no caso da “gripezinha”, nega que tenha se referido à Covid dessa forma: depois de confirmadas várias mortes no país por conta da doença, seria no mínimo constrangedor admitir que fizera pouco-caso dos acometidos por ela.

As falas de Bolsonaro e de Varella e a reportagem na imprensa são um “pequeno” indício que apontamos da polêmica instaurada na sociedade, pontuando o embate de quatro momentos apresentados nesses quatro curtos enunciados (o pronunciamento presidencial, a repercussão em título de matéria publicada em *site* de notícias, a fala do presidente não assumindo a afirmação anterior, a fala do infectologista mostrando que sua postura logo se modificou). São também mostras da relevância que ela teve nas tomadas de decisões da população: por exemplo, aqueles que admiravam o presidente tendiam a agir conforme seus exemplos; aqueles que não lhe davam tanto crédito tendiam a não agir assim.

Portanto, é preciso analisar um texto considerando existir um interdiscurso que vai, de alguma maneira, se apresentar implícita ou explicitamente no texto. Perceber isso e lidar com isso é complexo quando o pesquisador está direta ou indiretamente vinculado a todo o contexto em que emerge seu objeto de estudo.

1.2 Pensar a pandemia envolto pela pandemia: um ainda (se) pensando

Parece cabível nos permitirmos afirmar que há um levantamento ainda por se fazer. Uma revisão da literatura sobre a pandemia do novo coronavírus e sobre a polêmica a respeito de todas as mudanças que o advento do vírus ocasionou é complicada. É complicada porque há pouquíssimo tempo a pandemia terminou oficialmente e ainda vivemos sob seus resquícios de algum modo. Por exemplo, embora poucas, existem pessoas que continuam a usar máscaras, outras continuam limpando suas mãos freneticamente, algumas abraçam menos os amigos, outras ficaram com transtornos psicológicos devido às mortes na família ou ao isolamento etc. São ações que fazem pensar naquilo que Landowski (2014) chamou de *interações arriscadas*.

Para a Sociossemiótica – vertente cujos postulados, lembrando, buscaremos unir aos da Semiótica Tensiva –, existiriam regimes de sentido e interação que incorrem em mais ou menos riscos aos envolvidos. Há regimes normatizados pela regularidade, pela causalidade, pela não regularidade e pela não causalidade. São quatro modelos de narratividade: falamos, respectivamente, da programação, do acidente, do ajustamento e da manipulação.

Programação relaciona-se com ocorrências cotidianas, como uma ida ao supermercado, por exemplo. Trata-se de uma ação corriqueira, que pode ser previamente agendada ou planejada. Uma programação pode, também, ser uma forma de coerção social; por exemplo, as chamadas “boas maneiras”, regras de etiqueta que se descumpridas podem levar a uma situação de constrangimento para o actante que dela se distanciar. No nível narrativo, a programação significa um papel temático rígido: por exemplo, as antigas histórias onde a princesa indefesa sempre esperava o príncipe encantado no cavalo branco.

Acidente é o regime de interação relacionado a eventos imprevistos, como um desastre natural (a queda de uma ponte devido a enchente que ocorra durante a ida ao supermercado pré-programada, por exemplo). Não existe um ator com atitude benéfica ou maléfica agindo, são ocorrências aleatórias que podem afetar igualmente qualquer sujeito.

Ajustamento possui vínculo com a harmonização entre o Outro e o Eu em contato. A copresença entre os sujeitos é que formatará as regras de convívio entre eles, ainda que momentâneas. É quando, por exemplo, nas compras num supermercado alguém tenta furar a fila do caixa e é preciso um ajustamento de energias (de conduta) entre quem tenta burlar a fila e quem seria prejudicado (para que os ânimos não se exaltem). Nos casos de ajustamento, ainda que Landowski (2014) não explicita essa perspectiva, há uma conexão forte com o

sensível, no que podemos vislumbrar já uma possibilidade de encontro com a tensividade – embora não seja o intento de Landowski (2014), reforçemos.

Quanto à manipulação, ela se configura por uma tentativa de persuasão. Seria (para mantermos um paralelismo com os outros exemplos de idas ao supermercado) quando alguém precisa passar à frente na fila e pode justificar essa postura por ter pouquíssimos produtos (possíveis de se carregar até mesmo em uma das mãos) ou por estar com uma criança de colo.

Se levarmos em consideração as nomenclaturas de Landowski (2014), por sua natureza inesperada, a pandemia surgiu como um *acidente*. São interações como essas que afetaram o período de pandemia. Por meio da *programação*, a humanidade se viu obrigada a novas atitudes diante de uma causa: a pandemia. O distanciamento, o uso de máscaras etc. eram parte dessa programação. Por meio da *manipulação*, tanto aqueles que eram contrários às normativas previstas pela prevalência dos especialistas da Saúde quanto os favoráveis se veem diante de uma força que os impele a persuadir o outro. Todavia, em determinados momentos, essa interação tende a não ser tão abrupta e existe um *ajustamento* entre os parceiros da interação: momento em que um se abre à resposta do outro e, a partir dessa resposta, há uma espécie de regulação recíproca. Podemos citar Landowski:

Do mesmo modo que a regularidade, princípio pressuposto por toda forma programática de interação, que a *intencionalidade*, base necessária para toda manipulação estratégica, e que a *sensibilidade*, condição de toda interação sob forma de *ajustamento*, a *aleatoriedade* constitui o princípio fundador de outro regime de sentido e de interação autônomo – o quarto (e último) – a ser colocado no mesmo plano que os outros três: o regime do *acidente*. (Landowski, 2014, p. 72, grifos do autor)²⁵

Esse período demarcado entre o fim da ESPII até hoje (ou seja, desde 5 de maio de 2023, somente) é um pequeno ponto na História, com “H” maiúscula, mas que, provavelmente, ainda será estudado em muitos trabalhos vindouros. Nessa perspectiva, tudo que se pensa sobre esse momento é já tangível, por certo, mas ainda introdutório. Talvez (aliás, é bem provável), considerações mais consistentes virão daqui a alguns anos, quiçá décadas. Não nos cabe aqui elucubrar sobre o futuro, nem diminuir o que já foi e está sendo pesquisado sobre o assunto. Não é isso. Trata-se de um reconhecimento da dificuldade em se entender um objeto estando incluso nele, pois, se considerarmos a pandemia e a polêmica

25 Embora acompanhem a definição de Landowski (2014), nesta tese, vamos preferir em vez de *acidente*, o conceito de *acontecimento*, de Zilberberg (2011), quando nos referirmos ao advento da pandemia. Os regimes de interação de Landowski são mais voltados ao nível narrativo; ao passo que o *acontecimento* é algo singular, que surge de forma abrupta e desestabiliza o sujeito em nível tensivo, ou seja, é da ordem da potencialidade e perpassa por todos os níveis do percurso gerativo de sentido.

desse período nosso objeto de estudo, somos, consequentemente, obrigados a confessar sermos, de certa maneira, parte desse mesmo objeto – porque por elas fomos todos abalados (uns mais, outros menos). Por isso, é um ainda (*se*) *pensando*: um pensando sobre a pandemia e a polêmica; e um pensando sobre cada um de nós mesmos e sobre nossa relação com o outro nesse período. Levando em conta, ainda, que essa polêmica sequer se inicia nessa época, mas se desdobra de querelas precedentes (carregando rancores de antes, relacionados a divergências de pontos de vistas em ferrenha disputa, sobremaneira, no âmbito político).

Filósofos contemporâneos com reconhecido apreço acadêmico, como Giorgio Agamben, Yara Frateschi e Slavoj Žižek, pensaram sobre esse (e, não nos esqueçamos, nesse) momento pandêmico. Houve divergências entre eles, com opiniões que iam desde o total ceticismo quanto à real existência de perigo do vírus até uma postura de possibilidade de modificar profundamente as relações humanas. Enquanto a maioria entendia estarmos sob um perigo iminente, uma voz que destoava era a do italiano Giorgio Agamben, que escrevia regularmente sua coluna para o *site* da editora romana Quodlibet. Alguns de seus artigos foram organizados numa coletânea de formulações a respeito da pandemia: o apanhado de escritos “Sopa de Wuhan”. Designação que aludia aos primeiros comentários sobre o surgimento do vírus, que teria iniciado por meio de alimentações exóticas do povo chinês. Já pelo título via-se que a obra poderia estar impregnada de um prejulgamento de culpabilizar a China e mensurar com pouca gravidade a doença. Seu organizador descreve a obra assim:

Sopa de Wuhan é uma compilação de pensamentos contemporâneos em torno da Covid-19 e das realidades que se espalham ao longo do globo. Reúne a produção filosófica (em tom ensaístico, jornalístico, literário, etc.) publicada ao longo de um mês – entre 26 de fevereiro e 28 de março de 2020. A antologia apresenta pensadores e pensadoras da Alemanha, Itália, França, Espanha, Estados Unidos, Coreia do Sul, Eslovênia, Bolívia, Uruguai e Chile. *Sopa...* junta em um volume o que já foi publicado e está ao alcance de um clique. Apenas propõe uma “ordem” de leitura, sobre alguns dados biográficos dos autores e intenta colocar em uma linha do tempo uma série de debates. Busca refletir sobre as recentes polêmicas em torno dos cenários que se abrem com a pandemia do Coronavírus, as opiniões sobre o presente e as hipóteses sobre o futuro. *ASPO* (Isolamento Social Preventivo e Obrigatório [*ASPO* é a sigla em espanhol, *ISPO* seria em português]) é uma iniciativa editorial que pretende perdurar enquanto se vive em quarentena, é um ponto de fuga criativo diante da infodemia, da paranoia e da distância [referindo-se ao distanciamento social] lasciva autoimposta como política de proteção contra um perigo invisível. (Amadeo, 2020, p. 13, grifos do autor, tradução nossa)²⁶

26 O texto original, em espanhol, é este: *Sopa de Wuhan* es una compilación de pensamiento contemporáneo en torno al COVID 19 y las realidades que se despliegan a lo largo del globo. Reúne la producción filosófica (en clave ensayística, periodística, literaria, etc.) que se publicó a lo largo de un mes – entre el 26 de febrero y el 28 de marzo de 2020. La antología presenta a pensadores y pensadoras de Alemania, Italia, Francia, España, EEUU, Corea del Sur, Eslovenia, Bolivia, Uruguay y Chile. *Sopa...* junta en un volumen lo que ya es público y está al alcance de un click. Tan solo propone un “orden” de lectura, acerca algunos datos biográficos sobre les autorxs e intenta poner en una línea de tiempo una serie de debates. Busca reflejar las polémicas recientes en torno a los

Em seu texto republicado no referido livro, Agamben afirma que o “medo de ser infectado por outras pessoas” pode ser visto “como outra forma de restringir as liberdades” (Agamben, 2020, p. 17, tradução nossa)²⁷. Para ele, a pandemia era uma invenção governamental, criada para nos manter sob controle.

O filósofo esloveno Slavoj Žižek vai mais longe em sua observação, ao falar sobre uma possibilidade de nos posicionarmos a favor de uma mudança de rumo da política global. Ao mesmo tempo em que dá *spoiler* do filme *Kill Bill*, do diretor americano Quentin Tarantino, compara o coronavírus a um golpe fatal aplicado pela protagonista Beatrix Kiddo no grande vilão:

Na cena final de “Kill Bill 2”, de Quentin Tarantino, Beatrix desativa o malvado Bill e o golpeia com a “Técnica do coração explosivo da palma de cinco pontos”, o golpe mais mortal de todas as artes marciais. O movimento consiste na combinação de cinco golpes com a ponta dos dedos em cinco pontos de pressão diferentes no corpo do oponente. Depois que o oponente se afasta e dá cinco passos, seu coração explode e seu corpo cai ao solo.

Esse ataque é parte da mitologia das artes marciais e não é possível em um combate corpo a corpo real. Porém, retornando ao filme, depois de Beatrix aplicá-lo, Bill tranquilamente faz as pazes com ela, dá cinco passos e morre.

O que faz esse ataque ser tão fascinante é o tempo entre ser golpeado e o momento da morte: posso ter uma conversa agradável enquanto me sinto tranquilo, porém estou consciente em todo esse tempo de que no momento em que começar a caminhar, meu coração explodirá e cairei morto.

A ideia daqueles que especulam sobre como a epidemia de coronavírus poderia conduzir à queda do governo comunista na China não é similar? Igual a uma espécie de “Técnica do Coração Explosivo da Palma de Cinco Pontos” no regime comunista do país, as autoridades podem sentar-se, observar e passar pelos momentos de quarentena, porém qualquer mudança real na ordem social (como confiar nas pessoas) resultará em sua queda.

Minha modesta opinião é muito mais radical: a epidemia de coronavírus é uma espécie de ataque da “Técnica do coração explosivo da palma de cinco pontos” contra o sistema capitalista global, um sinal de que não podemos seguir o caminho até agora, que uma mudança radical é necessária. (Žižek, 2020, p. 22-23, tradução nossa)²⁸

escenarios que se abren con la pandemia del Coronavirus, las miradas sobre el presente y las hipótesis sobre el futuro. *ASPO* (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio) es una iniciativa editorial que se propone perdurar mientras se viva en cuarentena, es un punto de fuga creativo ante la infodemia, la paranoia y la distancia lasciva autoimpuesta como política de resguardo ante un peligro invisible. (Amadeo, 2020, p. 13)

27 No original, em espanhol: El temor a contagiarse de otros, como otra forma de restringir libertades. (Agamben, 2020, p. 17).

28 No original, em espanhol: En la escena final de ‘Kill Bill 2’ de Quentin Tarantino, Beatrix deshabilita al malvado Bill y lo golpea con la “Técnica del corazón explosivo de la palma de cinco puntos” el golpe más mortal en todas las artes marciales. El movimiento consiste en una combinación de cinco golpes con la punta de los dedos a cinco puntos de presión diferentes en el cuerpo del objetivo. Después de que el objetivo se aleja y ha dado cinco pasos, su corazón explota en su cuerpo y caen al suelo.

Este ataque es parte de la mitología de las artes marciales y no es posible en un combate cuerpo a cuerpo real. Pero, volviendo a la película, después de que Beatrix lo hace, Bill tranquilamente hace las paces con ella, da cinco pasos y muere. Lo que hace que este ataque sea tan fascinante es el tiempo entre ser golpeado y el momento de la muerte: puedo tener una conversación agradable mientras me siento tranquilo, pero soy consciente de todo este tiempo que en el momento en que empiezo a caminar, mi corazón explotará. y caeré muerto.

Quem se opôs a entender o micro-organismo como um perigo letal à saúde foi duramente criticado, ainda mais quando as informações avançavam e as mortes aumentavam cada vez mais. Do Brasil vieram desaprovações pesadas contra Agamben, por exemplo. Contardo Luigi Calligaris (em artigo de opinião publicado na Folha de S.Paulo) e Yara Frateschi (em coluna no *site* da Editora Boitempo) foram dois estudiosos que comentaram sobre essa postura negacionista. O também italiano, mas radicado no Brasil, Calligaris disse não acreditar que seu compatriota fosse realmente contra as medidas sanitárias e teceu uma crítica mais branda:

Para ele [Agamben], qualquer poder sempre tende a querer uma dominação mais capilar, profunda e desobstruída da existência da gente. E, para esse fim, o poder moderno achou uma artimanha perfeita. Deixou que a medicina erigisse sua arte e seu propósito em sistema de valores; com isso, o poder convenceu a todos de que o valor supremo seria o simples fato de viver ou sobreviver (o que Agamben chama de a “vida nua”). Se sobreviver for o valor supremo, o poder será autorizado a cometer abusos à condição que ele nos prometa prolongar nossa vida. O mote de uma política fundada na valorização absoluta da simples sobrevivência seria: viverás mais se renunciáres à tua liberdade ou a parte dela. (Calligaris, 2020, s/p)

O psicanalista (morto em 2021, vitimado por um câncer) disse compactuar com o filósofo, contudo, somente até certo ponto. Argumenta que as intervenções de Agamben produziram um amplo debate em torno do tema e que a dificuldade em entendimento se dava mais no âmbito político. E finda seu texto para a Folha assim:

Confinamento e quarentena são bem-vindos hoje, e esperamos que funcionem, mas sem perder a desconfiança que o poder sempre deveria inspirar – sobretudo quando ele emana de um governo que não precisou da pandemia para flertar abertamente com a ditadura, a supressão das liberdades e o fechamento do Congresso. (Calligaris, 2020, s/p)

Professora livre-docente do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) e pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Yara Frateschi foi mais contundente:

¿La idea de quienes especulan sobre cómo la epidemia de coronavirus podría conducir a la caída del gobierno comunista en China no es similar? Al igual que una especie de “Técnica del Corazón Explotante de la Palma de Cinco Puntos” en el régimen comunista del país, las autoridades pueden sentarse, observar y pasar por los movimientos de cuarentena, pero cualquier cambio real en el orden social (como confiar en la gente) resultará en su caída. Mi modesta opinión es mucho más radical: la epidemia de coronavirus es una especie de ataque de la “Técnica del corazón explosivo de la palma de cinco puntos” contra el sistema capitalista global, una señal de que no podemos seguir el camino hasta ahora, que un cambio radical es necesario. (Žižek, 2020, p. 22-23)

O diagnóstico de Agamben a respeito da covid-19 antecede a análise dos fenômenos, o que faz parecer que ele está mais comprometido com a sua própria filosofia do que com o mundo que ela quer explicar. O resultado é uma análise que chega às raízes do rompimento com a verdade factual e que não tem sensibilidade para os impactos da pandemia nas camadas mais vulneráveis da população. (Frateschi, 2020, s/p)

Retomando a publicação em espanhol citada, enfatizemos que ela expunha ter como meta lançar hipóteses sobre o futuro (sobre um tempo pós-pandemia, portanto). Voltando ao texto de Žižek, vemos o autor demonstrar uma visão quase utópica a respeito de um tempo posterior próximo àquele momento.

Tal ameaça global [comenta sobre catástrofes diversas] dá lugar à solidariedade global, nossas pequenas diferenças se tornam insignificantes, todos trabalhamos juntos para encontrar uma solução, e aqui estamos hoje [o texto data de 2020], na vida real. O ponto não é se aproveitar sadicamente do sofrimento generalizado na medida em que ajude a nossa causa; pelo contrário, o ponto é refletir sobre um fato triste de que precisamos de uma catástrofe para que possamos repensar as características básicas da sociedade em que nos encontramos. Em que vivemos. O primeiro modelo vago de uma coordenação global deste tipo é a Organização Mundial da Saúde, da qual não obtivemos as besteiras burocráticas habituais, mas avisos precisos proclamados sem pânico. Essas organizações deveriam ter mais poder executivo. (Žižek, 2020, p. 24, tradução nossa)²⁹

Esses trechos retirados de escritos de alguns filósofos e de seus comentadores no Brasil são também demonstrações (“pequenas” pistas) a respeito da polêmica que se instalou na sociedade e nos modos de pensarmos sobre o convívio com o próximo e apontam para a relevância em entendermos o imbróglio de opiniões instaurado: por exemplo, aqueles que pensavam como o italiano Agamben tenderiam a enxergar nele alguém com autoridade acadêmica defendendo que não se deveria permanecer em casa de forma obrigatória; aqueles que pensavam igual aos brasileiros, por sua vez, entenderiam que deveríamos permanecer em casa enquanto determinado; aqueles que pensavam como o esloveno tenderiam a identificar a possibilidade de mudança social. A Covid-19 ocasionou também uma pandemia de polêmica vivenciada por meio da Linguagem.

29 Originalmente, em espanhol: Tal amenaza global da lugar a la solidaridad global, nuestras pequeñas diferencias se vuelven insignificantes, todos trabajamos juntos para encontrar una solución, y aquí estamos hoy, en la vida real. El punto no es disfrutar sádicamente el sufrimiento generalizado en la medida en que ayuda a nuestra causa; por el contrario, el punto es reflexionar sobre un hecho triste de que necesitamos una catástrofe para que podamos repensar las características básicas de la sociedad en la que nos encontramos. En Vivo. El primer modelo vago de una coordinación global de este tipo es la Organización Mundial de la Salud, de la cual no obtenemos el galimatías burocrático habitual sino advertencias precisas proclamadas sin pánico. Dichas organizaciones deberían tener más poder ejecutivo. (Žižek, 2020, p. 24)

1.3 A pandemia e a polêmica como objetos dos Estudos de Linguagens

Pelo decorrer de três anos de pandemia declarada, as narrativas sucederam-se, dialogaram, polemizaram. Tiveram como palco a imprensa, as redes sociais, a grande mídia; mas também o ambiente mais privado, a conversa ao celular, na fila de supermercado (quando a entrada nesses ambientes ainda era controlada). Entre os temas diversos: máscara, álcool em gel, vacina, isolamento, teletrabalho, falta de internet etc., houve rejeição e aceitação das prescrições. Era um conflito de ideias no âmbito social e sanitário, mas, sobremaneira, político, discursivo e semiótico, por (re)construir significação em diversas formas de manifestações.

Vieram outras epidemias à memória: a gripe espanhola, a peste etc. Os cientistas foram ouvidos em vários momentos – foram seguidos ou foram desqualificados, a depender do posicionamento de quem acionava seus discursos em meio à polêmica. Revistas científicas médicas ascenderam a uma importância mais popularizada. Academicamente, foi um período que rendeu inúmeros trabalhos para diversas áreas: com os estudos vinculados à Linguagem não foi diferente.

Nesta seção da tese, faremos um percurso por textos que abordam a pandemia e a polêmica que, a nosso ver, apresentam relação mais direta com a linguagem por uma perspectiva mais próxima à Semiótica ou ao Discurso. É uma revisão de literatura ainda por ser construída, como dissemos antes, mormente se trata de uma história por se fazer. Começaremos esta seção comentando sobre textos ligados ao discurso que trazem noções interessantes: a de *memória coletiva de crises* (Moirand, 2020) e a de *saturação discursiva* (Maingueneau, 2020). Esta auxilia a demonstrar que a percepção sobre a pandemia atingiu o extremo, ou seja, nos termos de Zilberberg (2011), ela transfigura-se num *acontecimento*, pois perturba a ordem do sujeito; aquela nos mostra que estávamos diante de uma crise que surgiu sem controle, no que se aproxima levemente da ideia de *acidente* em Landowski. Mais à frente indicaremos os textos diretamente vinculados à Semiótica e, mais precisamente, às vertentes que alicerçam esta tese: a Sociosemiótica e a Semiótica Tensiva.

1.3.1 A pandemia como objeto discursivo

Compreender um fenômeno que influi em todo o planeta foi incumbência de vários pesquisadores da Linguagem. Em 2020, a *Revista Linguagem* publicou o número temático “Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem”, editado por Roberto Leiser

Baronas, Renata de Oliveira Carreon e Sidnay Fernandes dos Santos Silva. Destaquemos o artigo “Visões da mídia sobre covid-19: ‘momentos discursivos’ de uma pandemia sob o ângulo dos números, histórias da mídia e confiança”³⁰, de Sophie Moirand, docente da Universidade Sorbonne Nouvelle, na França. Trata-se de um foco também sobre a polêmica.

A autora observa *corpora* coletados de diversos momentos durante a pandemia. Os enunciados, extraídos dos meios de comunicação franceses, levam em consideração “[...] ‘o sentido’ que o discurso dá às palavras e aos números nos seus cotextos e contextos no fio da *atualidade*, por outro lado, sobre o ‘sentido social’ que o discurso midiático constrói em torno desta pandemia” (Moirand, 2020, p. 213, grifo da autora, tradução nossa)³¹.

Moirand (2020) também entende a pandemia como uma crise surgida inesperadamente. “Além disso, uma pandemia se estende por um espaço planetário e por um longo tempo: ao longo do tempo, o tratamento midiático da pandemia fragmenta-se em *momentos discursivos*” (Moirand, 2020, p. 215, grifos da autora, tradução nossa)³². A autora comenta sobre uma memória coletiva a respeito de crises e, por isso, há uma dificuldade para que a população aceite as diretrizes do Estado. Mesmo usando exemplos ligados à população francesa, suas ponderações são válidas para outras sociedades:

É por isso que o impacto das recentes crises sanitárias faz parte da memória coletiva (e interdiscursiva) dos franceses: Chernobyl, sangue contaminado, doença da vaca louca ou BSE (*mad cow* ou BSE em inglês), gripe H5N1 e outras gripes (gripe aviária, gripe suína), tantos nomes de eventos, que deixaram rastros de memória [...]. Isto leva a uma certa desconfiança nas palavras do Estado, nas decisões do Estado, independentemente do partido no poder. No entanto, a confiança é essencial para que as decisões do Estado sejam aceitas [...]. (Moirand, 2020, p. 216, tradução nossa)³³

Moirand completa seu estudo formulando uma distinção entre dois grupos principais de posicionamentos sobre a pandemia naquele período de 2020: os que pensavam que nada seria como antes e os que pensavam que, acabada a pandemia, tudo voltaria a ser

30 Tradução nossa, a partir do francês: “Regards médiatiques sur la covid-19: “instants discursifs” d’une pandémie sous l’angle des chiffres, des recits médiatiques et de la confiance” (Moirand, 2020).

31 Em francês: “le sens” que le discours donne aux mots et aux chiffres dans leurs cotextes et leurs contextes au fil de l’actualité, d’autre part sur “le senssocial” que le discours médiatique construit autour de cette pandémie (Moirand, 2020, p. 213).

32 Em francês: “De plus, une pandémie s’étire sur un espace planétaire et un temps long: au fil du temps, le traitement médiatique de la pandémie se fragmente en *instants discursifs*” (Moirand, 2020, p. 215).

33 No original: C’est pourquoi l’impact des crises sanitaires récentes fait partie de la mémoire collective (et interdiscursive) des Français: Tchernobyl, le sang contaminé, la maladie de la vache folle ou ESB (*mad cow* ou BSE en anglais), les gripes H5N1 et autres gripes (grippe aviaire, grippe porcine), autant de noms d’événement, qui ont laissé des traces mémorielles [...]. Cela entraîne une certaine méfiance envers la parole de l’État, envers les décisions de l’État, et cela quel que soit le parti au pouvoir. Or la confiance est indispensable pour faire accepter les décisions de l’État [...]. (Moirand, 2020, p. 216)

como antes (Moirand, 2020, p. 236). Vimos que muitos hábitos, embora com menos desenvoltura, continuam, a exemplo do uso de máscaras e ausência de contato físico. Todavia, será que somos os mesmos? Como dito antes, provavelmente cabe aos pesquisadores futuros entenderem melhor esse período. Nossa tentativa é a de formular uma pesquisa que contribua para as interpretações sobre a pandemia por meio dos Estudos de Linguagens, em especial, por meio da Semiótica Discursiva. Cabe ressaltar que todos os níveis de Ciência (seja nas Humanidades ou nas Biológicas) ainda estão pensando sobre a pandemia, são conhecimentos em construção. Lembremos, por exemplo, que sequer existe um remédio específico destinado ao tratamento da Covid-19; e a principal forma, por ora, para evitar o avanço nos casos e também o surgimento de novas variantes do vírus é a vacinação, felizmente agora amplamente disponível.

Com inúmeros especialistas (virologistas, economistas etc.) sendo ouvidos pela mídia, Maingueneau (2021) pensou sobre uma quantidade enorme de informações surgindo a todo o momento e, muitas vezes, sem termos condições temporais mínimas de absorvê-las. Eram números de contaminados, de leitos ocupados, de leitos em falta, de mortos, de vacinados, de não vacinados: tudo com seus devidos gráficos, escalas, painéis. O autor chamou essa imensa quantidade de dados de *saturação discursiva* (Maingueneau, 2021). De acordo com o autor, isso significou uma profusão de informações (notícias, reportagens etc.) midiáticas extremamente exacerbadas:

[...] o acontecimento invade as mídias, mas também o conjunto da existência dos indivíduos, então os menores gestos da vida cotidiana são objeto de comentários minuciosos nas mídias: devemos lavar os legumes? Podemos tocar os botões dos elevadores? Que distância devemos manter uns dos outros? Quanto tempo o vírus sobrevive sobre o papel? sobre o metal? etc. (Maingueneau, 2021, p. 143)

Os apontamentos de Maingueneau (2021) corroboram para que pensemos a pandemia como *acontecimento* (nesse caso, em termos semióticos), pois, se saturou a sociedade de discursos sobre o novo vírus, é porque todos fomos pegos de súbito e precisávamos urgentemente de novos conhecimentos/saberes/attitudes que nos permitissem entender o que estava nos deixando espantados, confusos, perturbados. Foram informações dispostas em incontáveis gêneros a ponto de os sujeitos se sentirem sobrecarregados. A observação não tem a ver com o mérito das referidas informações – com extrema e evidente importância para a sociedade devido à relevância do assunto sem igual (pois atingia a saúde, bem-estar e o cotidiano de todos, direta ou indiretamente) –, mas com o que o autor entendia

como um excesso sem condições adequadas para absorção:

Num momento discursivo habitual, a produção de enunciados pode ser “intensa”, mas não saturar a totalidade do espaço midiático durante meses, como faz o coronavírus. A epidemia funciona como um tipo de buraco negro midiático que absorve toda a informação. (Maingueneau, 2021, p. 142)

Nada escapou ao coronavírus (principalmente nos anos de 2020 e 2021) como nem a luz escapa ao buraco negro. Não somente o planeta todo falava da doença, mas cada local em particular (cada país, estado, município, bairro e casa) devia falar sobre ela, pois ela (ainda que minimamente) incidia sobre todos os ambientes: “A pressão pela vulgarização à qual as mídias se esforçam por responder se explica pelo fato de que toda a população é afetada em sua existência cotidiana” (Maingueneau, 2021, p. 145).

Entre as grandes contribuições da noção de *saturação discursiva* está a observação de que um discurso de autoridade entrou em disputa (polêmica, enfatizemos) com outros membros da sociedade colocados historicamente em posições hierarquicamente inferiores perante a ciência. Com vários vídeos no *YouTube*, por exemplo, muitos negacionistas sem formação específica nenhuma tiveram maior visibilidade que médicos e enfermeiros que estavam em atividades envoltas pelo vírus e que percebiam sua real letalidade. Claro que esse fenômeno não surgiu nessa pandemia, mas ganhou proporções bem maiores. Além do vírus, essa percepção de que qualquer um teria direito a falar qualquer coisa e ser levado a sério era outro perigo para a sociedade, segundo Maingueneau (2021). O autor chamou essa condição de *contestação assimétrica*, assim definida:

De fato, faz um certo número de anos que os novos canais de difusão que oferecem as tecnologias digitais tornam possível uma contestação sistemática daquilo que poderíamos chamar de “Esfera autorizada” político-midiática, que afirma se submeter a normas: normas morais (recusa de discriminações, de injúrias, etc.), mas também normas intelectuais (verificação das fontes, conformidade com os protocolos científicos etc.). Essa contestação assimétrica se verifica nos próprios *sites* de informação, onde a superioridade da palavra do jornalista é constantemente questionada por sua associação com um número indefinido de “comentários” de origem indeterminada. Produz-se então um deslocamento do centro de gravidade: não é mais o artigo que importa, mas a relação entre o artigo e os comentários que suscita. (Maingueneau, 2021, p. 146)

Todas as questões levantadas pelo autor em seu artigo são endereçadas aos analistas do discurso, mas, tomando liberdade, entendemos que tais provocações devem ser voltadas a todos que lidam com as teorias da linguagem, ou com as atividades languageiras. Seria necessário perguntarmos se precisamos reajustar algumas de nossas categorias ou alguns de

nossos procedimentos. Acreditamos que sim, por isso, defendemos a tese de que a polêmica precisa de uma nova proposta tipológica. Afinal, não existem (ao menos não sempre) somente dois extremos num debate. Diante de algo tão abrangente (espacial e psicologicamente beirando o incompreensível) como se mostrou não só a pandemia, mas a polêmica que seu advento ajudou a (re)construir, (re)percutir e a (re)configurar, as ferramentas usadas para mensurar efeitos de sentido precisam ser, ao menos, revistas.

Tudo que foi dito e redito foi contestado. A pandemia intrigou mais estudiosos da linguagem. Seja por ela apontar novos objetos a serem analisados; seja por questionar as abordagens analíticas, digamos, mais tradicionais.

1.3.2 A pandemia como objeto da Semiótica Cultural

Na Europa, a Itália foi o país que mais sofreu com a pandemia, se considerarmos os números. Foi o primeiro a registrar altos índices de infecção e de mortalidade. O semioticista italiano Massimo Leone (2020) levantou hipóteses voltadas principalmente para a significação referente ao comportamento. O docente de disciplinas ligadas à Filosofia e aos Estudos de Linguagens nas Universidades de Turim (Itália) e de Xangai (China) refletiu sobre o uso da máscara protetiva.

Em “Semiótica da máscara facial médica: oriente e ocidente”³⁴, Leone (2020) discorre sobre uma viagem à cidade japonesa de Kyoto, antes da pandemia, em 2016. Lá, teve oportunidade de ver algo que considerou curioso: várias pessoas, “incluindo jovens” (Leone, 2020, p. 11), num trem usando máscaras médicas. O Japão havia sofrido, entre 2002 e 2004, uma série de grandes ameaças terroristas usando armas biológicas conhecidas como vírus sarin. Mal sabia ele que, alguns anos depois, aquela era a atitude que ele seria obrigado a adotar. Essa situação, unida à inclinação cultural japonesa, conforme o estudioso, fez com que as medidas restritivas no Japão fossem seguidas por mais pessoas e de forma mais rápida.

Leone (2020) faz um levantamento conciso do estado da arte sobre o uso de máscaras, desde a utilização por tribos africanas e etnias indígenas às usadas por profissionais como os médicos e enfermeiros. O autor afirma que a máscara é um objeto cujo estudo é desafiador para o semioticista. Inicia sua reflexão lembrando das pesquisas de Claude Lévi-Strauss³⁵, considerado pai da Antropologia Estruturalista, que observou a constituição das

34 Tradução nossa do título original “The Semiotics of the Medical Face Mask: East and West” (Leone, 2020).

35 Leone (2020) cita o livro Lévi-Strauss, Claude. 1975. La Voie des masques, 2 vols (“Les Sentiers de la création” 24, I-II). Geneva: A. Skira; Paris: diffusion Flammarion. Esgotada em 1981, a obra foi publicada como “A via das máscaras” no Brasil em 1971, em parceria entre as editoras Martins Fontes (brasileira) e Presença (portuguesa).

máscaras indígenas de três etnias do noroeste da América do Norte para lidar com a questão mais ampla do estilo na criatividade humana. Lévi-Strauss abordou a vestimenta numa perspectiva funcional, mais do que um mero dispositivo de significação ritualístico ou teatral (ponto de vista predominante sobre o tema em sua época), em vez disso, pensou em compreendê-la holisticamente, sem separação entre o ritualístico e o cultural circundante (o dia a dia); assim, formulou uma espécie de inventário tipológico das máscaras. Leone (2020) cita Umberto Eco. Mesmo este não tendo estudado as máscaras propriamente ditas, chegou a tecer comentários sobre elas. Para Leone (2020), Eco demonstrou que as máscaras seriam um exemplo de signos produzidos pela congruência e semelhança, por exemplo, de figuras geométricas: em que duas delas, de tamanhos próximos, podem ser encaixadas para caber umas sobre as outras e formar a máscara, ou texturas diversas podem nela se fundir.

Erving Goffman, lembra Leone (2020), já difundira no final da década de 1950 e início da de 1960 a ideia acadêmica de que o próprio rosto é uma espécie de máscara. Sendo assim, aquele autor entendia que a interação social deve ser estudada a partir de uma perspectiva dramatúrgica: daí, a teoria das faces.³⁶

De maneira parecida, mesmo antes da explosão da Semiótica nos anos 1970, Roland Barthes (1972 [1957]), um dos fundadores dessa disciplina (contemporâneo de Greimas), já havia enfatizado que o rosto mítico da artista Greta Garbo³⁷ só poderia ser entendido como uma máscara encarnando uma dialética tensão: de um lado um rosto platônico ideal; de outro, a substância de um rosto:

E, no entanto, neste rosto divinizado, algo mais nítido do que uma máscara está surgindo: uma espécie de relação voluntária e, portanto, humana, entre a curva das narinas e o arco das sobrancelhas; uma função rara e individual que relaciona duas regiões da face. Uma máscara nada mais é do que uma soma de linhas; um rosto, pelo contrário, é sobretudo a sua harmonia temática. O rosto de Garbo representa este momento frágil em que o cinema está prestes a extrair um existencial de uma beleza essencial, quando o arquétipo se inclina para o fascínio dos rostos mortais,

36 As proposições de Goffman dizem respeito a como as interações sociais se moldam de acordo com o contexto e as intenções dos falantes. Essas formulações são bastante utilizadas na área da Pragmática; em suma, a ciência que estuda os princípios de cooperação entre os falantes em um ambiente real de uso da língua (por exemplo, quando alguém comenta “está frio” em uma sala cujas janelas estão abertas, não está simplesmente constatando um fato, mas solicitando que alguém feche a janela). As contribuições de Goffman serão mais bem apresentadas por nós em “2.3.1 Polêmica pragmática: a teoria das faces e a teoria da polidez”. Com relação a Eco e Lévi-Strauss, também citados por Leone (2020), podemos dizer que: i) o primeiro é indicado como proponente de uma corrente semiótica calcada sobretudo na estética. Haja vista sua teoria da obra aberta, em que uma obra pode ter interpretações diversas a depender não só do contexto, mas da vivência e experiência da pessoa, que seria um leitor-modelo (ou seja, não real, mas idealizado); ii) o segundo é considerado o “pai da Antropologia Estruturalista” e foi influenciado pela leitura de Saussure, procurando aplicar às análises das culturas dos povos que visitava/estudava as premissas da linguística estrutural defendida por seu contemporâneo.

37 Greta Lovisa Gustafsson (1905-1990), conhecida como Greta Garbo, era uma atriz sueca bastante famosa no cinema norte-americano, tendo, inclusive, sido indicada a quatro prêmios Óscar.

quando a clareza da carne como essência cede lugar a um lirismo da Mulher. (Barthes, 1972 [1957], p. 57, tradução nossa)³⁸

Também citados por Leone (2020), os estudos de Alfred Gell em meio à sociedade umeda (de Papua Nova Guiné) foram considerados uma novidade. Para o antropólogo inglês, as máscaras são pensadas a partir de sua relação dialética com o rosto, de tal forma que o acessório transforma a identidade do rosto:

Num certo sentido, tudo o que as máscaras fazem é utilizar e elaborar certos “meios” expressivos que estão implícitos no uso cotidiano [...] onde, mais uma vez, os usos da vida cotidiana são retomados e modificados de diversas maneiras para fazer afirmações simbólicas. (Gell, 1975, 301-302 *apud* Leone, 2020, p. 4-5, tradução nossa)³⁹

De acordo com Leone (2020), os semioticistas e antropólogos por ele citados auxiliaram a modificar a forma como a ciência vê o trabalho de criação e de uso das máscaras. Elas deixam de ser materiais ritualísticos e passam a ganhar sentido de manifestação cultural. Segundo Leone, os autores por ele estudados:

[...] manifestam uma mudança de ponto de vista em relação às disciplinas que anteriormente tratavam de máscaras, ou seja, história da religião, religiões comparadas, história do teatro, folclore e antropologia. Ao se perguntarem sobre o que a máscara significa, essas abordagens muitas vezes negligenciariam uma questão que se tornou central, em vez disso, na antropologia estrutural e na semiótica: [os pesquisadores se perguntam] como a máscara significa? Essa mudança de ângulo levou também a outra grande renovação dos estudos na área. Concentrando-se na linguagem da máscara, e não apenas no seu simbolismo, os antropólogos, ao adotarem uma abordagem semiótica, poderiam ampliar seu foco e considerar tanto a máscara em si quanto um todo em série de “dispositivos de mascaramento” com função semelhante (como o véu, por exemplo). (Leone, 2020, p. 7, tradução nossa)⁴⁰

38 Do original: And yet, in this deified face, something sharper than a mask is looming: a kind of voluntary and therefore human relation between the curve of the nostrils and the arch of the eyebrows; a rare, individual function relating two regions of the face. A mask is but a sum of lines; a face, on the contrary, is above all their thematic harmony. Garbo's face represents this fragile moment when the cinema is about to draw an existential from an essential beauty, when the archetype leans towards the fascination of mortal faces, when the clarity of the flesh as essence yields its place to a lyricism of Woman (Barthes, 1972 [1957], p. 57).

39 Tradução nossa, a partir do original em inglês: In a sense, all the masks do is take up and elaborate certain expressive ‘means’ which are implicit in everyday usage [...] where, once again, the usages of everyday life are taken up and modified in various ways in order to make symbolic statements (Gell, 1975, 301-302, *apud* Leone, 2020).

40 Tradução nossa, a partir do inglês: [...] manifest a change of point of view in relation to the disciplines that had previously dealt with masks, that is, history of religion, comparative religions, history of theater, folklore, and anthropology. In inquiring about what the mask means, these approaches would often neglect a question that became central, instead, in structural anthropology and semiotics: how does the mask mean? Such a switch of angle led also to another major renewal of studies in the field. Concentrating on the language of the mask, and not merely on its symbolism, anthropologists adopting a semiotic approach could enlarge their focus, and consider both the mask per se and a whole series of “masking devices” with a similar function (such as the veil, for instance). (Leone, 2020, p. 7)

De forma reduzida, podemos dizer que Leone (2020) chegou à conclusão de que historicamente o uso do acessório remeteria ao medo⁴¹: quem usa máscara quer se esconder (um assaltante, um fingidor, um médico que remeteria involuntariamente à doença ou à própria morte⁴²). Porém, com o coronavírus, a máscara remeteria à segurança: quem usa quer se sentir seguro e quer manter o outro seguro, diminuindo as possibilidades de contaminação. É uma mudança semiótica, porque a significação do uso da máscara passa a ser outra, passa a causar outros efeitos de sentido.

No entanto, essa percepção não foi imediata. No início da pandemia, quem usava máscara era quem estaria contaminado ou convivendo com um contaminado: essa percepção, naquele momento, ocasionou medo também. Leone conta uma situação por ele vivida quando ia comprar alimentos e estava mascarado. Nesse momento, estava na França:

Eu parecia diferente com uma máscara. Eu parecia estranho; e eu também parecia potencialmente ameaçador, não só porque fui visualmente recebido como potencialmente doente num mundo de pessoas saudáveis, mas também porque a máscara facial, na semiótica cultural ocidental, é inevitavelmente associada à necessidade de esconder o rosto em público e, portanto, à circunstância de ter algo a esconder, uma ameaça. No Ocidente, antes da pandemia, apenas os ladrões usavam máscara em supermercados. (Leone, 2020, p. 18)⁴³

As máscaras possuem funções semióticas: como disfarce, indicial (indica uma identidade, como no caso de tribos africanas ou no teatro tradicional japonês), emotiva (como numa festa: o Carnaval, por exemplo). A máscara usada na pandemia rompeu as categorizações tradicionais sobre esse objeto:

A máscara facial médica difere da maioria das máscaras observadas pelos estudos antropológicos, sociológicos, psicológicos e semióticos sobre o tema. É uma máscara que não é usada em rituais, mas na vida cotidiana. Não se destina principalmente a modificar a identidade do rosto, mas a proteger o sistema respiratório. Não é usada por costume, mas por necessidade. (Leone, 2020, p. 9-10)⁴⁴

41 Abordaremos a paixão do *medo* mais profundamente no item “3.1 *Éthos* como princípio operador”.

42 Impressão bastante antiga, que remete, por exemplo, à época das pandemias de peste bubônica (também chamada peste negra), que matou milhares de pessoas na Europa (e teve seu auge no século XIV, mas com recorrências no século XVII). Naquela época, uma máscara com bico (parecido ao de um corvo) era usada pelos profissionais da saúde. Pensava-se, equivocadamente, que ela poderia filtrar o ar impuro. Imagens desse acessório podem ser vistas em gravuras desenhadas no século XVII, como a disponível no endereço eletrônico: <https://www.nationalgeographic.es/historia/2020/03/por-que-usaban-medicos-pestes-negras-mascaras-picudas> (acesso em: 15 mar. 2025).

43 Tradução nossa, a partir do original em inglês: I looked different with a mask on; I looked strange; and I also looked potentially threatening, not only because I was visually received as potentially sick in a world of healthy people, but also because the face mask, in the western cultural semiotics, is inevitably associated with the necessity to conceal one's face in public and, hence, with the circumstance of having something to hide, a threat. In the west, before the pandemic, only robbers would wear a mask in grocery stores. (Leone, 2020, p. 18).

Como a máscara passa a ser comumente usada, até por quem não é da área da saúde, ela torna-se um “dispositivo facial” mais corriqueiramente venerado que os óculos escuros em dia de sol, brinca Leone (2020, p. 10). Por isso, as práticas semióticas que envolviam seu uso também se modificam. Por exemplo: os surdos precisaram adaptar sua língua de sinais (para cuja gesticulação facial é importante); máscaras de tecido (de cores únicas, estampadas com flores, com escudos de times de futebol etc.) precisaram ser confeccionadas porque as de outros tipos ou eram caras demais para o público em geral ou incompatíveis com um uso diário.

Novos hábitos comportamentais foram instaurados na sociedade a partir do advento da pandemia. O uso da máscara foi um deles. Como foi a utilização do álcool em gel, como foi o toque de cotovelos em vez do aperto de mãos como cumprimento etc. Além de mudanças de hábitos comportamentais, podemos afirmar que foram mudanças de práticas semióticas, pois todo ato possuía uma significação diferente da costumeira.

Leone conclui sua observação apontando que a comunicação interpessoal se baseia na visualização do rosto e, quando a máscara o encobriu, as pessoas se viram diante de um segredo: quem está por trás daquele rosto? Não à toa muitas pessoas tímidas continuaram a usar as máscaras por um bom tempo depois do fim de sua obrigatoriedade.

Não foi somente sobre o uso da máscara que o semioticista italiano enveredou suas pesquisas. Com o aparecimento massivo de *fake news* relacionadas às medidas médico-sanitárias, Leone (2022) contribuiu para as observações sobre o assunto. Para ele,

Abordagens convencionais para verdade e falsidade, autenticidade e simulação, fato e ficção são cada vez mais insuficientes para lidar com os novos híbridos da comunicação digital. Uma sinergia sem precedentes entre as ciências naturais e sociais, acadêmicos e partes interessadas da sociedade, pesquisadores e artistas é necessária para avaliar o papel mutável da falsificação nas sociedades contemporâneas. (Leone, 2022, p. 106)

O falso perturba a relação entre presente, passado e futuro, isto é, deturpa uma memória (determinando desnecessariamente uma história como um fato traumatizante, por exemplo). Nesse caso, “exagera a presença do passado no presente, produz representações desviantes do que é, muitas vezes levando à paralisia ou à ação irracional” (Leone, 2022, p. 108). Isso tem muito a ver com a polêmica vivida em meio à pandemia, em que (veremos nas

44 Tradução nossa, do inglês: The medical face mask differs from most masks studied by the anthropological, sociological, psychological, and semiotic literature on the topic. It is a mask that is not used in ritual but in everyday life. It is not primarily intended to modify the identity of the face but to protect the respiratory system. It is not worn out of custom but out of necessity. (Leone, 2020, p. 9-10).

análises apresentadas no “Capítulo III”) muitos enunciadores usavam de estratégias linguístico-discursivas para angariar a opinião do outro exagerando quanto a uma total ausência de perigo ou a uma total permanência do perigo. E, também, o falso deturpa uma esperança quanto ao porvir, porque “uma imaginação exaltada, que exagera a presença do futuro no presente, também produz representações mórbidas do que é, levando a pensamentos e comportamentos igualmente irracionais” (Leone, 2022, p. 108).

As falsificações se configuram como elementos que modificam o senso comum e as práticas sociais. Como contar exatamente quantas pessoas não usaram máscaras porque o “gás carbônico que saía da boca e ficava ‘preso’ no tecido podia causar problemas sérios no cérebro”? Ou quantas não se imunizaram “porque as vacinas causavam autismo”?

O falso também é um vírus. A pandemia de Covid-19 foi também uma pandemia de falsas informações. Foi também uma pandemia da polêmica. Em uma entrevista concedida ao *site* italiano UnitoNews (da Universidade de Turim), Leone compara a pandemia do coronavírus a uma infodemia de *fake news*. Para o professor, na pandemia, precisávamos atender aos procedimentos sanitários não só para nos precavermos da doença, mas para protegermos os demais em nosso entorno. Da mesma forma, com relação às informações falsas, não bastava nos protegermos (checando as informações), mas proteger o próximo, evitando repassar dados sem confirmação:

Somos todos portadores da infodemia, e muitas vezes somos portadores saudáveis, no sentido de que nem sabemos que estamos espalhando *fake news*, e quando nos damos conta, se o fizermos, será tarde demais, já contagiamos centenas, senão milhares, com as nossas ideias. Precisamos de prudência no ouvir, mas também precisamos de prudência no falar ativo. (Leone, 2020, tradução nossa)⁴⁵

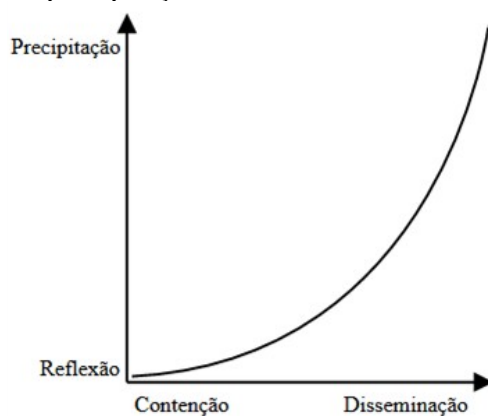
Nesse quesito, Leone (2020) complementa aquela visão de Maingueneau (2020), na medida em que este dizia existir uma saturação de informação, logo, pode, em meio a tantos dados, existir saturação de *fake news*. Embora a chamada Semiótica Cultural não embase diretamente nossas proposições, os apontamentos de Leone servem para entendermos como a pandemia modificou nossa conduta mediante tamanhas transformações sociais.

Como exercício tensivo, cabe a confecção de um gráfico a partir da citação anterior (de Leone, 2020). Tomemos a dimensão sensível como a “precipitação” (pois ela não requer “reflexão” para pensar sobre as notícias falsas que se recebe pelas redes sociais, por exemplo)

45 Tradução nossa, a partir do italiano: Siamo noi tutti i portatori dell’infodemia, e molto spesso siamo portatori sani, nel senso che nemmeno sappiamo di diffondere *fake news*, e quando ce ne accorgiamo, se ce ne accorgiamo, è troppo tardi, abbiamo già contagiato con le nostre idee centinaia di persone, se non migliaia. Occorre prudenza nell’ascolto, ma occorre prudenza anche nella parola attiva. (Leone, 2020).

e “Contenção” e “Disseminação” como os correspondentes na extensidade. Sendo assim:

Gráfico 1 - Relação entre precipitação em tomadas de decisões e disseminação de *fake news*



Fonte: Elaboração própria.

Observamos que há uma relação inversa porque quanto maior a precipitação em repassar a informação sem a correta checagem, maior é a disseminação de *fake news*. A correlação corrobora a afirmação de Leone (2020). Conseguimos observar o quão grave é não prestarmos atenção às opiniões/desinformações transmitidas sem o menor tipo de verificação seja com má intenção ou mesmo sem vontade de causar mal, como bem aponta Leone (2020).

Ainda observando comportamento e linguagem da população no período pandêmico, a doutora em Comunicação e Semiótica Fátima Aparecida dos Santos (2020) estudou a semiose do espaço público durante a quarentena. Comparando a multidão ao vazio, a pesquisadora traça um parâmetro entre o antes e o depois da diretriz. Além disso, expõe o que, para ela, seria o início das desavenças de opiniões durante a pandemia. Recuperando reportagens e dizeres das manifestações de rua promovidas em 2013 contra o então governo de Dilma Rousseff, a pesquisadora afirma que elas foram o estopim da polêmica durante o governo de Bolsonaro:

[As manifestações de 2013] oportunizaram uma espécie de mapeamento da multidão a fim de selecionar o grupo asséptico que depois formou as manifestações que derrubaram a presidente Dilma e, hoje, podemos dizer que deram luz a uma direita ultra conservadora que elegeu Bolsonaro. (Santos, 2020, p. 5)

A autora diz que aquele momento foi o embrião do que denominou de “código discreto da multidão” (Santos, 2020, p. 5), isto é, não mais um conjunto de subjetividades coletivas, mas uma massa: “A multidão que antes parecia indistinguível agora pode ser recombinação, requalificada, reorganizada, cumprindo um papel não de reivindicação

espontânea, mas sim fabricada por meio de algoritmos” (Santos, 2020, p. 5-6). Assim, usam-se tecnologias da informação (*bigdatas*, *bots*, algoritmos) para alcançar inúmeros militantes. E essa massa é moralmente comprometida, segundo a autora, pelo interesse que “anseia com todas as suas forças [...] expurgar de si todos os diferentes” (Santos, 2020, p. 5). Essa formulação corrobora nosso pensamento de que a polêmica se distende de contendas anteriores, com carga de ressentimentos relacionados a divergências de opiniões extremistas, sobremaneira, no campo político.

Santos (2020, p. 5) fala em “multidão”, característica que nos remete ao *actante coletivo*, conceito cunhado por Greimas e Landowski (1981 [1976]) quando analisavam o discurso jurídico: “[...] a sociedade é realmente um objeto do discurso, ou seja, uma ‘entidade’, mais do que isso, uma ‘pessoa moral’” (Greimas; Landowski 1981 [1976], p. 84). Ao que complementam: “Em Semântica [Semiótica], tais objetos discursivos são chamados *actantes*” (Greimas; Landowski 1981 [1976], p. 84, grifo dos autores). Quanto ao caso específico do actante coletivo, os semioticistas esclarecem: “Neste caso, diremos que se trata de *atores* que, por seu comportamento típico, representam *actantes* correspondentes, mas ‘que se distinguem destes por uma *ancoragem histórica* específica’” (Greimas; Landowski 1981 [1976], p. 84, grifos dos autores). Embora estudem as pessoas jurídicas, as noções de Greimas e Landowski (1981 [1976]) se mostram pertinentes para quaisquer grupos sociais, porque:

[...] a possibilidade de construção de actantes coletivos depende de nossa faculdade geral de imaginar diferentes modos de existência de “seres quantitativos”, de conceber, no *continuum* do mundo, diferentes recortes em unidades e totalidades descontínuas, sendo justamente unidade e totalidade categorias universais que tornam possível semelhante recorte. (Greimas; Landowski 1981 [1976], p. 85, grifo dos autores)

Sendo *continuum*, os actantes coletivos são seres, digamos, quantitativos. Quando no nível discursivo, são um *ator coletivo*. É esse tipo de ator que Santos (2020) enfatiza. Podemos afirmar que, pelo viés da Semiótica Discursiva, os manifestantes apontados pela autora formam um *actante coletivo* e estão amarrados por uma *ancoragem histórica específica*, as disputas políticas que tomaram as ruas do país em 2013.

Quanto à significação alterada pelo vazio como contraponto à multidão de antes, Santos exemplifica seu posicionamento por meio de imagens de pontos do mundo durante a quarentena: a praia de Copacabana, no Rio de Janeiro, e Meca, na Arábia Saudita, vistas de cima. Ambos os espaços reconhecidos pela multidão que os visita, mas que, naquele momento, estavam vazios:

[...] a Praia de Copacabana vazia [...], com o mar que outrora foi azul agora escuro, não se vê o sol, não se veem os guarda-sóis, apenas a areia contornando o mar, fragmento de quiosque e parte da avenida vistos de cima. [...] vemos a monumentalidade de uma Meca, livre inclusive de fragmentos da natureza, desprovida de cores, de céu, mas também de fiéis, restando uma grande maquete cinza em escala 1 por 1, cujo significado para o mundo islâmico se traduz também na constante peregrinação de fiéis [...]. (Santos, 2020, p. 10-11)

Para a autora, existe “uma limitação da leitura dos sentidos” (Santos, 2020, p. 12), ou seja, apesar de as imagens da praia e da cidade sagrada para o Islamismo vazias permitirem pensar espacial e temporalmente aquele ambiente, não haveria possibilidade de capturar os sentidos por intermédio de um observador. Assim, seria muito difícil (ou mesmo improvável) um efeito de dimensionalidade e de temporalidade mediante a inexistência essencial de um enunciador. É por isso que as imagens são de drones, e isso não é o mesmo que estar lá: “A multidão que ora foi o refúgio do flâneur agora reivindica a normalidade de uma vida que por enquanto mostra a sua fragilidade ao ser acuada por um inimigo invisível” (Santos, 2020, p. 12).

É uma tentativa de pensar sobre um tipo de semiose do espaço, ou semiose da cidade. Embora a autora não esclareça, quando comenta que a multidão era refúgio do *flâneur*, o vocábulo francês pode aqui ter, nos parece, dois sentidos: o ‘observador’ explicado como ausente; o ‘andarilho’, que, de forma errante podia andar para todos os lados e naquele momento estava impossibilitado de sair para o espaço público, praias ou centros religiosos.

1.3.3 A pandemia como objeto da Semiologia e da Sociosemiótica

Denis Bertrand e Ivan Darrault-Harris (2021) analisam por meio de uma ótica que chamaram de semiologia e etossemiótica as “perturbações causadas pela pandemia” (Bertrand; Darrault-Harris, 2021, p. 321). Os estudiosos se propuseram a pensar a respeito da proliferação de discursos *novos* advindos com o *novo* agir em sociedade, bem como a cogitar como seria o “mundo de depois” (Bertrand; Darrault-Harris, 2021, p. 322), ou seja, quando o fim pandemia fosse decretado pelas autoridades competentes.

Mesmo não tendo ideia de que a pandemia transcorreria por mais de três anos, os autores tinham em mente a probabilidade de ser algo duradouro e, como qualquer evento de extenso tempo, ressoou sobre a própria língua/linguagem, tanto pelo surgimento repentino de novos termos (cuja assimilação precisa ser rápida para que demos conta de lhe conferir sentido) quanto pelas próprias mudanças de atitude necessárias para o convívio em sociedade se adaptar às novas regras.

As palavras influenciam os comportamentos e determinam reajustes de atitudes relacionais. É por isso que propomos aqui algumas reflexões em dois tempos: primeiro de ordem semiolinguística, centradas nas palavras e nos discursos, e depois de ordem etossemiótica, centradas nos comportamentos que induzem. (Bertrand; Darrault-Harris, 2021, p. 323)

Os autores afirmam ter presenciado nesse período uma “flutuação de gênero”, um “abalo da esfera actancial”, uma “proliferação actancial do antissujeito” e uma “crise veridictória” (Bertrand; Darrault-Harris, 2021, p. 324-329).

No primeiro caso, comentam sobre a dúvida que pairava no ar quando do surgimento da doença e as pessoas não sabiam definir se a chamavam *o* covid ou *a* covid. Comparando textos disponíveis nas diferentes mídias (de programas de rádio e televisão a *sites* de notícias), chegam à conclusão de que o assunto colocado em discussão não tem consenso. Trata-se, a nosso ver, de mais uma prova da polêmica investida no período. Os pesquisadores indicaram que, em um mesmo programa, chama-se a doença por ambos os gêneros, às vezes, essa postura vem de um mesmo enunciador (um mesmo jornalista ou um mesmo médico, por exemplo). Para os autores, essa flutuação de gênero masculino ou feminino para definir a nova doença seria primeiramente um sinal de uma apropriação fraca de uma prática enunciativa diferente. Todavia, defendem existir uma vigilância sobre a língua que tem a ver com as questões de dominação sexual, num mundo machista. Sendo assim, a manutenção temporal da bivalência no ato de nomear a nova doença demonstraria também haver uma força social para determinar doenças com nomes femininos; portanto, ainda que as nomeações sejam aparentemente comuns de dois gêneros, o artigo predileto nesses casos pela população machista seria o feminino *a* Covid-19. Para Bertrand e Darrault-Harris:

A sombra de Eva, a mulher pecadora, pairaria sobre as atribuições de gênero das palavras? Vejamos, então, o caso de *la vache* [a vaca]. Quando ela se transforma em carne, torna-se uma palavra masculina: é *le boeuf* [carne de vaca; carne bovina]. E se, na verdade, o comemos, na maioria das vezes, sob o nome de *la vache*, pedimos invariavelmente um “*steak de boeuf*” [um bife de carne bovina], selado, mal passado ou ao ponto. O masculino vem, de certa forma, enobrecer *la vache* ao colocá-la no prato. Porém, quando essa mesma carne sofre de uma patologia viral, potencialmente contagiosa, é então o feminino que retoma o seu lugar: denominamos “*vache folle*” [vaca louca] (“*le boeuf fou*” [a carne louca] pareceria incoerente para os falantes da língua francesa). (Bertrand; Darrault-Harris, 2021, p. 325, grifos dos autores)

A partir dessa reflexão, os autores indicam que a disputa entre os gêneros é um embate em nível actancial, com envolvimento de papéis antagônicos. Novamente, a nosso ver, característica também definidora de uma polêmica. Dessa forma, então, os autores preferem o

termo no masculino e, para eles, o Covid é: “Em sua transposição linguageira, [...] apreendido como actante. Entre as figuras actanciais disponíveis, o Covid aparece como o protótipo do antissujeito” (Bertrand; Darrault-Harris, 2021, p. 326).

Além de modificar a linguagem, o coronavírus transformou nosso cotidiano, alterando nossa percepção sobre este mundo. A ponto de, segundo os autores, transformar algo positivo em negativo. Na verdade, nesse ponto, entendemos que não há novidade, pois se trata de uma característica vinculada a qualquer exame para qualquer doença. Afinal, quando se testa *positivo*, essa indicação é um *sim* para a existência do micro-organismo causador da enfermidade e, quando se testa *negativo*, indica-se *não* presença. A ênfase que os autores dão ao que chamaram de troca de sentido nesse caso, em nossa forma de entender, não difere de outras doenças. Trata-se de um paradoxo ao qual, digamos, a sociedade já está acostumada: positivo para coronavírus é ruim e negativo é bom, como para qualquer outro micro-organismo causador de doenças.

Os autores alertam ainda que o papel do destinador também é modificado, há uma perturbação narrativa do contrato à sanção. Usam o exemplo de turistas chegando à França quando as viagens eram permitidas. Esses viajantes assinavam uma documentação se dizendo livres de sintomas, assim, eles mesmos eram os responsáveis pelo contrato (assinavam) e pela sanção (se não estivessem dizendo a verdade, procurariam um médico e as autoridades). Os autores apresentam seu ponto de vista sobre essa atitude:

Dessa forma, os viajantes, por exemplo, que chegam à França vindos de um país que não pertence à Comunidade Europeia devem preencher no aeroporto um “Engagement sur l’honneur à se soumettre aux règles relatives à l’entrée sur le territoire métropolitain” [“Compromisso de honra para cumprir as regras relativas à entrada em território metropolitano”]. Aquele que o assina declara três vezes sob “compromisso de honra” estar livre de sintomas – não tossir, não sentir falta de ar etc. –, declara “não ter conhecimento de ter tido contato com um caso confirmado de Covid-19”, e se compromete, por sua “honra”, a “se isolar durante sete dias” e a “se submeter a um teste de rastreio virológico ao final desse período”. (Bertrand; Darrault-Harris, 2021, p. 327-328)

Para Bertrand e Darrault-Harris (2021), o viajante enquanto sujeito era também seu próprio destinador. Todavia, nos parece, novamente, algo não muito condizente com a realidade, tendo em vista que a instância que obrigou o viajante a assinar esse termo é o governo. Então, narrativamente tratando a situação, é o governo quem seria o destinador responsável pelo contrato. Ele faria o sujeito viajante assinar o termo (até porque, se não assinar, não entra e é só o governo quem pode efetivar essa sanção).

Uma indicação interessante feita pelos pesquisadores é a proliferação de actantes e antissujeitos. Cada nova variante do vírus era um novo antissujeito. Um novo ator que poderia ocasionar novas moléstias e, assim, passaram a causar, também, novos efeitos de sentido (mais medo, mais curiosidade etc.) na população.

Essa instabilidade de actantes ocasionou também uma crise veridictória. Na medida em que a relação veridictória convoca as relações entre ser e parecer, num ambiente polêmico – como entendemos ter sido a vivência em meio à pandemia – os defensores de determinado ponto de vista precisavam parecer verdadeiros e, assim, apelavam a certas estratégias muitas vezes escusas, como sugerir medicamentos (a hidroxicloroquina, por exemplo) não indicados para tratamento da Covid-19. Por ser um remédio e haver um médico por trás da indicação, muitos cidadãos consumiram o produto sem eficácia comprovada. Como lembram os autores:

O episódio do Covid nos faz passar por esta experiência cruel: a de que a “verdade” tenha desaparecido em mil e uma facetas caleidoscópicas da veridicção e que seja apenas uma das variáveis socioculturais entre as outras e no mesmo nível delas. Todos os motivos (no sentido etnossemiótico do termo) que marcaram o período – as máscaras, os testes, o episódio de Raoult e a hidroxicloroquina, as vacinas, as variantes – foram palco de variações veridictórias inéditas, amplificadas pela câmara de eco midiática e que permitiram à dúvida reinar soberana no espaço sociopolítico. (Bertrand; Darrault-Harris, 2021, p. 330)

Bertrand e Darrault-Harris (2021) concluem afirmando que, no contexto pandêmico, não apenas estivemos diante de perturbações comportamentais diversas, mas fomos confrontados com outras crises, como as veridictórias. Lembremos, neste ponto, o que já explicamos na “Introdução”: que, por meio das relações de contrariedade e de contraditoriedade, Greimas e Courtés (2021) determinaram as modalidades para um crer-verdadeiro (quando algo ou alguém é e parece ser, há uma verdade; quando, parece ser, mas não é, há uma mentira; quando não é e não parece, há uma falsidade; e, quando é, mas não parece, há um segredo). Essa esquematização é o que se denominou chamar de quadrado veridictório. Dito isso, é preciso que rememoremos também outro trecho explicado na “Introdução”: as mudanças no quadrado veridictório sugeridas por Barros, Demuru, Gomes e Mancini (2025). Esses autores propõem que entre a verdade e a mentira há um espaço gradual de possibilidades de sentido e explicam semioticamente como uma informação pode não só ser mentirosa, falsa, verdadeira ou secreta, mas pode até mesmo parecer muito verdadeira (mesmo sendo mentirosa) ou parecer muito mentirosa (mesmo sendo verdadeira) (Barros; Demuru; Gomes; Mancini, 2025).

Nesse sentido, vale lembrarmos de quando Greimas e Courtés (2021) afirmam que entre as preocupações da Semiótica não está “o problema da verdade, mas o do dizer-verdadeiro, da veridicção” (Greimas; Courtés, 2021, p. 530). Para Bertrand e Darrault-Harris (2021), é necessária uma reinterpretação desse quadrado: é preciso uma “profunda e progressiva recategorização – do sensível, das relações, das concepções – enfim, de tudo que constitui nosso mundo, tudo o que dá a ele um sentido narrativo e sensível” (Bertrand; Darrault-Harris, 2021, p. 337).

No campo da Sociossemiótica, Eric Landowski (2021) discute sobre o advento do coronavírus e faz uma analogia com a distinção entre encontros imprevistos e premeditados:

Em semiótica [sobremaneira na abordagem Sociossemiótica], chama-se “acidente” o que acontece quando dois percursos inteiramente independentes se cruzam – por exemplo quando uma telha, que deverá um dia cair do telhado, se descola, por má sorte, justo no momento em que um passante se encontra na sua trajetória. Certo, há também catástrofes premeditadas, como quando um pirotécnico programa uma bomba para explodir na hora da passagem do trem. Mas em ambos os casos o que se passa de notável se reduz ao choque de dois elementos que têm efeito um sobre o outro apenas no instante mesmo de seu encontro, ou somente a partir deste instante. Nesse sentido, essas são puras coincidências, fortuitas ou programadas. Ocorre diferentemente quando se entrecrocaram dois exércitos, duas equipes de futebol ou dois jogadores de xadrez. Ao invés de pôr em relação forças cegas cujos trajetos se cruzam por acaso ou por razões que elas ignoram, seu encontro se desenrola à maneira de um diálogo estendido no tempo, feito de golpes e de contragolpes que se respondem, de truques, ameaças e respostas refletidas que supõem uma grande atenção recíproca, formas de reconhecimento, de compreensão e mesmo de sensibilidade entre os protagonistas. Por convenção terminológica, nós diremos que da *co-incidência* aparentemente sem sentido, passa-se então a *inter-ações* complexas e carregadas de sentido. (Landowski, 2021, p. 88-89, grifos do autor)

A partir dessa diferenciação, o autor reflete sobre o momento pandêmico, as reações e variações de sentido em meio à sociedade ocasionadas pelas conversas e tomadas de decisões quanto ao vírus. Tendo o vírus de um lado e os humanos do outro, estaríamos em uma situação de coincidência ou de interação? Para ele, a hipótese de coincidência seria a mais difundida. Nesse caso, o advento do vírus e os percalços que nos causou seriam aleatórios. Porém, isso seria o mesmo que atribuir um não-sentido a essa aparição: “[...] ou bem assumimos o que pode parecer o *não-sentido* [...], ou bem construímos o sentido das interações [que] permitem compreender sua presença entre nós. A crise sanitária é, também, uma crise *eco-semiótica*” (Landowski, 2021, p. 89, grifos do autor).

Por esse prisma, o micro-organismo é um inimigo voraz. Tendenciando-nos a passarmos de um processo do *acidente* para a *programação*, uma tentativa de encontrarmos sentido e ditarmos as regras, digamos: como uma busca por remédios (ainda que inócuos,

como vermífugos consumidos aos montes). Como pouco se sabia sobre o novo vírus, o foco para controlar sua disseminação foi a vítima: a sociedade como um todo. O comportamento da população foi o alvo: “use máscara”, “fique em casa”, “higienize as mãos” foram algumas frases mote de prescrições médico-sanitárias. Nesse ponto, nos parece, o autor “surfou” na mesma onda temerária de uma postura governamental exacerbada que Agamben. Há certo exagero de Landowski quanto às posturas: da imprensa que noticiava “[uma] psicose obsessional que se espalha como se fosse um segundo contágio alimentado pela mídia” (Landowski, 2021, p. 92); e dos governos que implementavam o distanciamento social: “Não há dúvida de que a nova ordem que se anuncia será fundada sobre uma legitimidade de inspiração cívico-higienista” (Landowski, 2021, p. 92). Entretanto, faz também reflexões mais ponderadas; como na citação a seguir, em que o francês, que constantemente está em nosso país, usou seu conhecimento do local para exemplificar sua opinião:

No Brasil, como em outros países “emergentes”, para milhões de habitantes, a “escolha” é entre arriscar a vida, quer ficando confinado em bairros onde reina a pior promiscuidade, quer fazendo um trabalho “informal” tanto mais exposto quanto mais é precário. (Landowski, 2021, p. 93)

Se essa postura de entender o vírus como uma “coincidência” (um surgimento aleatório) causa problemas, a oposta não está longe desse mesmo destino: “[...] o ‘agressor’ é considerado como um elemento vindo de um mundo outro do que o nosso, um mundo totalmente alheio” (Landowski, 2021, p. 95). Ambas as visões foram durante muito tempo levadas em consideração, mas se mostraram mais à frente imprecisas. Landowski atentava-se para essa possibilidade: “É provável que nenhum desses pontos [...] seria contestado pela maioria dos pesquisadores que atualmente trabalham para tornar esse vírus um objeto de estudo científico” (Landowski, 2021, p. 95). Por entendermos que a ciência está sempre em processo, afirmamos que os estudos sobre a pandemia e sobre a polêmica que a envolveu é uma história *ainda* se fazendo, pois *ainda* estamos sob seus efeitos.

Entre os estudiosos brasileiros, podemos indicar artigos de Yvana Carla Fachine de Brito, professora titular do Centro de Artes e Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Com base nos regimes de interação de Landowski, a semioticista analisa principalmente enunciados de políticos. Em “Uma dinâmica interacional complexa” (Fachine, 2021), publicado pela *Revista Acta Semiótica*, a autora assume “como pressuposto que a manipulação é, por excelência, o regime que sustenta as interações dos políticos com seus eleitores” (Fachine, 2021, p. 263) para estudar postagens do então presidente Bolsonaro

no *Facebook*[®] a respeito de situações que envolviam a pandemia e visava a discutir o motivo pelo qual, ainda que demonstrasse descaso para com a saúde alheia (aglomerava, não usava máscara, não se vacinou, defendeu uso de remédios não indicados para tratar a Covid etc.), continuava sendo ovacionado por muitas pessoas. Para ela, existiu um tipo de “contágio estésico”⁴⁶ (Fechine, 2021, p. 264), ou seja, um tipo de contato próximo entre o político e seu eleitorado que não estava diretamente ligado à lógica, mas a algo passional, pois esse tipo de contágio “não depende de argumentos ou promessas eleitorais (contratos), e sim de um *estar junto*, de um *sentir-se junto* (contato), de um modo de presença de um ao outro” (Fechine, 2021, p. 264, grifos da autora). De acordo com a semioticista, o chefe do Executivo utilizou de diversas formas de regimes de interação visando persuadir seu eleitorado:

Podemos, por esse caminho, tratar de uma *manipulação por ajustamento*, de uma *manipulação por assentimento*, de uma *manipulação por programação* e, como não podia deixar de ser, da manipulação “pura”, por si só. A descrição de cada uma das configurações que resultam dessa conjugação de regimes depende, no entanto, da alternância paradoxal dos papéis assumidos pelo chefe de Estado. De acordo com o que é mais conveniente para seu “cálculo” eleitoral, ele comporta-se ora como “presidente”, ora como “não presidente”. Como se elegeu posando do político “antissistema” e “contra tudo que está aí”, ele não hesita em desconsiderar, quando lhe é conveniente, o cargo que ocupa, seja opondo-se às medidas impopulares do seu próprio Governo, seja culpando os demais poderes ou governantes. É nesse jogo de papéis, sustentado por procedimentos deliberados de desinformação, que Bolsonaro lastreia essa complexa dinâmica interacional com seus apoiadores. (Fechine, 2021, p. 265-266, grifos da autora)

Quando agia como presidente, ia para a frente da câmera e dizia coisas como “o Brasil não pode parar”, para que as pessoas saíssem de suas casas durante o isolamento social. Quando não, usava as redes sociais (com seus robôs) para enviar comentários em massa aos apoiadores. Existira, ainda, um papel de alguém que estaria sempre na defesa da população:

Coloca-se no lugar do “pai de família” impedido de garantir o sustento da família porque as medidas de distanciamento social provocaram a paralisação das atividades econômicas. Expressa sua solidariedade com os pequenos comerciantes, prestadores de serviço autônomos, vendedores ambulantes e com várias outras categorias de trabalhadores informais que perderam renda durante a pandemia. Apesar das recomendações de distanciamento social, o presidente investiu, ao longo de toda a pandemia, no contato direto e no “corpo a corpo” com populares. Sem máscaras, abraçando ou apertando a mão de eleitores, ele visitou áreas de comércio informal, frequentou padarias, lanchonetes, lojas e postos de gasolina. (Fechine, 2021, p. 268)

46 A Sociossemiótica de Landowski (2014) denomina *contágio* o procedimento de interação profunda entre os actantes, quando eles atuam uns sobre os outros. Uma presença *contagiosa* se daria, por exemplo, por meio do que na Semiótica Tensiva chama-se afeto (emoção, sentimento etc.).

Esse estudo de Fechine é importante para demonstrar que os regimes de interação propostos originalmente por Landowski são possíveis de uma intercalação. Eles podem surgir por meio de relações englobantes (um regime se sobrepondo a outro ou mesmo trabalhando em conjunto), dessa forma, formariam uma “*interação complexa*” (Fechine, 2021, p. 265, grifos da autora).

1.3.4 A pandemia como objeto da Semiótica Tensiva

Preocupada com a responsabilidade de todos nós diante de tamanhas mudanças no período pandêmico (não disseminar *fake news*, atender às normativas etc.), a semioticista brasileira Oriana de Nadai Fulaneti (2020) analisou algumas campanhas de prevenção à Covid-19 veiculadas no País, para tentar entender a concepção de responsabilidade. A pesquisadora propôs um encontro teórico entre a filosofia de Frédéric Gros (2018) e a Semiótica Tensiva de Zilberberg (2011).

Ela entende o conceito de *responsável* a partir do pensamento de Gros, para quem consiste em alguém que “toma iniciativas, arbitra, aceita os compromissos, antecipa as consequências, busca acordos, equilíbrios, manipula as paixões e as imagens” (Gros, 2018, p. 186). Haveria quatro tipos de responsabilidade: integral, infinita, absoluta e global.

Também chamada de responsabilidade do erro, a integral é aquela cujo sujeito se vê diante de uma instância superior. É como se ele fosse convocado a se justificar sobre seus atos. Seria algo como prestar contas a Deus, conforme exemplifica o filósofo:

Para explicá-la, represento-me a antiga imagem do tribunal dos mortos, fazendo surgir a arcaica e angustiante certeza de que um dia será preciso prestar contas do conjunto de nossas manobras, mesmo e sobretudo as mais secretas, prestar contas da integralidade de nossos atos e até de nossos pensamentos. Há, em primeiro lugar, proporcionada por essa imagem da balança, uma grade de leitura evidente e estritamente dualista. Sopesam-se o bem e o mal, o vício e a virtude, o justo e o injusto. (Gros, 2018, p. 186)

A responsabilidade integral, também chamada responsabilidade do acontecimento, tem a ver com o inesperado. Nesse caso, Fulaneti (2020) faz uma correlação com o acontecimento de Zilberberg (2011):

A *responsabilidade integral* relaciona semioticamente um *sujeito* a um *objeto*, um destinador de si que planeja um ato, realiza-o e responde por ele. Trata-se de uma abordagem predominantemente terminativa, envolvendo a sanção das próprias ações. Responsabilidade, nesse caso, associa-se às modalidades do *querer* e/ou do

dever e principalmente ao grande *destinador julgador* a quem se prestará contas no final. (Fulaneti, 2020, p. 6291, grifos da autora)

Para Gros (2018), em meio a acontecimentos como tristezas e mesmo felicidades extremas, não temos como controlar o que ocorrerá. É o que aconteceu com o advento da Covid-19. Foi demasiadamente inesperado. Todavia, cabe a nós, com o passar dos dias, darmos conta de qual sentido configuraremos a toda nova situação, afinal:

Não controlamos o curso das coisas. As doenças e as riquezas, a felicidade de nossos próximos ou os sucessos pessoais, nossa reputação e os reconhecimentos sociais, os prazeres e os desprazeres, tudo é tomado em séries causais tão complexas e ramificadas que se torna absurdo pensar que a liberdade possa ser empenhada, autenticada ou desqualificada nesse entrelaçamento de acidentes. O que depende absolutamente da minha responsabilidade, em compensação, é o *sentido* que darei ao que me ocorre. Como vou qualificar os acidentes da existência, que nome lhes dar? Infortúnio imenso ou pecadilho, provação de minha energia ou drama atroz, rasgo minúsculo no imenso tecido das vicissitudes humanas, fatalidade superior, injustiça indigna ou ocasião dada à minha coragem, minha constância? Sou eu *absolutamente* que decido. (Gros, 2018, p. 186-187, grifos do autor)

Com ressalva para o “absolutamente”, nos parece que o sentido, ou melhor, os efeitos de sentido, são de fato de responsabilidade dos envolvidos na enunciação. Nesse caso, a responsabilidade integral, semioticamente falando, tende a ser um conjunto de valores determinando o sujeito a *querer fazer* ou *dever fazer*. Assim, por exemplo, compete ao sujeito *querer* usar a máscara ou *não querer* usá-la, *querer* se vacinar ou *não querer* se vacinar.

Quanto à responsabilidade infinita, ou responsabilidade do frágil, Gros comenta que há uma atitude perante alguém considerado mais fraco. Se, na responsabilidade integral, o sujeito imaginava-se diante de um ser superior, agora, estaria diante de um inferior: “Desta vez, estou na presença de um ser vulnerável: uma criança frágil, um próximo carente, um anônimo aos prantos. Esses encontros se impõem a mim” (Gros, 2018, p. 188).

Nesse sentido, existe um viés de confronto nas responsabilidades, como explica Fulaneti: “No caso da responsabilidade integral, o seu oposto, o irresponsável, é aquele regido pelo programa polêmico, que responde por valores contrários” (Fulaneti, 2020, p. 6291). Por exemplo, para o grupo que pensa na saúde alheia, o uso de máscara era essencial. Aqueles que a usavam eram os responsáveis e os irresponsáveis os individualistas que, pensando somente em si mesmos, evitavam o uso.

Quarta e última responsabilidade, a global (ou do mundo) diz respeito à reciprocidade, à empatia. Somos simultaneamente responsáveis pelo nosso bem-estar e pelo bem-estar do outro. Nas palavras do filósofo francês:

É a ideia de que somos solidários das injustiças produzidas por todo lado. Solidários no sentido em que não é possível, *num certo nível de ser*, fazer como se elas não nos dissessem respeito. Há sempre alguma ponta pela qual somos ligados a ela; algo do sentido, do destino da humanidade à qual pertencemos decide-se aí. Impossível, então, ficar indiferente, impossível fazer como se o afastamento geográfico, a distância social, a impotência política pudessem nos isentar de reagir. Recorrer a uma neutralidade soberana (isso não me interessa, não é problema meu, não quero tomar partido...) é ocultar a si mesmo a evidência esmagadora dessa responsabilidade global. Pois trata-se exatamente disto: ocultar-se, cegar-se, *não querer* ver ou saber, ficar à margem. (Gros, 2018, p. 187-188, grifos do autor)

Vimos que existem características bastante semióticas na filosofia de Gros. Mais precisamente, podemos indicar uma clara preponderância para o contato entre o *Eu* e o *Outro*, de onde inferimos que podem existir correlações com a Sociosemiótica de Landowski, sobretudo, em “Presenças do Outro” (2012). O tema não foi abordado por Fulaneti, que preferiu indicar as correlações com a Semiótica Tensiva de Zilberberg (2011). Concordamos com sua postura, acompanhando o entendimento de que há uma gradação de responsabilidades entre os atores envolvidos na pandemia.

Primeiramente, a Semiótica Discursiva desenvolveu um estudo voltado para a narratividade olhando o sujeito de *estado* transformado em sujeito do *fazer*. Depois, partiu para uma leitura voltada às paixões e, mais recentemente, voltou-se para os estudos das gradações das dimensões sensível e inteligível, por meio da tensividade proposta por Zilberberg (2011). O cerne passa a ser um sujeito do *sentir*. Assim, é o *acontecimento* e suas consequências que interessam ao analista. O *acontecimento* é um evento de impacto sensível que surpreende o sujeito, o toma de assalto, desprovendo-o de possibilidades reativas. É um sujeito do sobrevir:

Dito de modo familiar: *quando a coisa acontece, já é tarde demais!* O acontecimento não pode ser *apreendido* senão como algo afetante, perturbador, que suspende momentaneamente o curso do tempo. Mas nada nem ninguém conseguiria impedir que o tempo retome seu curso e que o acontecimento entre pouco a pouco nas vias da potencialização [...]. (Zilberberg, 2011, p. 169, grifos do autor)

Dessa forma, existe um caráter concessivo (contrário à lógica implicativa) que tira o sujeito de seu centro de razão. Nesse caso, *acontecimento* (evento intransigente na vida do sujeito) é contrário ao *exercício* (já parte do cotidiano do sujeito). Dessa maneira, pode-se traçar um parâmetro entre a filosofia de Gros e a Semiótica Discursiva. Isso é possível porque, para Gros, a *responsabilidade* dota o ser de *subjetivação*, possibilitando estudar o homem não somente do ponto de vista ontológico, mas, sobretudo, do ponto de vista discursivo e narrativo. Um exemplo disso é o que Fulaneti (2021) faz com a correlação entre o acontecimento/exercício e a responsabilidade absoluta:

Semioticamente, a responsabilidade absoluta representa o programa narrativo construído após o acontecimento, uma incoatividade decorrente de uma terminatividade. Ela ocorre quando o sujeito, após uma experiência impactante, de imersão na falta de sentido, volta a se tornar o sujeito da espera e retoma o planejamento por meio de estratégias. A irresponsabilidade, nesse caso, seria construir uma narrativa que amenizasse ao máximo o impacto do evento, procurando negar o seu caráter de acontecimento e apresentá-lo como uma atividade banal, rotineira, um *exercício*. (Fulaneti, 2021, p. 6292, grifo da autora)

Nesse ponto, cabe lembrarmos a breve polêmica que trouxemos em “1.1 Negacionismo: ambiente propício à proliferação do vírus e da polêmica”, quando o então presidente da República Jair Bolsonaro chamou a Covid-19 de “gripezinha” atribuindo o termo ao médico Drauzio Varella. Enquanto o médico veio a público poucos dias depois humildemente rever sua fala e se desculpar, o chefe do Executivo negou-se a fazer o mesmo. Podemos, nesse caso, falar, respectivamente, de uma atitude responsável e de outra irresponsável, do ponto de vista dos que defendiam os preceitos sanitários. Para Fulaneti:

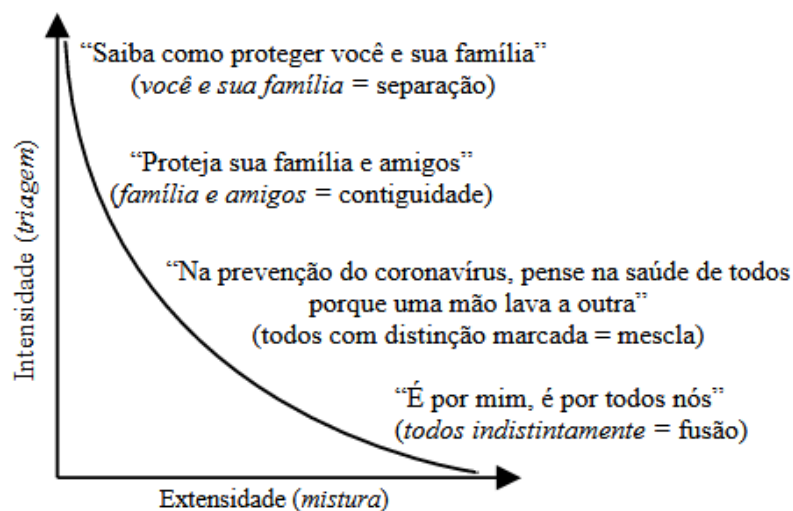
A lógica da “seleção natural dos mais fortes” vai completamente de encontro à responsabilidade infinita, aquela que temos (ou deveríamos ter) com os mais frágeis. Além de banalizar o caráter ofensivo da doença, tratando-a como uma *gripezinha*, frequentemente o chefe da nação diz que 70% da população será infectada e nada pode/deve ser feito. Com essas afirmações, o presidente nega a existência do acontecimento, impedindo a construção de estratégias de solução para seus estragos. Age, assim, no modo da irresponsabilidade absoluta. (Fulaneti, 2021, p. 6293)

Avaliando propagandas veiculadas em 2021, Fulaneti (2020) conclui que predominantemente houve uma convocação da sociedade por meio de uma *responsabilidade absoluta*, uma vez que reconhecem o *acontecimento*: isto é, que a pandemia surgiu como algo inesperado, e pontuam o sujeito como responsável por um *fazer*. A autora comenta que a análise ainda está restrita e que, porventura, em outras análises, outras responsabilidades poderiam ser encontradas.

A autora analisou as peças enfatizando a estrutura verbal, que continha os seguintes textos: “Saiba como proteger você e sua família” (do Ministério da Saúde); “Proteja sua família e amigos” (Tribunal de Contas do Estado de São Paulo); “Na prevenção do coronavírus, pense na saúde de todos, porque uma mão lava a outra” (da Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul); e “É por mim, é por todos nós. É por todos nós, é por mim também” (do Projeto Totens Urbanos, do Memorial Pró-Saúde). Sua pesquisa fundamenta-se em análises de *triagem* ou de *mistura*. Esses conceitos também são levados em consideração em nosso estudo e serão apresentados de forma mais detalhada em “2.2 Sobre a tensividade”. Por enquanto, indicamos de forma resumida que a triagem é um procedimento de

hierarquização (responsável pela diferenciação entre sujeitos, objetos etc.) e a mistura é seu oposto, ou seja, um procedimento em que se agrupam elementos (responsável pelo igualamento entre sujeitos, objetos etc.). Ambos podem ser percebidos como eufóricos ou disfóricos a depender da situação envolvida: se existiu, por exemplo, a necessidade de se separar os doentes pela Covid-19 para colocá-los em quarentena, isso pode ser eufórico no sentido de que os demais estavam momentaneamente a salvo de por eles serem contaminados; todavia, pode ser disfórico, pois esse distanciamento forçado ocasionou um afastamento psicologicamente muito sofrido para parentes e amigos e para os próprios pacientes. Com base na observações de Fulaneti (2021) propomos o seguinte esquema:

Gráfico 2 - Operações de triagem e mistura com base no *corpus* analisado por Fulaneti (2021) em seus estudos sobre propagandas de prevenção à Covid-19



Fonte: Inspirado em Fulaneti (2021, p. 6296).

Percebemos uma gradação de responsabilidades calcada num trabalho de triagem e de mistura. Zilberberg (2011), tratando sobre os valores dispostos nas dimensões intensa e extensa, cunhou os conceitos de valores *de absoluto* e valores *de universo*; estes ligados à mistura e aqueles, à triagem. A triagem tende à exclusão e a mistura, à inclusão: “identificamos a exclusão-concentração, regida pela triagem, e a participação-expansão, regida pela mistura, como as duas principais direções capazes de ordenar os sistemas de valores” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 49).

Observamos no referido gráfico uma “tonalização da mestiçagem” (Zilberberg, 2004, p. 72), ou seja, uma “junção nos termos do intervalo canônico [tônico vs. átono]” Zilberberg, 2004, p. 72), num caminho separação→contiguidade→mescla→fusão. Sendo assim, teríamos, respectivamente, Você e sua família→Família e amigos→Todos (com distinção

marcada)→Todos (indistintamente). Essa relação demonstra que existe um percurso entre os termos limítrofes que os tornam muito mais próximos do que uma análise sem pensar nos intervalos (como feita inicialmente pela Semiótica Discursiva *standard*) levaria a crer. Isso nos auxilia, ainda, a pensarmos não em uma mudança brusca de sentidos, mas em uma continuidade. Isto é, ao longo da percepção de um acontecimento em exercício (nos termos de Zilberberg), os sentidos (e nós mesmos) vão se modificando gradualmente.

Vivemos num paradoxo: não somos os mesmos porque a crise sanitária afetou a todos nós; somos os mesmos porque continuamos seres polêmicos. Nos compete – com licença para uso do trocadilho com o termo médico – examinarmos como ela ocorre, afinal, a pandemia e sua polêmica nos rememorou do básico; do “óbvio ululante”, como diria Nelson Rodrigues (2017). Todavia, os Estudos da Linguagem nos mostram que o óbvio muitas vezes é esnobado. O óbvio de que falamos é este: a linguagem não serve só para comunicar⁴⁷.

O próximo capítulo é dedicado à exposição do arcabouço teórico que alicerça os desdobramentos propostos na tese. Procuraremos entender como as relações entre *ator* discursivo (que tem *corpo*, conceito emprestado da Fenomenologia e reformulado pela Semiótica) e um *outro* afetados pelas dimensões de intensidade e de extensidade (que compõem a tensividade) (re)constroem a *polêmica*.

A seguir, no “Capítulo II”, apresentamos ainda definições sobre o conceito de *polêmica* visto por diferentes correntes das Ciências da Linguagem. E, no “Capítulo III”, apresentamos nossas análises e a construção de uma compatibilidade entre Sociosemiótica e Semiótica Tensiva. Propomos, assim, não uma ruptura com a Semiótica Discursiva, mas, ao contrário, uma continuidade que dê conta de novos textos/discursos. Um olhar que utilize instrumentos analíticos complementares com critério tende a enriquecer os estudos semióticos discursivos. A tarefa é fácil? Não. É desafiadora, mas, diante de um objeto como o é a *polêmica*, é uma atitude necessária. Citando Ana Cristina Fricke Matte e Glaucia Muniz Proença Lara (2009a, p. 349), quando apresentam “um panorama sobre a Semiótica Greimasiana”: “Fazer semiótica, portanto, é sempre correr o risco de, a qualquer momento, se ver obrigado a rever as próprias afirmações. Para quem gosta de verdades e certezas, talvez seja melhor, então, enveredar por outros caminhos teóricos” (Matte; Lara, 2009a, p. 349). Não somos afeitos a certezas irrefutáveis: o caminho escolhido é o da Semiótica, uma ciência (desde Greimas) em constante construção.

47 Fiorin (2013) indica outras funções da linguagem que ultrapassam a de comunicar, entre elas: a de dar sentido ao mundo por meio de nossa percepção, a de expressar modos de ver a realidade de maneira diferente a depender da língua natural de cada indivíduo, a de servir como mediadora da interação social (promovendo encontros, desencontros, confrontos e acordos) e a de categorizar os objetos do mundo.

CAPÍTULO II – CORPO, TENSIVIDADE E POLÊMICA

[...] admitiremos que o acontecimento transforma, sem aviso prévio, o sujeito tranquilo em sujeito transtornado.
(Zilberberg, 2011, p. 227)

Diante de um sujeito narrativo emergem sentidos variados que o impelem a agir (geralmente, ao apresentar juízos de valor) – tornando-se *ator* discursivo. Como toda a fluidez discursiva de um texto só é alcançada se existir uma ação, um *ator* deve ser compreendido também enquanto *corpo*. Porque no mundo (real ou simbólico⁴⁸) é o corpo que atua. E esse corpo, antes de qualquer posicionamento que venha a tomar, capta seu entorno enquanto uma *presença sensível*, isto é, mediante percepções sensoriais – demonstradas discursivamente por tematizações e figurativizações.

Situaremos de forma mais precisa as definições de *corpo*, de *quase-presença*, de *estilo*, de tensividade e de polêmica. Os conceitos são trabalhados associadamente num mesmo capítulo por defendermos que polemizar é ação desempenhada por corpos afetados por dimensões tensivas. Resumidamente, *corpo* (Discini, 2015) possui duas orientações: dentro de um mesmo texto, configura-se como a mensuração do grau de aparecimento do *ator enunciativo* nos níveis do percurso gerativo de sentido (em outras palavras, de sua densidade); na comparação entre um grupo de textos, configura-se como o *estilo* (uma maneira particular de se manifestar).

2.1 Sobre o corpo, sobre a quase-presença e sobre o estilo

Mesmo com indicações preliminares deixadas já em “Da imperfeição” (Greimas, 2002), a Semiótica recentemente começou a enfatizar o discurso enquanto ato, ou seja, ressalta-se cada vez mais a atividade de enunciação, considerando-a não uma “mera” indicação dêitica, e sim uma forma de argumentação. Sendo marcação de uma dêixis e um exercício argumentativo, a enunciação nos faz interpretar o discurso como campo de presença, ao mesmo tempo posicional e perceptiva. É a densidade de presença que gradua a percepção de um corpo discursivo. Essa densidade de presença é trabalhada por Discini (2015), em cujos estudos nos inspiramos. Falaremos sobre esse conceito mais adiante, por ora, pensemos: que vem a ser *corpo* para a Semiótica?

48 Nos “Estudos de Linguagens”, é com o segundo que estamos preocupados.

Corpo é conceito de inspiração fenomenológica. Com relação a ele, precisamente, foram de Merleau-Ponty (2014a, 2014b, 2022) as conjecturas que mais se prestaram à Semiótica. Especulando sobre as sensações, o fenomenólogo dedicou boa parte de sua obra à crítica aos pensamentos de que o corpo seria um objeto ou uma, digamos, cápsula orgânica mecanicista. Dessa maneira, é contrário à noção de experimentos analíticos que imponham um teor avaliativo totalmente objetivo sobre a percepção natural de uma pessoa aos fenômenos do mundo. Para ele, o movimento do homem no/com o mundo não é cientificista, mas também prático, imaginativo e, sobretudo, emocional. A percepção é, para Merleau-Ponty, o contato original do homem com o mundo. Nas palavras do fenomenólogo:

A meus olhos tudo se passa no mundo humano da percepção e do gesto, mas meu corpo “geográfico” ou “físico” obedece às exigências do pequeno drama que não cessa de suscitar nele mil prodígios naturais. Meu olhar para o objetivo já tem, também ele, os seus milagres: também ele se instala com autoridade no ser e aí se conduz como em país conquistado. Não é o objeto que obtém de meus olhos os movimentos de acomodação e de convergência: ao contrário, foi possível mostrar que eu nunca veria nada nitidamente, e não haveria objeto para mim, se não dispusesse os olhos de modo a tornar possível a visão do objeto único. E aqui não é o espírito que toma o lugar do corpo e antecipa aquilo que vamos ver. Não, são meus próprios olhares, é sua sinergia, sua exploração, sua prospecção que focalizam o objeto iminente e jamais as nossas correções seriam suficientemente rápidas e precisas se devessem fundamentar-se num verdadeiro cálculo dos efeitos. Logo, cumpre reconhecer sob o nome de olhar, de mão e de corpo em geral um sistema de sistemas voltado à inspeção de um mundo, capaz de transpor as distâncias, de desvendar o futuro perspectivo, de desenhar na uniformidade inconcebível do ser cavidades e relevos, distâncias e afastamentos, um sentido... (Merleau-Ponty, 2014b, p. 64)

Era preciso encontrar o âmago da percepção. A essência da percepção seria o corpo: segundo Merleau-Ponty (2014a, 2014b, 2022), um ente da experimentação. Desse modo, as noções de internalidade, externalidade, biologia e fenomenologia se coadunam para a formulação da percepção. Ao analisar uma pintura de Cézanne, o fenomenólogo afirma ser o corpo parte do mundo e o mundo parte do corpo; assim, comungam o mesmo lugar (o corpo envolve e é envolvido pelo mundo que o rodeia):

Visível e móvel, meu corpo conta-se entre as coisas, é uma delas, está preso no tecido do mundo, e sua coesão é a de uma coisa. Mas, dado que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo a seu redor, elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas em sua carne, fazem parte de sua definição plena, e o mundo é feito do estofado mesmo do corpo. Essas inversões, essas antinomias são maneiras diversas de dizer que a visão é tomada ou se faz do meio das coisas, lá onde persiste, como a água-mãe no cristal, a indivisão do senciente e do sentido. Essa interioridade não precede o arranjo material do corpo humano, e tampouco resulta dele. Se nossos olhos fossem feitos de tal modo que nenhuma parte de nosso corpo se expusesse ao nosso olhar, ou se um dispositivo maligno, deixando-nos

livres para passar as mãos sobre as coisas, nos impedisse de tocar nosso corpo – ou simplesmente se, como certos animais, tivéssemos olhos laterais, sem recobrimento dos campos visuais –, esse corpo que não se refletiria, não se sentiria, esse corpo quase adamantino, que não seria inteiramente carne, tampouco seria o corpo de um homem, e não haveria humanidade. Mas a humanidade não é produzida como um efeito por nossas articulações, pela implantação de nossos olhos (e muito menos pela existência dos espelhos que, não obstante, são os únicos a tornar visível para nós nosso corpo inteiro). Essas contingências e outras semelhantes, sem as quais não haveria homem, não fazem, por simples soma, que haja um só homem. A animação do corpo não é a junção de suas partes umas às outras – nem, aliás, a descida do autômato de um espírito vindo de alhures, o que suporia ainda que o próprio corpo é sem interior e sem “si”. Um corpo humano está aí quando, entre vidente e visível, entre tocante e tocado, entre um olho e o outro, entre a mão e a mão se produz uma espécie de cruzamento, quando se acende a faísca do senciente-sensível, quando se inflama o que não cessará de queimar, até que um acidente do corpo desfaça o que nenhum acidente teria bastado para fazer... (Merleau-Ponty, 2014a, p. 15-16)

Fenomenologicamente, é o corpo nosso meio de contato com o mundo. Porém, é por meio da linguagem que nos comunicamos e damos sentido às coisas do mundo. É possível observarmos que a noção de corpo da Fenomenologia é um tanto ontológica, porque, de certa maneira, está voltada para a pessoa de carne e osso, para o *ser* caminhante do/pelo mundo real. E essa forma de entender incomodava os estudiosos do sentido. Existiria nela um deslize: por esse ponto de vista, corpo e mundo seriam indissociáveis. Pelo ponto de vista da Semiótica, a linguagem faz com que corpo e mundo se repartam: porque é ao enunciar que o corpo dá sentido ao mundo. A partir dessa noção semiótica, era preciso, portanto, ir além: e rumar para análises que dessem conta de um corpo enquanto linguagem. Necessitava-se dotar o corpo de significação.

Se a Semiótica não se ocupa do ser humano de carne e ossos caminhando pelo mundo, mas do ser discursivo (ou seja, aquele que é formulado a partir da linguagem), as análises precisam ser sobre o simulacro desse homem. Isto é, sobre a narratividade que procura dar conta de ‘contar sua história’. Nesse ponto, existiriam duas acepções para a noção de simulacro, conforme explicado por Landowski (1986), no segundo tomo da versão original do Dicionário de Semiótica:

1. De forma metafórica, o termo simulacro é utilizado na Semiótica Narrativa e Discursiva para designar os tipos de figuras, com um componente modal e temático, por meio das quais os actantes da enunciação podem ser mutuamente apreendidos, uma vez projetados no quadro do enunciado discursivo. Do ponto de vista do seu conteúdo, essas figuras podem ser consideradas como representativas das respectivas competências que os actantes comunicativos atribuem uns aos outros. Consequentemente, a construção de tais simulacros intervém, na dimensão cognitiva, como um pré-requisito necessário a qualquer programa de manipulação intersubjetiva.
2. Em semiótica, o termo simulacro é também utilizado como sinônimo de modelo, permitindo, assim, sublinhar explicitamente o carácter não-referencial das construções com as quais a Semiótica tenta dar conta dos fenômenos de produção e de apreensão

do sentido. O percurso gerativo da significação é, assim, por exemplo, um simulacro da geração do sentido, que não pode ser confundido com a descrição positiva dos processos genéticos “reais” da sua geração, que é o objeto da Psicologia e/ou da Sociologia (se não, em última instância, da biologia) (Landowski, 1986, p. 206).⁴⁹

Pela acepção de número 1, podemos entender que haveria, então, a implementação de traços semânticos nos sujeitos da enunciação investidos de maneiras diversas, mas implementadas conforme normas sociais em vigência numa determinada época, por determinadas classes sociais, em determinados lugares específicos. Justamente por esse fator sócio-histórico, esses traços são apreendidos pelo enunciatário. Pela de número 2, entendemos que o percurso gerativo de sentido é um dispositivo que visa dar conta de minimamente reproduzir o processo de significação de um texto. As duas acepções apontam primeiramente para um olhar de categorias semióticas com termos opostos (o que se configurou chamar de ‘descontínuo’), todavia, a Semiótica Tensiva comprovou a possibilidade de estudar o intervalo entre esses termos (o ‘descontínuo’), apontando para um percurso que contempla a análise sobre o simulacro da significação a partir de rede de termos gradativos e não só extremados.

Entretanto, podemos comentar ainda que, já em “Da imperfeição”, Greimas estudava as interações dialéticas entre o contínuo e o descontínuo que interferem em nossa percepção, ou seja, já existia uma premissa da noção de corpo. Contudo, tal conceito foi mais bem alicerçado por autores que o sucederam. Entre eles, Discini (2015), para quem o *corpo* é estudado semioticamente por meio das marcas deixadas no texto, rastros de sua presença em meio aos estados de coisas que transformou: “O corpo, considerado uma organização apreendida das marcas da enunciação enunciada ao longo de uma totalidade [...]” (Discini, 2015, p. 16). Portanto, corpo deve ser entendido com uma dupla orientação. Identificamos ambas como propícias para nossas análises. A primeira é esta: num texto qualquer, *corpo* é a assimilação do *ator enunciativo* não somente no nível discursivo, mas nos demais níveis do percurso gerativo de sentido. Quer dizer, o *ator*, embora esteja mais evidente no nível

49 A tradução é nossa, a partir do original em francês:

1. De façon quelque peu métaphorique, on emploie le terme de simulacre, en sémiotique narrative et discursive, pour designer le type de figures, à composante modale et thématique, à l’aide desquelles les actants de l’énonciation se laissent mutuellement appréhender, une fois projetés dans le cadre du discours énoncé. Du point de vue de leur contenu, ces figures peuvent être considérées, comme représentatives des compétences respectives que s’attribuent réciproquement les actants de la communication. De ce fait, la construction de tels simulacres intervient, sur la dimension cognitive, comme un préalable nécessaire à tout programme de manipulation intersubjective.

2. Em sémiotique, le terme de simulacre est par ailleurs utilisé comme quasi synonyme de modèle, et permet alors de souligner explicitement le caractère non référentiel des constructions à l’aide desquelles la sémiotique s’efforce de rendre compte des phénomènes de production et de saisie du sens. Le parcours génératif de la signification est ainsi, par exemple, un simulacre de la génération du sens, qui ne saurait donc être confondu avec la description positive des processus génétiques “réels” de son engendrement, objet de la psychologie et/ou de la sociologie (sinon, en dernière instance, de la biologie) (Landowski, 1986, p. 206)

discursivo, vai sendo constituído (vai ganhando densidade) desde os níveis fundamental e narrativo. Discini (2015, p. 28, p. 47-53) afirma que no nível fundamental há uma virtualização da presença, no narrativo existe uma atualização, no nível tensivo (junção entre o sensível e o inteligível) há uma potencialização da presença e no discursivo há a realização propriamente dita (onde a densidade do corpo é maior); pois é nesse nível que se tem a instância da enunciação definitivamente, quer dizer, a temporalização, aspectualização e actoralização (com temas e figuras). Se percorre todos os níveis do percurso gerativo, o ator da enunciação está *presente* no nível discursivo, mas há sempre uma *quase-presença* perceptível (com menor ou maior densidade): “No interior de cada enunciado, a enunciação projeta-se como *quase-presença*, em todos os níveis do percurso gerativo do sentido” (Discini, 2015, p. 28). A *quase-presença* é a ferramenta de medição da densidade do corpo do ator:

O ator, que se semantiza no nível discursivo, tem a constituição do seu corpo preparada aspectualmente ao longo dos níveis do percurso gerativo de sentido. Para isso, é pensada a presença como uma *quase-presença*, e esta como “escala de medida antropomorfa” inscrita num tempo que é duração. (Discini, 2015, p. 50)

Embora a semiótica *standard*, ou padrão, convencionou chamar o sujeito do nível narrativo de actante e o do nível discursivo de ator, os novos estudos utilizando análises por meio da Semiótica Tensiva estimulam o entendimento de que esse sujeito atua desde o nível fundamental. Sendo assim, seria mais adequado chamar essa atuação de um sujeito em todos os níveis de *corpo*. Porém, como essa atuação é concretamente realizada no nível discursivo, chamaríamos de *corpo do ator discursivo* ou *corpo do ator enunciativo*: visto como um operador de sentido possuidor de uma imagem (um *éthos*). Discini (2015) defende a possibilidade de verificá-lo tensivamente também. A autora uniu essa proposição ao conceito de *estilo*. Ela reintegra o percurso gerativo de sentido às análises semióticas, mas regulando suas categorias por modulações tensivas, a partir de um ator enunciativo aspectualizado ora como sujeito do sensível (vitimado por um acontecimento), ora como sujeito do inteligível (moralizador, o que veremos em mais detalhes em “3.1 *Éthos* como elemento operador”).

Assim sendo, *corpo* pode ser entendido, simultaneamente, como partícipe da composição de um conjunto de regras que definem a ordem e as relações das fases narrativas (canonicamente: manipulação, competência, performance e sanção) presentes no texto (o que indica que ele possui uma determinação sintática) e do conjunto dos significados de temas e figuras do texto (possui uma determinação semântica). Nas palavras da semioticista: “[...] considerado uma organização depreendida das marcas da enunciação enunciada ao longo de

uma totalidade, ampara-se nos componentes sintáticos e semânticos relativos ao percurso gerativo de sentido” (Discini, 2015, p. 16).

De acordo com Discini (2015), *corpo* e *estilo* estão imbricados e têm função determinante no processo de significação. Nisso, temos a segunda orientação do conceito de *corpo*: no cotejo de um grupo de textos, o *corpo* refere-se não somente a um *ator enunciativo*, mas a um *estilo*. Dessa maneira, nesta orientação o *corpo* é a “organização do sentido da totalidade, enquanto encadeamento sintagmático entre os textos” (Discini, 2015, p. 25); e, naquela primeira, é a “organização do sentido no interior de cada texto, enquanto transformações no eixo paradigmático do percurso gerativo de sentido, instrumento que contempla o plano do conteúdo de cada texto” (Discini, 2015, p. 25). Em cada caso, a concretude (densidade) de aparecimento desse *corpo* é medida pela *quase-presença*. O que propomos na presente tese como nova maneira de entender o conceito de *corpo* tem ligação mais direta à sua orientação enquanto analisável na totalidade. Defendemos que as marcas enunciativas deixadas em textos de enunciadores distintos podem possuir características semelhantes que propiciem a percepção de um *estilo* mesmo em uma totalidade heterogênea.

Se com Discini (2015) entendemos que por meio da enunciação, existe um “eu” que deixa marcas de seu *corpo* e determina o *estilo* de seus enunciados:

[...] o “eu” semiótico não se reduz ao “eu” linguístico: o “eu” semiótico é um “eu” sensível, afetado, muitas vezes atônito, quer dizer, comovido pelos êxtases que o assaltam, um “eu” mais oscilatório do que identitário. A presença se torna, por isso, uma variável.

[...]

O “eu” semiótico habita um espaço tensivo, ou seja, um espaço em cujo âmago a intensidade e a profundidade estão associadas, enquanto o sujeito se esforça, a exemplo de qualquer vivente, por tornar esse nicho habitável, isto é, por ajustar e regular as tensões, organizando as morfologias que o condicionam. (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 128)

Com a nossa proposta, entendemos que há um *corpo* que pode estar estratificado também numa totalidade heterogênea: textos oriundos não obrigatoriamente do mesmo enunciador, mas de diversos enunciadores. Como em nosso *corpus*, formado por textos que apresentam, por exemplo: enunciado de líder religioso evangélico; enunciado de líder católico; a fala preconceituosa de uma moradora contrária à vacinação indígena; enunciado do Poder Público por meio de uma propaganda audiovisual confeccionada para o governo do estado de Mato Grosso do Sul. Diferentemente do conceito de *corpo* como trabalhado até o momento, em que os enunciados partem de um mesmo *ator enunciativo* formando um *estilo*

“*único*”, nosso conceito de *corpo* é formulado por *atores enunciativos com características semelhantes* (são polêmicos) compondo um *estilo “conjunto” (estilo polêmico)*. Assim, sendo possível de ser observável somente por meio do cotejo entre enunciados advindos de enunciadores diversos. Portanto, as duas orientações determinadas por Discini (2015) nos tem grande valia. O que faremos é estendê-las: o *estilo* não seria exclusivamente uma maneira particular de se manifestar de um único enunciador, mas também uma maneira típica relativamente semelhante (*mais* ou *menos* semelhante) de variados enunciadores se manifestarem tendo algo em comum que lhes cause apreensão ou que deles demandem um exame, uma propositura, etc. Nos enunciados que analisamos, é a polêmica (indicamos aquela surgida durante o período de pandemia por Covid-19, mas poderia ser qualquer outra polêmica) o elemento a servir como elo entre os diferentes enunciadores.

Isso significa que em qualquer ponto do texto (de qualquer gênero de manifestação) há uma totalidade enunciativa possível de ser reconhecida. A totalidade dá ideia de unidade de registros enunciativos para o enunciatário, especificidades definidas por Discini (2015) como *estilo*. Totalidade e unidade são depreendidas por meio de um ator aspectualizado (com corpo discursivo), isso equivale a afirmar que corpo é estilo: “Esse princípio apresenta-se em cada texto por meio de vetores estilísticos e orienta o todo que, de virtual, passa à atualização e, a partir daí, realiza-se” (Discini, 2015, p. 23). Dessa maneira, esse *ator* é sistematizável tanto sintática e semanticamente (níveis fundamental, narrativo e discursivo) quanto tensivamente (dimensões inteligível e sensível). É a partir *do que é dito* que podemos apreender o corpo enunciativo *daquele que disse*.

Observamos, assim, que a noção de *estilo* está diretamente vinculada à de aspectualização do *ator* da enunciação. Inicialmente pensado pela gramática normativa sob a temporalidade (pelos estudos do verbo), o aspecto se refere à duratividade da ação e como ela é colocada em perspectiva. No caso de uma ação concluída, teríamos um foco sobre o resultado. No caso de uma inconclusa, o foco estaria na duração, no processo. A Semiótica Discursiva (por sua vocação enunciativa) pensa aspectualização atravessando não só o tempo, mas o espaço e a pessoa. Assim, teríamos uma temporalização, uma espacialização e uma actorialização. É sobre a última que Discini (2015) indicou mudanças:

O aspecto, entendido como processo da construção actorial, incita a demonstrar o corpo daquele “que diz” a partir do que é dito, o que nos leva a procurar desvelar mecanismos discursivos vinculados a um sujeito necessariamente contingente: menos ou mais contingente, a depender da situação de comunicação. (Discini, 2015, p. 17)

Aspectualizado, um *corpo* se faz presente. Ou, nos termos de Discini (2015), se faz *quase-presente*. Novamente, é da Fenomenologia que vem a inspiração para os semioticistas pensarem na noção de presença, como explicam Fontanille e Zilberberg:

A categoria *presença/ausência* pertence de direito, para começar, ao discurso filosófico sobre a existência (em geral oposta à essência). [...] A reformulação mais recente de tal categoria pela fenomenologia, culminando, em Merleau-Ponty, na noção de “campo de presença”, assenta numa interpretação do par *presença/ausência* em termos de operações (aparecimento/desaparecimento) pelas quais os “entes” sensíveis se destacam do “ser” subjacente, e depois retornam a ele. O interessante dessa reformulação, de um ponto de vista semiótico, reside no fato de estar a presença aí definida em termos dêiticos, ou seja, em suma, a partir de uma espécie de presente linguístico; além disso, para a própria fenomenologia, a presença é o primeiro modo de existência da significação, cuja plenitude estaria sempre por ser conquistada. (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 123, grifos dos autores)

Enquanto Greimas e Courtés definem *presença* como “uma determinação atribuída a uma grandeza, que a transforma em objeto de saber do sujeito cognitivo” (Greimas; Courtés, 2021, p. 382), Discini (2015) reformula o conceito, preconizando uma escala simulada para medir a densidade do *corpo* do *ator enunciativo* não só no nível discursivo, mas nos demais níveis do percurso gerativo de sentido. E chamou essa escala de *quase-presença* (que pode ser mais densa ou menos densa). Essa densidade é perceptível a partir de marcas deixadas por um corpo discursivo no enunciado. Pode não estar evidente, mas deixa rastros: por isso uma *quase-presença*⁵⁰. A polêmica estaria mais evidente (mais densa), menos evidente (menos densa) ou não evidente nos enunciados que pulularam durante a pandemia de Covid-19, por isso, defendemos a tese de que ela é propensa a uma corporificação.

Haveria, ainda, influência no aspecto temporal do texto. Se todo enunciado é um produto de um processo chamado enunciação e essa enunciação nunca é alcançada efetivamente e jamais é repetível, é preciso alguma forma de percepção para que ela seja sentida. Essa percepção ocorre, segundo a Semiótica Discursiva, por meio de uma retenção e de uma protensão. Elas causam efeito de sentido de *composição*, ou seja, de um todo constituído: esse todo, podemos inferir, é o corpo (é o *ator da enunciação* do texto; e, quando verificável em um cotejo de textos, é o *estilo*).

Citamos a importância de Merleau-Ponty para a Semiótica, porém, é de outro fenomenólogo a inspiração para a ideia de composição. Edmund Gustav Albrecht Husserl (1994), ao apresentar suas “Lições para uma fenomenologia da consciência interna do

50 Reforcemos, *quase-presença* verificada num enunciado (numa unidade; *unus*, nos termos de Brøndal) por meio do *éthos* do ator enunciativo e, num conjunto de enunciados (numa totalidade; *totus*) pelo estilo desse ator.

tempo”, apontou existir um *campo de presença* diante do ser, esse campo se fazia espacialmente e, sobremaneira, temporalmente: ao que chamou de *presente vivo*. Para o autor de origem tcheca, o tempo não é uma sucessão de ‘agoras’ descontínuos, mas um fluxo contínuo. Notemos aí mais uma influência sobre o conceito de tensividade: pensar o contínuo em vez do descontínuo, como na Semiótica *standard*. Das observações husserianas decorre a noção de extensão temporal, essencial para Discini (2015) pensar o *corpo* como *estilo* e como *marcas de quase-presença de um ator enunciativo deixadas numa unidade que é parte de uma totalidade*. A totalidade só é possível de ser assim percebida pelo enunciatário porque este apreende: em cada texto lido, um pouco daquilo que já lera em outras oportunidades; e, ao mesmo tempo, presume o que virá logo adiante. No primeiro caso, verifica-se uma *retenção* porque se trata de um tipo de consciência de um passado imediato; no segundo, verifica-se uma *protensão* porque se trata da consciência de um futuro imediatamente próximo.

É por meio da *retenção* e da *protensão* que o enunciatário detém a percepção da polêmica. Esses conceitos também nos servem de fundamentação para indicarmos a possibilidade de o *corpo* ser verificado também por meio de um *estilo (re)construído pelo “conjunto” de enunciadores distintos*. Afinal, o enunciatário entende que já viu (leu, ouviu, presenciou etc.) enunciados com aquelas características polêmicas antes e, por conta dessa experiência, consegue prever também a continuidade de um discurso polêmico. O que o enunciatário faz é, mormente, graduar se aquilo que está presenciando – aquele texto (unidade) ou conjunto de textos (totalidade) – é mais ou menos polêmico, de acordo com o que reteve em outras oportunidades quando em contato com situações correlatas.

Como exemplos de retenção e protensão, Discini (2015) cita uma poesia de Cecília Meireles, quando, ao lermos o segundo verso, lembramos do primeiro e já nos deparamos com a espera do verso seguinte. Essa percepção de tempo perante o enunciatário (o leitor) é também uma marca do enunciadador, portanto, uma quase-presença rastreável de seu corpo: existe (quando verificamos mais de uma de suas poesias) um “estilo Cecília Meireles”. Essa *quase-presença* é que permite uma indicação de estilo, pois ela pode ser identificada tanto numa unidade quanto numa totalidade.

Inspirada pela Semiótica Tensiva de Zilberberg, Discini (2015) remete às dimensões do inteligível e do sensível propostas por ele. O *ator* teria, então, dois perfis: um social (também chamado ético, que possui vínculo com *éthos*), “relativo à participação ativa e ética do sujeito-no-mundo”; outro pático (vínculo com *páthos*), “relativo aos desdobramentos do sentir” (Discini, 2015, p. 16). Se se refere ao ‘sujeito-no-mundo’, diz respeito também às relações do

enunciador com o enunciatário. Sendo assim, a *quase-presença* é esboçada “na intersecção com o *outro*, o que leva a depreender o ator nos dois perfis que o constituem como identidade, um [perfil] correlato ao outro [perfil]” (Discini, 2015, p. 18).

Dessa forma, analisar o sentido de um texto “equivale a interpelar a aspectualização do ator da enunciação como indício da constituição de um corpo posicionado no mundo, bem como afetado por esse mundo” (Discini, 2015, p. 15-16). Embora a autora cite “posicionado no mundo”, não se trata de um corpo físico, de carne e ossos reais, mas de um ser discursivo. Portanto, “presença encarnada” contém uma “carne figurada” (Discini, 2015, p. 47).

Conforme esse *ator* utiliza figuras retóricas em sua enunciação, elas cumprem duas funções, denominadas por Discini (2015) como: *figura-argumento* e *figura-acontecimento*. A primeira acentua-se sobre o *fazer-crer*; a segunda, sobre o *afeto*. Para traduzir seu ponto de vista, a semioticista utiliza como exemplos as fábulas de La Fontaine (mas poderiam ser quaisquer outras) comparada a trecho do poema “Serenata” de Cecília Meireles, com um eu lírico que empresta sentimentos humanos à montanha, à palmeira e ao pássaro (figura de linguagem reconhecida como prosopopeia). Quanto à fábula, comenta:

Uma *prosopopeia-argumento*, por exemplo, torna-se possível de ser reconhecida numa *fábula* de La Fontaine, em compatibilidade com a expectativa criada pelo estilo do gênero. O *étos* de justa medida da fábula, pautado por prescrições e interdições na manipulação enunciativa, compactua não só com a *doxa* e a lógica implicativa, mas também com um ator aspectualizado [...] no acento imprimido ao dever [...]. (Discini, 2015, p. 304-305, grifos da autora)

Quanto à poesia, explica: “[...] defina-se segundo o acento tônico do sensível, o que a torna uma *prosopopeia-acontecimento*, já que encadeada entre o arroubo e a admiração extática a que se abandona o corpo” (Discini, 2015, p. 306, grifos da autora). *Figura-argumento* e *figura-acontecimento* causam efeitos de sentido: há um prescrever; há um sentir.

Fiorin (2021) afirma existirem dois tipos de *figuras de retórica*: um conjunto ligado diretamente à argumentação (cujos estudos foram denominados de topologia); outro, à elocução das figuras (tropologia). “A palavra *trópos* significa ‘direção’, ‘maneira’, ‘mudança’. No caso da linguagem, pensa-se em ‘mudança de sentido, de orientação semântica’” (Fiorin, 2021, p. 26, grifo do autor).

Dessa maneira, a partir da materialização do discurso em texto, com as marcas que a enunciação deixa no enunciado, é que o *ator* pode ter seu *corpo* apreendido pelo enunciatário:

sendo de perfil social (ético) quando assume os papéis temáticos, sendo de perfil pático⁵¹ quando vinculados aos papéis sensíveis. O ator também é influenciado por uma perfectibilidade (ou imperfectibilidade/progressividade), uma duratividade (ou brevidade), uma dinamicidade (ou estaticidade) e uma telicidade (ou atelicidade). Perfectibilidade é o sema que “corresponde ao aspecto terminativo do processo” (Greimas; Courtés, 2021, p. 362), ou seja, opor perfectividade a imperfectividade “é totalmente homologável à dicotomia realizado/irrealizado” (Greimas; Courtés, 2021, p. 362). A duratividade diz respeito ao hábito ou rotina (ou uma ocorrência infrequente, como contraponto). A dinamicidade é característica do que é dinâmico, isto é, (re)constrói efeito de sentido de movimento. Telicidade vem de *telos*, “termo grego que nomeia o fim contido num processo, desde o início deste” (Discini, 2015, p. 21); que, por sua vez, vem de uma palavra grega mais antiga, *téleios*, “perfeito, acabado” (Cunha, 2021, p. 627). Trata-se, portanto, de uma noção semântica que marca uma situação com início e fim possíveis de serem demarcados ou inferidos no enunciado.

Atrelado à aspectualização do sujeito e do tempo está o conceito de actante observador, entidade delegada pelo enunciador que é responsável pelo ponto de vista. Para Discini (2015, p. 37), “[...] o observador desempenha a função, no interior de cada enunciado e na totalidade deles, de assegurar o corpo do ator como aspecto, e tal aspecto segundo determinada duração”. Sob a visão de Discini (2015), o estilo de um texto/discurso advém de um *corpo* do ator enunciativo. Esse ator é aspectualizado e cumpre funções desempenhadas por um observador (actante delegado pelo enunciador e harmonizado com o narrador). A primeira função é a de estabelecer o ponto de vista, ao sistematizar os papéis actanciais dos sujeitos envolvidos no texto. Nesse caso, é responsável pelo tratamento ético e pático dos demais atores, realizando (ou tencionando o enunciatário a realizar) um juízo de valor sobre eles. Consequentemente, o *corpo* do ator (seja qual for seu perfil: ético ou pático) é possível de ser vislumbrado não apenas em um enunciado, mas em vários enunciados juntos; bem como no intervalo entre, por exemplo, o primeiro e o último enunciados constantes de um livro, ou, como defendemos, em enunciados de enunciadores diversos. A segunda função do observador é servir de intermediário da percepção do enunciatário. Nesse caso, gerencia (por meio de um *éthos*, sobretudo) os efeitos de sentido (re)construídos no texto. Assim, o corpo torna-se *quase-presente* (ora com maior densidade, ora com menor) em todos os níveis do percurso gerativo.

51 A autora nomeia essas noções ora de perfil social, ora de perfil judicativo (ou mesmo “*perfil ético*”); e, ora de perfil pático, ora de *patêmico* (ou mesmo “*perfil sensível*”). Padronizaremos, doravante, ético e pático.

A presença relativa a um corpo actorial aspectualizado é considerada sempre uma *quase-presença*, pois o corpo do ator da enunciação é contemplado enquanto se constrói a si, tanto nos movimentos de geração do sentido internos a um enunciado, quanto no fluxo do sentido como significação e do sentido como vivido da percepção, fluxo reconhecido nas bordas de um enunciado e outro, o que traz à luz o estilo em curso. (Discini, 2015, p. 372, grifo da autora)

Como afirmamos, a enunciação é ao mesmo tempo marcação de uma dêixis e exercício argumentativo. Interpretando *corpo* como foco enunciativo, passamos a encará-lo como centro de referência. Se é o centro de referência, ele está no mundo (discursivo, reforçemos). Os limites desse mundo (simbólico, nos trâmites de qualquer exame que leve o discurso em consideração) são os horizontes. A relação do corpo com os horizontes pode ser de maior ou de menor profundidade. Quanto mais próximo ao centro (quanto mais a ação estiver perto do corpo que a comete) mais o corpo estará em relação de profundidade; inversamente, quanto mais distante, haverá menos profundidade. Por se delinearem em gradações, os medidores dessa profundidade são as dimensões de intensidade e de extensidade, cunhadas por Claude Zilberberg (2011). Tendem a ser mais intensas e menos extensas as grandezas mais próximas ao centro e, por seu turno, menos intensas e mais extensas as mais periféricas. Essas variações são graus de *quase-presença*, mais ou menos densa, de um corpo discursivo. E se manifestam, sobretudo, pelas estratégias enunciativas.

Também afirmamos que desde “Da imperfeição” a Semiótica se posicionava sobre a enunciação de forma mais ligada ao corpo, ainda que esse conceito fosse só embrionário. A respeito dessa noção de corpo já presente naquele livro, Ana Claudia de Oliveira comenta:

Em Greimas é também o corpo do sujeito, na justa distância em que esse se coloca que é tocado e afetado. Ao considerarem os dois [refere-se a Merleau-Ponty e Greimas] a universalidade da forma dos objetos, coisas, plantas e seres que, como presença sensível, lançam-se enquanto sujeito sobre outro sujeito e faz do encontro impreciso um encadear de capturas que excitam o corpo por meio dos órgãos sensíveis que as apreendem. A impressividade da forma sensibilizante que é apreendida impõe a experimentação na simultaneidade da construção do seu sentido. As qualidades sensíveis dessa forma emanam de sua materialidade, eidos, cromatismos e arranjos dessas em dada topologia que a semiótica sistematizou o modelo de análise plástica, enquanto formantes, figuras e categorias do plano da expressão que concretizam as categorias, figuras e traços do plano do conteúdo. (Oliveira, 2017, p. 15)

Ao analisar parte (o subcapítulo “O seio nu”) da última obra em vida do literato italiano Ítalo Calvino, intitulada “Palomar”, e um poema do alemão Rainer Maria Rilke, “Exercícios ao piano”, Greimas aponta⁵² para alguns ensinamentos que entendemos

52 Em “Da imperfeição” (Greimas, 2002), a referência analisada pelo autor não foi a versão original CALVINO, Ítalo. Palomar. Torino, Itália, 1983. p. 12-13. Conforme nota de rodapé informada pela editora (Greimas, p. 32): “Na sua análise, Greimas utilizou a tradução francesa de J. P. Manganaro (Paris, Seuil, 1985, p. 17). Tradução

demonstrar uma versão nascente de uma nova maneira de entender o corpo discursivo. Embora Greimas não comente esse fato diretamente, podemos inferir.

“O seio nu” conta a história do senhor Palomar a caminhar pela praia, quando avista uma mulher tomando sol com os seios à mostra. Ele fica inebriado com a cena e se vê diante de um dilema moral: ver ou não aquela imagem. Greimas apresenta assim o conto:

O senhor Palomar passeia ao longo de uma praia deserta e percebe uma jovem que, deitada sobre a areia, “toma sol com os seios nus”. Como bom filósofo da vida cotidiana, ele não deixa de se interrogar sobre a atitude a tomar ante a vista de um seio nu, que é uma coisa agradável de olhar, um objeto estético e ao mesmo tempo “aquilo que na pessoa é específico do sexo feminino” e que, por isso, coloca problemas de moral social. Estas considerações o obrigam a voltar, várias vezes, sobre seus passos para testar as diferentes hipóteses que formula sobre o bom uso do olhar diante desse objeto insólito. Por duas vezes, ele tenta “não ver”: na primeira, ele vira a cabeça para que “a trajetória de seu olhar permaneça suspensa no vazio”; na segunda, ele aflora “com uma uniformidade equânime” os diversos elementos de seu campo visual a fim de que “o seio fosse absorvido completamente na paisagem”. (Greimas, 2002, p. 31)

“Exercícios ao piano” conta a história (em forma de poema) de uma pianista “trancada” dentro de casa e que vê de sua janela um parque. O cheiro das flores do jardim do parque invade a casa, mas a moça fica com receio de sair. É um embate: viver o mundo lá fora (desconhecido) ou continuar enclausurada (ainda que por vontade própria) em casa (mundo conhecido, seguro). A moça prefere permanecer onde está. Greimas finaliza sua consideração sobre o poema assim:

O calor cola. A tarde arde e arqueja. A recusa definitiva se situa, no entanto, sobre a isotopia olfativa patemizada: irritada, ela repudia o perfume do jasmim, metonímia da insistência do parque. Duas fragrâncias – a frescura da espera e a recusa do jasmim – englobam o conjunto do poema e lhe servem de suporte único. A disforia final – ela considera que o jasmim a “ofende” – termina com o estatuto de uma “paixão do corpo”, a estesis apenas entreaberta. (Greimas, 2002, p. 44)

Observamos, em ambos os trechos, indícios de *corpos* e de suas *quase-presenças* mais ou menos densas, ou seja, com mais ou menos profundidade em relação a seus centros e horizontes. Palomar se vê diante de uma cena que lhe impõe um juízo de valor: olhar ou não para os seios. Se precisa agir, é um *ator*. Possui, assim, um corpo. Está caminhando pela praia e avista a mulher. São seus horizontes a areia e o mar mais distantes, a mulher a meio termo e

para o português de Ivo Barroso. Palomar. São Paulo, Companhia das Letras, 1994, p. 12-14.” Para a obra em alemão, segundo nota de rodapé (Greimas, 2002, p. 39-40), a versão usada foi RILKE, Rainer Maria. Übung am Klavier. In: Neue Gedichte. Zurique: Niehas & Roktansky Verlag, 1949 e possui versão em português (a indicada em “Da Imperfeição” no Brasil) de Augusto de Campos, publicada no Caderno Mais da Folha de S.Paulo, em 20 de dezembro de 1998.

a sensação de vê-la mais próxima. A sensação de pisar na areia (não há informação textual de que ele pisa, provavelmente está na orla, portanto, a areia ainda não está *presente*) e tomar a mulher para si pelo olhar são *quase-presenças* na percepção desse ator.⁵³

Podemos considerar que, ao analisar conto e poema, Greimas pondera sobre a profundidade. Como nesses enunciados as percepções se dão pela visão e pelo olfato, o autor partirá desses sentidos para tecer o seguinte comentário:

[...] “profundidade” significa sobretudo intimidade, e vê-se bem como o olhar de Palomar-Calvino, [...] a meio caminho do objeto, termina “por aflorar” o seio nu; como, para Rilke, estando a sonoridade musical reduzida às funções do metrônomo, só o perfume e o toque, obedientes ao ritmo respiratório do corpo, podem, afinal, estabelecer o bom contato. O perfume é um sentido “profundo”, e a comunicação com o sagrado – “o odor de santidade”, mas também o fedor que revela a presença do diabo – passa antes de tudo pelo canal olfativo. A percepção gustativa do mundo é, em contrapartida, mais completa e ambígua: dado que o sabor é sentido na boca, questiona-se como é que a compreensão do gosto manifesta uma tendência a generalizar-se e a intelectualizar-se. O gosto se aplica, com efeito, ao conjunto do leque de relacionamentos com o mundo; o latim *sapere*, ter sabor, converte-se em *saber*. Isto seria devido, parece, ao fato de que a conjunção gustativa estar situada no próprio interior do corpo e que o sujeito, em sua relação com o objeto, é neste caso o ator predominante; também ao fato de que, apesar das aparências, o contato saboroso é sempre efêmero, descendo em direção à garganta e, finalmente, bastante superficial. Somente quando repousa sobre a tatilidade a que está unido – na sucção, no beijo – é que o gosto reencontra sua plenitude. (Greimas, 2002, p. 71, aspas e itálicos do autor, sublinhados nossos)

Sublinhamos aqueles trechos para mostrar como uma ideia de corpo sensível já está embutida ali. Se “‘profundidade’ significa sobretudo intimidade”, há um efeito de sentido sobre sujeitos (intimidade pressupõe uma grande proximidade, portanto, maior densidade de presença). Se “o fedor [...] revela a presença do diabo”, e ele não é visto textualmente, essa presença é, na verdade, uma percepção simulada: é, assim, *quase-presença*. Quanto ao gosto e sabor, parece haver uma gradação: quanto mais próximo do centro de referência, maior é sua densidade. Ainda que sua intencionalidade não fosse explicitamente essa, se unirmos início e fim do curto comentário de Greimas, teremos implicada à intimidade (no início do trecho) uma gradação que finaliza com um beijo (momento em que o paladar e a tatilidade se juntam).

Ao observar as atitudes de Palomar e da pianista, Greimas (2002) nos mostra existirem certos códigos de conduta esperados dos cidadãos e que esses padrões são simulados na narratividade daqueles textos: espera-se que um senhor ético não fique olhando veementemente o seio de uma moça na praia; espera-se que uma dama da sociedade naquele tempo fique na segurança de sua casa... Para além disso, nos mostra existirem atitudes

53 Curiosamente, Palomar é um observatório telescópico localizado nos Estados Unidos. O nome do protagonista de Calvino é uma paródia, porque, ao contrário de um telescópio, ele se volta para as coisas mais próximas.

tomadas pelos atores daqueles textos: Palomar *busca* focalizar o seio da moça; a pianista é dominada pelo cheiro do jardim, mas *renega* o desejo de sair figurativizado por esse aroma. Essas são formas de comportamento, configurando-se em verdadeiros protocolos de postura.

Podemos, a partir dos mesmos exemplos observados por Greimas (2002), apresentar uma análise com base nos dois perfis do ator enunciativo propostos por Discini (2015). Com relação a Palomar, quando ele se depara com o seio da moça, essa ocorrência o toma de assomo. A visão o surpreende, e o deixa momentaneamente sem reação. Nesse caso, o leitor (enunciatário) está diante de seu perfil pático. A partir do instante em que Palomar começa a se refazer da surpresa, se vê obrigado a tomar uma decisão: continuar vendo ou deixar de ver. O leitor do texto está, nesse caso, observando seu perfil ético.

Com relação à pianista, o perfume do jardim surge abruptamente. O leitor presencia aí seu perfil pático (ligado ao sensível). Assim que o cheiro passa a permanecer um pouco mais e lhe ser cada vez mais próximo, ela precisa decidir se sairá ou se permanecerá em sua sala. Nesse caso, o leitor percebe seu perfil ético, demandando dela um posicionamento.

Nas duas breves análises, observamos que o ator enunciativo possui uma imagem (um *éthos*) que se apresenta para o enunciatário (o leitor). Além de *corpo*, esse *éthos* possui um tom de voz e um caráter. Esse ‘tom’ está presente tanto em textos orais quanto escritos (e mesmo em textos não verbais ou sincréticos). São exemplos de tons: “moderado, alegre, sem rupturas” (Maingueneau, 1997, p. 46). O caráter “corresponde a [um] conjunto de traços ‘psicológicos’ que o leitor-ouvinte atribui espontaneamente à figura do enunciador, em função de seu modo de dizer” (Maingueneau, 1997, p. 47)⁵⁴.

O entendimento sobre tom e caráter talvez fique mais claro com a observação de um trecho seguinte do mesmo “Seio nu”, de “Palomar”, ao analisado por Greimas:

[...] eu [o senhor Palomar, em primeira pessoa], assim fazendo, ostento uma recusa de ver, eu próprio acabo por reforçar a convenção que considera ilícita a vista do seio, ou seja, instituo uma espécie de soutien mental, suspenso entre os meus olhos e aquele peito, o qual, a julgar pelo reflexo que dele chegou aos confins do meu campo visual, me pareceu fresco e agradável à vista. Em suma, o meu não olhar pressupõe que estou a pensar naquela nudez, que me preocupo com ela, o que no fundo é ainda uma atitude indiscreta e retrógrada. (Calvino, 2009, p. 8)

54 Discini (2015) atribui a utilização do conceito de *éthos* nas análises discursivas (portanto, servindo de inspiração também à Semiótica) a Maingueneau (1997; 2012; 2013): “Destacamos que a noção de um *éthos* discursivo, como um corpo com certa vocalidade ou voz, a qual, com determinado tom, jamais é pensada em dependência da modalidade oral da comunicação, mas como fato discursivo, é tributária do pensamento de Maingueneau, em cujos trabalhos temos encontrado apoio de base para nossas reflexões [...]” (Discini, 2015, p. 163).

Palomar se mostra em um tom exagerado: a ponto de dizer que, para evitar olhar para o seio, ele lhe impõe um sutiã mental. Assim, demonstraria, para o enunciatório, ser um senhor de caráter respeitoso com a moça exposta, tanto com os costumes morais que dele se esperaria naquela situação. Tom e caráter são configurados pelo corpo do ator enunciativo.

A tensividade também modifica outros aspectos com relação ao *corpo enunciativo*. Quando falamos em *corpo* e *quase-presença*, também estamos atrelados às operações de modalização que alteram (sobretudo no nível narrativo) as condições de existência dos sujeitos semióticos. Ao modelo tradicional de modalizações formado pelo conjunto *virtual*, *atual* e *real*, a obra “Semiótica das Paixões” trouxe um novo elemento: o *potencial*. “Mas os graus da presença comportam hoje um modo que nem Guillaume nem Greimas no Dicionário de Semiótica concebem, a saber, o ‘potencializado’” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 253). Virtualização “corresponde ao estabelecimento de sujeitos e objetos, anteriormente a qualquer junção” (Greimas; Courtés, 2021, p. 536); atualização “pode corresponder [...] a uma transformação que opera a disjunção entre sujeito e objeto; equivalerá, então, no nível figurativo, à provação” (Greimas; Courtés, 2021, p. 46); realização diz respeito à “transformação que, a partir de uma disjunção anterior, estabelece a conjunção entre sujeito e objeto” (Greimas; Courtés, 2021, p. 407). Os autores complementam:

A semiótica narrativa foi levada a substituir o par tradicional *virtual/atual* pela articulação ternária *virtual/atual/realizado*, de modo a poder explicar melhor as organizações narrativas. Assim é que sujeitos e objetos, anteriormente à sua junção, estão em posição virtual; sua atualização e sua realização se efetuam tendo em vista os dois tipos característicos da função: a disjunção atualiza sujeitos e objetos, a conjunção os realiza. (Greimas; Courtés, 2021, p. 46)

Temos de lembrar que a passagem entre os níveis do percurso gerativo de sentido não é de ruptura com o nível antecessor e que a anterioridade ou posterioridade é somente para fins metodológicos e não hierárquicos. Ao contrário, há uma continuidade do processo de significação. Matte e Lara (2009b, p. 13-14) distinguem as diferentes modalizações e suas interferências no modo de existir dos sujeitos, ao que chamaram de “possibilidades de sujeitos”:

- Sujeito Potencial: /não quer/, /não deve/, /não pode/ e /não sabe/, mas tem motivos para /querer/ ou /dever/ fazer.
2. Sujeito Virtual: /quer/ ou /deve/ fazer, mas não /sabe/ nem /pode/ fazer.
3. Sujeito Atualizado: /quer/ ou /deve/ fazer, /sabe/ e /pode/ fazer.
4. Sujeito Realizado: já fez. (Matte; Lara, 2009b, p. 13-14)

Contudo, falta ainda indicar o elemento capaz de efetivamente levar o sujeito do

estado de “*não querer*” ao “*querer*” e “*fazer*”? Retomando Fontanille e Zilberberg (2001), temos a resposta: o *crer*:

Falta na série das modalidades básicas (*querer*, *dever*, *saber* e *poder*) uma das condições da realização; de fato, não basta que o sujeito disponha de todas as competências virtualizantes e atualizantes para que aja e se realize. É preciso também que ele *creia querer*, *creia dever*, *creia saber* e *creia poder*; em suma, que creia em sua competência e, de modo mais geral, creia no sistema de valores em cujo seio sua ação vai se inscrever.

Obviamente, nem todos os sujeitos que agem creem obrigatoriamente no que são e no que fazem; na verdade, aquilo que em tais casos substitui essa “crença” é particularmente revelador. Pascal propõe por exemplo, ao libertino, que retorne à igreja, que faça o sinal da cruz, que recite as preces, para que adquira ou readquira a fé: a ritualização do fazer substitui a crença na identidade modal do sujeito; ademais, ela pode aparecer tanto como uma degradação da crença (como uma “automatização” que a dessemantizaria) quanto como um procedimento de restauração da crença. De igual modo, em Proust, Swann, antes da descoberta da pequena frase de Vinteuil e, portanto, antes da restauração da crença, só conhecia programas ritualizados, atrações estereotipadas e repetitivas. A repetição, a fixação, a ritualização produzem “tipos” (aqui, “estereótipos” e “ritos”) disponíveis a todo momento para o sujeito nutrir sua programação discursiva. Para nós, literalmente, trata-se de grandezas sintáticas “potencializadas” que não estão nem “virtualizadas”, nem “atualizadas”, porque já foram realizadas em uso, em mesmo propriamente “realizadas”, dadas que estão de algum modo “postas em memória”, à disposição dos sujeitos da enunciação. A comutação é clara e probante: quando a crença já não cumpre mais, ou ainda não cumpre, seu ofício de potencialização, o rito, o hábito, o estereótipo, produtos de usos discursivos, podem também desempenhar esse papel. A “crença” seria qualquer coisa como a versão “tônica” e “intensiva” do modo potencializado, enquanto o “tipo” e o “rito” seriam sua versão “átona” e “extensiva”. (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 254, grifos dos autores)

Portanto, o sujeito potencial é o sujeito do *crer*. De tal maneira, podemos acrescentar essa aspectualização ao compêndio de Matte e Lara (2009b) adaptando a configuração assim:

a) potencialização: marcada pelo sujeito do “*não querer*”, “*não dever*”, “*não poder*” e “*não saber*”, mas que tem motivos para tal, sendo assim, é também sujeito que *crê querer*, *crê dever* ou *crê poder fazer*.

b) virtualização: sujeito do *querer* ou *dever fazer*, mas que *não sabe nem pode fazer*.

c) atualização: sujeito do *querer*, *dever* ou *saber* desde que já dotado do *poder fazer*.

d) realização: sujeito do *fazer*.

Para que aja, é preciso que o sujeito acredite em algo e, para que acredite, é preciso existir uma confiança e ela pode ser configurada pela *assunção* ou pela *adesão* (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 255). Trata-se de uma atitude de fideduciação, geralmente, mediante a interferência de um destinador. A primeira é referente a um *crer* poder agir de caráter autônomo; e a segunda, a um *crer* poder agir de caráter heteronômico (de submissão ou de obediência a algo/alguém externo). Verificamos, assim, existirem estímulos internos e

externos que influem nas modalizações dos sujeitos semióticos. A partir dessas definições, os semioticistas da tensividade criaram os seguintes modos de existência:

Quadro 1 - Tabela dos modos de existência de acordo com a tensividade

	Potencializada	Virtualizada	Atualizada	Realizada
Endógena	assumir	querer	saber	ser
Exógena	aderir	dever	poder	fazer
	(crenças)	(motivações)	(aptidões)	(efetuações)

Fonte: Adaptado de Fontanille e Zilberberg (2001, p. 256).

Essas modulações quando encontradas atuando de forma correlacionadas em um conjunto de textos também são rastros de um *estilo*, isto é, o *corpo* adensado no cotejo entre textos que contêm características comuns que os dotam de uma composicionalidade. Quando indicarmos mais profundamente a corporificação da polêmica (Cf. “4.1 Estilo polêmico”), veremos que os enunciados de nosso *corpus* possuem sujeitos que são motivados por regimes de interação (Landowski, 2012; 2014) afetados pela paixão do medo e por uma negatividade. São esses componentes que explicaremos neste momento. O dicionário apresenta ao menos quinze acepções para a palavra “não”⁵⁵, mas o tipo de *não* pensado por Bertrand (2011, s/p) é outro: ele trata sobre a diferença entre “a negação, o negativo e a negatividade”⁵⁶.

A preocupação de Bertrand (2011) é elaborar um pensamento sobre o *não* semiótico. Relembra desde o início das formulações de Greimas e seu quadrado semiótico, com, por exemplo, os pares *vida vs. morte* e *não vida vs. não morte*. A base da lógica da semiótica

55 “1) Expressão usada para responder de forma negativa: – *Você já almoçou?* – *Não, ainda não.* 2) Expressão usada para recusar um pedido ou um oferecimento: – *Tome mais uma taça de vinho.* – *Não, obrigado.* 3) Expressão usada para anunciar uma oração negativa: *Não, eu não queria brigar com ela.* 4) Expressão usada para indicar uma contestação, seguida de esclarecimento: – *Você sumiu; esteve viajando?* – *Não, estive doente.* 5) Expressão usada para indicar negação quando ainda resta dúvida: – *Você comprou o apartamento?* – *Sim e não; ainda preciso negociar alguns detalhes.* 6) Expressão usada para indicar asserções ou interrogações que implicam dúvidas: *Afinal, as declarações são ou não verdadeiras? Você vai ao cinema? Sim ou não?* 7) Expressão usada para indicar orações negativas equivalentes a afirmações: *Eu não disse que ele era mentiroso?* (= *Eu disse que ele era mentiroso*). 8) Expressão usada para exprimir polidez na interrogativa direta: *Você não poderia fechar a janela?* 9) Expressão usada para reforçar uma interrogativa direta, quando se espera uma resposta afirmativa: *Você não é irmão de Joana?* 10) Expressão usada para modificar nomes: *Prefiro uma política de não intervenção.* 11) Expressão usada para formular perguntas que exprimem admiração ou surpresa: *Você não ia ao aniversário de Anita? O que faz aqui?* 12) Expressão usada para exprimir receio ou medo de que o que se afirma possa ocorrer: *Acho melhor guardarmos o carro; não vá um ladrão roubá-lo nesta rua escura.* 13) Expressão usada para indicar proibições: *Não pise na grama!* 14) Expressão usada para corrigir algo que se afirmou anteriormente: *Ela chega da Europa na quinta-feira. Não, na quarta.* 15) iron Expressão usada para exprimir um sim: *Você me acha má?* – *Não, de jeito nenhum!*” (Michaelis, 2025, s/p.)

56 Em francês: “La négation, le négatif, la négativité” (Bertrand, 2011, s/p). De acordo com o autor: a primeira diz respeito à língua; a segunda, à linguagem como um todo; e, a terceira, “se estende como uma isotopia subjacente ao universo dos discursos” (Bertrand, 2011, s/p, tradução nossa para: “s’étend comme une isotopie sous-jacente à l’univers des discours”). Obs.: não há indicação de página na citação porque o texto é publicado unicamente em versão *online* (em formato de “tela corrida”).

standard é a diferença por negação: se é o contrário do que se nega. Para o autor: “O significado negativo é, portanto, considerado aqui como o cerne do significado perceptivo” (Bertrand, 2011, s/p, tradução nossa)⁵⁷.

Essa lógica já alude ao princípio da língua apontado por Saussure, no Curso de Linguística Geral: as diferenças proporcionam a diversidade de significados e significantes. Porém, Bertrand (2011) abrange essa ideia para a linguagem: o negativo, nesse caso, tem a ver com qualquer oposição. Todavia, as tipificações dos negativos não são suficientes para compreender os processos de significação dos textos. Por isso, Bertrand (2011) trabalha sobre a negatividade, conceito que inferimos ser a negação diretamente ligada a modalizações e a efeitos de sentido.

Bertrand (2011) conta que a inspiração para essas formulações veio de sua incursão nos estudos do filósofo francês François Jullien⁵⁸, cujas obras abordam a relação entre o negativo e o mal. O semioticista comenta que leu o compatriota e reelaborou suas propostas para adequá-las ao pensamento discursivo: “Eu as interpreto livremente e reformulo integrando-as na metalinguagem semiótica – não por coqueteria, mas para mostrar claramente o vínculo que essa ambiguidade [negação, negativo e negatividade] mantém com a narratividade” (Bertrand, 2011, s/p, tradução nossa)⁵⁹. Nesse caso, Bertrand (2011) mostra a negatividade como a contraposição entre o negativo e o mal, a partir de algumas distinções:

- Uma distinção modal, antes de mais nada, articulada segundo as duas versões da necessidade, o “ter que ser” e o “não poder não ser”: o mal se refere a um suposto “ter que ser”, que é negado (no sofrimento, na imperfeição ou no pecado) em nome de valores positivos, deontológicos, a serem alcançados: a felicidade, a perfeição ou a virtude; o mal está, portanto, ligado à intencionalidade que se expressa nas normas e na moralidade. O negativo, por sua vez, refere-se à outra versão modal do deôntico, “não poder não ser”: está ligado à simples funcionalidade do mundo tal como é, diz respeito à efetivação das coisas fora de qualquer intencionalidade.
- Uma distinção actancial: o mal implica o ponto de vista de um sujeito, agente ou paciente, ou mais precisamente de um Destinatário da sanção, exercendo certamente uma função punitiva e repressiva, mas ainda mais uma função “iniciadora” quando é internalizada (a provação do mal está a serviço da superação); o mal faz, portanto, parte de uma lógica de ação e paixão. O negativo, por sua vez, refere-se à lógica de um processo, como o processo elementar da fala, com a simples realização de operações de afirmação e negação, ou mesmo operações matemáticas onde a qualidade do positivo e do negativo é apenas uma questão de convenção formal, fora de qualquer factualidade hierárquica.
- Uma distinção quantitativa: o mal isola uma singularidade. Questiona a figura individual de uma pessoa, de um ato, de uma história sempre particular. Enquanto o

57 “Le sens négatif est donc envisagé ici au foyer même de la signification perceptivo” (Bertrand, 2011, s/p).

58 A referência usada por Bertrand (2011) é: JULLIEN, François. *L'ombre au tableau. Du mal ou du négatif*. Paris: Seuil, 2004.

59 “j’interprète librement, et que je reformule en les intégrant au métalangage sémiotique – non par coquetterie, mais pour bien montrer le lien que cette équivoque entretient avec la narrativité” (Bertrand, 2011, s/p).

negativo trata de um todo, ele expressa uma relação dentro de um todo dentro do qual aparece, seleciona partes de um todo.

– Uma distinção relacional: o mal estabelece a dualidade de termos externos entre si. Termos que são rejeitados com base num juízo de exclusão: bem *versus* mal, bem ou mal, o Bem abolindo o Mal, por exemplo. O negativo supõe uma diferença interna num sistema onde dois termos polares, positivo e negativo, se opõem porque andam de mãos dadas: um não pode existir sem o outro. Os termos são então caracterizados, como no conceito estrutural de relação onde o - se une ao +, por uma compreensão com vistas à integração.

– Uma distinção axiológica: o mal não está apenas inscrito num sistema definido de valores, mas constitui um objetivo negativo dentro deste sistema. É ideológico. Daí o seu carácter dramático com base neste ideal direcionado e reversível: é objeto de reclamação, é objeto de luta, desdobra-se nas viagens apaixonadas da implacabilidade. Mas ele também é confrontado com o enigma de uma suposta origem (de onde vem o mal?). Diríamos que é imediatamente narrativo. O negativo, por sua vez, baseia-se em valores lógicos: submete-se a regras que asseguram tanto a separação como a coordenação. Diríamos que é imediatamente descritivo. (Bertrand, 2011, s/p, tradução nossa)⁶⁰

Como nossa base de pesquisa é a Semiótica Tensiva, o afeto é o componente mais importante para as análises. Sendo assim, pelo viés que propomos (a partir do que as análises comprovam), se tomarmos por princípio as definições de Bertrand (2011), mais que o negativo, é o *mal* quem predomina nos enunciados de nosso *corpus*⁶¹. No conjunto de nossos

60 – Une distinction modale, tout d’abord, articulée selon les deux versions de la nécessité, le “devoir être” et le “ne pas pouvoir ne pas être”: le mal renvoie à un “devoir être” supposé, qui est nié (dans la souffrance, dans l’imperfection ou dans le péché) au nom de valeurs positives, déontologiques, à atteindre: le bonheur, la perfection ou la vertu; le mal a ainsi partie liée avec l’intentionnalité qui s’exprime dans la norme et la morale. Le négatif, lui, renvoie à l’autre version modale du déontique, le “ne pas pouvoir ne pas être”: il est lié à la simple fonctionnalité du monde tel qu’il va, il relève de l’effectuation des choses en dehors de toute intentionnalité.

– Une distinction actantielle, ensuite: le mal implique le point de vue d’un sujet, agent ou patient, ou plus exactement d’un Destinataire de la sanction, exerçant une fonction punitive et répressive certes, mais plus encore une fonction “initiatrice” lorsqu’il est intériorisé (l’épreuve du mal est au service du dépassement); le mal s’inscrit donc dans une logique de l’action et de la passion. Le négatif, lui, renvoie à la logique d’un procès, comme l’élémentaire procès de la parole, avec la simple effectuation des opérations d’affirmation et de négation, ou encore des opérations mathématiques où la qualité du positif et du négatif n’est qu’une affaire de convention formelle, en dehors de toute actantialité hiérarchisée.

– Une distinction quantitative, en troisième lieu: le mal isole une singularité. Il met en question la figure individuelle d’une personne, d’un acte, d’une histoire toujours particulière. Alors que le négatif a affaire à une globalité, il exprime un rapport à l’intérieur d’un ensemble au sein duquel il apparaît, il sélectionne des parties dans un tout.

– Une distinction relationnelle ensuite: le mal instaure la dualité de termes extérieurs l’un à l’autre. Des termes qui se rejettent sur la base d’un jugement d’exclusion: le bien vs le mal, le bien ou le mal, le Bien abolissant le Mal par exemple. Le négatif suppose une différence interne à un système où deux termes polaires, positif et négatif, sont opposés parce qu’ils vont de pair: l’un ne peut aller sans l’autre. Les termes se caractérisent alors, comme dans le concept structural de relation où le - est solidaire du +, par une compréhension en vue d’une intégration.

– Une distinction axiologique enfin: le mal est non seulement inscrit dans un système défini de valeurs, mais il constitue une visée négative au sein de ce système. Il est idéologique. D’où son caractère dramatique sur le fond de cet idéal visé et renversable: il est l’objet d’une plainte, il est l’enjeu d’un combat, il se déploie dans les parcours passionnels de l’acharnement. Mais il est aussi confronté à l’énigme d’une origine supposée (d’où vient le mal?). Nous dirions qu’il est d’emblée narratif. Le négatif quant à lui repose sur des valeurs d’ordre logique: il se soumet à des règles qui assurent à la fois la séparation et la coordination. Nous dirions qu’il est d’emblée descriptif. (Bertrand, 2011, s/p).

61 Entendemos que as distinções apresentadas por Bertrand (2011) tenham sido constituídas para dar ênfase ao *negativo* e não ao *mal*. Todavia, reforçemos, nosso interesse é o afeto. E o mal é um afeto: “Sentimento de mágoa ou ressentimento; aflição, pesar” (Michaelis, s/p, 2025. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/mal/>. Acesso em: 23 mar. 2025). Por isso, nós daremos ênfase, por esse

textos, veremos ocasiões em que os sujeitos: são modulados, por exemplo, por motivações de “terem que ser” ou “não poderem não ser” (numa negatividade com distinção modal); há (explícito ou implícito) um destinador que sanciona (distinção actancial); sujeitos isolados (uma distinção quantitativa); dualidades entre termos opostos e/ou graduados (uma distinção relacional); há representações de lutas entre os envolvidos (uma distinção axiológica).

Todas essas ações de modulação têm como essência a manipulação e a persuasão. Enquanto o *fazer fazer* é o cerne da manipulação, o *fazer crer* é, portanto, o da persuasão. Um sujeito motivado busca tornar-se apto a efetuar determinada ação. Porém, antes de tudo, precisa acreditar poder agir. E precisa acreditar que sua possível ação será legítima. Essa atenção ao *crer* é uma das contribuições da tensividade aos estudos semióticos. Observaremos, no item seguinte, outras peculiaridades dessa vertente.

2.2 Sobre a tensividade

É provavelmente “*Essai sur les modalités tensives*” (“Ensaio sobre as modalidades tensivas”, em tradução livre nossa do primeiro livro de Zilberberg publicado, em 1981) que inaugura diretamente as indicações de que a foria pode ser o foco das análises semióticas. Quase duas décadas depois, “*Tension et signification*” (Fontanille; Zilberberg, 1998) – publicada no Brasil como “Tensão e significação” (Fontanille; Zilberberg, 2001) –, em parceria com Fontanille, impõe maior estruturação teórica e define uma nova corrente: a Semiótica Tensiva.

É a partir dos anos 2000 que essa abordagem se difunde amplamente. Inúmeras pesquisas utilizando esse arcabouço teórico são publicadas, indicando hipóteses e aprimorando conceitos. Em meio à grande quantidade de obras que assinalam a importância de Zilberberg para a semiótica, destacamos duas brasileiras. Conrado Moreira Mendes e Glaucia Muniz Proença Lara organizam “Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg”, pela Appris, em 2016; e, em 2019, um ano depois de sua morte, a “Revista Estudos Semióticos”, da USP, publica uma edição especial a ele dedicada.

Essas publicações destacam a relevância contemporânea da Semiótica Tensiva para os Estudos de Linguagens, sobremaneira, no concernente às análises sobre a argumentação. Não se trata de descartar a Semiótica *standard*. Até porque, como dissemos a respeito das observações sobre o ator, “Da imperfeição” (Greimas, 2002) apresentava indicações sobre a

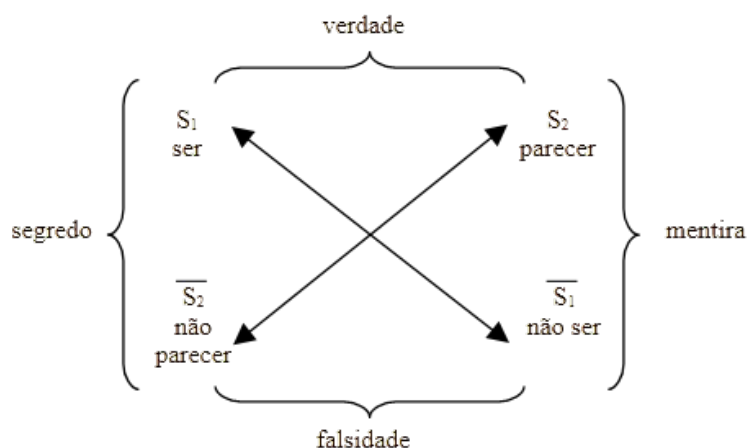
ponto de vista especificamente, ao mal.

afetividade, pois havia uma proximidade com a Fenomenologia. “Efetivada ou não, justificada ou não, essa ‘virada fenomenológica’ constitui uma intimação”, comenta Zilberberg (2011, p. 12) sobre o encontro da Fenomenologia com a Linguística proposto pela Semiótica Discursiva.⁶²

Zilberberg não quer fundar uma semiótica apartada de seu nascedouro. Ao contrário, propõe um ajuste de rumo, mas não defende o esquecimento ou a desobediência aos ensinamentos primordiais da Semiótica Discursiva. Por exemplo, no que se refere ao quadrado semiótico, não afirma que este deixa de ser relevante, implementa a *foria* como motivadora das direções (implicações). O que era elemento circundante passa a ser central, dando-se importância ao afeto. O quadrado semiótico é ampliado para gráficos e redes tensivos. Como explica o autor: “[...] não acreditamos na inconciliação geralmente reconhecida entre o concebido e o vivenciado, e o sintagma ‘gramática do afeto’ não equivale, a nosso ver, a um oxímoro” (Zilberberg, 2011, p. 12). “É certo que a base original tem de ser ampliada em certos pontos e remanejada em outros [...]”, complementa Zilberberg (2011, p. 12).

Um exemplo dessa ampliação proposta para o quadrado semiótico a que nos referimos é a gradação sugerida por Fontanille e Zilberberg (2001) ao quadrado veridictório greimasiano. Greimas e Courtés (2021) ilustram as correlações entre *ser e/ou parecer* e *verdade e/ou mentira* como descontínuas:

Quadro 2 - Quadrado veridictório “clássico”

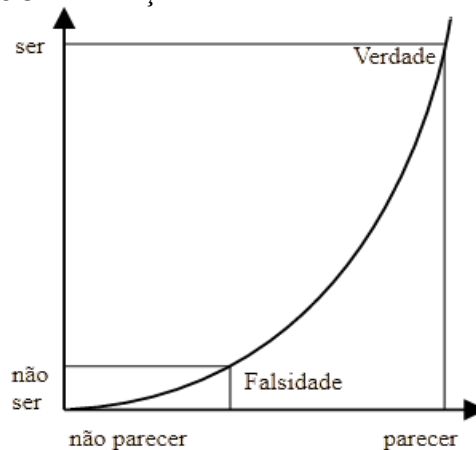


Fonte: Baseado em Greimas e Courtés (2021, p. 403).

62 A Semiótica Tensiva é um desdobramento da Semiótica Discursiva, acontece que Zilberberg explorou ainda mais as possibilidades de estudo sobre as paixões; ao defender que o afeto (paixões, emoções, sentimentos: os estados da alma) seja o ponto central nas observações sobre a produção do sentido.

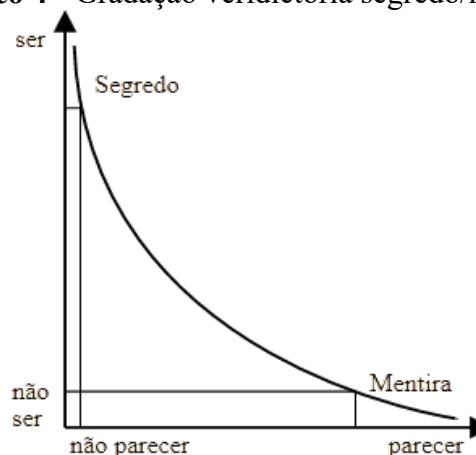
Baseiam-se na (re)construção de efeitos de sentidos (sobre o enunciatário) para que o texto apresente determinados padrões passíveis de indicá-lo como aparentemente: verdadeiro, se se parece com aquilo que diz ser; mentiroso, se não é o que diz ser, mas parece ser; falso, se não é o que diz ser e tampouco parece ser; ou secreto, se se é, mas não parece ser. Mais que relações de contrariedade e complementaridade, Fontanille e Zilberberg (2001) encontram, no referido quadrado, uma possibilidade de gradação: por exemplo, se quanto mais se é algo, mas menos se aparenta sê-lo, estamos diante de um grande segredo. Temos, portanto, uma possibilidade de confecção de gráficos tensivos das relações *ser e/ou parecer*.

Gráfico 3 - Gradação veridictória verdade/falsidade



Fonte: Baseado em Fontanille e Zilberberg (2001, p. 78).

Gráfico 4 - Gradação veridictória segredo/mentira



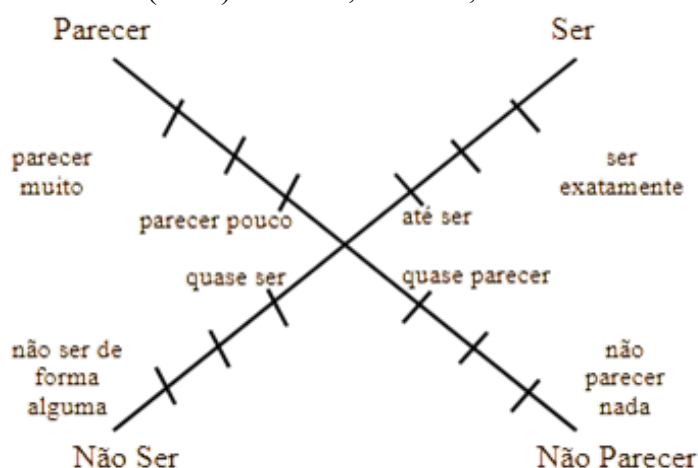
Fonte: Baseado em Fontanille e Zilberberg (2001, p. 78).

Os autores sugerem uma gradação em que o *ser* é graduado conforme a intensidade e o *parecer* de acordo com a extensidade. A “falsidade” é maior quanto mais algo (ou alguém) está

distante do *não ser*, porém mais *parece* ser real. Algo ou alguém é “verdadeiro” quanto mais parece ser aquilo que de fato é. Algo é mais “secreto” quanto menos *parece* (quanto mais esconde) com aquilo que de fato é. Por sua vez, algo (ou alguém) é mais “mentiroso” quanto mais *parece* com aquilo que *não é*. Com a possibilidade de graduar essas relações que configuram uma espécie de contrato tácito entre o enunciador e o enunciatário, passamos a verificar além de associações lógicas implicativas, conexões de ordem concessiva.

A partir do contraponto entre os gráficos pensados por Fontanille e Zilberberg (2001), Soares e Mancini (2023) e Barros, Demuru, Gomes e Mancini (2025) propuseram uma modificação do quadrado veridictório:

Quadro 3 - Quadrado veridictório baseado na Semiótica Tensiva, conforme proposto por Soares e Mancini (2023) e Barros, Demuru, Gomes e Mancini (2025)



Fonte: Baseado em Soares e Mancini (2023, p. 24) e Barros *et. al* (2025, p; 49).

Por princípio, as setas do quadrado semiótico clássico demandam uma atitude lógica. Nessa lógica, a Semiótica Tensiva embutiu a afetividade. Quer dizer, aos estados das coisas unem-se os estados da alma. Para Zilberberg (2011, p. 96), é sobre a “irrupção do inesperado” que a Semiótica Tensiva foca sua atenção, incluindo nas análises o afeto: “[...] quanto ao valor, o afeto, [uma vez que] essas grandezas se auxiliam reciprocamente, poupando-nos de pensar valores sem afeto e afetos sem valores” (Zilberberg, 2011, p. 11).

Tensivamente, pensamos o *afeto* como um efeito de sentido causado por um objeto/sujeito invasor do campo de presença do sujeito, desestabilizando-o: assim, pode ser pensado retoricamente por meio de uma imagem do enunciador (*éthos*) e um efeito sobre o enunciatário (*páthos*) (Cf. “Capítulo II”). Nesse caso, difere-se de uma paixão. Aliás, para Fontanille e Zilberberg (2001), a paixão seria um tipo de afeto.

[...] o termo “emoção” (= “estado afetivo intenso, caracterizado por brusca perturbação física e mental”) pertence a uma nomenclatura de estados afetivos, em cujo seio se distingue da “paixão” (= “viva inclinação para um objeto que alguém persegue e ao qual se apegue como todas as forças”), do “sentimento” (= “estado afetivo complexo, bastante estável, bastante durável”), da “inclinação” (= “movimento afetivo, espontâneo, para um objeto ou um fim”), da “disposição” (= “tendência a”) ou do “temperamento” (= “conjunto de caracteres inatos numa pessoa, complexo psicofisiológico que determina seus comportamentos”). (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 281)

O *afeto* é, por conseguinte, uma transformação ocasionada em determinado sujeito. É uma modificação observada pelas dimensões sensível (sobretudo) e inteligível. Para Fiorin (2007), trata-se de uma relação de hiperônimo e hipônimos: “O *afeto* é o elemento de base, cujas manifestações são *emoção, inclinação, paixão, sentimento*” (Fiorin, 2007, p. 14, grifos do autor).

Incluir o *afeto* nas análises significa dizer, de acordo com a Semiótica Tensiva, que elas devem observar a intersecção das duas dimensões que transcorre por todo o percurso gerativo de sentido: a intensidade (do estado da alma, estado sensível); e a extensidade (do estado de coisas, do inteligível) (Zilberberg, 2011).

Essas dimensões (re)constroem efeitos de sentido que afetam o enunciatário, e alguns desses efeitos tendem a ser de adesão ou de recusa a certo argumento – como ocorreu durante o período pandêmico. Por isso, a Semiótica Tensiva valida a retórica nos estudos sobre o discurso. Relembrando oradores consagrados, como o italiano Cícero e o espanhol Quintiliano, Fiorin (2021) estuda algumas figuras de linguagem e como elas são capazes de afetar o enunciatário: “Afim, a retórica tinha entre seus objetivos não apenas *docere* (= mostrar) ou *probare* (= provar), que concernem ao componente inteligível do discurso, mas também *delectare* (= comover) [concernente ao sensível]” (Fiorin, 2021, p. 20, grifos do autor).

Se existe uma retórica a ser recuperada, entendemos haver uma tentativa de persuasão necessitando ser estudada. E ela pode se dar por dois pontos-chave: *éthos* e *páthos*. Uma imagem do enunciador e um efeito de sentido sobre o enunciatário (geralmente, efeito de cunho sensível). Dessa forma, percebe-se o sujeito a ser, por vezes, bastante instável; como diria Discini (2015, p. 141), há uma “labilidade do corpo”. E essa instabilidade (ou inconsistência) está atrelada aos conceitos denominados por Zilberberg (2011) de *sobrevir* e de *pervir*. O primeiro, caracterizado pelo instante inesperado (da dimensão do *acontecimento*); o segundo, caracterizado como uma duração (da dimensão do *exercício*). Para Discini (2015), essas inconstâncias temporais afetam os atores da enunciação e fazem com que eles sejam passíveis de serem persuadidos por uma *sensibilização* (geralmente,

quando diante do inesperado) ou por uma *moralização* (geralmente, quando diante do provável, do habitual).

Com relação à polêmica vivida em meio à pandemia, podemos afirmar que tanto a razão quanto o afeto apresentado em forma de emoção, inclinação, paixão ou sentimento (Fiorin, 2007) foram convocados pelos enunciadores de posicionamentos diferentes envolvidos na oposição de opiniões: por exemplo, entre atender aos preceitos médico-sanitários ou contestá-los. É preciso que nos recordemos da noção de espaço tensivo, entendido simultaneamente como “um modelo hierárquico para as categorias que se supõem pertinentes e como uma representação espacial cômoda dos estados e acontecimentos que surgem no campo de presença” (Zilberberg, 2011, p. 253).

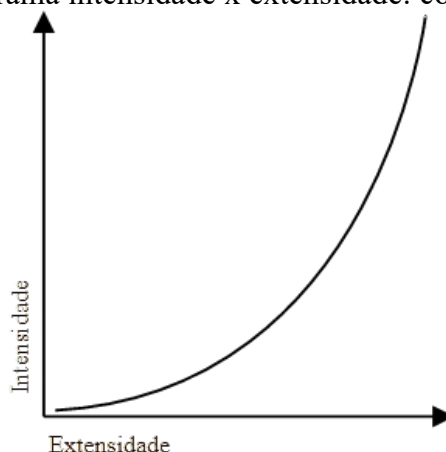
Para melhor entendê-lo, convém discutirmos a noção de dimensão. De acordo com Greimas e Courtés, dimensão é “[...] cada uma das relações binárias constitutivas do quadrado semiótico” (Greimas; Courtés, 2021, p. 140). Zilberberg (2011) considera duas dimensões principais para formular um diagrama em forma de gráfico com gradação de valores, sendo o eixo vertical o da intensidade (em que o acontecimento varia de tênue a impactante) e o horizontal o da extensidade (variando de concentrada a difusa).

Intensidade e extensidade são dimensões, isto é, noções que possuem grandezas chamadas *valores semióticos*, sendo: de impacto e de tenuidade, com relação à intensidade; e de concentração e de difusão, com relação à extensidade. Os *valores* desse diagrama são também identificados como *de absoluto* (os da intensidade) e *de universo* (os da extensidade). De tal maneira que essas dimensões se desdobram em subdimensões: a intensidade teria andamento e tonicidade; a extensidade, teria temporalidade e espacialidade. Sendo os valores semióticos resultantes da convergência entre intensidade e extensidade, o gráfico possui uma parábola que pode emergir em sentido converso ou inverso.

Se for uma correlação converso, os valores de impacto e os valores de universo aumentam-se uns aos outros, *e tudo transcorre da melhor forma no melhor dos mundos possíveis...*; se for uma correlação inversa, os valores de impacto diminuem proporcionalmente aos de sua extensão, de sua difusão. (Zilberberg, 2011, p. 92)

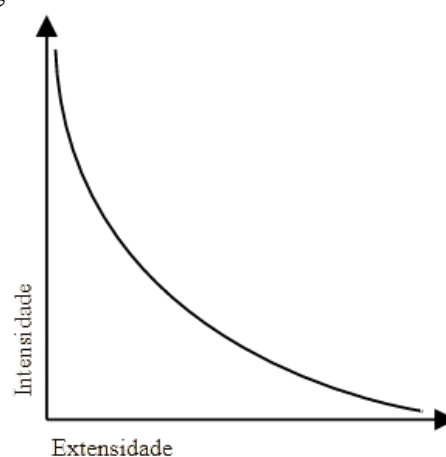
É possível verificarmos essas correlações nos gráficos seguintes. As conversas tendem a ser encaradas como resultantes de interações de implicação mais lógica e as inversas de implicação mais concessiva.

Gráfico 5 - Diagrama intensidade x extensidade: correlação convers



Fonte: Baseado em Zilberberg (2011, p. 93).

Gráfico 6 - Diagrama intensidade x extensidade: correlação inversa



Fonte: Baseado em Zilberberg (2011, p. 93).

Sem desprezar os preceitos de Greimas e Courtés, a corrente tensiva mostra algumas brechas no cenário inicial da semiótica dita *standard* ou greimasiana. De acordo com Zilberberg: “[ela] apostou no quadrado semiótico e sobretudo na implicação [não $S_1 \rightarrow S_2$], considerada irresistível. Mas na realidade o que o quadrado semiótico deixava escapar era o acaso, o fortuito, a irrupção do inesperado, do acontecimento, etc.” (Zilberberg, 2011, p. 96).

A gradação de valores proposta por ele possui minimamente quatro grandezas, em que os extremos são denominados sobrecontrários e os termos medianos, subcontrários. De tal forma é possível tecer uma rede que apresenta para uma determinada categoria subcategorias capazes de serem entrecruzadas ou sobrepostas, formando, assim, uma gradação. Como exemplo, o autor constitui uma gradatividade em termos de tamanhos genéricos, excedendo as percepções extremistas de algo “pequeno” ou “grande”:

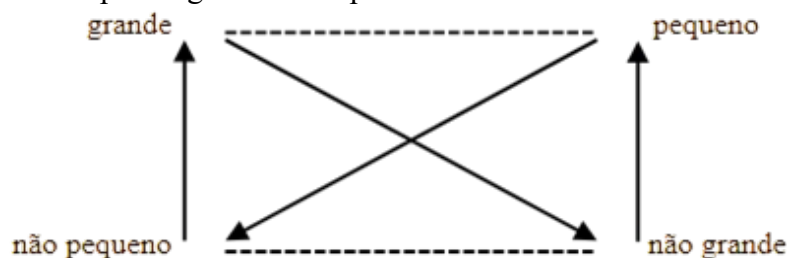
Quadro 4 - Exemplo de grandezas espaciais proposto por Zilberberg (2011)

minúsculo ↓ S ₁ sobrecontrário	pequeno ↓ S ₂ subcontrário	grande ↓ S ₃ subcontrário	colossal ↓ S ₄ sobrecontrário
--	--	---	---

Fonte: Baseado em Zilberberg (2011, p. 200).

Se, hipoteticamente, pensarmos numa configuração lógica como um quadrado semiótico formulado a partir da Semiótica *standard*, acreditamos que poderíamos ter uma configuração como esta:

Quadro 5 - Exemplo de grandezas espaciais de acordo com a Semiótica *standard*



Fonte: Elaboração própria.

Observamos que a proposta tensiva amplia as possibilidades de análise do processo de significação. A quantidade de valores (colunas) das redes tensivas será constituída de acordo com a quantidade de *graus*, definidos por unidades mínimas *mais* e *menos*, isto é, acréscimo ou decréscimo de uma qualidade ou quantidade. Quanto ao “Quadro 4”, se observarmos o caminho $S_1 \rightarrow S_2 \rightarrow S_3 \rightarrow S_4$ (minúsculo $\rightarrow$ pequeno $\rightarrow$ grande $\rightarrow$ colossal) o pequeno é percebido quando, a partir do minúsculo, se acrescenta *mais* grandeza a ponto de podermos identificar o aumento de tamanho, se acrescida *mais* grandeza, temos o grande e, por fim, o colossal. Estamos no caminho do que Zilberberg (2011) denominou de *restabelecimento*. O caminho inverso ($S_1 \leftarrow S_2 \leftarrow S_3 \leftarrow S_4$) é o *recrudescimento*.

Além de ser passível de uma gradação, o nível tensivo modera os demais níveis do percurso gerativo de sentido. Para essa função de “elemento regulador” (Discini, 2015, p. 52), o nível tensivo “representa as oscilações” (Discini, 2015, p. 52) entre as dimensões sensível e inteligível. Se as dimensões oscilam é porque transcendem, porque deslizam sobre um terreno (discursivo e textual) que tem seu interior e suas bordas, que tem uma unidade e um todo (um conjunto de enunciados que auxiliam a perceber um estilo). De onde podemos entender que o todo está presente nas partes. Há um princípio que determina o estilo. Há, portanto, um *éthos* (a imagem do ator perante o enunciatário) com seu corpo, com sua *quase-presença*.

Por meio da Semiótica Tensiva, com suas redes e gráficos de valores graduados e a defesa pela foria enquanto fundamento, prevemos a existência de um sujeito da apreensão e um sujeito do foco. Na apreensão, o objeto invade de forma abrupta o campo de presença do sujeito e estamos diante de um assomo: do sobrevir. É, por exemplo, quando o coronavírus foi identificado e se espalhou fora de controle, sem que os especialistas estivessem aptos a apresentarem medicação capaz de curar a doença por ele causada. No foco, o objeto já é parte do convívio do sujeito, e esse *ator* (porque agora um sujeito conclamado a se decidir sobre algo) está em um *acontecimento* prestes a se transfigurar em um *exercício*, porque se direciona para a resolução: é um sujeito da ordem do pervir. É, por exemplo, o cidadão que, já ciente da existência do vírus, precisou decidir se usava a máscara protetiva ou não quando as autoridades médicas prescreveram o acessório. É numa apreensão ou num foco que o sujeito precisará adquirir competências para receber sua futura sanção.

Emprestando de Merleau-Ponty (2021) o conceito de “campo de presença”, Zilberberg (2011) reconfigura a presença enquanto dêixis. Quando um *acontecimento* advém, as grandezas valorativas do gráfico e das redes tensivas “pervêm” ou sobrevêm, configurando-se no tempo e no espaço e aspectualizando o sujeito discursivo em ator. Sendo assim, o objeto que irrompe no horizonte e se mostra no campo de presença do sujeito é sentido na dimensão intensa e quantificado na dimensão extensa. Por isso, trabalha-se em relações entre intensidade e extensidade. Nessa intercalação, acontecimento e exercício são termos-chave.

Quanto à intensidade, o *acontecimento* é determinado pelo sobrevir (enquanto fase da competência), pela apreensão (enquanto sua existência, seu aparecimento diante do sujeito) e pela concessão (quanto à junção sujeito-objeto). Quanto à extensidade, o *exercício* é determinado pelo pervir, pelo foco e pela implicação. Entendendo assim, Zilberberg (2011) nada mais faz que aludir aos “Escritos de Linguística Geral” de Saussure (2004), quando este distingue acontecimento e estado:

Mas não existe, senão em linguística, uma distinção sem a qual não se compreende os fatos em grau algum [...]. Tal é a linguística entre o estado e o acontecimento; pode-se perguntar, até mesmo, se essa distinção, uma vez bem reconhecida e compreendida, permite, ainda, a unidade da linguística. (Saussure, 2004, p. 200)

O precursor da tensividade comenta que essa distinção “sublinha a importância do intervalo existente entre, de um lado, o foco e seu objeto, *o esperado* e, de outro, a apreensão e seu objeto, *o inesperado*, o ‘novo’, [...] o que sobrevém” (Zilberberg, 2011, grifos do autor). Ao se referir a intervalo, o autor indica a gradação dos elementos componentes do

espaço entre extremos.

As gradações tensivas são possibilitadas pela noção de *foria*, tida como a motivação que impulsiona o sujeito surpreendido pelo acontecimento. Junto com o afeto (sobre o qual já comentamos) e a dependência, ela faz parte dos três conceitos-chave elaborados por Zilberberg (2011):

- i) quanto à estrutura, a dependência, mais que a oposição, já que a oposição pressupõe a estrutura;
- ii) quanto à direção, a *foria*, na medida em que os destinos possíveis da *foria* motivam a direção, tal como estava já estabelecido pelo quadrado semiótico;
- iii) [o afeto]. (Zilberberg, 2011, p. 11)

Dessa maneira, a *foria* necessita de acréscimos ou decréscimos de *mais* ou de *menos* para formular diagramas, gráficos e redes tensivos. De acordo com Tatit (2019, 2020a, 2020b, 2021), essas indicações de *mais* ou de *menos* são *incrementos*, “cuja combinação nos permite estabelecer as quantificações subjetivas – portanto, afetivas – sempre presentes em nossas apreciações do sentido construído pelas linguagens verbais ou não verbais” (Tatit, 2020a, p. 186). Isto é, *mais* e *menos* são as unidades de medida⁶³ na gradação tensiva, cujos acréscimos e/ou decréscimos influenciarão na criação dos gráficos e redes. Zilberberg (2011, p. 52) fala em “acento de sentido” para definir a incidência dos *incrementos* no campo de presença. Discini (2015) define a disposição dessa incidência como “cifra tensiva”:

A cifra tensiva corresponde ao modo como o “acento de sentido” (Zilberberg, 2011, p. 258) incide sobre a temporalidade e a espacialidade do que é percebido. A intensidade do sentir, mensurada em graus do que é *mais* (ou *menos*) impactante e tônico e do que é *mais* (ou *menos*) célere, apresenta-se em relação de correspondência mútua com o par *concentrado vs. difuso*, que constitui o espaço percebido e como o par *breve vs. longo*, que constitui a temporalidade, enquanto duração do que é percebido. De acordo com a posição que ocupam os acontecimentos discursivos nas dimensões da intensidade e na dimensão da extensidade, na verdade subdimensões da tensividade, deparamo-nos com uma cifra tensiva. (Discini, 2015, p. 52-53)

Essas medições pontuadas pelos *incrementos* são apresentadas em redes tensivas pelos *foremas*, as unidades mínimas de sentido na tensividade (aos moldes, por exemplo, do *fonema* para os sons que produzem sentido numa língua):

63 Relembremos que Discini (2015) aponta a *quase-presença* como uma escala de medida para a densidade do corpo. Unindo essa ideia aos *incrementos* (Tatit, 2019, 2020a, 2020b, 2021) temos que a *quase-presença* do corpo do ator pode estar *mais* ou *menos* densa. Essa densidade dependerá das unidades de medida observadas a partir da análise sobre as marcas do ator enunciativo deixadas no texto.

As variações e vicissitudes de toda espécie que afetam o sentido decorrem de sua imersão no “movente”, no instável, no imprevisível, em suma, de sua imersão na *foria*. A perenização dos clichês e a ritualização dos gêneros visam a conter e, por vezes, a estancar essa efervescência. Ao contemplar tais grandezas, que propomos designar como *foremas*, temos de explicitar, sem falseá-la – em outras palavras, sem mobilizá-la –, a *foria* cifrada, sob certo aspecto, por cada uma das quatro subdimensões mencionadas. A fim de qualificar em discurso um fazer que advenha em uma ou outra das subdimensões, é importante poder reconhecer três “coisas”: sua *direção*, o *intervalo* assim percorrido e seu *elã*. (Zilberberg, 2011, p. 72-73, grifos do autor).

Ao definir os três *foremas* que impulsionam o sujeito (a direção, a posição e o elã – ou movimento)⁶⁴, Zilberberg (2011) apontou que eles interferem nas subdimensões tensivas. Se as dimensões tensivas são *intensidade* e *extensidade* e suas respectivas subdimensões são *andamento* e *tonicidade* e *temporalidade* e *espacialidade*, as influências dos *foremas* ocasionam transformações de minimização, atenuação, restabelecimento ou recrudescimento.

Examinemos a aplicação dessa gradatividade de intervalos tensivos (*mais* ou *menos* tonicidade e *mais* ou *menos* temporalidade) em um exemplo polêmico do período de pandemia. Em 12 de março de 2022, o *site* G1 publicou a reportagem “Rosto sem máscara contra Covid: fim do uso pode ser gatilho para ansiedade e outros dilemas; veja como lidar” e, em 19 de março de 2022 (exatamente uma semana depois), o *site* oficial da Jovem Pan veiculou a reportagem “Primeiro dia sem máscara em ambientes fechados traz alívio a paulistas”. Seguem os dois enunciados:

Rosto sem máscara contra Covid: fim do uso pode ser gatilho para ansiedade e outros dilemas; veja como lidar

Com o fim da obrigatoriedade do uso de máscaras contra a Covid-19 em vários estados – em ambientes abertos, na maioria dos casos –, o consenso geral parece ser de alívio. Afinal, ao menos em algumas situações, não é mais obrigatório usar o item para interagir socialmente. Mas a sensação não vale para todos: especialistas ouvidos pelo g1 apontam que, nos últimos dois anos, a máscara cumpriu funções que vão além de proteger contra o coronavírus. Entre elas esteve o papel de agir como barreira para evitar o julgamento alheio sobre si mesmo e até mesmo para esconder as próprias emoções. (G1, 2022)

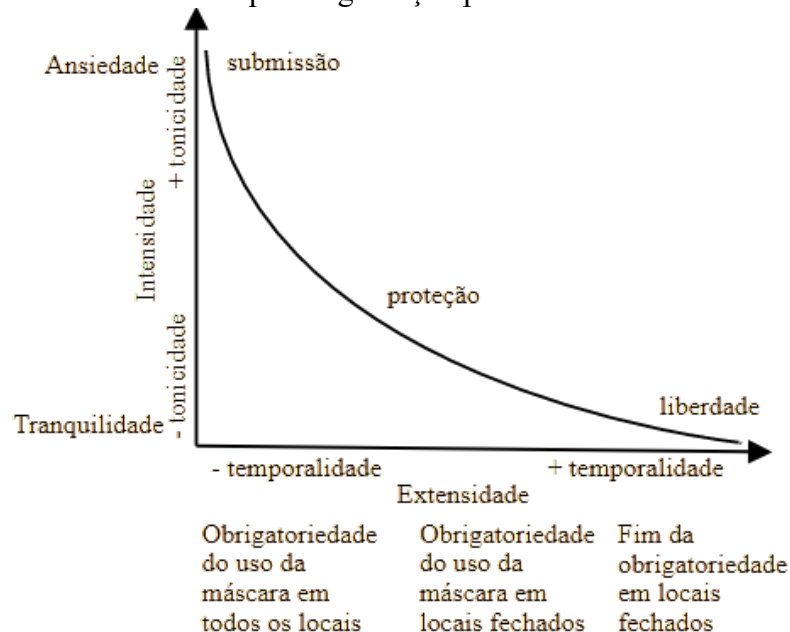
Primeiro dia sem máscara em ambientes fechados traz alívio a paulistas

Depois de quase dois anos, Valter Souza foi pela primeira vez sem máscara em um shopping, na zona norte de São Paulo, e se sentiu aliviado. “Estava precisando dessa liberdade, né? Estou achando uma maravilha. Na verdade, em lugares abertos eu já não usava, era mais em lugares como ônibus ou metrô”, disse o profissional autônomo. A professora Luana Cristina também saiu sem máscara de casa, mas confessa que em ambientes lotados deve continuar usando a proteção. “Eu sou professora, então, assim em ambientes fechados, eu ainda acho que existe essa necessidade de usar máscara”. (Jovem Pan, 2022)

64 Podemos entender o *forema* como uma força motriz a estimular o sujeito. Um força tensiva, baseada em intensidade e extensidade. Direção, posição e elã (um movimento impetuoso, um assomo) seriam os impulsos dessa força motriz. Fariam com que um *acontecimento* fosse percebido, por exemplo: mais acelerado ou desacelerado, quanto à direção; adiantado ou retardado, quanto à posição; rápido ou lento, quanto ao elã.

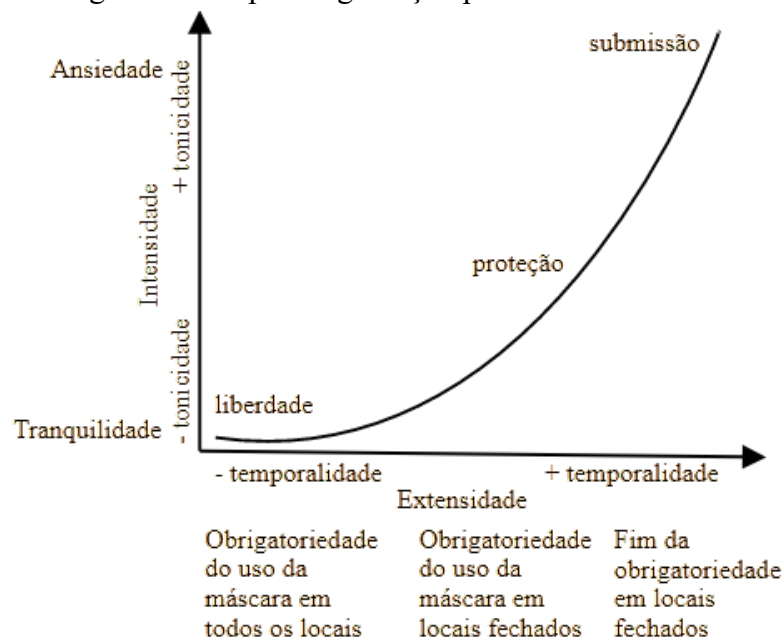
A partir dos trechos escolhidos, podemos formular dois gráficos:

Gráfico 7 - Primeiro exemplo de gradação polêmica sobre uso de máscara



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 8 - Segundo exemplo de gradação polêmica sobre uso de máscara



Fonte: Elaboração própria.

Nos “Gráficos 7 e 8”, tranquilidade e ansiedade estão no eixo da intensidade, pois estão ligados aos estados da alma, na dimensão do sensível. A gradação *obligatoriedade do uso de máscara em todos os locais*, *obligatoriedade somente em locais fechados* e *fim da*

obrigatoriedade em ambientes fechados representa os estados de coisas, na dimensão do inteligível. Focando o eixo horizontal, quanto *mais* o tempo passa e *mais* se desobriga o uso da máscara, *menos* se percebe a ansiedade (visto pela queda no eixo vertical). No “Gráfico 7”, sendo inversamente proporcionais, temos uma correlação inversa, nos termos de Zilberberg (2011). Ele é relativo ao texto *Primeiro dia sem máscara em ambientes fechados traz alívio a paulistas*. Quanto *mais* o tempo passa e *mais* as orientações caminham para o fim da obrigatoriedade para o uso da máscara, mais o sujeito diz estar próximo ao valor de *liberdade*. Porém, uma *liberdade* irrestrita acaba por deixar o sujeito um tanto longe do valor de proteção (pois não estaria mais totalmente seguro de ser infectado); sendo assim, a entrevistada professora Cristina é a que está, no gráfico, mais próxima do valor de proteção, pois ainda utiliza a máscara *obrigatoriamente nos ambientes fechados*. A correlação no “Gráfico 8” é diretamente proporcional, pois quanto *mais* se desobriga o uso do acessório, *mais* se percebe a ansiedade. Ele é relativo ao texto *Rosto sem máscara contra Covid: fim do uso pode ser gatilho para ansiedade e outros dilemas; veja como lidar*. Por isso, temos uma correlação conversas, em que a ascendência do eixo vertical mostra que o impacto se tornou maior e não mais tênue decorrido um tempo maior. Há, portanto, uma forte presença do afeto (nesses casos, representado pela tranquilidade e pela ansiedade).

Quando implementa o afeto, por meio da intensidade, a Semiótica Tensiva propõe que o processo de significação precisa ser reformulado. O nível tensivo não permanece estático no percurso gerativo de sentido, e sim perpassa os três níveis básicos, fundamental, narrativo e discursivo:

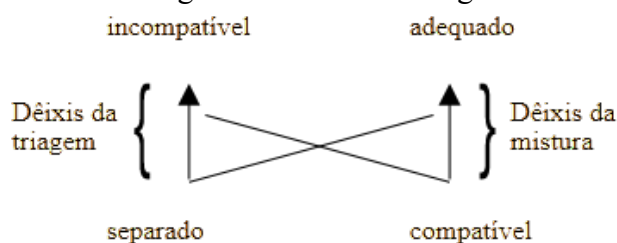
Entre os três níveis do percurso gerativo, instala-se, portanto, uma duração como um *quantum* da *quase-presença*. Essa duração é garantida pelo nível que não está em lugar algum do percurso, mas que, concomitantemente, percorre todos os patamares: o nível tensivo. (Discini, 2015, p. 49, grifos da autora)

Por não estar inerte, o nível tensivo possui grande influência na (re)construção de efeitos de sentido. Entre eles, os de aceitação ou de impugnação aos preceitos médico-sanitários envolvendo a pandemia. Assim sendo, influencia na duratividade da polêmica, vivenciada na relação entre sujeitos.

Outro quesito importante apontado pela Semiótica Tensiva é a diferença entre *triagem* e *mistura* dizendo respeito ao *campo de presença*. “A importância atribuída respectivamente à triagem e à mistura decide as ambiências nas quais os sujeitos se projetam e se reconhecem” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 37). A partir dessa observação, os autores

configuram um diagrama a respeito da percepção do sujeito sobre o objeto (ou outro sujeito) quando este aparece em seu campo de presença, que pode ser visto a seguir:

Quadro 6 - Diagrama referente à triagem e à mistura



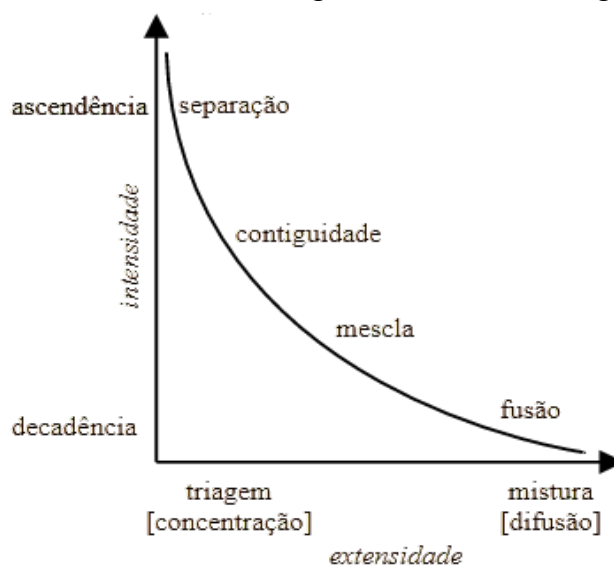
Fonte: Fontanille e Zilberberg (2001, p. 37).

A triagem separa e a mistura junta. A triagem indica elementos considerados como incompatíveis com o sujeito. A mistura acomoda e torna compatível o objeto ao sujeito.

Um exemplo, como simples suposição, permitirá fixar as ideias: na perspectiva exclusiva da triagem, uma biblioteca “high tech” e uma cômoda “Louis XV” são, juntas, inconcebíveis (incompatíveis ou, a rigor, inadequadas) enquanto na perspectiva da mistura, a justaposição desses dois móveis será avaliada e sentida como “muito chique” e “audaciosa”, na medida em que serão considerados pelo mesmo como compatíveis. (Fontanille; Zilberberg, 2011, p. 37)

Diante do campo de presença que advém ao sujeito, triagem e mistura são valências que interferem nos valores de concentração e de expansão, porque a triagem fecha o campo de presença e a mistura abre. O “Gráfico 9” mostra a estrutura canônica da triagem e da mistura:

Gráfico 9 - Estrutura canônica do gráfico tensivo da triagem e da mistura



Fonte: Baseado em Zilberberg (2004, p. 70).

Quando há uma triagem ou uma mistura muito extensas temos, respectivamente, uma separação ou uma fusão como valor sobrecontrário. Quando há uma gradação intervalar, temos contiguidade e mescla como subcontrários.

É possível perceber que mistura e triagem têm relação com a polêmica. A polêmica encontra lugar na relação *mais* ou *menos* conflituosa entre o Eu e o Outro. Como afirma Discini (2015, p. 17): “Um corpo que se encerra numa consciência que transcende de si para o outro, seja este outro o mundo no qual o sujeito se instala enquanto é afetado pelo que lhe sobrevém e o atinge sensivelmente, é precário e inacabado.”

Se o sujeito, ao se deparar com outro, percebe este como diferente e não digno de participar de sua presença, realizará um ato de triagem. Se, ao contrário, o entende como merecedor de estar perto, realizará um ato de mistura. A polêmica está, conseqüentemente, instalada na correlação recíproca entre sujeitos e seus respectivos campos de presença.

2.3 Sobre a polêmica e sobre a presença do outro

Contribuir para dispor variados temas em discussão na sociedade é papel da polêmica, por ser “um debate em torno de uma questão de atualidade, de interesse público, que comporta os anseios da sociedade mais ou menos importantes numa dada cultura” (Amossy, 2017, p. 49). É exatamente o que presenciamos durante o período pandêmico: assunto mais atual e de interesse geral mais relevante que esse praticamente não existiu por muito tempo em todo o planeta.

Do francês *polémique*, derivado do grego *polemikós*, polêmica é um termo “relativo à guerra” (Cunha, 2021, p. 507). Quando mencionada, a palavra ‘polêmica’, por si só, comumente carrega um aspecto negativo. Talvez por isso mesmo não seja analisada em toda sua potencialidade. Uma empreitada sobre esse tipo de disputa no universo semiótico contribui para ampliar os conhecimentos a respeito dos procedimentos de (re)construção dos sentidos.

Na sequência, apresentamos pensadores contemporâneos que se voltaram à tentativa de entender a polêmica. Eles servem de balizamento para: primeiro, demonstrarmos que nossa tese não nasceu sem ascendência acadêmica (como qualquer pesquisa); e, segundo, salientar porque nossa proposta é um tanto inovadora e um tanto continuidade. Tomamos a precaução de entoarmos “um tanto” nos dois casos porque entendemos: i) Que nada é realmente de fato novo. Sempre reformulamos ou nos inspiramos nos que nos antecederam ou idealizamos quem nos sucederá. Até mesmo quando refutamos

certa ideia posta, damos a ela ares de continuidade por ter sido outra vez comentada, e nisso ela dá continuidade a outros estudos; ii) Que nossa proposta pretende apontar, por meio da Semiótica (sobretudo de suas vertentes tensiva e sociossemiótica), uma tipologia da polêmica com base em gradações que levem o afeto e a densidade da presença do outro em consideração (e nisso ela aponta novas possibilidades).

Sendo um tanto continuidade, nos baseamos naquilo que se tem de conhecido sobre o assunto. É esse já conhecido sobre o assunto (a polêmica) que recuperamos nas subseções a seguir. Indicamos teorias que nos servem de base e, também, algumas que enveredam por outros trilhos, mas merecem ser mencionadas pois contribuem para o entendimento do quão complexa é a conceituação da polêmica.

Para deixar clara nossa filiação teórica, uma tese exige a ciência de que existem outras correntes de conhecimento. Embora não nos liguemos a elas, nos cabe citá-las e apontar aproximações e distanciamentos de nossa maneira de pensar. As subseções seguintes têm esta função: orientar o leitor estabelecendo um tipo de historização das maneiras de se entender discursivamente a polêmica.

Logo à frente, em “2.3.1”, falaremos da *teoria das faces e da teoria da polidez*. Elas têm a ver com uma interação mais real, cara a cara, digamos. Portanto, embora atue com textos, não está ancorada ao discursivo como nós, sendo sim uma teoria preocupada com a atenuação dos conflitos, com a preservação do espaço do si e do outro. É nesse ponto, principalmente, que discordamos: pois não estamos preocupados em atenuar os conflitos, mas em observar os embates para neles verificar elementos que tornam possível a gradação da polêmica (de seu maior abrandamento até seu maior endurecimento). Depois, falaremos da teoria das controvérsias. Ela apresenta uma noção de tipologia próxima à que nos propomos, entretanto, está muito mais voltada para o embate também frente a frente, ou seja, é uma teoria do debate e não da polêmica propriamente dita: assim sendo, configura-se, também, como uma teoria pragmática. Na sequência, mostramos como a polêmica é vista pela Análise do Discurso, por meio dos conceitos de *interincompreensão*, de Maingueneau (2012, 2014), e de *apologia*, de Amossy (2017). Apresentadas as afinidades e os distanciamentos entre os vários pontos de vistas epistemológicos, é em “2.3.4 Polêmica e semiótica: a foria sob a presença do outro” que indicamos a noção de polêmica que nos embasa, aquela advinda de uma observação atenta sociossemiótica e tensiva.

2.3.1 Polêmica e pragmática: a teoria das faces e a teoria da polidez

A polêmica tem a ver com uma interação frente a frente. Essa é a premissa da teoria das faces desenvolvida por Erving Goffman e da teoria da polidez desenvolvida por Penelope Brown e Stephen Levinson e reformulada por Catherine Kerbrat-Orecchioni. Embora entendamos a riqueza de possibilidades que uma análise embasada nessas duas teorias possam proporcionar, enfatizamos que nosso viés é semiótico. De acordo com a Semiótica Discursiva, não se trata de uma interação de uma práxis calcada em contato entre pessoas cumprindo determinados papéis sociais num contexto de comunicação real, digamos assim, e o contexto precisa de um texto para se manifestar. Diferentemente dessas teorias, para a Semiótica Discursiva, é na ordem da manifestação textual (seja verbal, não verbal, visual ou sincrética) que as estratégias serão impostas e as tentativas de manipulação (e, por consequência, aquilo que a teoria das faces vai chamar de fachada) se darão por meio da defesa de uma imagem de si (um *éthos*) e de um apelo ao emocional do enunciatário (um *páthos*). Entretanto, devido a seu valor teórico, incluímos alguns pontos de destaque das teorias das faces e da polidez que podem servir de inspiração para uma observação sobre os dissensos nas relações entre o Eu e o Outro.

Observando “a influência recíproca dos indivíduos sobre as ações uns dos outros, quando em presença física imediata” (Goffman, 1975, p. 23), a teoria das faces é do domínio da psicologia social, geralmente, empregada nos Estudos de Linguagens pela Linguística Aplicada. É, essencialmente, um estudo sobre o conhecimento que o ser humano tem de si próprio. Goffman defende que os cidadãos se manifestam em sociedade como atores desempenhando papéis: há um tipo de linguagem teatral. Existiriam mantenedores e ameaçadores das faces de cada um. Orgulho, honra e dignidade, por exemplo, seriam elementos mantenedores de uma face positiva. Gafes e insultos seriam ameaçadores.

Os integrantes da interação face a face são mutuamente influenciados. Eles buscam apresentar uma imagem perante o outro. Essa imagem é a *face* (ou a *fachada*⁶⁵, como também chamaram os tradutores de Goffman para o português brasileiro):

65 Nota do tradutor, Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva, contida no rodapé da página de onde foi retirado o referido trecho: “Face, no original em inglês. Em português não utilizamos este termo com a conotação que Goffman emprega aqui, que poderia ser resumida, de forma um tanto imprecisa, como ‘respeito próprio’. É um termo de tradução particularmente complicada [...]” In: Goffman (2012, p. 13). Ocorre que a obra citada é um apanhado de artigos e, a depender do texto, o termo é usado com determinado contexto. Mas, como um todo, não há, a nosso ver, detrimento da ideia de Goffman sobre o conceito se usarmos teoria das faces, como ficou conhecida.

Fachada pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contrato particular. A fachada é uma imagem do eu delineada em termos de atributos sociais aprovados – mesmo que essa imagem possa ser compartilhada, como ocorre quando uma pessoa faz uma boa demonstração de sua profissão ou religião ao fazer uma boa demonstração de si mesma. (Goffman, 2012, p. 13-14)

A citação consta no primeiro capítulo, “Sobre a preservação da fachada: uma análise dos elementos rituais na interação social”, do livro de Goffman (2012)⁶⁶. A obra visa à identificação dos comportamentos humanos em interação e o trecho indicado centra-se nos empreendimentos das pessoas para manterem uma atitude coerente e positiva. Para tanto, Goffman cunha o conceito de *linha*, um tipo de comportamento padrão. Manter uma postura positiva exige empenho (por meio de atividades verbais e não verbais, como gestos, um aperto de mão).

Haveria uma fachada pessoal (positiva) e uma apontada pelos outros membros da sociedade (negativa) – termos usados não nos sentidos de favorável ou desfavorável, mas de, respectivamente, própria e atribuída, podemos assim dizer. O homem vive enclausurado pelos próprios esforços em manter sua face (ou fachada) positiva sem ser ameaçada diante dos outros, que também possuem suas faces.

Manter-se incólume perante o outro exige polidez. A teoria da polidez amplia as noções de face positiva e de face negativa. Para Brown e Levinson (1987 *apud* Kerbrat-Orecchioni, 2014), a primeira estaria ligada ao território do eu (corporal, espacial e temporal) e, a segunda, ao território das imagens valorizadas de si mesmos. Isto é, positivo e negativo não são usados aqui como o senso comum os admite (algo bom e algo ruim, respectivamente), mas no sentido de a face negativa conter elementos externos (como deseja ser visto) e a face positiva conter elementos internos (de foro íntimo).

Kerbrat-Orecchioni (2006, p. 36) pontua que “as conversações exploram diferentes sistemas semióticos para se constituir”. É essa autora que conferiu maior visibilidade aos conceitos de *face* e de *polidez* no âmbito dos estudos de linguagens. É a partir das relações de faces que se delineiam o sistema de polidez:

[...] essa se consistirá, seja para atenuar a formulação dos FTAs [de *face threatening acts*, atos ameaçadores de face] (*polidez negativa*), seja para produzir FFAs [de *face flattering acts* – atos lisonjeiros à face], de preferência forçadas (*polidez positiva*) – a polidez remete, nessa perspectiva, ao que Goffman chama de *face-work* (expressão traduzida por *figuração*), isto é, um conjunto de procedimentos que permitem satisfazer, tanto quanto possível, as exigências frequentemente opostas das faces em presença. (Kerbrat-Orecchioni, 2014, p. 236, grifos da autora)

66 As questões vinculadas a rituais também estimularam a Semiótica Tensiva, mas por outra via. É a partir dos estudos sobre o mítico de Ernest Cassirer (2011 [1957]) que Zilberberg (2011) trabalha a questão da intensificação em incrementos de *mais* ou de *menos* nas gradações tensivas. Veremos isso mais detalhadamente em “2.3.4”.

Seja por estudar um embate face a face ou por ponderar sobre uma polidez, o viés em ambas as teorias é sobre a interação frente a frente entre membros duma conversação; configurada, rememoremos, em “presença física imediata” (Goffman, 1975, p. 23). Essas são, portanto, teorizações da ordem da Pragmática. Inspiram, mas ainda não são nossas principais fontes para pensar em uma tipologia da polêmica vista pela Semiótica.

Podemos inferir que a polêmica, pelo ponto de vista das teorias das faces e da polidez, se daria quando o homem tivesse sua face rompida, ou se esta fosse, no mínimo, posta em dúvida. Nesse caso, há um contraponto entre a Semiótica Discursiva e a Pragmática (que inspira as teorias das faces e da polidez); enquanto a primeira se preocupa com o estudo do processo de significação gerado em/por um texto (como um texto significa e causa efeitos de sentido em um enunciatário), a segunda se interessa pela aplicação em um momento de comunicação real fisicamente presente entre falantes e ouvintes, tendo em vista em como o contexto conversacional influencia essa interação.

A seguir, veremos outra teoria, a Análise do Discurso, que, embora trabalhe com as noções de *éthos* e de *páthos*, atua de forma diferente da Semiótica Discursiva. Buscaremos, a seguir, apresentar algumas semelhanças e dessemelhanças quanto à Semiótica.

2.3.2 Polêmica e discurso: por um lado interincompreendida; por outro, exaltada

É na retórica (portanto, nas estratégias de argumentação) que está o respaldo para geralmente se trabalhar com a polêmica nos estudos discursivos, como faz, por exemplo, a Análise do Discurso. As estratégias linguístico-discursivas da retórica, ou seja, “*todas as modalidades segundo as quais a fala tenta agir no espaço social*” (Amossy, 2018, p. 10, grifo da autora), funcionam enunciativamente por meio da trinca de conceitos *éthos*, *lógos* e *páthos* (emprestada de Aristóteles e remodelada por Maingueneau, 2012a, principalmente).

Nascida na Grécia Antiga, a retórica é a arte de persuadir. Descende de estudiosos do *falar bem* em público, dos encantadores de plateias. Seu foco inicial era o judiciário e o legislativo da *Polis*. Os políticos gregos pagavam para aprenderem com Sócrates, Platão, Aristóteles etc. Ela é, por princípio, conjunto de estratégias linguístico-discursivas – ainda que Linguística e Discurso como os entendemos hoje, obviamente, não haviam sido teorizados (todavia, foram sempre “praticados”) – para tentar influenciar um auditório.

Semioticamente, cada discurso sustenta-se sobre um conglomerado de semas positivos e negativos. Na Análise do Discurso, eles formariam as formações discursivas. A

cada formação discursiva haveria uma imagem pré-definida daqueles indivíduos que fazem parte de uma formação diferente. De tal maneira que essa imagem só pode ser vista a partir da própria formação, sendo assim um simulacro. O Outro (com uma formação discursiva diferente) não é compreendido. E, por seu turno, o Outro também não compreende o Um. Sendo ambos incompreendidos, há, segundo Maingueneau (2012a), uma interincompreensão. Existe uma tentativa de traduzir o Outro, mas essa tradução é sempre um esforço cacófato:

Evocando dessa forma a passagem de uma “interpretação” a outra do “mesmo” enunciado, damos talvez a impressão, errônea, de que essas duas interpretações se encontram no mesmo plano. De fato, não se dirá que o enunciador de um discurso “interpreta” seus próprios enunciados; esse é um privilégio reservado a uma instância exterior. O discurso não pode interpretar-se a si mesmo, a não ser no modo inefável da coincidência com sua própria competência (“é exatamente isso!”) ou produzindo dele glosas que decorrem dessa mesma competência, que são por sua vez passíveis de uma tradução semântica pelo Outro. (Maingueneau, 2012a, p. 100)

Para chegar à noção de interincompreensão, Maingueneau (2012a) estudou a polêmica envolvendo pontos de vistas de duas correntes cristãs: o discurso jansenista e o discurso humanista devoto. Nomeada Jansenismo, essa corrente teológica foi criada pelos seguidores de Cornelius Jansen (na França e na Bélgica), por volta de 1655. Já dos seguidores de São Francisco de Sales (os salesianos) surgiu a corrente chamada Humanismo Devoto (também na França), por volta de 1630. Maingueneau (2012a) investigou as duas teologias e encontrou um distanciamento gerador de conflito entre as duas posições: a interincompreensão. O autor identificou que os jansenistas produziam um texto aforístico; já os humanistas devotos construíam um texto mais longo. Quando um texto comentava sobre o do outro, ou seja, quando tentava “traduzi-lo”, o observava por sua própria ótica e não pela do outro. A interincompreensão era um ruído na compreensão do jansenista com relação ao humanista devoto e na compreensão do humanista devoto com relação ao jansenista.

A interincompreensão aponta que ambos os lados envolvidos por uma polêmica consideram o posicionamento alheio a partir do seu próprio posicionamento. Por isso, por exemplo, os textos produzidos por um jansenista causavam efeito de sentido de aversão a um do humanista devoto; e vice-versa. No nível da manifestação, a interincompreensão é um simulacro de um enunciado alheio.

Em suma, para Maingueneau (2012a), a polêmica ocorre por uma interincompreensão porque quando dois discursos divergentes – no caso pandêmico, o ‘protetivo’ e o ‘negacionista’ – observam-se tendem a ver o outro a partir de sua própria matriz de saberes. Como cada um possui uma formação discursiva peculiar, ambos não se

compreendem e há pouca chance de mudança de posicionamentos. E, a partir do momento em que precisam defender seu ponto de vista (por meio da linguagem), necessitam de estratégias linguístico-discursivas (argumentos transmitidos por meio da língua e que são sócio-historicamente posicionados) visando ao convencimento alheio (seu oponente).

Ruth Amossy tem uma visão um pouco diferente. Para ela, a polêmica é essencial para a sociedade. A autora realiza uma verdadeira “apologia da polêmica” (Amossy, 2017, *in passim*): “O antagonismo das opiniões apresentadas no seio de um confronto verbal é sua [da polêmica] condição *sine qua non*” (Amossy, 2017, p. 49, grifos da autora), complementa.

Enquanto a polêmica tende a ser vista pelo senso comum como uma incapacidade em se seguir regras de um debate racional, ela teria uma *função* (Amossy, 2017) no mundo democrático de debate no espaço público. Por isso, a autora faz uma exaltação da polêmica por conta desse seu funcionamento de regular as vozes e os posicionamentos dos cidadãos: “a polêmica [...] gerencia os conflitos valendo-se do choque das opiniões contraditórias” (Amossy, 2017, p. 13). Essa orientação é um paradoxo, porque a retórica, bem aponta Amossy (2017), visaria efetivar o consenso, o bem comum, por meio da argumentação ou da sensibilização. A polêmica cumpre um papel social moderativo em meio às pressões públicas.

Enquanto a Análise do Discurso aponta que a polêmica é advinda de uma interincompreensão (como diz Maingueneau, 2012) e, ainda assim, precisa ser colocada em prática (como defende Amossy, 2017), a Semiótica Discursiva demonstra a existência de uma “estrutura polêmica” (Greimas; Courtés, 2021, p. 376). A polêmica é “peculiar a bom número de discursos tanto figurativos quanto abstratos” (Greimas; Courtés, 2021, p. 376).

Isso quer dizer que a polêmica é ativada tanto no nível do enunciado quanto no da enunciação. A Semiótica Discursiva daria ênfase à quebra de contrato entre os partícipes da enunciação, porque essa teoria revela, segundo Greimas e Courtés (2021, p. 376), “a existência de uma tipologia virtual das ‘atitudes’”. Os autores continuam sua explanação:

[...] isto é, [revela] as competências modais enunciativas, que vai das estruturas contratuais ‘benevolentes’ (tais como o acordo mútuo, a obediência etc.) às estruturas polêmicas “coercitivas” (em caso de provocações ou de chantagem, por exemplo). (Greimas; Courtés, 2021, p. 376)

Dessa forma, mais do que preocupada com a formação discursiva (com vínculo ideológico externo) tão cara à Análise do Discurso, a Semiótica Discursiva preocupa-se com uma intencionalidade passível de ser percebida internamente pelas marcas deixadas no texto pela quase-presença do corpo de um ator enunciativo, nos termos de Discini (2015).

2.3.3 Polêmica e um princípio de tipologia: a teoria das controvérsias

Embora batizada pelo fundador como teoria dos debates, a teoria das controvérsias é como é comumente chamada a proposição do filósofo da linguagem brasileiro Marcelo Dascal. Lecionava na Universidade de Tel Aviv (capital de Israel, onde estava radicado desde meados dos anos 1960 até seu falecimento em 2019). Vivendo em um ambiente conturbado e cheio de disputas política, religiosa e militar (em Israel existem inúmeras contradições, sobretudo de cunho religioso – judeus, cristãos e muçulmanos ocupando/disputando o mesmo espaço físico e ideológico), elaborou um fecundo pensamento a respeito da polêmica. Podemos iniciar a explicação dessa teoria pelo conceito de debate, que é, segundo o autor, um encontro dicotômico:

Uma *discussão* é a forma idealizada de um debate científico. Seu objetivo é determinar qual das posições em confronto é verdadeira, estando a outra forçosamente errada; presume-se que um procedimento aceito pelos debatedores (ou por comunidade de debatedores) seja capaz de produzir uma decisão inquestionável, com cuja verdade os vencedores e os perdedores, enquanto debatedores racionais, estão comprometidos antecipadamente; e o movimento argumentativo privilegiado neste procedimento é a prova lógica, matemática ou experimental. Uma *disputa*, no outro polo da dicotomia, é a forma idealizada de uma batalha de inteligência. O seu objetivo é a vitória sobre o adversário; não está disponível nenhum procedimento capaz de decidir a questão de modo a convencer completa e decisivamente a (comunidade de) litigantes; e nenhuma restrição limita os tipos de estratégias argumentativas destinados a levar à vitória desejada, por mais momentânea que seja. (Dascal, 2008, p. 31, grifos do autor, tradução nossa)⁶⁷

Esse debate poderia acontecer em todas as esferas da sociedade. Para o filósofo da linguagem, regras sociais restringiriam seus procedimentos. Existiriam a discussão e a disputa. Discussão seria um debate a considerar tópicos definidos e com os sujeitos (denominados contendores, pelo autor) dispostos a encontrar um ponto comum, uma solução para determinado problema: é, por isso, uma troca positiva. A discussão é quando os ânimos estão exacerbados e não se busca mais uma resposta racional adequada ao debate: por isso, é uma troca negativa. Podemos, focalizando esse conflito binário, apresentar o seguinte quadro sintetizado a partir de Dascal (2008):

67 Tradução nossa, do original: A *discussion* is the idealized form of a scientific debate. Its aim is determining which of the positions in confrontation is true, the other being perforce mistaken; a procedure accepted by the (community of) discussants is assumed to be able to yield an unquestionable decision, to whose truth winner and loser, qua rational debaters, are committed in advance; and the privileged argumentative move in this procedure is logical, mathematical or experimental proof. A *dispute*, at the other pole of the dichotomy, is the idealized form of a battle of wits. Its aim is victory over the adversary; no procedure capable of deciding the issue so as to fully and decisively convince the (community of) disputants is available; and no constraints limit the kinds of argumentative stratagems designed to lead to the desired victory, however momentary it may be. (Dascal, 2008, p. 31, grifos do autor).

Quadro 7 - Definição entre *discussão* vs. *disputa*, de acordo com Dascal (2008)

<u>Discussão</u>	<u>Disputa</u>
A verdade ⁶⁸	<i>Minha</i> verdade
A questão <i>pode</i> ser decidida	A questão <i>não pode</i> ser decidida
Lógica	Retórica
Racional	Irracional
Debate sobre conteúdos	Debate sobre atitudes
Produz mudança de opinião	Não produz mudança de opinião

Fonte: Baseado em Dascal (2008).⁶⁹

As categorias são estimadas pela Semiótica Discursiva, pois fazem parte do nível fundamental do percurso gerativo de sentido (como as formadas pelas oposições de termos *vida vs. morte*, *saúde vs. doença*, por exemplo), e nos depararemos com muitas delas durante nossas análises (contidas no próximo capítulo). Todavia, a formulação das categorias dascalianas ainda não é uma estrutura pensada, ao menos de forma direta, para a Semiótica.

Mais adiante, em suas ideações, Dascal pensará a respeito de um novo elemento que passa a se contrapor àquela dicotomia. Mesmo tendo início na tentativa de debater um tema idêntico, as discussões e disputas tendem a se espalhar. Quando as divergências se sobrepõem, surgem as controvérsias. Elas são, segundo o autor, um tipo de moderador. Podemos construir um novo quadro apresentando esse novo modelo:

Quadro 8 - *Discussão, controvérsia e disputa*, de acordo com Dascal (2008)

	<u>Discussão</u>	<u>Controvérsia</u>	<u>Disputa</u>
<i>Objetivo</i>	Verdade	Persuasão	Vitória
<i>Extensão</i>	Localizado	Generalizado	Localizado
<i>Procedimento</i>	Método de decisão	Método questionável	Sem método interno
<i>Movimento típico</i>	Prova	Argumento	Estratagema
<i>Estratégia</i>	Dicotomização	De-Dicotomização	Dicotomização
<i>Final</i>	Solução	Resolução	Dissolução

Fonte: Baseado em Dascal (2008).⁷⁰

68 A ideia de “verdade” para Dascal (2008) é diferente da adotada pela Semiótica Discursiva: um termo complexo que assume os termos *ser* e *parecer*, com respaldo no próprio discurso e não em elementos externos.

69 A tradução é nossa, a partir dos vocábulos originais em inglês: *Discussion*: The truth; Issue *can* be decided; Logical; Rational; Debate about contents; Yields opinion change. *Dispute*: My truth; Issue *cannot* be decided; Rhetorical; Irrational; Debate about attitudes; Does not yield opinion change (Dascal, 2008).

70 A tradução é nossa, a partir dos vocábulos originais em inglês: *AIM*: Truth (Discussion), Persuasion (Controversy), Victory (Dispute); *Extension*: Localized (Discussion), Generalized (Controversy), Localized (Dispute); *Procedure*: Decision method (Discussion), Method questionable (Controversy), No internal method (Dispute); *Typical Move*: Proof (Discussion), Argument (Controversy), Stratagem (Dispute); *Strategy*: Dichotomiz. (Discussion), De-Dichotomiz. (Controversy), Dichotomiz. (Dispute); *Ending*: Solution

Interpretando o “Quadro 8”, podemos afirmar que Dascal (2008) categoriza não a polêmica – como é nosso objetivo –, mas o debate. Para Dascal (2008), um debate possui: um objetivo (um alvo); uma extensão (uma repercussão referente a um grupo específico ou a toda a sociedade); um procedimento (um processo metodológico); um movimento típico (uma operacionalização); uma estratégia (um planejamento visando a um fim); e um fim (desenlace). É pelo fato de essa conceituação dar ênfase à de-dicotomização (à quebra da dicotomização), que ela ficou conhecida como teoria das controvérsias (que é o ponto onde essa estratégia se encontra no quadro apresentado).

Na área da Linguística do Texto e do Discurso, Daniel Monteiro Neves (2017) apresenta um trabalho volumoso sobre as interações polêmicas entre pessoas situadas num mesmo ambiente físico, ao elaborar estudo sobre enunciados proferidos pelos ministros do Supremo Tribunal Federal (STF) no plenário da Corte. Para o autor, “as interações polêmicas são muito mais significativas e representativas dos movimentos políticos e ideológicos do que quaisquer outras formas de interação, porque desnudam (ainda que parcialmente) o sujeito” (Neves, 2017, p. 380).

Existiriam, conforme Neves (2017), alguns atributos que confeririam à troca linguageira entre enunciadores uma polêmica: motivação (uma divergência de ponto de vista sobre determinado tema); acordo (é um contrato tácito entre sujeitos que concordam com a existência de um tema, pois não se debateria pelo nada); estrutura dialogal (é um debate face a face, no que se aproxima da visão das teorias das faces e da polidez); espaço público (dispõe de uma plateia prevista ou imprevista); ameaça (a percepção do discurso do outro como ameaçador); emoção (o *páthos*, alusivo ao conceito de Aristóteles, influencia o debate); argumentação entimemática (o não dito causa efeito de sentido); variações sobre o mesmo tema (o debate possui uma metadiscursividade: até porque, muitas vezes, fala-se do próprio debate dentro de um debate). Além do aparecimento desses atributos, alguns princípios precisariam desaparecer de um diálogo para que a polêmica se instaure:

A polêmica se instaura na divergência e se desenvolve à medida que os interlocutores descartam os princípios da “*caridade*”, da “*solidariedade*” ou da “*cooperação*”, que os levariam, em tese, se presentes, a interpretar os enunciados do adversário da melhor forma possível. À medida que a polêmica avança – e se agrava – os debatedores tendem a se mostrar mais (im)polidos – ou (des)cortes – talvez para não permitir que a polêmica, em sua forma mais agressiva, impere sobre o debate e ele não se conduza ao fim. (Neves, 2017, p. 387, grifos do autor)

Contudo, esse ainda não é um olhar semiótico sobre a polêmica. “Aprendemos que as (Discussion), Resolution (Controversy), Dissolution (Dispute). (Dascal, 2008).

dicotomias não são dados absolutos, mas construções dependentes do propósito, isto é, entidades pragmáticas, não semânticas” (Dascal, 2008, p. 37)⁷¹. É preciso, para semiotizar as análises, focalizar como uma polêmica (tendo ela uma função social) ganha significação em meio aos cidadãos, ou seja, como ela causa efeitos de sentido entre enunciadores.

2.3.4 Polêmica e semiótica: a foria sob a presença do outro

Apresentadas as posições de algumas correntes ligadas às Ciências da Linguagem referentes ao conceito de polêmica, nos incluímos na Semiótica Discursiva. Explicamos, a seguir, como esse tema vem sendo por ela entendido. Greimas e Courtés comentam sobre a “estrutura polêmica” (2021, p. 376). Para os autores, ela pode existir em qualquer narrativa:

Mesmo nos casos em que a narratividade não está organizada como um face a face de dois programas narrativos contrários (ou contraditórios) que põe frente a frente um sujeito e um antissujeito, a figura do oponente (animado ou inanimado) surge sempre como uma manifestação metonímica do antissujeito. (Greimas; Courtés, 2021, p. 376)

Se dois é o número de lados que minimamente efetiva a dissensão, poderiam eventualmente existirem mais se contrapondo com veemência a respeito de determinado assunto, tornando a polêmica ainda mais inquietante. Nesse caso, a Semiótica Tensiva, ao propor seus diagramas e redes com graduações, nos auxilia a interpretarmos melhor.

É também na retórica (portanto, em estratégias de argumentação) que a Semiótica Tensiva encontra respaldo para interpretar a polêmica. Existe ainda uma rejeição à retórica em estudos semióticos: “Hoje em dia, qualquer um se acha com o direito de fazer pouco da retórica sem se dar conta de que tanto a sua aceitação quanto a sua rejeição afetam a teoria do sentido como um todo”, nos alerta Zilberberg (2011, p. 205). O autor defende sua inclusão nas análises: “A retórica aparece assim sob duas formas: *implícada* nos lexemas, desde que estes sejam ordenados e catalisados; *explícada* nas figuras e nos discursos” (Zilberberg, 2011, p. 203, grifo do autor). Zilberberg (2011, p. 208) colhe de Aristóteles o que chama de uma “retórica profunda”. O filósofo realizou três operações semânticas bastante relevantes para a semiótica: privilégio da metáfora; assimilação da metáfora com a hipotipose⁷²; e uma catálise da eficiência. Zilberberg (2011) refere-se ao Capítulo 11 do Livro III da Retórica Aristotélica:

71 Tradução nossa, a partir do inglês: “We learned that dichotomies are not absolute givens, but purpose-dependent constructs, i.e., pragmatic, not semantic entities” (Dascal, 2008, p. 37).

72 Hipotipose: “Descrição viva e pitoresca de uma cena ou de um evento, como se o objeto descrito estivesse diante dos olhos dos leitores ou dos ouvintes” (Michaelis, 2023, s. p.). Embora Aristóteles em momento algum utilize o termo hipotipose, segundo Zilberberg (2011, p. 208), é essa figura de linguagem que o grego descreve.

[...] a expressão “elegante” provém da metáfora de analogia e de dispor “o objeto diante dos olhos”. [...] Na verdade, chamo de “pôr diante dos olhos” aquilo que representa uma ação. Por exemplo, dizer que “um homem de bem é um quadrado” é uma metáfora (pois ambos significam uma coisa perfeita), mas não representa uma ação. Mas a frase “deter o auge da vida em flor” é uma ação, e “tu, como um animal solto” é uma “representação de ação”, e

dali, pois, Gregos, lançando-vos com os seus pés,
“lançando-vos” exprime uma ação, além de ser uma metáfora significa “velocidade”. (Aristóteles, 2005, p. 269-270, grifos do autor)

É esse “objeto posto diante dos olhos” que pode ser entendido como exemplo de hipotipose. “Estamos diante de um dispositivo concêntrico que tem como círculo englobante a metáfora, como cerne a noção de ‘ação’ [...], de ‘eficiência’ e [...] como círculo intermediário a hipotipose” (Zilberberg, 2011, p. 208).

Zilberberg (2011) aponta para a circularização ação, eficiência e hipotipose (a descrição de uma cena tão fortemente trabalhada que chega a ser tida como quase real pelo enunciatário) como a representação de uma intensificação, tanto que “praticamos a retórica mesmo garantindo não mais acreditar nela” (Zilberberg, 2011, p. 209). A partir dessa conjuntura *retórica profunda* composta pela circularização ação, eficiência e hipotipose, Zilberberg (2011) pensa na formulação dos sentidos em uma escala de grandezas tônicas e átonas, ocasionada pelo impacto que o acontecimento causa no sujeito.

É por meio dessa tonicidade ou atonicidade que o orador (no caso de Aristóteles) ou o enunciatário (no caso da Semiótica) tentam persuadir o público/enunciatário. Imerso na pandemia, o mundo globalizado pela grande mídia, pela internet etc. era esse grande auditório, imensamente ampliado. Os cidadãos do mundo, como na *polis* grega, eram convocados a atender o chamado de quem mandava ir para a rua ou de quem ordenava permanecer em suas residências quando do distanciamento social; a usar a máscara ou a não a utilizar; a se vacinar ou a recusar a imunização etc.

Essa tonicidade tem também inspiração na filosofia de Ernest Cassirer (2011 [1957]). É a partir dos estudos do filósofo alemão sobre a consciência mítica que o semiótico francês pensou em uma intensidade afetiva cravada na materialidade fenomenológica. Zilberberg (2011) comparou o que Cassirer (2011 [1957]) chamou de acento mítico à tonicidade extrema que configura o *acontecimento*, objeto de análise primordial para a Semiótica Tensiva. Dessa observação nascem os incrementos de *mais* e de *menos* à gradação tensiva.

Por meio de Cassirer (2011 [1957]), Zilberberg (2011) entendeu que além de uma lógica implicativa para os eventos do cotidiano, os sujeitos estão expostos a possibilidades de eventos fugidios à lógica, que são da ordem do concessivo, isto é, denotam um sentido de

modificação de uma circunstância esperada. Assim, o *acontecimento* é um evento inesperado, e torna o sujeito um sujeito do espanto.

É a combinação na rede e no gráfico tensivos de *mais* e de *menos* que permite o estabelecimento de quantificações afetivas (do quanto o sujeito é afetado pelo acontecimento). Dessa maneira, as correlações dimensionais de intensidade e de extensidade, cerne da proposta tensiva, são também fruto do acento mítico desenvolvido pela filosofia de Cassirer (2011 [1957]).

Luiz Tatit (2020) nos auxilia a entender essa relação do *intenso* (que viria a inspirar a conceituação da dimensão da intensidade) em Cassirer (2011 [1957]). Para o semioticista brasileiro, é esse “intenso” que “muitas vezes, faz do sujeito um objeto, um ente apassivado e tomado pela experiência [...], a qual só poderá ser eventualmente reconstruída mais tarde, quando amenizar o efeito da alta tonicidade” (Tatit, 2020, p. 189). Podemos relacionar essa afirmação com a citação de Cassirer a seguir:

[...] tanto os fenômenos expressivos quanto as formações míticas ainda não mostram nenhuma forma da mera “objetivação” que a construção do sistema de pensamento teórico busca e obtém. Mas essa circunstância não significa de forma alguma que, uma vez que o mito e a expressão não possuem uma distinta categoria de coisas, no sentido empírico-teórico da palavra, eles já precisem, por isso, dispor de uma distinta categoria de personalidade e necessariamente se respaldar nela. Mesmo a formação do objeto, a tensão que se instala entre ambos os polos, só é obtida dentro de um certo “nível” do espírito e não pode retroceder, sem maiores consequências, aos primórdios, aos estratos primários e “primitivos”. No que diz respeito ao mundo do mito, o que temos visto é que essa tensão só existe quando o homem deixa de simplesmente aceitar como tal a realidade que o cerca, e se coloca diante dela de maneira ativa, e também dessa maneira começa a dar-lhe forma. (Cassirer, 2011 [1957], p. 129)

De acordo com Tatit (2020), a manifestação do afeto se dá pela gradação das grandezas e, nesse quesito, Cassirer foi inspiração fortíssima. Além da observação sobre a intensidade, a própria noção de extensidade foi inspirada pelo filósofo alemão também, como indica Tatit: “Mas a lembrança em si é motivada pelo acento particular que incide sobre o acontecimento, não apenas por ser inesperado, mas também por ser especialmente significativo” (Tatit, 2020, p. 189). Sendo assim, o acontecimento irrompe e tira o sujeito de seu eixo, mas, quando o evento se transforma em *memória* (segundo Tatit, ou o *exercício*, de acordo com Zilberberg, 2017), este passa à direção da dispersão, conforme o gráfico tensivo: assim, perfazendo-se parte do cotidiano. Foi o que ocorreu com a pandemia, por exemplo: se o advento do novo coronavírus foi algo a irromper de forma abrupta (um *acontecimento*), as novas formas de se conviver com o micro-organismo (uso de máscaras, distanciamento, vacinação tempos depois etc.) passou a ser parte corriqueira da população

(já um princípio de *exercício*).

Por conseguinte, é por meio da tonicidade e da atonicidade que a Semiótica Tensiva também vê a retórica. Poderíamos inferir que quanto mais tônico for o acento afetivo impactando o enunciatário, mais ele tende a ser persuadido por meio do *páthos*. E retórica e polêmica estão intimamente vinculadas. Retórica é uma forma de agir sobre o outro, buscando persuadi-lo. É preciso entender que se está diante de um outro. Que se está diante de sua presença, mais ou menos definida. Entendendo que o sentido depende da negociação entre sujeitos (Landowski, 2012), a Sociossemiótica sugere um levantamento a respeito dos regimes de presença do Outro perante um sujeito:

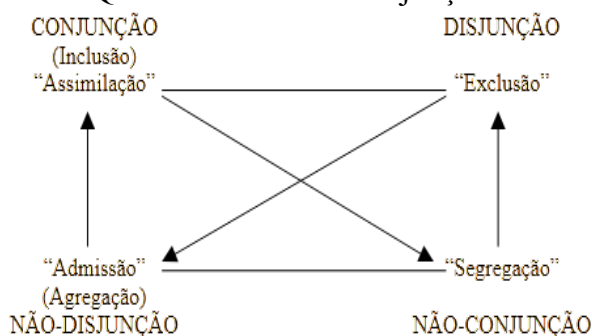
De resto, se o “discurso” (verbal, claro, mas também o do olhar, do gesto, da distância mantida) nos interessa, é porque ele preenche não só uma função de signo numa perspectiva comunicacional, mas porque tem ao mesmo tempo valor de ato: ato de geração de sentido, e, por isso mesmo, ato de presentificação. Daí essa ambição talvez desmedida: a semiótica do discurso que gostaríamos de empreender – a do discurso *como ato* –, deveria ser, no fundo, algo como a poética da presença. (Landowski, 2012, p. X)

Tendo Émile Benveniste (2020, 2023) formulado uma teoria da enunciação baseada em um aparelho formal com as categorias pessoa, espaço e tempo (*ego, hic et nunc*), os estudiosos do discurso puderam dispor de um dispositivo analítico que cumpre a função de identificar o princípio de um ato linguageiro em determinado contexto de comunicação, o *ego*. Em palavras diferentes: um sujeito se posicionando num local e num tempo presente como “eu” que fala perante um “tu” que ouve sobre um “ele (ela, aquele, aquela, aquilo)” de quem se fala. A Sociossemiótica vê nesse aparelho formal da enunciação um conjunto categórico formado por esforços de sujeitos visando às suas próprias identificações, presentificações e representações. O sujeito ao se *identificar* enquanto um *eu* tem diante de si um *tu* (um *Outro* sujeito) *presentificado* e um ele (também um *Outro* sujeito) *representado*.

Quanto à polêmica e à tentativa de influenciar o outro por meios diversos, entendemos que as interpretações sobre a identidade e as crises de alteridade formatadas por Landowski (2012) são um passo importante para as análises. Não que pense ser o sujeito *Outro* um objeto-valor frente o sujeito *Um*, mas ser sim um elemento que contém particularidades valorativas para a manifestação do processo de significação (no percurso gerativo), o sociossemiotista incrementa ao percurso gerativo de sentido clássico greimasiano procedimentos que definiriam melhor as fases de junção. Nesse caso, porém, a junção se daria não entre sujeito e objeto-valor, mas entre sujeitos.

Procedimentos de admissão, assimilação, segregação e exclusão fariam parte das ações desempenhadas por sujeitos em quaisquer momentos sociais. Assim, são elementos importantes para a percepção da polêmica. E eles serão vistos em nossas análises (principalmente na seção “3.3. O *Eu*, o *Outro* e o *Entre*” do “Capítulo III”). Configurando-se enquanto sistema de termos contrários e contraditórios, o quadrado de junções com base na Sociossemiótica é este:

Quadro 9 - Quadrado semiótico da junção entre sujeitos



Fonte: Landowski (2012, p. 15).

Landowski (2012), assim, estima a fase de junção não mais quanto a um contato entre sujeito e objeto-valor, mas entre um sujeito e outro sujeito. Podemos aludir essa junção tanto a um produto quanto a um processo: até porque Greimas e Courtés (2021) já localizavam a polêmica no enunciado e na enunciação.

Se no nível do enunciado a polêmica é verificada por defrontações, no da enunciação ela é uma “estrutura da comunicação intersubjetiva, que repousa num contrato implícito entre os participantes” (Greimas; Courtés, 2021, p. 376): afinal, não se polemiza pelo nada, é necessário concordar que existe algum tema a ser polemizado.

As definições de Greimas e Courtés (2021) são um início promissor, mas ainda uma explicação sobre polêmica para dar conta somente de estudar ou apontar manifestações em confronto de duas concepções opostas vislumbrando somente seus extremos. Nada diz ainda sobre o intervalo entre os lados oponentes. É a respeito desse entremeio (que não é vazio de significações) que nos propusemos pensar, a partir de uma combinação entre Semiótica Tensiva e Sociossemiótica.

É a partir dessa proposta de conjugação entre Semiótica Tensiva e Sociossemiótica mais estreita com relação ao contato entre o *Eu* e o *Outro* que podemos sugerir também uma reformulação graduada daquele quadrado apresentado por Landowski (2012, p. 15) que

replicamos no “Quadro 10”. Essa reorganização leva em conta que a relação entre o Eu e o Outro é um dos elementos da *quase-presença* da polêmica que entendemos como indicador para sua tipologia; demonstrada em pormenores (com redes e gráficos tensivos) no “Capítulo IV”. Assim, o quadro a seguir mostra, em vez de um quadrado semiótico da junção entre sujeitos, uma rede com a gradação da junção entre sujeitos.

Quadro 10 - Gradação da junção entre sujeitos

Assimilação (Conjunção)	Admissão (Não-Disjunção)	Segregação (Não-Conjunção)	Exclusão (Disjunção)
↓ S ₁	↓ S ₂	↓ S ₃	↓ S ₄
Sobrecontrário	Subcontrário	Subcontrário	Sobrecontrário

Fonte: Formulação própria, inspirada em Landowski (2012, p. 15).

Nas subseções deste capítulo apresentamos diferenças entre as maneiras de entender a *polêmica* em cada uma dessas formas de pensar os atos languageiros. E, sem desmerecer as ricas contribuições das várias correntes de estudos, definimos nossa proposta por estudá-la conforme a Semiótica Discursiva se propõe. Se a polêmica que estudamos surgiu no período pandêmico e afirmamos que este é um *acontecimento*, nos cabe, agora, demonstrar de forma mais pormenorizada também diferenças na forma de perceber esse conceito por meio da Semiótica Tensiva. Quanto ao vocábulo, o dicionário Michaelis define *acontecimento* como:

1 Aquilo que acontece; fato, ocorrência, sucesso: “Os séculos passam, deslizam, levando as coisas fúteis e os acontecimentos notáveis” (JR).

2 FIG, COLOQ Pessoa, coisa ou fato que consegue grande êxito e sucesso memorável: “[...] abriu-se nesse dia uma garrafa de vinho do Porto, e os dois beberam-na em honra ao grande acontecimento” (AA1). (Michaelis, 2023)

Entre as correntes apresentadas nesse item (Teoria das Faces, Teoria da Polidez, Teoria das Controvérsias, Análise do Discurso e Semiótica Discursiva), o *acontecimento* é conceito trabalhado sobretudo pelas duas últimas: respectivamente, em suas vertentes pechêutiana e tensiva. Para a Análise do Discurso, a ideologia fundamenta os efeitos de sentido presentes no texto; sendo assim, existem condições de exterioridade (as condições de produção histórico-sociais) a esse texto que materializam a ideologia. A materialização do discurso em texto é, para a Análise do Discurso, o encontro do sócio-histórico com o linguístico. Michel Pêcheux (1999) cunha os conceitos de memória e de acontecimento. Para o autor, a memória tem uma ligação ao já-dito que produz efeitos de sentido:

De fato, a questão do papel da memória permitiu um encontro efetivo entre temas a princípio bastante diferentes. Esta questão conduziu a abordar as condições (mecanismos, processos...) nas quais um acontecimento histórico (um elemento histórico descontínuo e exterior) é suscetível de vir a se inscrever na continuidade interna, no espaço potencial de coerência próprio a uma memória. Memória deve ser entendida aqui não no sentido diretamente psicologista da “memória individual”, mas nos sentidos entrecruzados da memória mítica, da memória social inscrita em práticas, e da memória construída do historiador. (Pêcheux, 1999, p. 49-50)

Enquanto a memória é a afirmação de um já-dito por meio de interdiscursos, o acontecimento é a quebra, uma ruptura, nessa recorrência do interdiscurso.

A certeza que aparece, em todo caso, no fim desse debate é que uma memória não poderia ser concebida como uma esfera plena, cujas bordas seriam transcendentais históricos e cujo conteúdo seria um sentido homogêneo, acumulado ao modo de um reservatório: é necessariamente um espaço móvel de divisões, de disjunções, de deslocamentos e de retomadas, de conflitos de regularização... Um espaço de desdobramentos, réplicas, polêmicas e contra-discursos. (Pêcheux, 1999, p. 56)

Mendes, Souza e Silva (2020) apontam semelhanças e, principalmente, diferenças entre as formas de se trabalhar com o *acontecimento*. O foco da Análise do Discurso nas posições-sujeito e suas formações discursivas e o da Semiótica no inesperado:

[Quanto à Análise do Discurso,] as condições em que os sentidos são produzidos são constituídas pelas formações discursivas, ou seja, pelas diferentes regiões que recortam o interdiscurso, refletindo as diferentes formações ideológicas e o modo como as posições-sujeito, os lugares sociais por eles representados, constituem sentidos diferentes. Dessa forma, o acontecimento da enunciação deve ser entendido como discursivo. Ou seja, são todas essas condições de produção que irão constituir o sentido da enunciação.

[...] No âmbito da semiótica tensiva, o *acontecimento*, de acordo com Zilberberg (2007), é o paroxismo da intensidade, do afeto. Ainda no que diz respeito às singularidades do modelo tensivo, merece destaque a introdução dos conceitos de implicação e concessão. O primeiro refere-se à gramaticalidade das regras e o segundo aos enunciados de ruptura, que remetem ao acontecimento caracterizado pela realização de um programa, desastroso ou salvador, para o sujeito, conforme o caso (Zilberberg, 2006, p. 204). O discurso do exercício, próprio à lógica implicativa, opõe-se ao discurso do acontecimento. O acontecimento, por sua vez, instaura um programa dado como irrealizável, a que se contrapõe um contraprograma que leva a termo a sua realização mediante o âmbito contratual (Zilberberg, 2006, p. 148). (Mendes; Souza; Silva, 2020, p. 192-193)

O acontecimento no âmbito da Semiótica Tensiva está ligado à dimensão de intensidade, focada no afeto (do âmbito do sensível) e possui uma relação com o modo de pensar concessivo, aquele oposto ao implicativo. Isto é, carrega em si a noção de um evento contrário ao fato corriqueiro, à história linear, digamos. Assim, o *acontecimento* é um evento abrupto e de intensidade. Findamos nosso “Capítulo II”. Lembremos que o “Capítulo I” nos

serviu para rememorarmos as circunstâncias sociais a envolver as enunciações proferidas durante o período pandêmico. Na sequência, no “Capítulo III” analisaremos o *corpus* visando a entender como a polêmica se manifestou durante o período pandêmico. No “Capítulo IV”, definimos o *corpo polêmico* a partir da totalidade dos textos analisados. Quando é mostrado que marcas enunciativas recorrentes em cada unidade deixaram *quase-presenças* de um ator discursivo que, em comparação com os demais enunciados, é capaz de demonstrar um estilo permitindo tipificar a polêmica.

CAPÍTULO III – OPERADORES DA POLÊMICA

Os movimentos aspectuais esboçam a *quase-presença* do sujeito na intersecção com o *outro* [...].
(Discini, 2015, p. 18, grifos da autora)

Depois da leitura do capítulo anterior, amparados em Discini (2015), podemos entender que o *estilo* pode ser compreendido como uma noção de continuidade de sentido presente num conjunto de enunciados. Explicamos naquele capítulo que estendemos essa noção para a possibilidade de analisarmos o *estilo* num conjunto de textos de enunciadores diferentes. E entendemos que as estratégias linguístico-discursivas (verificadas enunciativamente) correspondentes nesse conjunto auxiliam a indicar um *corpo* e sua *quase-presença*. E o corpo também pertence a um ator, que é um sujeito aspectualizado. Há, portanto, uma imagem desse enunciador (existe um *éthos*):

Remontamos à *quase-presença*, que se instala em cada enunciado segundo os perfis constituintes do *éthos*. Instala-se também no intervalo entre um enunciado e outro, para que se confirme a totalidade como determinado conjunto de texto, ao qual subjaz um princípio unificador. Esse princípio apresenta-se em cada texto por meio de vetores estilísticos e orienta o todo que, de virtual, passa à atualização e, a partir daí, realiza-se. A consideração das relações entre o todo e as partes encontra base teórica no pensamento de Brøndal. (1948; 1986). (Discini, 2015, p. 23, grifos da autora)

Indicaremos, no próximo subtópico, possibilidades de análise de como o *éthos* operacionaliza a polêmica, a partir do momento em que a imagem do enunciador é um ingrediente discursivo a se comportar como argumento de persuasão. O fato de cada enunciador apresentar um *éthos* polêmico é também mais uma indicação da possibilidade de verificarmos um *estilo* semelhante servindo de elo entre os enunciados que formam a totalidade de nosso *corpus* de análise.

3.1 *Éthos* como princípio operador

Na tríade *éthos*, *páthos* e *lógos* proposta pela “Retórica” de Aristóteles (2006), podemos subdividir o primeiro (aquele que diz respeito à imagem do enunciador perante o enunciatário) em outros três elementos: *phrônesis*, quando o enunciador aparenta ponderação;

areté, franqueza; e *eunoia*, quando representa sobriedade. Embora o filósofo grego tenha desenvolvido suas teorias sobre manifestações orais, áreas que trabalham com a significação e o sentido (como a Semiótica) extrapolam com riqueza esses conceitos para examinar outras modalidades de textos. Vimos no capítulo anterior os exemplos de Amossy (2017) e Maingueneau (2012a), no campo da Análise do Discurso, e de Discini (2015) e Zilberberg (2011), no da Semiótica. Nos filiamos aos dois últimos, por aplicarmos às análises procedimentos operatórios notadamente conectados às gradações de intensidade e de extensidade (visto que pretendemos categorizar a polêmica por meio de uma gradatividade) e aos modos de existência; portanto, a Semiótica demonstrou-se de aplicabilidade mais pertinente ao nosso *corpus* de pesquisa. Por meio da Semiótica, entendemos que o *éthos* é parte da sintaxe discursiva e que abarca tanto as projeções da enunciação no enunciado (ou seja, deixa marcas no texto) quanto as relações entre enunciador e enunciatário (argumenta). Em outras palavras, para a Semiótica: “Na realidade, essas duas faces da sintaxe discursiva confundem-se, pois as diferentes projeções da enunciação visam, em última instância, a levar o enunciatário a aceitar o que se está sendo comunicado” (Fiorin, 2014, p. 57).

Como nosso foco é, sobretudo, a análise sobre a polêmica entre os negacionistas dos riscos do coronavírus e os que criam nos perigos de contaminação e seguiam os preceitos médico-sanitários, é preciso ter em mente que os enunciadores de cada lado envolvido precisavam aparentar-se fidedignos de serem levados a sério quando defendiam seu ponto de vista visando a persuadir seu enunciatário. Não à toa, a “Retórica” de Aristóteles ensinava que se persuade “pelo caráter quando o discurso é proferido de tal maneira que deixa a impressão de o orador ser digno de fé” (Aristóteles, 2006, p. 96).

Muitas vezes, as falas não são suficientes para defender uma opinião, e como argumento os enunciadores usam discursos de outros para avalizar o seu próprio. Para darmos continuidade a nossa tese, e tentar demonstrar, nesta seção, que o *éthos* atua como operador da polêmica, vamos tomar como *corpus* de análise dois discursos de actantes ligados à religião. Selecionamos esse *corpus* por dois motivos: primeiro, porque é um dos que mais suscitaram discussões no período pandêmico (principalmente quando da concretização de fechamento das igrejas por conta do distanciamento social); segundo, porque o discurso religioso foi utilizado em outras esferas (por políticos, jornalistas etc.) para defender seus pontos de vista. Isso ocorre devido à força persuasiva de verdade imposta pelo discurso religioso se comparado com os demais, sendo um discurso fundador de outros.⁷³ Quando

73 Sobre esse certo domínio que o discurso religioso possui, Maingueneau (2012a, 2016) cunhou o termo constituinte. Seriam constituintes os discursos religioso, científico, filosófico e literário porque eles causam “a

utiliza tais discursos, o enunciador transmite um caráter independente do aval de qualquer outro discurso para demonstrar crédito perante o enunciatário.

Verificaremos, na sequência, como isso se deu no período pandêmico, mediante a análise de dois enunciados extraídos de falas de dois líderes religiosos: o bispo evangélico Edir Macedo, líder da Igreja Universal do Reino de Deus (Iurd); e o bispo-auxiliar católico de Belo Horizonte Dom Nivaldo dos Santos Ferreira. Os textos foram selecionados por terem sido amplamente repostados por outros perfis de redes sociais e pela imprensa em geral, além de apresentarem – ainda que sem indicação direta de seus debatedores – um contraponto de opiniões entre ambos os religiosos, demonstrando, assim, seu caráter polêmico.

Em seu programa “*Palavra amiga do Bispo Macedo*” veiculado no *Facebook*[®] e no *YouTube*[®] (em março de 2020), Macedo tecia comentários e opiniões sobre o novo vírus e teve suas falas repercutidas pela imprensa⁷⁴ (que relatou o fato de, após repercussão negativa, ele ter retirado os vídeos do ar⁷⁵; no entanto, trechos das falas ainda podem ser rastreados na internet). Analisemos o “Enunciado 1” (conjunto formado pela citação verbal indicada e as “Figuras 1 e 2”), que remete a Macedo⁷⁶:

Minha amiga e meu amigo, não se preocupe com o coronavírus. Porque essa é a tática, ou mais uma tática de Satanás. Satanás trabalha com medo, com o pavor. Satanás trabalha com a dúvida. Satanás apavora as pessoas. E quando as pessoas ficam apavoradas, quando as pessoas ficam com medo, quando as pessoas ficam em dúvida, as pessoas ficam fracas, débeis. E susceptíveis a qualquer ventinho. Qualquer ventinho que tiver é uma gripe é uma pneumonia para elas. Muitas pessoas estão dando entrada nos hospitais só porque têm medo de pegar o coronavírus e quando elas vão no hospital, elas acabam pegando uma enfermidade que não tinha. Então, por favor, põe a cabeça no lugar: nós não temos que temer absolutamente essa maldição que corre pelo mundo, que se chama não coronavírus, mas dúvida. Olha só o que disse o apóstolo Paulo dirigido pelo Espírito Santo [surge a imagem da mensagem de Paulo]. O Espírito Santo deu a ele essa direção, essa inspiração, e ele falou o seguinte: ele disse “Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que não se veem; porque as que se veem são temporais e as que se não veem são eternas”. Então, nós temos que atentar nas coisas que são eternas. Nós temos que prestar atenção. Atentar quer dizer prestar atenção nas coisas que são eternas não nas

impressão de que os discursos dos quais eles são porta-vozes são, de alguma forma, discursos últimos, para além dos quais não há senão o indizível, de que eles se confrontam com o Absoluto” (Maingueneau, 2016, p. 6).

74 “‘*Não se preocupe com o coronavírus*’, diz Edir Macedo a fiéis no Facebook. Em transmissão ao vivo feita na última quarta-feira, o líder da Igreja Universal do Reino de Deus endossa e reproduz a fala do patologista Beny Schmidt; que divulgou informações falsas em seu canal do YouTube” (O Estado de S.Paulo, 2020, s.p.).

75 “*Edir Macedo apaga vídeo onde afirma que coronavírus é ‘tática do satanás*’. O conteúdo teria sido excluído após o grande número de compartilhamentos em grupos do WhatsApp”, (AH - Aventuras na História; Bazi, 2020, s.p.).

76 Como o vídeo original foi retirado do ar pelo religioso, nossa metodologia foi colher trechos que ainda circulam na internet em outros canais – como em *YouTube*[®] (2020) –, mas o recorte verbal escolhido apresenta *ipsis literis* o pronunciamento de Macedo. A ausência da transcrição completa do programa não nos faz falta porque é exatamente no trecho em destaque que o bispo opina sobre o coronavírus. O mesmo ocorre com o enunciado que apresenta a fala do católico: ele contém os trechos em que o vírus era comentado (e são os que nos interessam).

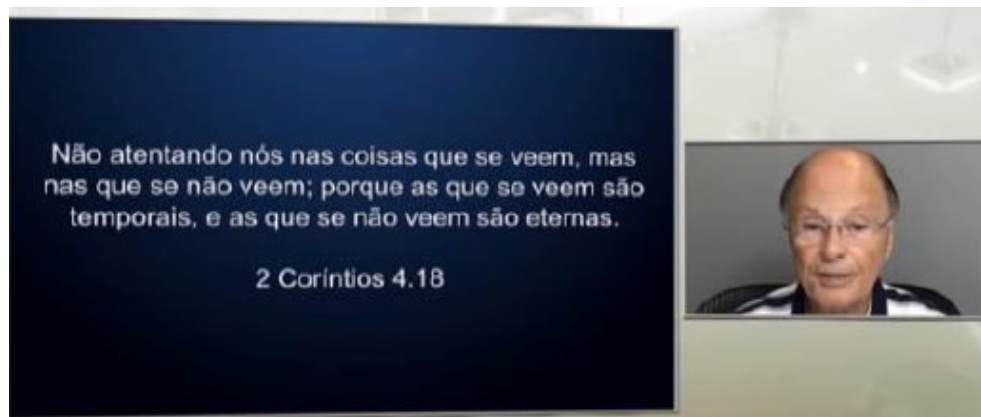
coisas que são passageiras. Porque as coisas passageiras vão ficar por aí; como diz a própria palavra: passageiro. São apenas momentos, mas as que são eternas são eternas. (YouTube, 2020; Isto É, 2021)

Figura 1 - *Print* de canal do YouTube® em que fala de bispo evangélico é repercutida



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=32TIDTXrGp0>. Acesso em 24 ago. 2022.

Figura 2 - *Print* em que fala de bispo evangélico é repercutida junto com a do apóstolo Paulo



Fonte: Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=32TIDTXrGp0>. Acesso em 24 ago. 2022.

Macedo apresenta como elemento persuasivo a fala divina por meio do apóstolo Paulo, que pode ser entendida como um *discurso fundador bíblico* (Silva, 2020). Se o discurso fundador é aquele que “funciona como referência básica no imaginário constitutivo” (Orlandi, 2003, p. 13), quando ligado à religião tem um poder de persuasão ligado à fé do enunciatário e é usado “como argumento de autoridade a fim de que o fiel proceda à adequada identificação da ‘religião verdadeira’” (Silva, 2020, p. 158). Sendo assim, “a adoção do saber é modalizada segundo o ponto de vista veridictório: o enunciado de divulgação religiosa oferece parâmetros do parecer e ser cristão” (Silva, 2020, p. 158).

O pastor quer se colocar como um ente querido do fiel, o enunciado “Minha amiga, meu amigo” não é colocada aleatoriamente; ela traz um efeito de sentido de subjetividade. Há entre a palavra do pastor e a imagem da palavra divina (exposta na tela com a citação de uma das epístolas de Paulo) um paralelismo que, se não é proposital, é demasiadamente fortuito

para a estratégia argumentativa de Macedo: “*Não se preocupe com o coronavírus. Porque essa é a tática [...]*” (de Macedo) guarda correspondência com “*Não atentando nós nas coisas que se veem [...]; porque as que se veem [...]*” (de Paulo). A simetria nos dizeres tende a elevar a percepção do enunciatário com relação a uma semelhança entre a fala de Macedo ser equivalente à fala do apóstolo Paulo. Nesse caso, para o crente, a fala de Macedo pode ser equiparada à fala do próprio Deus: pois já que este inspirou o discípulo bíblico, também estaria inspirando o líder da Iurd. Seu modo de enunciar coaduna com a postura esperada pelo enunciatário fiel evangélico. E, ao agir assim, Macedo apresenta um *éthos* de verdadeiro representante divino. Define, ainda, seu *antiéthos*: Satanás, seja nomeando diretamente ou figurativizando-o pelas pessoas que apresentam medo do coronavírus. Veja que, diante do fiel, o bispo é verdadeiro em termos do quadrado veridictório: porque soma sua posição enquanto líder religioso (ele *é* um ser inspirado pelo divino, de acordo com o olhar de seu enunciatário: o fiel) com o auxílio da carta paulina (ele *parece* ser divinamente inspirado).

Se a enunciação é definida pela instauração de um eu-aqui-agora, Macedo projeta no texto um presente e um *tu* com quem conversa: o fiel evangélico. É um enunciador aspectualizado por um perfil ético porque possui a faculdade de julgar como um sentenciador. Ele (ao se apresentar como eco da palavra divina) é quem condena aquele que se prostra em dúvidas. Enuncia em um tempo presente (concomitante ao ato de enunciar), todavia, utiliza o advérbio “quando”, de tempo enuncivo, com valor circunstancial como estratégia argumentativa propondo que *ficar em dúvida* é uma aflição que pode acometer o fiel a qualquer momento; portanto, é preciso atenção permanente.

Outra estratégia de Macedo que alude à relação entre enunciador e enunciatário é quando do enunciado em análise inferimos que o bispo pressupõe que seus fiéis acreditam na oposição entre sagrado e profano e sabe (pelo seu papel temático de pastor) que os fiéis acreditam em suas afirmações. Teríamos, nesse caso, um embate entre um termo de *valor eufórico* (a Palavra de Deus trazida por Paulo, o autor da Carta aos Coríntios) e um de *valor disfórico* (Satanás). Em relação à polêmica, é possível afirmar que o bispo impõe a dualidade entre as pessoas que concordaram em modificar seu cotidiano (prevenindo-se conforme indicações do Poder Público, como distanciamento social) – segundo ele, estas contribuem com os malfeitos satânicos, entregando-se ao “medo” que testa a fé dos verdadeiros crentes em Deus – e as pessoas que não concordaram em modificar seu cotidiano e não têm “medo”. Se Satanás “trabalha com o medo, com o pavor”, vincula-se ao ‘se preocupar’, então quem se preocupa cai diante de Satanás e sofre até mesmo com “qualquer ventinho”; assim, ‘não se

preocupar' seria a conduta esperada do verdadeiro fiel. "Ventinho" é a figurativização utilizada para o tema *seguir os preceitos médico-sanitários*. É como se Macedo afirmasse: "ficar em casa e ter medo de um simples 'ventinho' não é atitude de um evangélico da Iurd". Notemos que a palavra é usada no diminutivo, estratégia para satirizar aqueles que temem o vírus. Mesma estratégia utilizada por Bolsonaro com relação à "gripezinha" que este afirmara que teria caso fosse infectado pelo coronavírus.

Outro mecanismo de base sintática utilizado por Macedo que reflete numa tentativa de persuasão do enunciatário é o uso da anáfora. Esse recurso estilístico mais que apontar para uma retomada de elementos apresentados anteriormente, reverbera "na construção do sentido promovida no plano do conteúdo dos textos" (Discini, 2015, p. 180). Indiquemos no texto ao que nos referimos: "Não se preocupe com o *coronavírus*. Porque essa é a *tática*, ou mais uma *tática*, de Satanás. Satanás trabalha com o *medo*, com o pavor. Satanás trabalha com a *dúvida*. [...] E quando as pessoas ficam apavoradas, quando as pessoas ficam com medo, ficam em *dúvida*, as pessoas ficam fracas e débeis. E susceptíveis a qualquer ventinho. Qualquer ventinho que tiver, é uma gripe é uma pneumonia pra elas. [...] Nós não temos que temer essa maldição que corre pelo mundo que chama, não *coronavírus*, mas *dúvida*". *Coronavírus*, *tática*, *medo* e *dúvida* são palavras retomadas ao longo do texto, na prática, como referência a uma instrução do bispo para o fiel: 'não ouça quem defenda a necessidade de distanciamento, ouça quem diz o contrário (como a ele próprio e, segundo sua interpretação, a Bíblia, via apóstolo Paulo). Há um exagero por parte do bispo que eleva a caracterização do "medo" como ferramenta de manipulação do enunciatário fiel evangélico.

É a noção de "medo" o ferramental básico de Macedo para persuadir seu fiel. Macedo visa negar (com relação ao vírus) a existência dessa paixão ao fiel. Observemos que Macedo não quer que seus seguidores enfrentem o "medo", mas que eles "não se preocupem" com o medo. Macedo pede para que o fiel não tenha dúvida, mas ele próprio, Macedo, coloca em dúvida a fidelização dos evangélicos. É como se ele perguntasse àquele que o ouve: "Você duvida da palavra de Deus? Então, será que você realmente é um crente na palavra de Deus?". Ao subentender essa dúvida, o líder religioso impõe (enquanto destinador) que seus liderados (enquanto atores que precisam tomar uma decisão a partir dessa provocação) cumpram uma determinada performance. Porém, se seguir a palavra de Macedo, que (de acordo com o modo de dizer do "Enunciado 1") ecoa a própria palavra divina, a performance do fiel não precisará de muita energia para ser desempenhada: basta ignorar a existência do coronavírus. Assim, o "medo" (Satanás) deixaria de tentar os fiéis. Não pode ter medo de ir à igreja. Diferentemente

do hospital, a igreja é segura: “Muitas pessoas estão dando entrada nos hospitais só porque têm medo de pegar o coronavírus e quando elas vão no hospital, elas acabam pegando uma enfermidade que não tinha”.

Macedo vai além do uso dessa acepção de medo referente ao receio extremo de ser contagiado pelo coronavírus. Reforcemos que o bispo é um destinador que quer manipular o fiel por meio da paixão do medo. Primeiro, quer que o enunciatário não tenha medo do vírus. Segundo, quer que tenha medo: porém, não o de se contaminar; e sim o de ser julgado por seus pares de igreja e dela ser apartado. É como se Macedo manipulasse o enunciatário para que pensasse: “eu não vou seguir as regras sanitárias, senão vou ser julgado pelos meus amigos e eu vou ser excluído dessa comunidade porque as pessoas vão pensar que estou mais perto do Satanás”. Inferimos, então, que este medo está menos ligado à ameaça de ser infectado pelo vírus e muito mais ligado ao que Fiorin (1992) chamou de medo dissuasório, ou seja, aquele relacionado a uma possibilidade de sanção negativa: nesse caso, a sanção negativa dos companheiros de igreja, do pastor e, em última (e mais importante) instância, uma sanção negativa do próprio Deus. É uma estratégia muito interessante, porque então o enunciatário se vê obrigado a voltar a frequentar a igreja (e, conseqüentemente, a cumprir todas as obrigações por ela imposta: como a contribuição do dízimo, por exemplo).

O enunciatário já é detentor de um *querer-fazer* (subentende-se que, por ser fiel, é um frequentador assíduo do templo), mas é imputado a um *dever-fazer*. Isto é, se antes sua ida à igreja era permitida, agora (mesmo sendo proibida pelos decretos médico-sanitários das Prefeituras e Estados) se faz impositiva pela fé. Porque, como defende Macedo, se o fiel quer se mostrar verdadeiro crente, ele precisa obrigatoriamente não deixar de ir presencialmente à igreja.

A manipulação pode se dar por meio de tentação, intimidação, sedução ou provocação. No referido texto, Macedo intimida o fiel a continuar indo à igreja a despeito das ordens do Poder Público que têm como base estudos feitos pela maioria dos especialistas da área da saúde, bem como o fato de muitas pessoas terem morrido devido à falta de condições suficientes para tratamento adequado (remédios específicos, leitos, bombas de oxigênio em hospitais etc.). Porém, o bispo formula uma narrativa em que o fiel se vê diante de uma performance de *não poder não fazer*. Ele não pode não ir à igreja. Por meio da Semiótica, entendemos que isso é mais grave que dever ir à igreja: porque o fiel (sujeito manipulado) fica “a ponto de ser [...] obrigado a aceitar o contrato proposto” (Greimas; Courtés, 2021, p. 301). Macedo não se reprime em fomentar a proliferação da doença. Pois não acredita na letalidade

do vírus. E, com isso, impele o fiel a segui-lo cegamente. Amedrontado (teme ser julgado pela igreja), o fiel não tem escolha senão atender o ordenamento do bispo. O fiel é intimidado:

Assim, o que está em jogo, à primeira vista, é a transformação da competência modal do destinatário-sujeito: se este, por exemplo, conjunge ao *não poder não fazer* um *dever-fazer*, tem-se a provocação ou a intimidação; se ele lhe conjunge um *querer-fazer*, ter-se-á então a sedução ou a tentação. (Greimas. Courtés, 2021, p. 301)

Como bem pontuam Greimas e Courtés (2021, p. 300), a manipulação “caracteriza-se como uma ação do homem sobre outros homens, visando a fazê-los executar um programa dado”. Existem dois programas dados ao enunciatário: o de Macedo (ligado a Deus)⁷⁷ – aquele de continuar visitando a igreja, sem medo da doença; e o de Satanás – o de ficar em casa, com medo da doença.

O programa narrativo constitui-se de um enunciado de fazer regendo um enunciado de estado, ou seja, é uma mudança de estado feita pelo sujeito. Macedo apresenta, enquanto destinador-manipulador, dois programas: o divino (palavra de Deus) e o profano (Satanás). As fórmulas do programa narrativo foram formuladas por Greimas e Courtés (2021, p. 388-389):

$$\begin{aligned} \text{PN} &= \text{F} [\text{S}_1 \rightarrow \text{S}_2 \cap \text{O}_v)] \\ \text{PN} &= \text{F} [\text{S}_1 \rightarrow \text{S}_2 \cup \text{O}_v)] \end{aligned}$$

onde:

F = função

S1 = sujeito do fazer

S2 = sujeito de estado

O = objeto (suscetível de receber um investimento semântico sob a forma de v: valor)

[] = enunciado de fazer

() = enunciado de estado

→ = função fazer (resultante da conversão da transformação)

∩ ∪ = junção (conjunção ou disjunção) que indica o estado final, a consequência do fazer.

Observação: Para maior clareza, a função “fazer” é representada pleonasticamente pelos dois símbolos: F e →.

No primeiro programa, temos:

$$\text{PN}_1 = \text{F} (\text{dever ir à igreja, não ter medo do vírus}) [\text{S}_1 (\text{a palavra do bispo, a palavra de inspiração divina}) \rightarrow \text{S}_2 (\text{fiel}) \cap \text{O}_v (\text{Salvação})]$$

⁷⁷ Reforcemos, essa ligação “Deus/Ida à igreja” é firmada por meio do texto e nada tem a ver com a “vida externa ao texto”, digamos assim, em que o isolamento social mostrou-se por um período necessário para diminuição do contágio. Ou seja, um fiel podia muito bem permanecer cristão ficando em casa. Todavia, analisamos – por meio do texto – que essa ligação influenciou o fiel-enunciatário e fez com que ele tomasse decisões a partir do medo de ser alijado de sua comunidade.

O Programa Narrativo que vai ao encontro da divindade é lido pelas ações (funções) que o manipulador (Macedo) obriga o manipulado (fiel)⁷⁸ a fazer, ou seja, a continuar indo à igreja apesar da proibição e a não ter medo do coronavírus. Ao agir assim, o fiel passa a estar em conjunção com seu objeto-valor (a Salvação dada pela proximidade com Deus, advinda, segundo esse programa, por meio da ida à igreja).

No segundo programa, temos:

$PN_2 = F$ (ficar em casa, ter medo do vírus) [S_1 (a palavra do Poder Público) $\rightarrow S_2$ (fiel) $\cup O_v$ (Salvação)]

O Programa Narrativo que vai ao encontro do profano é lido pelas ações (funções) que o manipulador (por esse viés, as autoridades públicas que decretaram o distanciamento social e fechamento momentâneo das igrejas) atribui ao crente, permanecer em casa sem possibilidade de frequentar os templos religiosos. Se agir assim, o fiel passa a estar em disjunção com seu objeto-valor (estará distante da Salvação). Seguindo o PN_1 , o fiel tem uma sanção eufórica; se, ao contrário, optar pelo PN_2 , terá uma sanção disfórica.

No entanto, é uma escolha ilusória, porque transcende o inteligível, sendo regida pela dimensão sensível: afinal, tudo tem relação com o afeto demonstrado pela paixão do medo (do vírus, mas, principalmente, o de não ser aceito por sua comunidade cristã). Para Fiorin (1992), essa paixão pode ter algumas causas cognitivas ou pragmáticas, porém, acima de tudo, ela é resultante de um vislumbre futuro porque o sujeito deve acreditar que algo disfórico pode lhe acontecer independentemente de quem o ocasione. De acordo com o autor:

[...] o medo pode ser resultado não de uma sanção cognitiva, mas de uma sanção pragmática negativa. Se o sujeito agir em não conformidade com o dever fazer poderá ser punido. No entanto, há que se considerar que o medo não é um estado de alma que resulta apenas da possibilidade de uma sanção pragmática negativa, mas também uma paixão que acompanha um sujeito de estado na sua relação com um sujeito do fazer cuja ação seja vista como uma ameaça. O medo é também uma paixão da ordem do saber, mas, ao contrário da vergonha que concerne ao saber que o outro sabe, ele refere-se ao saber que o outro pode fazer, sendo o fazer uma conjunção com algo disfórico. Assim, o sintagma passional do medo diz respeito sempre a algo futuro e encadeia-se como um saber poder estar em conjunção com algo disfórico e não querer estar. Se o estado é visto como não disfórico, não há medo; se a punição é considerada impossível, o que existe é a certeza da impunidade, que suplanta o medo; [...] (Fiorin, 1992, p. 57)

78 Silva (2020) definiu que, quando do discurso religioso, existem: o arquidestinator, ou seja, a divindade (Deus, no caso do evangélico); o destinator-mediador, aquele responsável pela intermediação entre a divindade e o fiel (o pastor Macedo, neste caso); e o destinatário, o fiel.

Pelos enunciados apresentados, podemos inferir que se espera do fiel que ouviu Macedo uma postura diante da possibilidade de ser infectado pelo coronavírus. Para Macedo, o fiel não pode ter medo de contrair a Covid-19, mas deve temer ficar distante da igreja. Dessa maneira, conforme nos ensina Fiorin (1992), o bispo evangélico leva os seus seguidores a serem sujeitos *inconscientes* do perigo de contaminação. Aqueles que seguiram o *éthos* de Macedo (a imagem de uma autoridade religiosa corajosa) tornaram-se seres alheios aos perigos já existentes, portanto, tornaram-se sujeitos inconscientes, porque:

[...] *se o sujeito não sabe que a conjunção com o objeto valor disfórico é possível, o que ocorre é a inconsciência.* Essa descrição é compatível com a definição do lexema medo dada pelo Petit Robert: “Fenômeno psicológico com caráter afetivo marcado que acompanha a tomada de consciência de um perigo real ou imaginário, uma ameaça”. (Fiorin, 1992, p. 57, grifos nossos)

Como a divindade é hierarquicamente superior a todos, o fiel teme ser castigado pelo seu Senhor, trazido nas palavras do apóstolo Paulo. O fiel teme ficar longe das “coisas eternas” (da presença de Deus).

O cenário montado apresenta a imagem de Macedo ao lado da citação de Paulo, ou seja, retoricamente, o plano de expressão semiótico colabora para que o enunciador tenha a impressão de bispo e fonte histórica (e santa para os fiéis) permanecerem juntos lado a lado. Dessa forma, Macedo apresenta ao fiel que o segue um *éthos* com *caráter* de alguém verdadeiro: de quem parece e representa a verdade. E, como essa verdade advém de discurso constituinte, ela não necessita de fiador. Macedo ganha, por consequência, um *caráter* de quem defende o próprio Deus – se é que ele precise de defesa. Se levarmos em conta que o enunciador Macedo acaba construindo uma narrativa, nesse nível, podemos dizer que “as pessoas” mencionadas no trecho “as pessoas ficam apavoradas, quando as pessoas ficam com medo, ficam em dúvida, as pessoas ficam fracas e débeis” formam um sujeito actante que acaba, por manipulação, ficando distante do objeto-valor Salvação.

Perceba que não é somente pelo fato de dizer o que diz que Macedo exprime um *éthos* de confiável e de portador da palavra de Deus. Mas é também (e sobretudo) por todo o encadeamento montado em torno do que diz: sua postura, os escritos de Paulo a seu lado, sua ênfase em defender seu ponto de vista, sua contundência em atacar os divergentes. Toda essa associação de elementos que compreende a apresentação do *éthos* é explicada por Fiorin (2022). O semioticista usa o exemplo da imagem de um professor:

Quando um professor diz *eu sou competente*, está explicitando uma imagem sua no enunciado. Isso não serve de prova, não leva à construção do *éthos*. O caráter de pessoa competente constrói-se na maneira como organiza as aulas, como discorre sobre os temas, etc. À medida que ele vai falando sobre a matéria, vai dizendo *sou competente*. A enunciação não é da ordem do inefável. Por conseguinte, o *éthos* explica-se na enunciação enunciada, ou seja, nas marcas da enunciação deixadas no enunciado. (Fiorin, 2022, p. 74, grifos do autor)

Dessa maneira, podemos perceber o *éthos* de Macedo, por exemplo:

- a) na escolha do tema (o medo): não o medo que aflige a qualquer pessoa, mas o medo sentido pelo fiel evangélico de ser julgado como não crente por seus pares e por Deus.
- b) na construção dos actantes de sua narratividade: Paulo, Satanás, o fiel, o infiel.
- c) nas escolhas lexicais: tática, pavor, dúvida, fracas, débeis, susceptíveis.

Tensivamente, indica-se que: quanto mais o fiel não tem medo do coronavírus (não segue os preceitos médico-sanitários de distanciamento, por exemplo), mais próximo à Palavra de Deus (Paulo é a figurativização dessa palavra) está, portanto, mais próximo ao objeto-valor (a Salvação); e, quanto mais medo e dúvida tem, mais próximo a Satanás ele fica, ou seja, mais longe de seu objeto-valor. Ou, se pensarmos na paixão do medo voltado para o grande receio de ser apartado da comunidade evangélica, temos que: quanto mais medo, mais próximo ao não cumprimento das medidas de afastamento social; e, por consequência, mais próximo do contágio pelo coronavírus. A partir disso, formulamos o seguinte gráfico tensivo:

Gráfico 10 - Gráfico tensivo do “Enunciado 1”



Fonte: Elaboração própria.

Há uma relação conversa: o caminho *Coisas que se veem* (mundanas, profanas) → *Coisas que não se veem* (espirituais, divinas) → *Salvação* equivale às variações da valência

mais tênue à mais impactante (com relação à intensidade *Medo*, marcada pelo valor *Salvação* em grau extremo, o objeto-valor máximo com que todo cristão deseja estar em conjunção) e da mais difusa à mais concentrada (com relação à extensidade *Ida à igreja*). Sendo assim, quanto mais medo de ser afastado por seus pares evangélicos (paixão implementada no fiel via manipulação feita pelo destinador Macedo), maior é o risco de contágio (porque maior é o tempo de exposição ao micro-organismo). Por outro lado, quanto maior risco se corre, por esse viés, maior é a proximidade de Deus. Essa percepção é sentida muito por conta da maneira de enunciar do *éthos* de Macedo.

Para retornarmos nossa atenção ao *éthos*, se fizermos uma ligação entre o gráfico recém mostrado e a imagem de Macedo, esta se apresenta como a de um enunciador o mais próximo possível da Palavra de Deus porque o bispo se mostra como alguém que não se preocupa nem um pouco com o vírus. E, ao mesmo tempo, em contraponto, atribui aos discordantes de seu ponto de vista uma imagem de pessoas afastadas da Palavra de Deus: pois elas têm preocupação, dúvida, medo e pavor.

Esse *éthos* (imagem de si mesmo) e essa imagem imputada ao outro apoiam a proliferação da polêmica. E sob esse *éthos* de defensor da Palavra de Deus, Macedo enuncia um discurso com temas e figuras que representam uma polêmica:

- 1) Tema da obediência à Palavra de Deus por parte do crente, figurativizado por: “Não se preocupe com o coronavírus”, “Nós [os fiéis] não temos que temer essa maldição que corre pelo mundo que chama, não coronavírus, mas dúvida”.
- 2) Tema do *bem* contra o *mal*, figurativizado em: “[...] essa é a tática, ou mais uma tática, de Satanás”, “Satanás trabalha com o medo, com o pavor”, “Satanás trabalha com a dúvida”, “as [coisas] que se não veem são eternas”.

São temas e figuras que discursivamente manifestam a *realização* da *quase-presença* não só do ator da enunciação, mas da própria polêmica, como será possível ver à medida em que avançarmos nas análises dos demais textos que formam nosso *corpus*. E, já que é no nível discursivo que temos a instância da enunciação definida, o *éthos* (por ser a imagem do enunciador) é um operador da polêmica. Porque Macedo se coloca nessa gradação. Ele, enquanto enunciador, indica a si mesmo no extremo grau (conforme observamos no “Gráfico 10”, mais próximo a “Deus” possível). Dessa forma, Macedo se apresenta com o *éthos* de alguém ligado ao termo eufórico *Deus*. E, por correlação, aqueles que estão no outro extremo estão longe de Deus e estão ligados ao termo disfórico *Satanás*. Macedo, nesse caso, urde sua imagem perante o enunciatário de maneira que ela se apresente correlata à própria imagem da

palavra divina. Retoricamente, essa é uma estratégia bastante poderosa, porque o crente que não ouvir suas palavras (as de Macedo, enquanto actante manipulador) não ouve as palavras do próprio Deus. Esse *éthos* opera a polêmica porque é ele quem pontua cada valor contido no intervalo entre “Deus” e “Satanás” que forma a gradação tensiva que mostramos por meio do gráfico anterior.

Analisemos, no “Enunciado 2” (formado pelo conjunto entre texto verbal indicado e as “Figuras 3 e 4”), a fala proferida em 28 de março de 2020 (durante celebração ministrada no Santuário Arquidiocesano São Judas Tadeu, em Belo Horizonte) pelo bispo-auxiliar Nivaldo dos Santos Ferreira, e também veiculada de forma virtual por meio do *YouTube*[®].

Nós precisamos disto: precisamos salvar-nos da ignorância. Precisamos salvar-nos dos nossos estreitamentos. Para podermos entender que a nossa vida é feita de enfrentamentos corajosos e criteriosos, embasados na ciência, não a partir de egoísmos e de negacionismos que estão ainda hoje apostando na economia como sendo aquilo que salva. *O que salva a nossa vida – quem é dono da vida? – é quem me deu a vida, te deu a vida e nos dá a vida. E vida boa, vida segura, vida para todos.* Para isso, nesse momento, que é difícil para todo mundo, a necessidade de sacrifícios econômicos se faz imperiosa. *Não é possível fingir que nós estamos passando por essa turbulência como se nada tivesse acontecendo.* Agora estamos em situação pior: não só o vírus da Covid-19 está matando, morrem pessoas de todas as formas, como sempre morreram, agora mais ainda pela fome, pelo desemprego, pelo descaso, pela exclusão, pelo preconceito, pelo racismo, por toda espécie de desumanização que está presente com uma tentativa de crescimento até espiritual dentro do nosso coração. Digo isso porque a liturgia da palavra no dia de hoje nos faz desafiados durante a mesma pergunta de Pilatos: “Vós quereis que eu vos solte Jesus ou Barrabás?” Também hoje nós precisamos discernir de quem nós queremos ser discípulos: de Jesus ou de Barrabás. Somos discípulos daquele que luta pela vida, quem veste esforços para defender a vida, que faz de tudo para apoiar a vida? Ou estamos do lado dos assassinos? Dos bandidos que acabam tirando a vida? Essa escolha é permanente. O discernimento não pode parar e só mesmo uma força espiritual da palavra de Deus pode nos alimentar e nos transformar em pessoas humanizadas. Assim como foi profetizado pelo profeta Isaías, ouvimos hoje na primeira leitura a imagem daquele que recebeu um ouvido atento, excitado, para escutar a Palavra e com isso receber uma língua adestrada para confortar as pessoas abatidas. (YouTube, 2021)

Figura 3 - Print de canal do *YouTube*[®] transmitindo missa de Ramos no altar da igreja



Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KDA49EwC-y0&feature=emb_title. Acesso em 24 ago. 2022.

Figura 4 - *Print* de canal do YouTube® em que fala de bispo católico é repercutida



Fonte: Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KDA49EwC-y0&feature=emb_title. Acesso em 24 ago. 2022.

Em determinado trecho da missa, Ferreira enuncia: “Somos discípulos daquele que luta pela vida, quem veste esforços para defender a vida, que faz de tudo para apoiar a vida? Ou estamos do lado dos assassinos? Dos bandidos que acabam tirando a vida?”. Observemos que, já munido das respostas, ele poderia muito bem, em vez de perguntar, afirmar: ‘Somos discípulos daquele que luta pela vida./ Não devemos estar do lado dos assassinos, dos bandidos que acabam tirando a vida.’ Entretanto, a maneira como enuncia – ao trocar afirmações por interrogações –, aponta para um recurso argumentativo chamado de *interrogação retórica*, ou seja, aquelas “destinadas a tornar mais forte o sentido” (Fiorin, 2021, p. 184).

É uma estratégia vislumbrada por meio da análise da sintaxe discursiva, que demonstra tanto uma marca deixada pelo enunciador no enunciado quanto uma estratégia de persuasão. Podemos dizer ainda que Ferreira tenta estar mais próximo do enunciatário, pois, além de incluir o *tu* (como fez Macedo), se posiciona como junto do enunciatário. Ele não apenas aconselha como o outro líder religioso, mas se põe ele também como devendo seguir os mesmos preceitos: “*Nós* precisamos disto”; “*nós* precisamos discernir de quem *nós* queremos ser discípulos”; “Deus pode *nos* alimentar e *nos* transformar em pessoas humanizadas”; “*nos* dá a vida”; “*Precisamos* salvar-*nos* dos *nossos* estreitamentos”. Ele inclui-se, com o *nós*, figurativamente ao lado dos católicos que assistem à missa.

Diferentemente do bispo evangélico, o católico se mostra frágil e passível de sofrimento. Todavia, essa atitude é também uma estratégia persuasiva. Dessa forma, o “*nós*” garante seu pertencimento junto aos seguidores: ele é capaz de sofrer, como qualquer pessoa; é frágil e pode sentir-se frágil, assim como Jesus sofreu. Fiorin (1996) argumenta que a utilização das instâncias enunciativas causa determinados efeitos de sentido sobre o

enunciatório. Podem ser de *aproximação* ou de *distanciamento*, por exemplo. Nos casos em observação, Ferreira mostrou-se mais próximo aos fiéis que Macedo.

O discurso alheio fundamenta o enunciado da autoridade católica, assim como no caso da evangélica. Entretanto, o posicionamento de Ferreira é oposto ao de Macedo. Se tomarmos o campo semântico para buscar significações, percebemos que até mesmo os termos semelhantes, por exemplo “dúvida” e “ignorância”, ganham contextos diferentes em cada uma das posturas. Ambos os termos têm valor disfórico, remetendo a um *não dever* (o fiel *não deve* ter “dúvida” e *não deve* aceitar a “ignorância”), mas para Macedo esse valor é atribuído às pessoas que seguem os preceitos médico-sanitários (e que estão distantes da Palavra de Deus) e para Ferreira é o contrário, ele atribui aos que não seguem (estes, sim, estariam distantes da Palavra de Deus).

Sendo um líder, Ferreira já conta com um *éthos* de credibilidade diante de seu público. Entretanto, precisa, a cada enunciação, afirmar o *caráter* de quem é verdadeiro. O religioso está paramentado com a roupa digna de bispo e seu *éthos* ganha uma *corporalidade* que remete à autoridade dentro do espaço santo de uma igreja católica e o ramo atrás dele no altar remete à Semana Santa, época tida como das mais sagradas para o catolicismo.

Como no caso de Macedo, Ferreira cita a Palavra de Deus para auxiliar a construir uma imagem de veracidade quando diz aquilo que diz. Ele possui, também, um *éthos* de seguidor da verdadeira Palavra de Deus. O fiador desse *éthos* é o trecho da Bíblia sobre o julgamento de Jesus Cristo e Barrabás por Pôncio Pilatos. Portanto, é o discurso religioso, que é constituinte e não precisa de outro fiador a não ser a si mesmo, ou seja, é autoavalista. Na narrativa, o povo escolheu salvar Barrabás da crucificação, mantendo, por consequência, a de Cristo. Assim, podemos inferir que, no nível narrativo, Ferreira conta que o povo preferiu a mentira à verdade. Segundo ele, o mesmo ocorria durante a pandemia de Covid-19: “Também hoje nós precisamos discernir de quem nós queremos ser discípulos: de Jesus ou de Barrabás”. Aqueles que estariam do lado da verdade (de Jesus) seriam os seguidores dos preceitos médico-sanitários, como o distanciamento social; os que estariam do lado da mentira (de Barrabás, da condenação de Cristo) seriam os que não seguem. No nível discursivo, Ferreira instituiu enunciativamente o *tu* e destaca diante dele a polêmica entre os “discípulos daquele que luta pela vida” e os “assassinos” (“bandidos que acabam tirando a vida”).

Instaura-se um valor caro aos fiéis: a obediência à palavra sagrada e às suas respectivas igrejas. Assim, a polêmica erigida entre os religiosos observados só pôde existir nessa forma porque ambos os líderes possuem: a) um acordo prévio (Reboul, 2004, p. 142-

143) com seus ouvintes; b) ao menos um ponto em comum: a palavra de Deus. Isto é: a) o pastor e o padre sabem que o evangélico e o católico lhes darão crédito, por serem líderes – no caso de Macedo, o máximo em sua igreja, a Iurd (sendo assim, palavra de maior importância que a dele, somente a do próprio Deus, a mesma apresentada retoricamente por ele com auxílio do apóstolo Paulo); b) os dois acreditam existir um assunto em comum: o coronavírus e a postura do fiel evangélico ou católico diante de sua existência. Sobre a tentativa de persuasão retórica de um enunciador diante do enunciatário numa discussão polêmica, Olivier Reboul (2004) apresenta a seguinte reflexão:

Orador, auditório: é impossível que um se dirija ao outro se não houver entre ambos um acordo prévio. De fato, não há diálogo, nem mesmo argumentação, sem um entendimento mínimo entre os interlocutores, entendimento referente tanto aos fatos quanto aos valores. Pode-se até dizer, sem paradoxo, que o desacordo só é possível no âmbito de um acordo comum. Assim, as controvérsias entre católicos e protestantes, no século XVII, partiam de um postulado comum, a verdade do cristianismo: cada um dos protagonistas afirmava representar o “verdadeiro” cristianismo. O acordo inicial também dizia respeito aos métodos da controvérsia e aos assuntos espinhosos que cumpria evitar, como a graça e a predestinação! Nas questões em que não haja nenhum acordo inicial, pode haver violência ou ignorância recíproca, não controvérsia. (Reboul, 2004, p. 142-143)

Observamos novamente uma estratégia argumentativa utilizada pelo padre: a repetição de palavras. Isso pode ser visto, por exemplo, nos seguintes trechos: “Nós *precisamos* disto: *precisamos salvar-nos* da ignorância. Precisamos *salvar-nos* dos nossos estreitamentos. Para podermos entender que a nossa *vida* é feita de enfrentamentos corajosos e criteriosos, embasados na ciência, não a partir de egoísmos e de negacionismos que estão ainda hoje apostando na economia como sendo aquilo que *salva*. O que *salva* a nossa *vida* – quem é dono da *vida*? – é quem me deu a *vida*, te deu a *vida* e nos dá a *vida*. E *vida* boa, *vida* segura, *vida* para todos.” Focando os vocábulos grifados, podemos observar que não se trata de mera redundância por parte do padre, mas de uma ratificação de uma ideia. “A repetição é, portanto, um aumento da extensão de um dado texto com o emprego, várias vezes, do mesmo segmento textual (palavra, sintagma, oração, verso), para intensificar o sentido expresso” (Fiorin, 2021, p. 116).

Com relação à última oração do trecho que acabamos de citar, podemos afirmar que causa um efeito ainda mais intenso diante do enunciatário, pois configura um encadeamento de palavras que leva a um clímax: “*vida boa, vida segura, vida para todos.*”

Diferentemente do que apontamos em Macedo, que fazia indagações subentendidas ao fiel (por exemplo: ‘Como pode ser um evangélico se tem medo?’), Ferreira faz perguntas

explícitas. Ele quer saber se o fiel está do lado de Cristo ou de Barrabás, dos que defendem a vida ou dos assassinos (figurativizando, respectivamente, os que defendem fechar determinados estabelecimentos e os que defendem o contrário). Nesse caso, igual a Macedo, também age como destinador ao solicitar que os católicos que lhe ouvem cumpram uma determinada performance. Entretanto, diferentemente do líder da Iurd, o representante católico mostra que essa performance do fiel demandará muita energia para ser desempenhada: “[...] a necessidade de *sacrifícios* econômicos se faz imperiosa”. E, logo na frase seguinte, podemos vislumbrar outro diferencial a Macedo: “Não é possível *fingir* que nós estamos passando por essa turbulência como se nada tivesse acontecendo”. Negar a letalidade do coronavírus é justamente *fingir* uma situação diferente do que a realidade apresenta.

Ferreira também é um destinador-manipulador. Porém, sua manipulação, diferentemente da de Macedo, se faz por meio da sedução. Quando exprime “Nós precisamos disto: precisamos salvar-nos da ignorância / Precisamos salvar-nos dos nossos estreitamentos”, está pressupondo que o católico que segue as regras possui conhecimento e é inteligente. É como se dissesse: “Eu sei que você é inteligente e vai continuar em casa”. Nesse caso, o fiel *não deve ir à igreja*, até mesmo porque é inteligente o bastante para entender que até mesmo uma das missas mais importantes (a do Domingo de Ramos) ele pode assistir pela *internet* sem correr riscos.

Os enunciados de Macedo e Ferreira não são escolhas banais de palavras e de maneiras de se dizer, são estratégias que deixam marcas de um enunciador que deseja apresentar uma imagem perante o enunciatário. Há um *éthos* sugerindo um *corpo*.

Entendemos *corpo* como simulacro do homem que caminha pelo mundo, uma imagem discursiva formulada por aspectos de expressão e de figurativização. Assim, é um *corpo* cuja *quase-presença* (Discini, 2015) causa efeitos de sentido nas correlações com o outro (com o enunciatário).

Ainda em relação ao *éthos*, vimos o representante da Igreja Católica com toda a vestimenta adequada ao rito de uma missa. Seus adornos são aqueles que lhe conferem a posição de bispo (como a mitra sobre a cabeça, que sinaliza sua autoridade pastoral), bem como as folhagens ao fundo (que tradicionalmente ornaram a Missa do Domingo de Ramos). Assim, há uma apresentação formal: é uma cerimônia com regras e condutas exigidas pela liturgia católica. Nisso, difere-se do líder evangélico, cuja corporalidade se concretiza em um ambiente informal. Além disso, uma diferença bastante importante é o uso de máscara pelo católico, o que coaduna sua afirmação de que o vírus é perigoso e os cuidados são

necessários; novamente, mostra-se, assim, em oposição à imagem do líder evangélico.

Macedo está em uma sala fechada (provavelmente, seu escritório) e Ferreira está no altar. Macedo está sozinho e Ferreira acompanhado (porém, mantendo distância dos demais). Macedo chama o fiel para ir à igreja, mas ele mesmo aparenta não estar. Enquanto Ferreira diz o contrário, para o fiel permanecer em casa, mas, ele está na igreja. Estando confinado em uma sala, Macedo exagera o efeito de sentido de isolamento, do qual os fiéis já padecem. Dessa maneira, estes tendem a serem emocionalmente mais suscetíveis de serem manipulados. Há um *tom de voz* contundente, mas que quer apresentar-se como amigável (“meu amigo, minha amiga”) compondo o *éthos* de Macedo. Ferreira também passa um *tom de voz* contundente, mas, por outro lado, mostra-se mais em *tom* professoral (os trechos que grafamos em itálico em seu enunciado são os momentos em que ele ergue levemente a voz, não em *tom* grosseiro, mas em *tom* de alerta). Macedo mostra um *caráter* negacionista frente o enunciatório que não concorde com suas opiniões, porém, a de um defensor da Palavra de Deus, perante aquele que o segue (sendo que é este seu foco). Ferreira mostra um *caráter* com os traços contrários: de leniente com a palavra de Deus para os que não acreditam na ameaça do vírus; e de defensor dela para os que acreditam.

O uso da máscara é outro sinal que auxilia o católico a manter diante do enunciatório um *éthos* de seguidor da lei e da defesa pela saúde do outro. Ele está acompanhado, mas mantendo distância dos que o acompanham (ajudantes e coroinhas), que também estão com suas máscaras. Ou seja, a liturgia da missa, além de trazer os ensinamentos religiosos, é como uma aula de boas práticas para se minimizar as chances de ser acometido pela Covid-19. Recordemos os estudos de Leone (2021) sobre a recomendação das máscaras para evitar o contágio. Naquele momento em que escreveu seu artigo, conclui que haveria uma “impossibilidade de um hábito”:

Durante os quase dois meses de confinamento no meu pequeno apartamento [era ainda o início dessa medida, na França, onde o semioticista estava morando] nas proximidades do antigo porto de La Rochelle, desenvolvi o hábito de observar os poucos transeuntes que passam por baixo das três janelas da minha sala de estar; no início, dizia para mim mesmo: “Olha, um corredor com uma máscara!”; ou “Olha, um casal de idosos, ambos com máscaras”; passados dois meses, a situação da epidemia na França mudou, infelizmente, de tal forma que agora dou por mim a pensar: “Olha, um cavaleiro sem máscara!”; “Olha, uma família *punk* sem máscara!” A maior parte das sociedades europeias, de fato, já passou da fase em que a máscara indicava falta de saúde (como no caso de doentes oncológicos em aviões, por exemplo), possibilidade de contágio ou hipocondria, para a fase em que significa simplesmente a intenção de proteger a si próprio, aos seus familiares, como também

à sua comunidade, da propagação do contágio. (Leone, 2021, p. 30-31)⁷⁹

Padre e pastor são enunciadores e seus respectivos fiéis são enunciatários – sendo que os enunciadores apresentam um *éthos* que afetam os enunciatários por meio do *páthos*. Assim, o *corpo* também é uma “configuração perceptiva” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 124) fazendo do sensível parte integral do processo de significação.

Podemos criar uma gradação sensível e inteligível sobre a fala do padre e sobre a do pastor evangélico, porém, com as especificidades que diferenciam o “Enunciado 2” do anterior. No “1”, Deus é entendido como um valor a ser buscado; no “2”, Ferreira enuncia de uma maneira que deixa implícito que Deus (Jesus) já está presente entre nós. E a “força espiritual da palavra de Deus” é a intensidade que move o fiel católico. Por inferência daquilo que Ferreira diz, entendemos que “aceitação das diretrizes médico-sanitárias” é algo que decorre certo tempo, mas que precisa ser tomada o quanto antes para que nos livremos da “ignorância” rumo ao “discernimento”, que nos levará a uma “vida [plena] para todos”. Assim, configuramos o gráfico a seguir:

Gráfico 11 - Gráfico tensivo do “Enunciado 2”



Fonte: Elaboração própria.

Observamos que, quanto mais “discernimento” o enunciatário (o fiel católico) tiver, mais ligado a Jesus ele estará. E, contrariamente, quanto mais ligado à ignorância (ao

⁷⁹ Tradução nossa, a partir do inglês: During the now almost two months of confinement in my little apartment in the proximity of the old harbor at La Rochelle, I have developed the habit to observe the few passersby that walk under the three windows of my sitting room; in the beginning I would say to myself: “look, a jogger with a mask!”; or “look, a couple of elderly people, both wearing masks”; after two months, the situation of the epidemic in France has unfortunately changed in such a way that now I find myself thinking: “look, a rider without a mask!”; “look, a punk family not wearing any masks!” Most European societies, indeed, have already transitioned from the stage in which the mask would indicate poor health (like in the case of oncological patients in airplanes, for instance), possible contagiousness, or hypochondria, to the stage in which they simply mean the intention to protect oneself, one’s relatives, but also one’s community, from the spreading of the contagion (Leone, 2021).

negacionismo) estiver, mais próximo a Barrabás (aos assassinos) estará.

Como indicamos no “Enunciado 1”, no “2” o *éthos* do enunciador e a imagem que este atribui àquele que dele diverge causam efeitos de sentido no texto que ajudam a sustentar a polêmica. Ferreira (enunciador dotado de um *éthos* com caráter de verdadeiro, *corporalidade* de autoridade religiosa devidamente adornada, e *tom* de voz intenso) enuncia temas e figuras:

- 1) Tema da obediência à Palavra de Deus por parte do crente, figurativizado por: “Nós precisamos disto: precisamos salvar-nos da ignorância”, “Precisamos salvar-nos dos nossos estreitamentos”, “[...] a nossa vida é feita de enfrentamentos corajosos e criteriosos”, “Somos discípulos daquele que luta pela vida”.
- 2) Tema do *bem* contra o *mal*, figurativizado por: “Vós quereis que eu vos solte Jesus ou Barrabás?”, “Também hoje nós precisamos discernir de quem nós queremos ser discípulos: de Jesus ou de Barrabás”, “Somos discípulos daquele que luta pela vida, quem veste esforços para defender a vida, que faz de tudo para apoiar a vida? Ou estamos do lado dos assassinos? Dos bandidos que acabam tirando a vida?”.
- 3) Tema do *conhecimento (ciência)* contra a *ignorância (negacionismo)*: “Nós precisamos disto: precisamos salvar-nos da ignorância”, “Precisamos salvar-nos dos nossos estreitamentos”, “[...] embasados na ciência, não a partir de egoísmos e de negacionismos [...]”, “Não é possível fingir que nós estamos passando por essa turbulência como se nada tivesse acontecendo”.

Esses temas e figuras pertencentes ao nível discursivo auxiliam na apresentação do *éthos*. Se fala em coragem e covardia, Ferreira (como Macedo) não deixa de aludir ao medo. Para Fiorin (1992), seriam três os possíveis perfis vinculados ao *éthos* dos envolvidos pela paixão do medo: o impávido, o intrépido e o corajoso.

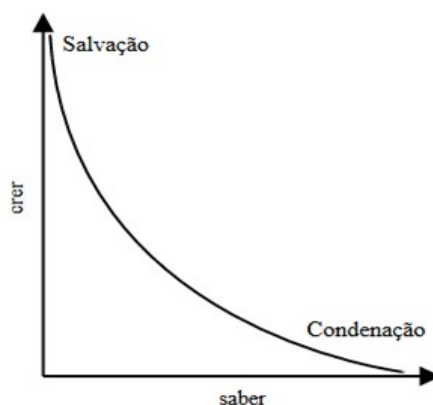
Quando o sujeito não se preocupa com o perigo, ou seja, quando ocorre a ausência do elemento modal “não querer estar em conjunção com o estado disfórico”, temos o comportamento impávido, que é próprio de quem não tem ou não atrai nenhum medo. O intrépido é o que sabe do perigo, mas afronta-o sem medo; o corajoso é o que sabe do perigo, tem medo, mas enfrenta-o mesmo assim. (Fiorin, 1992, p. 58)

Tomemos a liberdade de acrescentar outros dois: o imprudente e o cauteloso. O primeiro caberia a Macedo; o segundo, a Ferreira. O bispo evangélico, ciente de que havia um vírus novo que estava causando males, foi imprudente (tanto que se contaminou). Ele não era inconsciente como seus fiéis. Ao contrário, colaborou para agravar a inconsciência de seus seguidores. Ele simplesmente não se preocupava com a ameaça do vírus. O bispo-

auxiliar católico, com medo do vírus, agia com cautela. Ele não enfrentava o vírus, e se precava das circunstâncias que poderiam fazer com que ele entrasse em contato com o micro-organismo.

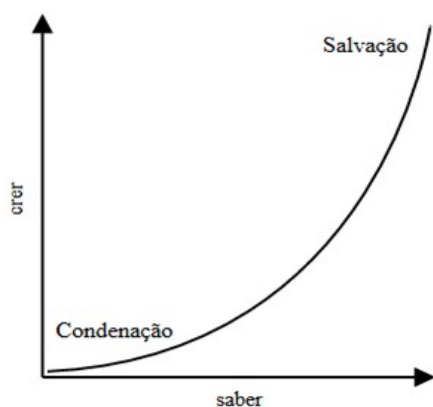
É possível verificarmos, assim, que os líderes religiosos promovem um embate entre o *crer* e o *saber*⁸⁰. Como o *crer* está ligado à fé (e ao medo), propomos ligá-lo ao sensível; e, por sua vez, o *saber* está ligado ao conhecimento científico, propomos indicá-lo como inteligível. Dessa maneira, podemos registrar outra possibilidade de leitura para as categorias que sobressaem nos enunciados, por meio da confecção de dois gráficos a respeito dos efeitos de sentido causados no enunciatário a partir dos enunciados de Macedo e Ferreira, como a seguir:

Gráfico 12 - Gráfico tensivo *crer* vs. *saber* com base no “Enunciado 1”



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 13 - Gráfico tensivo *crer* vs. *saber* com base no “Enunciado 2”



Fonte: Elaboração própria.

80 No capítulo “O saber e o *crer*: um único universo cognitivo” do livro “Sobre o Sentido II”, Greimas (2014) defende que o conhecimento e a crença não são elementos completamente separados, mas ligados a um mesmo sistema cognitivo, sendo o *crer* até mesmo uma modalidade do *saber*. Haveriam duas modalidades do *crer*: a fiduciária, ligada à confiabilidade daquele que enuncia; e o conhecimento propriamente dito, ligado à qualidade epistêmica daquele que enuncia ou daquilo que é enunciado.

Macedo induz o fiel a não ter medo do coronavírus e a ter medo de não ser considerado um crente verdadeiro (por se afastar, fisicamente, da igreja) e projeta a presença de Deus (a Salvação) quanto mais próximo ao crer (religião) e mais longe do saber (ciência) a atenção do fiel estiver. Quanto mais saber e menos crer, mais próximo a Satanás o fiel estará. Pelo contrário, quanto mais se afastar do saber (daqueles que afirmam a necessidade de distanciamento físico da igreja), mais próximo a Deus (mais merecedor da Salvação) estará.

Por seu turno, Ferreira conduz o enunciatório a outro caminho. Para o bispo católico, é a confluência entre maior crença e maior saber que leva à Salvação. Pouca crença aliada a pouco saber compele o fiel às investidas de Satanás e leva o fiel à condenação.

Como é próprio do discurso religioso buscar a adesão do enunciatório (o fiel) por meio do argumento da fé e, contrariamente, não é próprio do discurso religioso ele estar alicerçado na ciência, podemos verificar que o bispo católico também é retórico. Por esse prisma, é ele quem traz à tona no ambiente religioso um viés diverso do esperado de um líder religioso. Nesse sentido, Ferreira, seria possível até mesmo dizer que ele transgride a missa dominical enquanto gênero discursivo, tendo em vista que, durante a homilia (pregação breve com passagens do evangelho, geralmente). Portanto, apesar de algumas diferenças, há em ambos os enunciados (de Macedo e de Ferreira) um caráter muito mais político que religioso.

O enunciatório fiel (evangélico ou católico) é levado a um ato epistêmico (um ato de crer) pelos líderes religiosos. Conforme Greimas (2014, p. 129), se trata de “levar alguém a reconhecer a verdade de uma proposição (ou de um fato)”. Sendo assim, o enunciatório é obrigado a “admitir como verdadeiro após ter *negado* ou após ter *duvidado*” ou a “aceitar apesar das *reticências*” (Greimas, 2014, p. 130, grifos do autor). Podemos observar que tanto no “Enunciado 1” quanto no “2” de nosso *corpus*, o fiel é persuadido a ‘aceitar’ as falas dos bispos independentemente das ‘reticências’, ou seja, daquilo que eles omitem (o líder evangélico omite que existem fiéis doentes por causa do vírus; o católico omite que existem pessoas doentes apesar de ficarem em suas casas). Além disso, o fiel é obrigado a acreditar mesmo tendo dúvidas: de que seja realmente seguro ir às igrejas; ou, no outro extremo, de que seja tão seguro permanecer em casa. O que Greimas (2014) pontua é que o *crer* e o *saber* pertencem ao mesmo universo cognitivo:

Percebeu-se, por exemplo, que o *eu penso que*, que serve de suporte para o discurso interior do sujeito, quando este quer exteriorizá-lo, não é um “eu sei”, mas um “eu creio”. Quando se vê que o *eles dizem que*, que é a principal fonte do saber comunicado, significa somente falta de certeza e de confiança, e que nosso saber sobre o mundo está fundado em primeiro lugar nos “dizem que”, podemos nos

perguntar se, quando se quer falar da dimensão cognitiva dos discursos e das modalidades que a articulam, não se está tratando essencialmente da dimensão e das modalidades de nossas crenças, e que o saber dito científico seria apenas um parêntese ou quem sabe um efeito de sentido que se constitui em condições a serem determinadas. (Greimas, 2014, p. 128, grifos do autor)

Nesse sentido, o ato epistêmico se configura como uma transformação, em que se passa de um estado de crença a outro: do negado ao admitido; do duvidoso ao aceitável: “[...] somos obrigados a constatar não somente que o saber instalado não consegue expulsar o crer, mas que o crer às vezes repousa, e mesmo se consolida, sobre a negação do saber” (Greimas, 2014, p. 128). Ao ouvir Macedo, o enunciário evangélico da Iurd, de negar a obrigatoriedade em continuar indo fisicamente à igreja passa a admitir essa imposição; de duvidar que estaria seguro diante de um conglomerado de pessoas passa a aceitar estar próximo aos demais fiéis. Ao ouvir Ferreira, o enunciário católico, de negar a necessidade de ficar em casa passa a admitir permanecer recluso (afinal, o representante eclesiástico o exime dessa exigência); de duvidoso se o risco era tão sério, passa a aceitar não se relacionar com os demais colegas de igreja.

Nisso também se baseiam os gráficos que propusemos há pouco: o caminho para escapar da Condenação e seguir rumo à Salvação depende desse ato praticado pelo enunciário: no caso do evangélico, o de aceitar sair de casa e ir à igreja (seguindo sua crença e se afastando do saber científico); no do católico, o de aceitar permanecer em casa (unindo, por esse viés, crença e saber científico).

Esses gráficos são possíveis mediante as indicações dos líderes religiosos também por seus *éthe*. Em ambos os enunciadores, a *quase-presença* do *éthos* (virtualizada e menos densa no nível fundamental; atualizada e um pouco mais densa no nível narrativo; realizada e mais densa ainda no nível discursivo) também auxilia na *realização* da *quase-presença* da polêmica. Se acabamos de demonstrar que o enunciador precisa de um *éthos* de credibilidade perante o enunciário para que seus argumentos sejam levados em consideração, outro elemento é utilizado retoricamente para angariar a opinião pública: o afeto.

3.2 Afeto e efeito

O objeto a ser analisado nesse recorte da presente tese, como já indicado na “Introdução”, é a peça de propaganda veiculada no canal oficial do *YouTube*[®] do governo do estado de Mato Grosso do Sul. Em meio aos discursos que tentavam induzir a população da

região a não seguir as determinações sanitárias impostas pelo poder público, este usou a propaganda para veicular estratégias argumentativas. Apresentamos o modo como o enunciador se vale de estratégias afetivas (e, portanto, voltadas ao *páthos* do enunciatário) para promover a persuasão a partir de um esboço gradativo (Cf. “Quadro 12”, página 162) e ascendente dos aspectos impactantes do sensível. Além disso, nos encarregamos de ligar a análise ao conflito de fundo reputado: a relação entre os contrários e favoráveis ao isolamento, ou seja, à polêmica (que, por isso, está *quase-presente*).

Sendo o texto ora observado uma propaganda, é preciso deixar claro o que pensamos sobre esse gênero. Entendemos como o conjunto de técnicas que buscam promover ideias visando a obter a adesão a seu discurso. Nisso, difere-se de publicidade, cujas técnicas estão mais voltadas especificamente à venda de produtos. Pela distinção feita por Nelly de Carvalho (2003), a publicidade está voltada mais a questões mercadológicas:

[O texto propagandístico] estaria relacionado à mensagem política, religiosa, institucional e comercial, enquanto [o publicitário] seria relativo apenas a mensagens comerciais. Apesar de métodos semelhantes, diferenciam-se quanto ao universo que exploram. A propaganda política (institucional, religiosa, ideológica) está voltada para a defesa dos valores éticos e sociais, enquanto a publicidade comercial explora o universo dos desejos, um universo particular. A publicidade é mais “leve”, mais sedutora que a propaganda. Como não tem autoridade para ordenar, o emissor utiliza a manipulação disfarçada: para convencer e seduzir o receptor, não deixa transparecer suas verdadeiras intenções, ideias e sentimentos, podendo usar de vários recursos. (Carvalho, 2003, p. 9-10)

Como foi veiculada na grande mídia, consultamos o vocabulário da Comunicação Social para compreendermos como esse gênero é entendido na área. Em dicionário de referência, Juarez Bahia (2010) explica o seguinte verbete:

Propaganda. Persuasão. Técnicas de convencimento que supõem um processo de escalonamento e de sínteses. Ação individual ou coletiva, privada ou estatal, para impor opiniões, conquistar adesões ou promover reações por meio de pressões intelectuais e psíquicas. Conjunto de recursos mecânicos – imprensa, rádio, televisão, cinema, etc. – que afeta audiências de massa para agir sobre elas. [...] (Juarez Bahia, 2010, p. 297, grifo do autor)

Propaganda é, nesse caso, sinônimo de persuasão. É uma atividade inerentemente voltada a alcançar o maior número de adesões possível:

O homem, ao se comunicar, transmite, intencionalmente ou não, seus valores, sua visão de mundo. Como ator social, identificado com determinada instituição, com sistemas de ideias, com crenças, produz a propaganda, a fim de modificar uma realidade, promover o convencimento de seu interlocutor. Para isso, faz escolhas do

que revelar, do que destacar, e do que ocultar, na composição de seus discursos. (Casaqui, 2014, p. 496-497)

Mesmo ponto de vista observado por Carvalho (1995). Para a autora, um discurso propagandístico possui uma intencionalidade de convencimento do outro.

O discurso propagandístico tem suas origens remotas no discurso religioso. A própria palavra *propaganda* tem seu étimo em *propagare* (semear) no sentido de semear a fé entre pagãos (não-iniciados). O discurso que se usava para tal fim, que fazia “propaganda” da fé religiosa (cristã-católica), era um discurso que, apelando para o gênero narrativo (parábolas) descritivo (descrição das penas do inferno ou da glória do céu) ou suasório (argumentação convincente embora falaciosa) buscava convencer o ouvinte a adotar nova fé, prometendo “céus e terras”. Na organização destas mensagens, o vocabulário desempenhava um papel muito importante: as palavras eram escolhidas de acordo com a intenção do autor, com o tema abordado e com o auditório a que era direcionado. Foi este tipo de discurso que deu origem ao atual discurso propagandístico ou publicitário. (Carvalho, 1995, p. 11, grifos da autora)

Portanto, o vídeo disponibilizado na internet serviu para persuadir a população sul-mato-grossense a aderir às medidas médico-sanitárias prescritas pelo Poder Público. Com trinta segundos de duração, a propaganda “Coronavírus: a balada pode esperar” (nosso “Enunciado 3”) foi publicada em 11 de janeiro de 2021. Neste dia, foram contabilizados 8.133.833 casos e 203.617 mortes provocados pela Covid-19 no Brasil, segundo balanço do consórcio de veículos de imprensa⁸¹. E, particularmente em Mato Grosso do Sul, foram confirmados 1.064 casos de Covid-19 e 18 mortes provocadas pela doença.

Entendemos que a retórica pode ser analisada não apenas em enunciados verbais, mas nos diversos modos de enunciação, como verbo-visuais que constituíram os vídeos transmitidos pelas redes sociais, conforme defendido pela Semiótica:

Uma vez que a semiótica reconhece a existência das semióticas não-verbais, ao lado das semióticas verbais, convém estender essa dualidade, admitindo retóricas não verbais, paralelamente às retóricas verbais, para levar em conta o deslocamento efetuado apenas no plano da expressão. (Zilberberg, 2011, p. 25)

No presente trabalho (escrito essencialmente para leitura no papel ou de forma “estática” pela tela do tablete ou computador, por exemplo) cumpre-nos, metodologicamente, indicarmos quadros com as transcrições das falas (oralizadas pelo enunciador no vídeo original) e *prints* das imagens inclusas no vídeo. A transcrição do “Enunciado 3” consta no

81 A partir de 8 de junho de 2020, um consórcio de veículos de imprensa formado por G1, O Globo, Extra, O Estado de S.Paulo, Folha de S.Paulo e UOL passou a reunir os dados referentes aos casos de contaminações e de óbitos referentes ao coronavírus. Os dados sobre a pandemia citados nesse parágrafo e no seguinte são retirados da página de especiais do G1, que contém informações levantadas pelo consórcio. Fonte: Disponível em: <https://especiais.g1.globo.com/bemestar/coronavirus/estados-brasil-mortes-casos-media-movel/>. Acesso em: 12 jun. 2022.

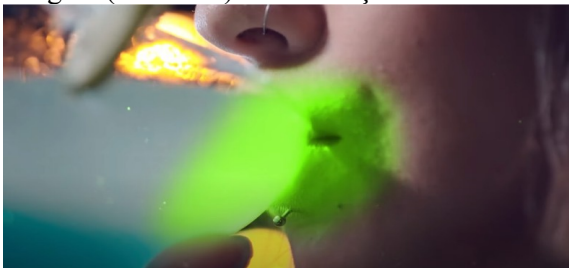
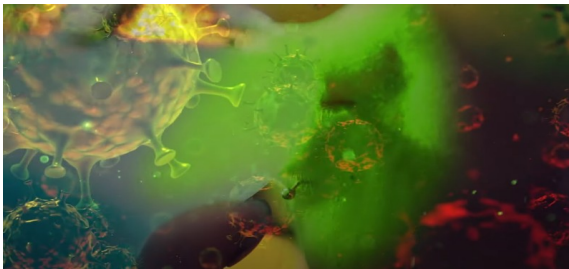
“Quadro 11”. Todas as imagens contidas nesse quadro são *prints* (*frase frames*) ou montagens com *prints* de telas de reproduções da referida propaganda. A transcrição foi feita a partir da legenda oriunda do próprio vídeo – que, por sua vez, reproduzia fielmente o que era dito oralmente. Embora conste no quadro, indicamos a seguir – para melhor visualização por parte do leitor – a inscrição verbal do “Enunciado 3”, e, logo depois, sua transcrição completa:

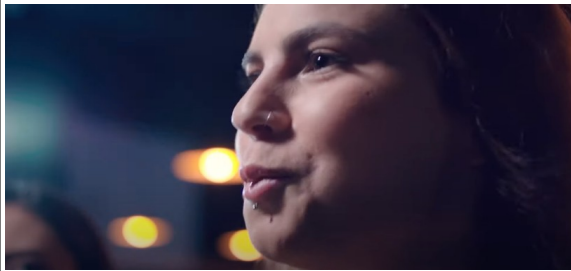
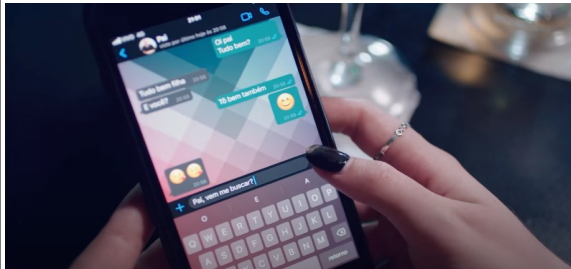
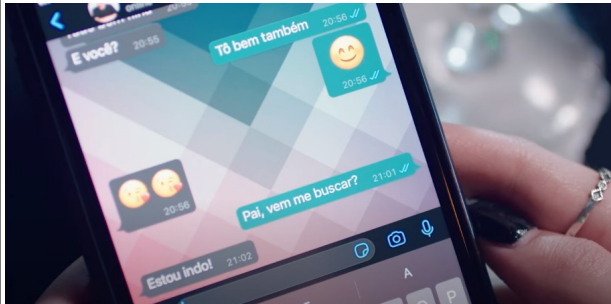
- Êee! (Todas).
- Hoje, Letícia vai ser contaminada pelo Coronavírus. (Narrador).
- Nossa amiga, muito bom. (Letícia).
- Oi, pai. Chegou rápido! (Letícia).
- Ela não sabe, mas está passando o vírus para a pessoa que mais ama. (Narrador)
- Até a vacina chegar, proteja-se! (Narrador).
- Não brinque com a sua vida e com a vida de quem você ama! (Narrador).
- Governo do Estado de Mato Grosso do Sul. (Narrador).⁸²

82 O formato da transcrição levou em consideração a indicação dos nomes dos falantes e/ou suas funções (como Letícia e Narrador, por exemplo) e não apresentadas conforme ordem de aparecimento (por exemplo M1, M2... para primeira, segunda... voz masculina a falar; ou F1, F2... para primeira e segunda vozes femininas). O mesmo princípio vale para as demais transcrições no decorrer da tese.

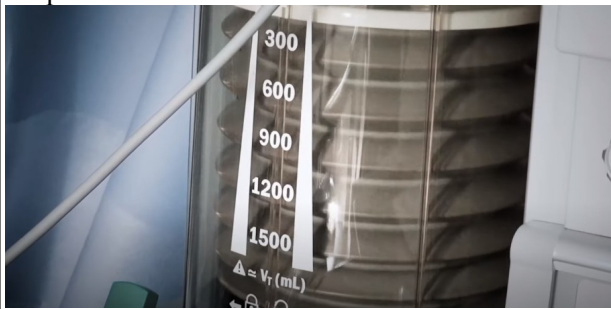
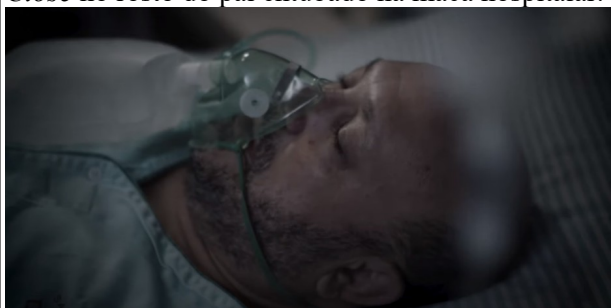
Quadro 11 - Transcrição do “Enunciado 3”

Imagem ou descrição da imagem	Som de fundo	Fala	Quem fala
<i>FRAME 1</i> Cinco mulheres jovens numa mesa de bar animadas e consumindo drinques.  Tempo da passagem: 00” a 01” (zero segundo até um segundo)	<i>Música eletrônica animada ao fundo.</i>		
<i>FRAME 2</i> Brinde entre as amigas.  Tempo: 01” a 02”	<i>Música eletrônica animada ao fundo.</i>	Êee!	Todas.
<i>FRAME 3</i> Moça consumindo bebida alcoólica.  Tempo: 03”	<i>Música eletrônica animada ao fundo.</i>		
<i>FRAME 4</i> Moça tirando <i>selfie</i> com as amigas de fundo.  Tempo: 04”	Som de suspense, em tom mais grave, aparentando ser mais “pesado”.	Hoje, Letícia vai ser contaminada pelo Coronavírus.	Narrador.

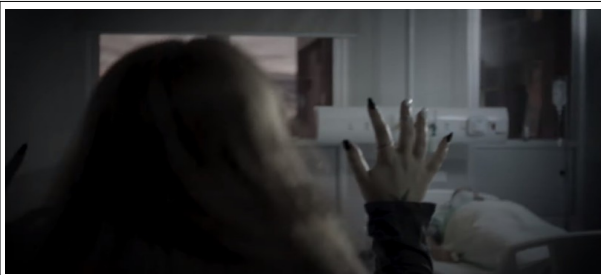
<i>FRAME 5</i> Corta para <i>close</i> em uma das jovens fazendo <i>selfie</i>.  Tempo: 05''			
<i>FRAME 6</i> Amigas trocam os copos – provavelmente, experimentaríamos as bebidas umas das outras.  Tempo: 06''			
<i>FRAME 7</i> <i>Close</i> da boca de Leticia com o copo ingerindo bebida. Há o artifício visual de esverdear a boca e o líquido, bem como mostrar ao fundo uma imagem (mesclada) de estilização do coronavírus.  Tempo: 07'' <i>FRAME 8</i>  Tempo: 07'' a 09''	<i>Música eletrônica animada ao fundo.</i>		

FRAME 9  Close de Leticia Tempo: 10”	Música eletrônica animada ao fundo.	Nossa amiga, muito bom.	Leticia.
FRAME 10 Close no celular de Leticia, que digita “Pai, vem me buscar?”  Tempo: 11” FRAME 11  Tempo: 12”	Música eletrônica animada ao fundo.		
FRAME 12 Leticia entra no carro do pai pelo banco da frente.  Tempo: 13” a 14”	Som de suspense, em tom mais grave, aparentando ser mais “pesado”.	Oi, pai. Chegou rápido!	Leticia.
FRAME 13 Leticia carinhosamente põe uma mão sobre o rosto do pai e o beija. Novamente o efeito de “pintar” de verde boca e mão da jovem e bochecha do pai.	Som de suspense, em tom mais grave, aparentando	Ela não sabe, mas está passando o vírus	Narrador.

	ser mais “pe- sado”.	para a pes- soa que mais ama.	
Tempo: 15”			
			
FRAME 14 Aparece imagem do vírus estilizado. Tempo: 15” a 17”			
FRAME 15 Pai se olha no espelho, já com uma aparência de quem não se sente bem.			
			
Tempo: 18”			
FRAME 16 Novamente o efeito visual de esverdear a boca. E vírus estilizado.			
			
Tempo: 19”			

<i>FRAME 17</i> Imagem em <i>close</i> de aparelho respirador hospitalar.  Tempo: 20" a 21"			
<i>FRAME 18</i> <i>Close</i> no dedo do pai na maca hospitalar.  Tempo: 21"	Som de suspense, em tom mais grave.		
<i>FRAME 19</i> <i>Close</i> no rosto do pai entubado na maca hospitalar.  Tempo: 22"	Som de suspense, em tom mais grave, aparentando ser mais "pesado".	Até a vacina chegar, proteja-se!	
<i>FRAME 20</i> Letícia (mostrada de costas) corre desesperadamente pelo corredor do hospital.  Tempo: 22"			Narrador.

<i>FRAME 21</i>  Tempo: 23" <i>FRAME 22</i>  Tempo: 24"			
<i>FRAME 23</i>  Ela chega ao local que parece ser uma UTI cuja parede é de vidro e, ao ver o pai, coloca emocionadamente a mão sobre o vidro. Tempo: 25" <i>FRAME 24</i>  Tempo: 25"	Som de suspense, em tom mais grave, aparentando ser mais “pesado”.	Não brinque com a sua vida e com a vida de quem você ama!	Narrador.
<i>FRAME 25</i> Agora, a câmera “vira” e mostra Letícia (de máscara) chorando de frente batendo na parede de vidro desesperadamente.			

 Tempo: 25”			
<i>FRAME 26</i> Letícia encosta a mão no vidro. Ela, agora, está de máscara.  Tempo: 28”		Governo do Estado de Mato Grosso do Sul.	Narrador.
<i>FRAME 27</i> A mão de Letícia começa a se fechar, como se a vida do pai estivesse partindo.  Tempo: 29”			
<i>FRAME 28</i>  Ela abre novamente a mão, em desespero. Tempo: 30”			

Fonte: Montagem do autor. *Prints* de vídeo disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=tO2hdOAJkLE>.

O “Enunciado 3” conta uma história: uma mulher jovem se diverte com amigas; ao se descuidar de preceitos sanitários (se aglomera e não usa máscara), acaba por contaminar o pai; o pai padece pela doença no hospital. Tudo isso para remeter o enunciatário (o espectador do vídeo) a fazer o oposto do que ela fez e se proteger do coronavírus. Pensando os discursos como práticas discursivas, precisamos ficar atentos ao fato de os suportes e as maneiras de difundir esses discursos serem (re)construídos sócio-historicamente e não poderem ser desconsiderados das análises.

A partir do discurso materializado (o texto, objeto concreto a ser observado), buscamos, por intermédio da tensividade, identificar como é possível remeter à polêmica nesse enunciado. Enunciado este que é sincrético por possuir mais de uma linguagem manifestada para (re)constituir significação. Em outras palavras:

Objetos sincréticos, para dizer com mais rigor, são aqueles em que o plano de expressão se caracteriza por uma pluralidade de substâncias mobilizadas por uma única enunciação cuja competência de textualizar supõe o domínio de várias linguagens para a formalização de uma outra que as organize num todo de significação. (Teixeira, 2004, p. 235)

De acordo com Teixeira (2004, 2009), um único modelo que dê conta de analisar textos de naturezas diversas é difícil (quicá improvável) de ser concebido. No entanto, ao longo de seus vastos estudos com base em sua leitura de Floch (1985), a autora sugere uma metodologia. Teixeira (2009) recomenda observar na análise de textos sincréticos: as figuras e temas; as categorias cromáticas, eidéticas e topológicas encontradas no plano da expressão; os mecanismos de articulação entre os planos do conteúdo e da expressão; a incidência de categorias tensivas; as estratégias enunciativas estabelecedoras da relação enunciador-enunciatário. É o que buscaremos fazer no decorrer desta seção de nossa tese.

No “Enunciado 3”, a atitude de Letícia mostra de forma didática “o que não se deve fazer”. Seria alguém que o enunciatário deveria *querer não ser*. Em contrapartida, aquele que toma atitude oposta às ações escolhidas por Letícia é alguém que o enunciatário deve *querer ser*. Afinal de contas, Letícia tem competências (*sabe fazer*), mas prefere não agir (*não quer fazer*) dessa forma. Por correlação, o enunciatário sabe que precisa manter distanciamento, mas precisa *querer fazer* isso. Quando observa o exemplo negativo de Letícia, o enunciatário passa a *querer fazer* distanciamento e, por conseguinte, passa a *ser* saudável. Há uma manipulação por meio da intimidação: “Se você se aglomerar, você será contaminado e, por extensão, pode contaminar alguém que você ame. E esse alguém pode ficar em estado

gravíssimo, até sob o risco de morrer”. No nível discursivo, essa narratividade é transmitida por meio de temas e figurativizações (Letícia correndo, pai no hospital...) que apelam ao afeto (por meio da forte emoção): em especial, pelo contraste entre Letícia correr exasperadamente enquanto o pai está imóvel no leito de um hospital em coma (o agrupamento dessas cenas elevam a tensão do enunciatário e o efeito de sentido de desespero).

Em conjunto com a história mostrada, o narrador (delegado pelo enunciador: nesse caso, o Governo do Estado de Mato Grosso do Sul) narra em sequências de dizeres descritivos/explicativos e injuntivos:

a) Descritivos/explicativos:

“Hoje, Letícia vai ser contaminada pelo Coronavírus.”

“Ela não sabe, mas está passando o vírus para a pessoa que mais ama.”

b) Injuntivos:

“Até a vacina chegar, proteja-se!”

“Não brinque com a sua vida e com a vida de quem você ama!”

As frases injuntivas condizem exatamente com o momento em que o pai é mostrado a sofrer. Esse “casamento” entre o que *se mostra* e o que *se oraliza* ajuda a fortalecer o apelo para que o enunciatário não tome a mesma decisão que Letícia.

As imagens mostradas em tela em cada cena condizem com um momento enuncivo, em que o enunciatário (aquele que assiste à propaganda) é colocado distante do ator Letícia. Não há o que, em cinematografia convencionou-se chamar de a quebra da quarta parede: aquele momento em que o personagem (um ser da ficção) reconhece a existência de um público (uma pessoa real que está diante da tela)⁸³ e com ele conversa. Portanto, não há um diálogo entre um “eu” e um “tu”. Essa situação se modifica somente quando o narrador comenta sobre os riscos que o enunciatário corre se seguir as mesmas atitudes de Letícia: “Proteja-se [...]” e “Não brinque com a sua vida [...]” são falas direcionadas diretamente ao ouvinte (o enunciatário que assiste ao vídeo). Porém, se retornarmos à análise das imagens, curiosamente, quando Letícia se desloca em velocidade pelo corredor, é como se quem estivesse assistindo pudesse correr junto, tamanho o desespero causado (o apelo via afeto).⁸⁴

83 Também na literatura são possíveis efeitos de sentido parecidos com essa quebra da quarta parede. Por exemplo, quando Machado de Assis constrói um Bentinho (protagonista de “Dom Casmurro”) que conversa com o leitor tentando com este criar uma relação de intimidade e cumplicidade para que acredite na traição de Capitu com seu amigo Escobar. Por exemplo, é Bentinho quem fala neste trecho: “E isto é muito, *leitor meu amigo*; o coração, quando examina a possibilidade do que há de vir, as proporções dos acontecimentos e a cópia deles, fica robusto e disposto, e o mal é menor mal” (Machado de Assis, 2018, p. 93, grifos nossos).

84 Nesse instante específico (*frames* 20, 21 e 22), presenciamos um procedimento quase dúbio entre enuncivo e enunciativo. Uma estratégia ligada ao afeto que Silva e Martins (2025) indicaram como *estranhamento*: uma percepção do enunciatário relacionada a um lapso temporal, espacial ou actancial contido no texto que causa efeitos

Nesta seção, nos predispomos a analisar como o afeto (re)produz efeitos de sentido. Tomemos afeto como hiperônimo para determinada emoção, inclinação, paixão ou sentimento (Fiorin, 2007) com significado que pode ser encarado de forma positiva ou negativa: desde o amor caloroso à ira fervente ou à indiferença fria.

Letícia é tomada por uma circunstância inesperada. Para a Semiótica Tensiva, ela é acometida por um acontecimento que sobrevém em sua vida (Zilberberg, 2011). O sujeito (Letícia) é desestabilizado pela doença que aflige o pai e temos um *assomo*: “À esfera do acontecimento prende-se um sujeito do espanto [...] (Zilberberg, 2011, p. 25).

Construímos o “Quadro 12” com a gradação em rede tensiva do “Enunciado 3”.

Quadro 12 - Gradação referente ao “Enunciado 3”

Alegria ↓ S ₁ sobrecontrário	Relaxamento ↓ S ₂ subcontrário	Preocupação ↓ S ₃ subcontrário	Desespero ↓ S ₄ sobrecontrário
Letícia e as amigas no bar	Letícia ao encontrar o pai	O pai se observando no espelho	Letícia correndo pelo hospital e chorando ao ver o pai desacordado

Fonte: Elaboração própria.

Nessa narrativa, o enunciador utiliza um percurso afetivo que vai da alegria ao desespero. O enunciador apela à emoção do enunciatário quando traz o assomo que cessa a alegria da jovem. Assim, atua retoricamente, ao argumentar (por meio das imagens) que a falta de atenção da filha aos preceitos médicos e sanitários acarretou a contaminação do pai. A persuasão nesse caso é efetuada por meio do *páthos*. Pela dimensão sensível, podemos apontar uma manifestação do *afeto* perante o enunciatário por meio da *emoção*, o tipo de manifestação afetiva “intensa e rápida” (Fiorin, 2007, p. 12) – porque o enunciatário é afligido pelos momentos em que o pai começa a sentir os efeitos da contaminação, pelas imagens dele no hospital e pelo desespero da filha correndo.

Emocionado, compete ao enunciatário perceber que se agir igual a Letícia ele e sua família estão à mercê da doença: sob risco de perderem a vida. Temos assim a *atualização* do embate entre os termos *vida* e *morte* que estava em situação de *virtualização* no nível fundamental do percurso gerativo de sentido. Tanto o sujeito quanto o enunciatário se veem

de sentido, ou seja, “estratégias empregadas nos textos [que] desestabilizam os arranjos convencionais em torno das categorias enunciativas elencadas, chamando a atenção do enunciatário [...]” (Silva; Martins, 2025, p. 24).

num impasse: cair em ‘Preocupação’ ou ‘Desespero’ (desobedecendo às medidas médicas) ou agir de outra forma (obedecendo às medidas)? Ambos oscilam entre estar estupefato e agir:

Se por um lado o acontecimento se apropria do sujeito, ou, para sermos mais justos, desapropria-o de suas competências modais, transformando-o em sujeito do sofrer, a ascendência por outro lado determina um sujeito ao modo do agir, convidado ou convidando-se a passar ao ato. (Zilberberg, 2011, p. 24)

Por mais que não fique explícito no texto que Letícia e as amigas estavam cientes das instruções médicas e sanitárias contra a contaminação do coronavírus, inferimos essa informação pela própria composição do vídeo de propaganda. Tacitamente existe um contrato entre enunciador e enunciatário (o Governo e a população a assistir ao vídeo) de que aquele momento é simultâneo à pandemia, sendo possível afirmarmos que as jovens desobedeceram às orientações, principalmente, com relação ao distanciamento social e ao uso de máscara. Eis a polêmica instaurada no texto: o conflito de opiniões entre os defensores da ideia de que a aglomeração não era tão perigosa (como Letícia e as amigas) e aqueles que alertavam para os riscos (como o enunciador: o Governo do Estado).

Ainda no nível narrativo do percurso gerativo de sentido, Letícia é um sujeito manipulado pelo ímpeto de se divertir. Como inferimos que ela era sabedora dos preceitos médico-sanitários, ela era dotada de um *saber fazer* e de um *poder fazer*; todavia, a performance de se proteger e proteger a quem se ama não se realiza, devido a suas escolhas destoantes das enfatizadas pelo Poder Público. Sua sanção punitiva é a enfermidade do pai.

No nível discursivo, a polêmica manifesta sua *quase-presença*. Ela não está explícita, mas sustenta o contexto em que emerge o assomo que acomete o *ator* (Letícia – o sujeito aspectualizado dotado de valores). A polêmica é, então, discursivamente, elemento semiótico causador de efeito de sentido mesmo não estando explícita. Estamos diante da presentificação discursiva de actante implícito (a polêmica) causando efeito de sentido.

Até mesmo a sintaxe discursiva (isto é, a enunciação e seus mecanismos de embreagem e debreagem nas categorias de pessoa, espaço e tempo) corrobora para persuadir o enunciatário a seguir as orientações do poder público, novamente, remetendo à polêmica em relação aos que menosprezaram tais indicações. Indiquemos, uma vez mais, os trechos do vídeo com as falas do narrador, mas, agora, antecidos pelas falas das jovens:

Êee! [As amigas]
Nossa amiga, muito bom. [Letícia]
Oi, pai. Chegou rápido! [Letícia]

[Narrador]

Hoje, Letícia vai ser contaminada pelo Coronavírus.

Ela não sabe, mas está passando o vírus para a pessoa que mais ama.

Até a vacina chegar, proteja-se!

Não brinque com a sua vida e com a vida de quem você ama!

Governo de Mato Grosso do Sul.

O texto é concebido, predominantemente, em pessoa e tempo enunciativos: pois, o narrador (enunciador, “eu”) fala sobre alguém (Letícia, “ela”), mas direcionando-se diretamente ao espectador do vídeo (enunciatário, “tu”). Essa é uma estratégia linguístico-discursiva que aproxima o enunciador do enunciatário. “Hoje” (momento concomitante ao enunciador) indica que essa situação de risco (aglomerar-se e não usar máscara, por exemplo) pode ocorrer também na vida do enunciatário, pois há a instalação da pessoa com que se conversa (o “tu”) instaurado no texto por “sua vida” e “com a vida de quem *você* ama”.

Além disso, no trecho ora recortado, encontramos um narrador onipresente. Ele sabe que Letícia “*vai ser contaminada*” e sabe que “*Ela não sabe*”. De novo, existe um recurso retórico, pois se esse narrador sabe de tudo a ponto de prever o futuro da personagem é preciso que nele se tenha fé, que se entenda que o que ele diz é digno de confiança. Portanto, quando afirma que o narratário *não deve brincar* (repetir os atos de Letícia), o enunciatário pode inclinar-se a ser persuadido. E esse narrador “todo poderoso” seria designado, então, por um enunciador também poderoso. Enunciador que se faz, subsidiado por seu narrador, anunciar: “O Governo de Mato Grosso do Sul”.

Listamos, na sequência, temas e suas figurativizações no “Enunciado 3”:

1) *Contraponto entre vida e morte*: a) no vídeo, na contraposição entre as jovens juntas comemorando vs. o pai no hospital (que, se não há morte confirmada, existe uma possibilidade fortemente sentida); b) na fala, “Êee!” (das amigas) e “Nossa amiga, muito bom” (de Letícia) vs. “Não brinque com a sua vida e com a vida de quem você ama!” (do narrador); c) no som de fundo, no embate entre a música eletrônica animada ao fundo vs. o som de suspense⁸⁵.

85 Esse efeito de sentido de suspense é marcado pela trilha sonora aparentando ser mais “pesada”, percepção ocasionada pelos efeitos de altura do som; nesse caso, mais *grave*. A altura é um dos cinco elementos formais que caracterizam os sons musicais: 1) Timbre – é a característica particular de cada onda sonora. É o timbre, por exemplo, que nos faz perceber de pronto a diferença entre as mesmas notas musicais emitidas por instrumentos diferentes; 2) Intensidade – é a força com que as ondas sonoras impulsionam o ar. Pode ser fraca (baixa intensidade) ou forte (alta intensidade). É o que, de maneira leiga, chamamos de volume. 3) Altura – refere-se à velocidade do número de vibrações das ondas sonoras. Distingue o som agudo (também chamado alto, fino ou leve) do grave (baixo, grosso ou pesado) e também auxiliam a distinguir as notas musicais dó, ré etc. 4) Densidade – constitui-se em maior ou menor número de sons trabalhados em conjunto. 5) Duração – é o tempo de emissão de um som, ou seja, o quanto ele permanece nos ouvidos. Podem ser curtos ou longos.

Além desses efeitos, podemos citar outro conceito musical que influi em nossa percepção: o de *composição*, que inclui três elementos: 1) Harmonia – a combinação dos diferentes sons, isto é, refere-se aos acordes tocados

- 2) *Necessidade de atender ao Poder Público*: “Não brinque com a sua vida e com a vida de quem você ama!”, “Governo de Mato Grosso do Sul”.
- 3) *Impasse entre diversão e responsabilidade*: no vídeo, quando as amigas estão juntas e não seguem os preceitos de distanciamento, uso de máscara etc., e mesmo assim ainda Letícia beija o pai, em contraponto à sequência com ela pelo corredor do hospital.
- 4) *Alegria*: no vídeo, as amigas no bar; na música de fundo.
- 5) *Relaxamento*: quando a jovem encontra o pai no carro, que “chegou cedo”.
- 6) *Desespero*: jovem correndo pelo hospital; pai no leito e impotência da filha que o vê nessa situação.

Levando em conta os elementos sonoros, podemos dizer que as nuances estabelecem significados distintos e colaboram para efeitos de sentido. Podemos percorrer um caminho: *Música eletrônica animada ao fundo* (cenas em que Letícia está com as amigas) → *Som de suspense, mais grave, aparentando ser mais “pesado”* (cenas com vírus estilizados) → *Som de suspense, em tom mais lúgubre, ou seja, mais grave ainda* (cenas “vivas” no hospital).

É pertinente afirmarmos que quanto mais a gradação da rede tensiva caminha rumo ao “Desespero” mais a música começa a ficar “pesada” (som grave). E mais o nível discursivo é impregnado pela tensividade, já que o *ator* Letícia (sujeito aspectualizado) é afetado. É, como no caso das imagens, o afeto (o *sentimento* de desespero) produzindo efeito de sentido. É esperado que o enunciatário – devido ao pacto tácito existente com o enunciador, já comentado – também seja afetado, (re)produzindo-se nele o efeito de sentido de adesão aos preceitos médicos. Pois, ao verificar que aquelas ações de Letícia levam ao termo disfórico “morte”, agiria de forma diferente, visando ao *objeto valor* “vida”.

Levando em consideração outro ponto elencado por Teixeira (2009) com relação à análise de texto sincrético, temos as observações a respeito das categorias cromáticas, eidéticas e topológicas. Todos aspectos com emoção que afetam o enunciatário. Com relação ao cromatismo, os *frames* 1 a 6 (em que as amigas estão confraternizando) são coloridos, demonstrando um momento alegre. Momento que se contrapõe aos *frames* 17, 18, 19, 23 e 24,

simultaneamente. Quanto mais acordes combinados de forma harmoniosa, mais agradável nos parece a música; 2) Melodia – é a sequência de sons com intervalos irregulares. Por exemplo, o solo de uma guitarra interrompe o som persistente junto aos demais instrumentos. 3) Ritmo – é a definição de quanto tempo haverá uma melodia em destaque ou quanto tempo os instrumentos trabalharão de forma harmônica. (Secretaria de Educação do Estado do Paraná, 2012, Disponível em: <http://www.arted.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=136>. Acesso em: 3 mar. 2025).

26 (que mostram o pai internado em leito hospitalar), 20, 21 e 22 (com Letícia desesperada pelo corredor do hospital) e 26, 27 e 28 (com rosto de Letícia em *close* diante da impossibilidade de poder beijar novamente o pai, dessa vez em quarentena no leito), nos quais as imagens aparecem em tons de cinza. Os *frames* 7 e 8 (*close* na boca de Letícia consumindo bebida que já havia sido provada pela amiga), 13 e 14 (*close* em Letícia beijando o pai) e 16 (*close* no rosto do pai, já começando a se sentir mal) apresentam um verde intenso na estilização do vírus. Essa estratégia serve justamente para apontar que o vírus é real, o ser microscópico é (por meio de efeito visual) “aumentado” para que o enunciatário possa “ver” o causador da doença. Em meio às cenas escuras, de desespero, aparece a logomarca do Governo do Estado de Mato Grosso do Sul (*frames* 26, 27 e 28). Não à toa ele é o único elemento colorido em meio ao cinza escuro que se impera. Com a ênfase no logotipo, fica subentendido que o Poder Público faz sua parte em aconselhar a população para que não se aglomere, cabendo ao enunciatário aderir a essa instrução.

Com relação aos elementos eidéticos, isto é, ligados às formas, podemos indicar o impacto que os *frames* 7, 8, 13, 14 e 16 causam no enunciatário pela estilização do vírus. Algo microscópico é apresentado na tela de tamanho descomunal frente a realidade, ou seja, ele é até mesmo maior que a mão de Letícia ou a boca do pai. Ele, agora grande, é “mais real”, “mais mortal”, “mais temível”, perante o enunciatário que não dava a importância devida para um ser infimamente minúsculo.

Quanto aos elementos topológicos, podemos enfatizar as contraposições entre *dentro* vs. *fora* e *longe* vs. *perto*. Enquanto nos *frames* 1 a 6 (em que as amigas estão confraternizando) estar fora de casa significa algo eufórico para Letícia (divertia-se), nos *frames* 18, 19, 23, 24, 26, 27 e 28 (que mostram o pai no leito), na medida em que o pai já fora infectado e hospitalizado, tudo que Letícia queria era estar ‘*dentro*’ do quarto com o pai; estar fora, agora, é disfórico. Quando o pai chegou e ela o beijou (*frames* 13 e 14) estava perto de seu ente querido; quando estava no hospital, estava longe e triste. Essa sensação de cada vez mais longe é exacerbada pela sequência em que ela corre e chega à parede de vidro do quarto, todavia, permanece sem poder entrar. Todos esses elementos cooperam para a tensividade do texto.

A doença do pai surgiu como assomo em meio ao cotidiano de Letícia. O fato de ela correr para chegar logo ao quarto do pai deixa subentendido que a internação foi repentina e ela foi avisada por telefone ou pessoalmente por alguém em outro local (e que ela não acompanhava o pai no hospital quando ele foi recebido quando se sentia mal). Depois de alguns

momentos de divertimento (alegria), sobreveio-lhe a grande aflição de ver o pai em coma (desespero). Em termos tensivos, a Covid-19 foi um acontecimento, porque:

[...] o acontecimento recebe a seguinte definição-análise: acontecimento = sobrevir + *apreensão* + concessão. O termo correlato plausível do acontecimento, o exercício, recebe uma definição-análise simétrica e inversa à precedente: exercício = conseguir + *focalização* + implicação. (Zilberberg, 2007, p. 13, grifos nossos)

Letícia configura-se como *ator* semiótico dotado de dois perfis – um ético (que se vincula ao *éthos*), “relativo à participação ativa e ética do sujeito-no-mundo”; outro dito pático (ligado ao *páthos*), “relativo aos desdobramentos do sentir” (Discini, 2015, p. 16). Ela é um *ator*, portanto, é mais que um actante (personagem da história) do nível narrativo, é, também, um sujeito dotado de valores no nível discursivo. Nesse caso, citemos novamente Merleau-Ponty (2022, p. 285), para quem: “O sujeito da sensação não é nem um pensador que nota uma qualidade, nem um meio inerte que seria afetado ou modificado por ela; é uma potência que co-nasce em um certo meio de existência ou se sincroniza com ele”.

Podemos dizer que o perfil pático pode ser indicado por conta de sua vida ter sido inesperadamente transformada pela doença do pai; e o ético, quando ela entende (o que fica subentendido pelo final do vídeo) que a situação do pai foi gerada por seu descumprimento das regras emitidas pelo Poder Público. Letícia representa um *ator* que sofre (da apreensão), mas que também pode tomar decisões (do foco):

No caso do foco, há um sujeito operador que age, muito próximo ao sujeito do fazer; não há surpresas, mas relações pressupostas tais como no esquema narrativo. Na apreensão ocorre o contrário; não se trata mais de um sujeito do fazer, mas um sujeito do estado que sofre, que suporta, que, enfim, é invadido pelo objeto que surge *ex abrupto*. (Mendes, 2015, p. 336)

No *foco*, o sujeito é o sujeito do *fazer* (que age); na *apreensão*, o sujeito é o sujeito do *ser* (do assomo, espantado). Em Zilberberg (2011), essa categoria se liga à temporalidade: “O forema da direção discrimina, de um lado, a *apreensão*, a retenção, a potencialização do advindo e, de outro, o *foco*, a protensão, a atualização do porvir, ou, ainda, nos termos de Valéry, a alternância recorrente entre o ‘já’ e o ‘ainda não’” (Zilberberg, 2011, p. 76, grifos do autor). É nessa “protensão” que o enunciador aposta para persuadir o enunciatário a não se aglomerar durante Festas de Fim de Ano (Amigo Secreto, Natal, Réveillon etc.): espera-se que o enunciatário lembre da ação de Letícia no início do vídeo e de sua total incapacidade de agir diante do pai em coma. Acompanhando a história de Letícia, o enunciatário percebe seu desespero. E sua aflição

demanda um posicionamento por parte do enunciatário (que poderia ser de compadecimento ou de culpabilização, por exemplo): até porque, nesse momento, ele já está ciente de que o pai seria contaminado, pois foi informado pelo narrador (nos *frames* 4 a 6).

A informação de que Letícia seria infectada torna-se o *assomo* pela perspectiva do enunciatário, porque é o momento em que é pego pela *emoção*, o tipo de *afeto* definido “do ponto de vista da ‘foria’, [...] pelo regime da subitaneidade” (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 284). É de súbito que o enunciatário se depara com o *acontecimento*: é em meio à alegria das jovens confraternizando que o narrador conta que ela será contaminada pelo vírus.

Retoricamente, o enunciador da propaganda busca angariar a adesão do público às medidas médico-sanitárias e, dessa maneira, deixa implícita a existência de um grupo que não as segue. Como afirmamos que o *éthos* pode ser entendido como princípio operador da polêmica, reiteramos essa ideia: afirmando que a polêmica (ainda que presente de forma implícita) vige a propaganda. A polêmica ganha, portanto, uma *quase-presença atualizada* no nível narrativo expressado naquelas cenografias e *realizada* no nível discursivo. Dessa forma, podemos entender que, assim como ocorre com o *éthos*, o afeto causa efeito de sentido e pode ser considerado um operador da polêmica.

Sendo o afeto – como vimos neste subitem – e o *éthos* – como vimos no subitem anterior – operadores da polêmica, é preciso que nos aprofundemos ainda mais no “local” onde eles operam. Defendemos que esses dois elementos são usados de forma retórica pelo enunciador, visando a persuadir o enunciatário. Então, esse “lugar” é o *movediço* ambiente em que se relacionam o *Eu* e o *Outro*: o *Entre*.

Tendo em mente as noções de *corpo* – sua base fenomenológica revisitada semioticamente por Discini (2015) – e de *afeto* como entendido pela vertente tensiva de Zilberberg (2011), veremos, a seguir, como um corpo tem seu horizonte afetado por um outro que ocasiona uma perturbação em seu campo de presença. Para tanto, seguiremos contribuições de Landowski (2012) a respeito da identidade e da alteridade.

3.3 O *Eu*, o *Outro* e o *Entre*⁸⁶

Se o mundo é também um sistema de oposições qualitativas do tipo vida e morte, dia e noite ou claro e escuro, é então a interação entre diferentes valores categoriais que nos torna

86 Este tópico é uma versão reformulada de artigo publicado originalmente em novembro de 2023, no volume 28, número 62, do periódico Gragoatá (ISSN 2358-4114), sob o título de “O convívio polêmico em meio à pandemia de Covid-19 – um olhar semiótico discursivo sobre as relações do Si com o Outro”. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v28i62.58331.pt>.

capazes de, por meio da linguagem, dar sentido a esse mesmo mundo. Entre essas relações de termos contrários, estaria também a diferença entre o *Eu* (um *eu* ou um *nós*) e o *Outro*? Acreditando que sim, devemos observar que o convívio e o diálogo entre o *Eu* e o *Outro* são conflituosos. Se o convívio e o diálogo são conflituosos (e as divergências pareceram exacerbadas no período pandêmico por Covid-19 pelo qual passávamos), qual o grau de admissão em nossa existência (ou nas diversas esferas de tomadas de decisões cotidianas) daqueles que denominamos de *Outro*? Esse *Outro* (a todo o momento construído discursivamente) é esquecido e/ou silenciado? Apresentar possibilidades de respostas a essas perguntas é o objetivo geral deste item de nossa tese. De forma específica, objetivamos, neste momento, apontar (por meio das estratégias retóricas de convencimento envolvendo o afeto presentes nos enunciados observados) uma proposta de medição do nível de assimilação do *Outro* na vida do *Eu*. Baseando-se nas vertentes semióticas Tensiva e Sociossemiótica, metodologicamente são apontados efeitos de sentido em análises de enunciados selecionados como *corpus* por formarem um compêndio capaz de ser organizado ao mesmo tempo como exemplos de discussão sobre o que a Sociossemiótica define como “buscas de identidade” e “crises de alteridade” (Landowski, 2012, p. 3-30) e como valores de um gráfico tensivo. Como resultado dos apontamentos, pode-se inferir que a relação *Eu-Outro* não é harmônica, mas de dissenso.

A próxima subseção trata da relação entre o *Eu* perante o *Outro*, bem como apresenta o ponto de vista teórico pelo qual reconhecemos essas noções. Na sequência, três subseções que, conjuntamente, apresentam as análises do *corpus*, propõem uma discussão de parte da tipologia de Landowski (2012) sobre a relação entre *Eu* e *Outro* e apontamentos a respeito das estratégias retóricas de convencimento envolvendo o afeto presentes nesses enunciados. Logo depois, uma interpretação por meio de rede e gráfico tensivos da categorização apresentada juntamente à indicação de possíveis respostas para as indagações formuladas no início do presente tópico.

3.3.1 A postura do *Eu* perante o *Outro*

Como dissemos em “2.1 Sobre o corpo e sobre a quase-presença”, a Semiótica iniciou o pensamento sobre a noção de corpo inspirada pela Fenomenologia. “Ser corpo [...] é estar atado a um certo mundo, e nosso corpo não está primeiramente no espaço: ele é no espaço”, diz Merleau-Ponty (2022, p. 205). Sendo assim, é por meio do corpo que

percebemos a nós mesmos, ao ambiente que nos circunda e aos demais seres com quem nos contatamos. E, semioticamente, o corpo deixa marcas passíveis de verificação nos textos, ou seja, a confecção de um texto é uma simulação discursiva do homem no mundo.

Quando aludimos novamente ao fenomenólogo, ao lembrar que “o equívoco é essencial à existência humana, e tudo o que vivemos ou pensamos sempre tem vários sentidos” (Merleau-Ponty, 2022, p. 253), compreendemos que a percepção tenderia a ser (ainda que involuntariamente) sectária e enviesada; mas é também provocada. Em outras palavras, perceber alguém ou alguma coisa é perceber uma determinada presença – presença desse alguém, desse algo (concreto ou abstrato, que seja) – no mundo. Nesse processo, haveria duas operações semióticas essenciais geradas pelo corpo: uma *apreensão* e um *foco*; que entendemos como ligados, respectivamente, à intensidade e à extensidade (Cf. “3.2 Afeto e efeito”). A primeira se refere a uma certa captação sensorial do objeto; o segundo, a uma tomada de posição, a uma certa projeção a respeito do objeto.

Podemos correlacionar essas operações com a Semiótica Tensiva de Zilberberg (2011) e indicar uma gradação por meio de valências categoriais. Portanto, a apreensão e o foco são qualidades eminentemente sensíveis e inteligíveis.

Landowski (2012) propôs uma tipologia do conflito entre o Eu e o Outro ao pensar a presença do outro. Segundo o estudioso, ao buscar uma identidade, o Eu auxiliaria a evidenciar uma crise de alteridade. Situações de assimilação e exclusão e de segregação e admissão do Outro estariam em voga o tempo todo nas diversas sociedades (Landowski, 2012). A seguir, apresentamos uma proposta de discussão sobre essas formulações.

3.3.2 *Espécies de segregação*

Mais de duas dezenas de pessoas na beirada de rua do centro da cidade numa noite aguardando ansiosas serem servidas por voluntários que retiram marmitas acondicionadas no porta-malas de um carro (que não é dos considerados populares). A comida oferecida provavelmente será a única refeição do dia para elas. Essa imagem (“Figura 5”) é apresentada na fotografia de matéria do jornal eletrônico Amazônia Real, de Belém. Ela reflete algo que, conforme mostra a reportagem, acometeu a capital paraense (e, por certo, boa parte do Brasil e do mundo): o aumento da população vivendo na rua sem respaldo do poder público durante a pandemia de Covid-19.

Figura 5 - Pessoas morando na rua aguardando refeição doada por voluntários



Fonte: Foto: Cícero Pedrosa Neto/Amazônia Real. Disponível em: <<https://amazoniareal.com.br/invisivel-e-desamparada-populacao-de-rua-aumentou-em-belem-durante-a-pandemia/>>. Acesso em: 12 ago. 2021.

Intitulada “Invisível e desamparada, população de rua aumentou em Belém durante a pandemia”, a reportagem foi publicada em agosto de 2021 e é o objeto de análise. A seguir, são apresentados alguns trechos do texto (aqueles que servem a nossos propósitos, sendo que a publicação completa consta no “Anexo I” desta tese):

“A gente já vivia no meio de um monte de desgraça, a pandemia só piorou tudo”. A frase de Lene Silva, que tem 40 anos e há 26 vive nas ruas de Belém, capital do Pará, resume o *drama enfrentado* pela população em situação de rua no Brasil com a chegada *devastadora* da pandemia da Covid-19.

Socialmente *vulneráveis*, com *doenças crônicas e imunodepressoras*, usuários de drogas, vivendo em *condições extremamente insalubres* e vítimas da *fome*, essa população tem sido uma *vítima invisível* da doença: as autoridades públicas de saúde no estado não possuem dados epidemiológicos oficiais sobre os impactos da pandemia neste grupo social, conforme apurou a reportagem.

No próximo dia 19, o Brasil comemora o Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua, criado em 2004, mas a realidade de quem não têm um teto e dorme nas calçadas é de *desamparo e invisibilidade*, agravada mais ainda com os impactos da pandemia. [...] (Amazônia Real; Neto, 2021, s. p., grifos nossos)

Pode-se observar que desigualdade é o tema que recobre todo o enunciado. Ao apontarmos os vocábulos destacados – *drama, enfrentado, (pandemia) devastadora, vulneráveis, doenças crônicas e imunodepressoras, condições extremamente insalubres, fome, vítima invisível, desamparo e invisibilidade* – percebe-se uma invocação, por parte do enunciador, da afetividade. Retoricamente, a reportagem apela ao emocional para estimular no enunciatário (leitor do jornal *online*) compadecimento para com as pessoas ali mostradas.

Pela repetição dos traços semânticos, podemos dizer que o plano do conteúdo segue uma isotopia⁸⁷, isto é, aponta indicações recorrentes em todo seu percurso. Em outras palavras, a isotopia semântica: “[...] torna possível a leitura uniforme do discurso, tal como resulta das

87 A Semiótica Discursiva nomeia de isotopia “a recorrência de categorias sêmicas, quer sejam temáticas (ou abstratas) ou figurativas (o sentido restrito)” (Greimas; Courtés, 2021, p. 276). Ou, ainda, como “a permanência de um efeito de sentido ao longo da cadeia do discurso” (Bertrand, 2003, p. 153). Isto é, a isotopia diz respeito à coerência temática e/ou figurativa dentro do texto.

leituras parciais dos enunciados que o constituem, e da resolução de suas ambiguidades que é orientada pela busca de uma leitura única” (Greimas; Courtés, 2021, p. 276).

O foco emocional é um efeito de sentido de compaixão provocado pelo enunciador no enunciatário. E a percepção do enunciatário é exacerbada pois, além do material verbal, há o visual presente na fotografia. Greimas e Courtés nos autorizam a pensar em isotopia além do plano do conteúdo, ou seja, também o plano de expressão é afetado por ela: “[...] nada impede que se transfira o conceito de isotopia, elaborado e mantido até aqui no nível do conteúdo, para o plano da expressão” (Greimas; Courtés, 2021, p. 278). Assim sendo, a fotografia na horizontal destacando o quantitativo ligeiramente alto de pessoas em fila – por mais que não estejam maltrapilhas, vestem roupas bastante simples (bermudas, chinelos, até mesmo descamisado) perante os doadores voluntários (calças jeans, camisas, sapatos) – aguardando a doação de comida vinda de um carro aparentemente de alto custo financeiro no meio da rua corrobora a isotopia presente no plano do conteúdo. Bertrand (2003) afirma que a isotopia é um *continuum*, que se estende (em termos de figuratividade) da abstração à iconicidade. Apresentar uma fotografia ao enunciatário torna mais concretas (mais icônicas) as figurativizações referentes ao desamparo dos sujeitos em situação de rua.

Para dar continuidade a nossas observações, vejamos a relação de identidade e de alteridade entre o Eu e o Outro. Para tanto, seguiremos com um novo trecho da reportagem:

“Na rua, *todo mundo se trata como igual*. A gente come com a colher do outro, bebe no mesmo copo, mesmo às vezes sabendo que aquela pessoa tem uma doença feia. Se um irmão chega com uma sacola de comida e quer dividir, a gente faz uma roda e todo mundo mete a mão ali, não tem dessa”, conta Lene Silva.

Quando perguntada sobre a maior dificuldade que enfrentou na pandemia, Lene responde: “o povo já tinha nojo da gente, quando veio a Covid, aí que *eles não quiseram mais nem chegar perto*. A gente bate na casa das pessoas para pedir e, lá de dentro, já todos de máscara e ‘encapados’, só balançam a mãozinha dizendo que não tem”. (Amazônia Real; Neto, 2021, s. p., grifos nossos)

Voltando-nos, como antes, às partes realçadas, podemos verificar que há uma discrepância entre as posturas apresentadas: de um lado a comunhão entre os moradores na rua e de outro uma dissonância com os moradores das casas. Impõe-se, a partir da escolha do enunciador pela apresentação do ponto de vista dos que estão na rua, um grupo de iguais (um Eu) e um de diferentes (um Outro). Quando a entrevistada comenta que “*todo mundo se trata como igual*”, esse “todo mundo” é seu grupo de conviventes na rua. Quer dizer, esse “todo mundo” pode ser entendido como um Eu. Ela é esse grupo também, percebe esse mundo na/da rua em particular. Curiosamente, nesse caso, o “outro” confunde-se com o significado

de Eu (ou seja, não é somente um vocábulo vazio de sentido). Quando a entrevistada comenta “*A gente come com a colher do outro*”, esse “a gente” e esse “outro” (que empresta a colher), na verdade, são um mesmo Nós. Um Nós que, nesse caso, embaralha-se com um Eu: como se ela evidenciasse “eu mesma sou esse Nós também”; esse “outro (que empresta a colher) mesmo é o Nós”. Porque, em outra ocasião, pode ser ela quem tem o talher e pode emprestar. É quase como se aquele grupo fosse um grande corpo uno.

Esse grande corpo uno sugestionado causa desconforto quando aparece frente ao dessemelhante. É o que podemos inferir das afirmações da entrevistada em: “*o povo já tinha nojo da gente, quando veio a Covid, aí que eles não quiseram mais nem chegar perto*”; “*A gente bate na casa das pessoas*”. Quando cita “o povo”, este é o Outro em relação à “gente” (Nós-Eu, pode-se dizer): assim como “a gente” que bate na casa das “pessoas” são o Nós-Eu que bate na casa do Outro, respectivamente.

Novamente nos atentando à isotopia, percebemos em ambos os trechos indicados com relação ao texto sobre os moradores de rua que há um “universo de significação coerente” (Bertrand, 2003, p. 186), por meio de figuras e temas, voltado para uma isotopia da polêmica do embate entre um Eu e um Outro. Essa isotopia se apoia nas percepções que o enunciatário tem das categorias enunciativas. Em outras palavras, podemos dizer que há uma isotopia remetendo à polêmica no espaço, no tempo e nos atores presentes no texto:

a) isotopia da polêmica relacionada ao espaço: dentro da casa (cuidado, amparo) vs. fora da casa (abandono, desamparo);

b) isotopia da polêmica relacionada ao tempo: “a gente *vivia* num monte de desgraça”, “o povo *já tinha* nojo da gente” (antes pandemia) vs. “a pandemia *piorou* tudo” (durante a pandemia);

c) isotopia da polêmica relacionada aos atores: “na rua, todo mundo *se trata* como igual”, “a gente *come* com a colher”, “*bebe* do mesmo copo”, “se um irmão chega com a sacola e quer *dividir*”, “a gente faz uma roda e todo mundo *mete a mão*” vs. “eles não quiseram nem chegar perto” “*só balançam a mãozinha*”.

Em “a)”, o confronto entre “dentro” e “fora” figurativiza o amparo e o desamparo. Em “b)”, os verbos destacados em *itálico* indicam uma gradação que remete tematicamente ao desamparo vivido pelos que estão na rua, já sentido por eles antes e aumentado durante a pandemia. Em “c)”, os verbos (e as locuções “*mete a mão*” e “*balançam a mãozinha*”) destacados indicam ações tomadas pelas pessoas em situação de rua com caráter solidário, contrariamente ao caráter egoísta dos moradores das casas. Essas “pequenas isotopias”

constituem uma isotopia maior presente no texto como um todo: a existência de um embate, ou seja, há uma polêmica ganhando corpo.

Por essas análises, poderíamos apontar que a reportagem pode servir de exemplo de alguma das tipologias propostas por Landowski (2012, p. 1-30) comentadas anteriormente⁸⁸? Com relação ao texto visual (fotografia), podemos indicá-la como *espécie*⁸⁹ de segregação, pois a atitude daqueles que estão “nas casas” é de repelir os pedintes, todavia, reconhecem neles um *Outro* mesmo querendo permanecer afastados deles. Não são as pessoas “nas casas” que expulsaram as “na rua” para lá, mas, ao mesmo tempo, não querem com elas conviver: preferindo que elas permaneçam apartadas. Nesse caso, recordemos o enunciado supracitado: “o povo já tinha *nojo* da gente, quando veio a Covid, aí que eles não quiseram mais *nem chegar perto*”; “e, lá de dentro [...] *só balançam a mãozinha*”.

Todavia, se o apontamento de que há uma segregação fica mais fácil de verificar a partir das análises sobre a postura dos moradores “nas casas”, se for levada em conta a abordagem dos voluntários (evidenciada sobretudo na fotografia), poderíamos dizer que há uma admissão, ou mesmo assimilação? Pois, como pontua a Sociossemiótica, “[...] a classe dominante não rejeita ninguém, e se pretende, ao contrário, por princípio, generoso acolhedor aberto para o que vem de fora” (Landowski, 2012, p. 6). Não parece ser o caso. Os voluntários, no carro (seja lá a quem pertença), são membros de uma irmandade franciscana que, naquele momento, não está ali para pregar suas crenças aos que têm fome, mas simplesmente para acolhê-los e entregar o jantar a quem precisa. Não há evidência interna ao texto de uma investida da congregação para angariar novos fiéis ou algo do tipo – ainda que, eventualmente, tal ajuda possa despertar essa vontade. Esse contato entre Eu e Outro seria, então, de outro tipo. Eles praticariam um ato de caridade.

3.3.3 Sobre admissão e sobre exclusão

Como na seção anterior, façamos agora a análise a respeito das estratégias retóricas envolvendo o afeto presentes nos enunciados, e, progressivamente as que condizem com as relações de identidade e/ou alteridade. Diferentemente de antes, apresentaremos nesse

88 Embora trate sobremaneira a respeito do estrangeiro, tomemos liberdade de extrapolar as definições de Landowski (2012) sobre o Outro. Já que o Outro, como o próprio autor nos ensina, não tem o papel de ser um “terceiro” que é mero espectador das atitudes e percepções do *um*, mas de servir como auxiliar da caracterização desse próprio *um*. Em outras palavras: “Não, todavia, a [figura] de um simples ‘Ele’ situado à distância, mas aquela forma específica do Outro que tem por função enviar ao sujeito sua própria imagem, ‘representando-o’” (Landowski, 2012, p. XI).

89 Usamos esse termo para lembrar nossa “extrapolação abalizada” explicada na nota anterior.

momento não um, mas três textos. O primeiro é a reportagem “Professores da UFGD elaboram cartilha em guarani com orientações de combate à pandemia”, veiculada em abril de 2020, pela assessoria de imprensa da Universidade Federal da Grande Dourados (que atende região composta por inúmeros municípios no cone sul de Mato Grosso do Sul). Relata a confecção de material desenvolvido com apoio indígena para ser distribuído nas aldeias das etnias Guarani Nandeva e Guarani Kaiowá, no idioma local e sem tradução para o português. Esse texto aparenta características de admissão. O segundo, “Promotor denuncia usuários de redes sociais por comentários racistas contra indígenas em MS”⁹⁰, é reportagem veiculada em janeiro de 2021, assinada por G1 MS e TV Morena. Ele contém um exemplo de exclusão, ao relatar um caso de ofensas proferidas a indígenas pela internet. O texto traz à tona a polêmica com relação à prioridade para aplicação da vacina em determinado grupo de risco ao contágio pelo coronavírus (como os aldeados, por definição do Ministério da Saúde) quando o imunizante começava a ser disponibilizado. O terceiro, “Fúria: regra básica de controle da pandemia vira motivo de descontrole e violência”⁹¹, é uma reportagem veiculada em telejornal da TV Record, sobre um cliente que foi agressivo com a dona de uma sorveteria quando foi repreendido devido ao uso irregular de máscara de proteção dentro do estabelecimento localizado em Campinas, interior paulista.

Mais uma vez, metodologicamente, apresentamos trechos que acreditamos auxiliar em nossos objetivos (e as versões completas como originalmente publicadas estão nos Anexos). Segue enunciado retirado do texto sobre a cartilha (“Anexo II”):

Além das orientações sanitárias indicadas pelas autoridades mundiais de saúde, como distanciamento social, assepsia das mãos, etiqueta respiratória, cuidados com a higiene, entre outras possíveis de serem seguidas nas aldeias – já que parte dessa população não dispõe sequer de acesso à água – os pesquisadores abordaram na cartilha os *aspectos ritualísticos tradicionais*, muito presentes na rotina dos *povos indígenas* e essenciais para a garantia da *preservação de suas etnias*.

“Após essa primeira fase, os professores indígenas passaram a *dialogar com os mais velhos* também sobre os *cuidados tradicionais* de saúde aplicados na aldeia em casos de quadros gripais e insuficiência respiratória, características da covid-19, além de registrar suas concepções sobre o adoecimento”, relata Neimar [Machado de Souza, docente da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da UFGD].

Ele enfatiza que as comunidades indígenas tradicionalmente fazem o uso regular de plantas medicinais na prevenção ao adoecimento e também vêm empregando algumas delas durante a pandemia. “É importante reforçar que as plantas são utilizadas em rituais, seguindo um modo de preparo adequado, sob *orientação de anciãos e especialistas indígenas*”, afirma.

[...]

90 Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2021/01/20/promotor-denuncia-usuarios-de-redes-sociais-por-comentarios-racistas-contra-indigenas-em-ms.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2021.

91 Disponível em: <https://noticias.r7.com/jr-na-tv/videos/furia-regra-basica-de-controle-da-pandemia-vira-motivo-de-descontrole-e-violencia-08062022/>. Acesso em: 6 mar. 2025.

“Essa parceria é muito importante, pois os profissionais da UFGD envolvidos no processo de *prevenção e solidariedade*, além de contribuírem com a população indígena, que é mais *vulnerável, protege também a sociedade não-índia*”, diz a docente [Teodora de Souza, coordenadora do Setor de Educação Escolar Indígena da Secretaria Municipal de Educação de Dourados], que é da etnia Guarani, moradora na aldeia Jaguapiru e falante da língua nativa. (UFGD, 2020, s. p., grifos nossos)

Por meio das palavras grifadas – *aspectos ritualísticos tradicionais, preservação de suas etnias, dialogar com os mais velhos* [detentores de sabedoria], *cuidados tradicionais, orientação de anciãos e especialistas indígenas* – podemos observar uma isotopia de respeito aos costumes e sabedoria locais. Por causa de seu regime genérico, nesse texto, há um apelo emocional menor que no precedente, todavia, ele existe. Quando observamos as palavras destacadas da fala da entrevistada – *prevenção e solidariedade*, [população indígena] *vulnerável, protege também a sociedade não-índia* –, podemos ver que existe o afeto pressuposto pela solidariedade a um povo tido como vulnerável (o olhar voltado ao Outro) e pela importância de se autoproteger: já que, segundo as informações, minimizando os riscos de contágio na população indígena diminui-se também na não indígena (um olhar voltado para Eu).

Com relação às questões de identidade/alteridade, podemos dizer que estamos no que Landowski chama de admissão: momento em que “geralmente objeto de desconfiança, senão de repulsa, o Outro se torna, aqui, [...] um polo de atração para o qual nos voltamos em razão de sua própria alteridade” (Landowski, 2012, p. 23). Curioso e paradoxal: não é por ser a cartilha feita somente em guarani e a sociedade envolvente falar português (e, obviamente, não tem como acessar verbalmente seu conteúdo) que esse contato entre os professores da universidade e os das aldeias é conflituoso; ao contrário, é justamente porque a língua materna foi elevada apesar de a sociedade envolvente não a apreender que esse contato é de admissão de um diferente, pois tanto o indígena admitiu ajuda da universidade para confeccionar o material, quanto a universidade não impôs sua língua e admitiu a indígena.

Como já afirmamos, a relação com o outro é em essência de conflito quanto à linguagem, pois o Eu tem acesso ao simulacro do Outro. Portanto, a linguagem nunca é neutra e nunca é desprovida de possibilidades de diversas interpretações. De tal maneira que, ainda que exista uma admissão, há sempre um risco implicado, como alerta Landowski:

Com efeito, de tanto os parceiros se aproximarem, empurrados para isso por sua “simpatia” recíproca, de se conhecerem melhor e de melhor se entenderem, de tanto descobrirem que o que os diferencia e, à primeira vista os opõe, os torna ao mesmo tempo complementares e lhes abre novas possibilidades de ação, chegará quase inevitavelmente um momento em que eles, primeiro distintos e separados, mas que

entraram desse modo em relação e logo em contato, aspirarão fundir-se e tenderão a confundir-se numa nova totalidade. O fato de esse momento ser, num certo sentido (já que há atração mútua), a própria meta da relação – daí seu lado eufórico –, não evita que ele ponha praticamente – e este será o lado disfórico – termos a isso. A prova disso é que se, por uma ou outra razão, as unidades que se consideraram num determinado momento unidas e, por assim dizer, indistintas, se desunem, nunca mais serão, em seguida, completamente as mesmas relações que “antes” que as reunirão, se for o caso de, mais uma vez, elas se encontrarem. Embora a história permita às vezes tais reencontros, nem por isso ela se repete.

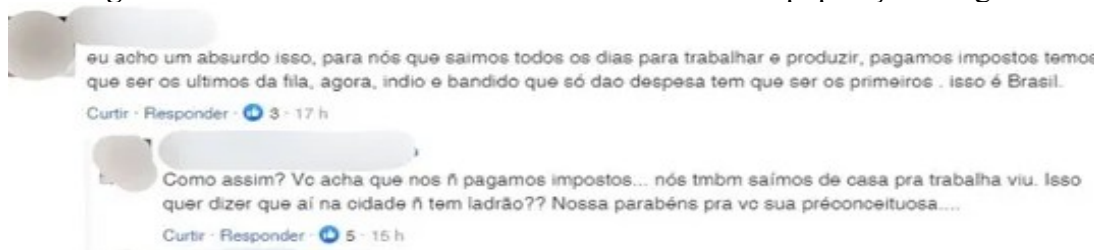
Compreender-se-á nessas condições que, quando as unidades em questão têm o estatuto de sujeitos autônomos, e se apegam a sua respectiva identidade tendo-se mutuamente em estima pelo que são, elas possam ter preocupação, e, às vezes, interesse em retardar o momento dessa pequena ou grande catástrofe (no sentido matemático do termo) que constituiria sua fusão. Pois bem, para isso, não bastará que os parceiros saibam resistir mutuamente um *ao outro*, nem que fosse somente para deliberadamente manter sua “reserva de si”. Na verdade, é também, e sobretudo frente a *si mesmo* que será preciso que cada um deles tenha força de “manter-se”. Porque, se se trata de fazer viver, entre Si e Outro, uma relação efetiva de Sujeito a Sujeito, será preciso, de ambas as partes, não ceder nem ao desejo de um total abandono de si mesmo perante o Outro – o que equivaleria a renunciar à própria identidade, com o risco de logo ser para o outro apenas um objeto –, nem ao desejo de uma posse total do outro, que do mesmo modo só poderia chegar a coisificá-lo, despojando-o daquilo que o faz verdadeiramente outro – ao mesmo tempo *autônomo* e *diferente* –, isto é, precisamente, daquilo que o torna “atraente”. (Landowski, 2012, p. 23-24, grifos do autor)

É para manter esse contato perene, mas com a fronteira ainda delimitada, que os indígenas fizeram questão de conservar somente a língua original na cartilha a ser distribuída. E é por conta da simpatia mútua que ambos acolheram os ensinamentos do outro: a cartilha recomenda os procedimentos de distanciamento social e uso de máscaras (indicados pelos médicos da sociedade não indígena) e o uso de plantas medicinais (tradição da sociedade indígena). Contudo, existem circunstâncias diferenciadas nesse contato: o texto nos informa que uma das professoras que participou da feitura do material é vinculada à gestão municipal e é indígena da etnia envolvida. E a instituição que promoveu e realizou o projeto é uma Universidade. Isto é, em ambos os casos, o Estado está envolvido. Poderíamos ainda falar em admissão ou seria assimilação? Seria uma admissão, mas os vislumbres são mesmo difíceis, pois não há um enquadramento fechado das categorias mencionadas. Como “[...] esse modelo dá uma representação esquemática de uma sintagmática e de uma ‘dinâmica’ da mudança” (Landowski, 2012, p. 21), subentende-se ser possível existirem intercalações e que o semioticista as definiria, dentro de certa margem, de acordo com suas intenções de pesquisa. E parece existir algo a mais também.

Passemos ao exemplo de exclusão. Em janeiro de 2021, as vacinas contra o coronavírus começaram a ser aplicadas nos brasileiros. Foram definidos grupos prioritários e os indígenas aldeados estavam entre eles. Durante um período, pessoas começaram a

comentar de forma pejorativa (“Figura 6”) sobre essa diretriz, a ponto de um promotor de Justiça denunciar internautas por racismo. A matéria “Promotor denuncia usuários de redes sociais por comentários racistas contra indígenas em MS”, do G1 MS, relata o caso.

Figura 6 - Comentários considerados ofensivos contra população indígena



Fonte: Print de comentário em rede social. Disponível em:

<<https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2021/01/20/promotor-denuncia-usuarios-de-redes-sociais-por-comentarios-racistas-contra-indigenas-em-ms.ghml>>. Acesso em: 20 maio 2021.

Adaptando as falas transcritas na “Figura 6”, temos, subentendendo-se pelo enunciado, o seguinte diálogo entre uma pessoa não indígena que mora na cidade e outra indígena que mora na aldeia:

Enunciador nº 1 – Eu acho um absurdo isso. Para *nós* que saímos todos os dias para trabalhar e produzir, pagamos impostos, temos que ser os últimos da fila. Agora, *índio e bandido que só dão despesa* têm que ser os primeiros. Isso é Brasil.

Enunciador nº 2 – Como assim? Você acha que nós não pagamos impostos [?] *Nós* também saímos de casa para trabalhar, viu. Isso quer dizer que aí na cidade não tem ladrão?? Nossa, parabéns para você, sua preconceituosa. (G1 MS; TV MORENA, 2021, s.p., grifos nossos)

A discussão é exemplar com relação ao que indicamos anteriormente como a percepção sobre o Outro ser um simulacro. Vejamos que *Nós* é variável e assume seu “lugar” assim que cada enunciador toma a palavra: “Para *nós* que saímos (...)” na primeira fala e “*Nós* também saímos (...)”. Para além de uma simples troca de turno na enunciação, há aqui uma marcação de identidade. Uma demarcação territorial em que o primeiro enunciador tenta se sobrepor ao segundo.

Existe uma tentativa do enunciador número 1 (ainda que criminosa, conforme apontou o promotor) de atingir o enunciatário emocionalmente, pois esse *Nós* ele atribui a um conjunto de pessoas no qual idealiza estar incluso aquele que lê, já que seu comentário foi na reportagem de um *site* de notícias famoso na região. Ele busca um tipo de proteção e cumplicidade para com o que está afirmando. E espera conseguir, pois subentende-se de acordo com o texto que um quantitativo considerado de pessoas sai “todos os dias para

trabalhar e produzir, [e paga] impostos”.

Simultaneamente ao instante em que tenta se enquadrar em determinado grupo social (aquele dos que definiu como que *saem para produzir*) busca suprimir o diferente desse grupo que elegeu para Eu. Sob o ponto de vista desse enunciador, o “índio” não produz, portanto, não teria direito à vacina pois ficaria em sua casa e não correria risco de se contaminar por ter menos contato com outras pessoas. Demonstra-se a introdução de um simulacro da vida indígena: aquele de um ser da floresta ou mesmo de um ser vagabundo, que não gosta de trabalhar (já que não produz, entende-se, pelo mundo capitalista que nos circunda, e pelo próprio texto principalmente, que não possuiria trabalho remunerado).

Há uma exclusão com relação à identidade do indígena, uma atitude sem argumentos racionais, ou seja, um discurso que “procede de um gesto explicitamente passional que tende à negação do Outro enquanto tal” (Landowski, 2012, p. 9). Para o enunciador número 1, “*índio e bandido [...] só dão despesa*”. Ao comparar indígena a bandido figurativiza uma implementação de penalidade, tanto um quanto o outro precisariam estar encarcerados. Dessa forma, diferentemente do exemplo das “pessoas nas casas” que balançavam “a mãozinha” para os que pediam comida no texto sobre os moradores na rua na capital do Pará (em que os das residências queriam distância, mas não importunavam os demais), nesse caso, o enunciador número 1 quer suprimir completamente o Outro de seu convívio, mantendo-o preso (seja na penitenciária, seja na aldeia, mas, de qualquer forma, excluído do centro da cidade).

Por outro lado, outro trecho da reportagem apresenta os pontos de vista de profissionais do direito e da saúde sobre o ocorrido:

A infectologista Andyane Tetila explica os motivos da *vulnerabilidade dos indígenas* à Covid-19. “Além da constituição genética, por morarem em comunidades mais fechadas, como aldeias, também há o *contexto social, de modo cultural de vivência, além da habitação, com muitas pessoas morando na mesma casa*. Ainda há de ser considerada *a parte cultural do contato entre eles*. Então é *totalmente diferente da população urbana*, que nós conseguimos ter maior controle”, esclarece.

[...]

Para o promotor João Linhares, os comentários preconceituosos e criminosos em notícias precisam ser mais coibidos nas redes sociais. “Essa *discriminação, xingamentos e, especialmente, a depreciação da comunidade indígena*, são intoleráveis à luz da constituição, das convenções internacionais. [...]”, finaliza. (G1 MS; TV Morena, 2021, s.p., grifos nossos)

Pontuando as partes grifadas – *vulnerabilidade dos indígenas; contexto social, de modo cultural de vivência, além da habitação, com muitas pessoas morando na mesma casa; a parte cultural do contato entre eles; totalmente diferente da população urbana;*

discriminação – percebemos uma isotopia que caminha pela temática da proteção ao indígena e sua cultura, ao seu modo de estar no mundo. Tanto a postura do promotor público quanto da infectologista poderiam ser indicadas como: de não-disjunção, porque os admite enquanto diferentes e respeita essas diferenças a ponto de mantê-los em suas aldeias, mas não no sentido de apartá-los do restante da sociedade, e sim de respeito a seu ambiente tradicional; de conjunção, pois posiciona-se no sentido de que os indígenas têm de ser incluídos na população prioritária de aplicação das doses de vacina. No entanto, também nesses casos haveria algo além dessas categorizações?

Se o comentário a respeito da vacinação em indígenas foi um exemplo de exclusão que transmitia ódio, o próximo enunciado sob análise é outro exemplo de exclusão, mas que, dessa vez, mostra ações que vão desde uma postura de raiva (mais branda que o ódio) à fúria de um ataque físico. Em 10 de fevereiro de 2022, um homem entra rapidamente em uma sorveteria de Campinas (interior de São Paulo), escolhe alguns picolés e um pote de sorvete e, quando se dirige ao caixa, tem sua atenção chamada para que use corretamente a máscara (item obrigatório naquela época, para diminuir a proliferação do vírus devido às gotículas de saliva que as pessoas poderiam expelir/exalar em ambientes fechados).

Era a proprietária do comércio a responsável pelo atendimento. O cliente (com a máscara sobre o queixo) se exalta, demonstra tom raivoso e afirma que não atenderá à solicitação que já estava indicada desde a entrada da sorveteria em uma grande faixa (“Figura 7”) e pelo uso de cartazes fixados nas paredes internas. Ao ter o atendimento negado pela proprietária, o cliente se inflama e, da raiva passa à fúria: chuta a portinhola do balcão; e, depois, quase acerta com seu dedo em riste a mão da comerciante (“Figura 8”).

A história foi contada no Jornal da Record em rede nacional. A seguir, transcrevemos a reportagem desde a apresentação pelos âncoras do jornal (Christina Lemos e Celso Freitas), a fala da repórter (Cleisla Garcia) até as falas do contato polêmico entre comerciante (Pollyana Reis) e cliente⁹²:

Apresentadora:

– O uso de máscara já virou regra durante a pandemia, mas tem gente que ainda se nega a usar a proteção ou usa da forma errada, é o que basta, não é?

Apresentador:

– É, é sim. Na reportagem de hoje da nossa série especial sobre raiva, histórias de

92 A reportagem conta ainda outras duas histórias de excesso de raiva. Por elas não terem ligação direta com as normativas indicadas no período pandêmico, não contêm esse elo com os demais textos que selecionamos e, por esse motivo, não serão analisadas. Porém, elas constam nos “Anexos”. Também é curioso observarmos que o nome do cliente não é exposto na reportagem.

pessoas que chegam até a agredir por causa da medida sanitária.

Repórter:

- *Agressões verbais, descontrole*, quando *raiva* explode e se transforma num *ataque de fúria*.
- Qual seria o limite, que tipo de *provocação* seria capaz de tirar uma pessoa aparentemente tranquila do sério do que consideramos normal?
- Muitas vezes os ataques de fúria podem começar por motivos simples, rotineiros que, dependendo do ânimo, do estado emocional dos envolvidos, podem tomar grandes proporções.
- Aqui nessa sorveteria em Campinas, no interior de São Paulo, a *discussão* começou por conta de uma medida sanitária: o uso obrigatório de máscaras durante a pandemia [Neste momento, ela aponta e o repórter cinematográfico (o câmera) inclui a faixa sobre a proibição na imagem. O texto do aviso é, em caixa alta, “Obrigatório o uso de máscara! Cobrindo boca e nariz inclusive crianças.” [Como mostra a “Figura 7”]
- No fim de semana, por volta das 4 da tarde, numa das épocas mais restritivas, um cliente chegou até aqui usando a máscara no queixo, o assunto virou *caso de polícia*. [Voz da repórter com imagem do cliente desde o estacionamento até a entrada na sorveteria:]
- O cliente chega para escolher produtos usando a máscara de maneira incorreta, apesar de todas as orientações espalhadas pela sorveteria.
- Vídeos feitos pelas câmeras do circuito interno mostram o momento do desentendimento no caixa.

Proprietária:

- E aí eu pedi para que ele posicionasse a máscara corretamente, [e ele] balança a cabeça de forma negativa.
- Aí nessa mesma hora eu pego sacola, que eu já tinha embalado os itens que ele ia levar eu entrego pra minha funcionária e me recuso a dar continuidade ao atendimento.

Repórter:

- O homem diz que vai *chamar a polícia, parte para agressões verbais e se descontrola*.
- [Imagens do homem com dedo em riste, chutando o balcão e quase acertando com seu dedo o dedo da comerciante (ambos em riste, mas ela apontava: primeiro, para a máscara; depois, para a porta, dando a entender que expulsava o homem), que apontava para a máscara. Como na sequência de imagens que formam a “Figura 8”]
- [...]

Apresentadora:

- O homem filmado na sorveteria em Campinas discutindo com a comerciante, diz que foi agredido primeiro, mas reconhece que se excedeu dentro da loja.
- (Jornal da Record; R7, 2021)

Figura 7 - Faixa informando obrigatoriedade do uso de máscaras dentro de estabelecimento comercial



Fonte: Jornal da Record; R7. Fúria: regra básica de controle da pandemia vira motivo de descontrole e violência – Veja casos de ataques de raiva que nasceram a partir do desrespeito ao uso obrigatório de máscara. São Paulo:

Record TV, 2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/jr-na-tv/videos/furia-regra-basica-de-controle-da-pandemia-vira-motivo-de-descontrole-e-violencia-08062022/>. Acesso em: 6 mar. 2025.

Figura 8 - Cliente em ataque de fúria chuta balcão de sorveteria



Fonte: Jornal da Record; R7. Fúria: regra básica de controle da pandemia vira motivo de descontrole e violência – Veja casos de ataques de raiva que nasceram a partir do desrespeito ao uso obrigatório de máscara. São Paulo: Record TV, 2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/jr-na-tv/videos/furia-regra-basica-de-controle-da-pandemia-vira-motivo-de-descontrole-e-violencia-08062022/>. Acesso em: 6 mar. 2025.

As palavras grifadas por nós – *Agressões verbais, descontrole, raiva, ataque de fúria, provocação, discussão, caso de polícia, chamar a polícia, parte para agressões verbais, descontrole raiva, ataque de fúria, provocação, parte para agressões verbais, se descontrola* – apontam a isotopia de agressividade e violência. Observam-se mudanças de regime de interação nesse trágico evento:

- 1º) é esperada uma postura de assimilação por parte da comerciante ao cliente que vai consumir seus produtos;
- 2º) a postura se modifica quando o cliente descumpre um dos procedimentos básicos para entrada (a máscara está no queixo e não cobre boca e nariz), ele é segregado;
- 3º) como o cliente está de máscara, caso ele comece a utilizá-la de forma adequada

sua entrada passaria a ser aceita, e teríamos uma admissão;

4º) como o cliente se nega a acatar a medida sanitária e de entrada no estabelecimento, passa-se ao regime de exclusão. O cliente precisa ser excluído para o bem maior daqueles que trabalham ali ou de demais clientes.

Curiosamente, tanto a proprietária excluía o cliente quanto o cliente tentava reverter essa exclusão. Acontece que ambos queriam, a partir da confrontação, atingir o outro e apartar o outro de seu convívio. A partir daquele momento, a comerciante não se importava em perder um freguês e o cliente não se incomodava em não ter mais as mercadorias que foi adquirir. Era um tipo de triagem, eles se consideravam (de acordo com o ponto de vista de um sobre o outro), nos termos de Fontanille e Zilberberg (2001), impuros para o convívio no mesmo ambiente:

O regime de exclusão tem por operador a triagem e, se o processo atinge seu termo, leva à confrontação contensiva do exclusivo e do excluído e, para as culturas e as semióticas que são dirigidas por esse regime, à confrontação do “puro” e do “impuro”. (Fontanille; Zilberberg, 2001)

A exclusão atingiu seu nível máximo e o cliente cometeu uma agressão física. Havia polêmica até o nível da raiva: o apontamento da comerciante para o rosto do cliente e a negativa com movimentos da cabeça no sentido horizontal e troca de palavras em tons ríspidos (um ia em direção ao outro com dedo em riste). Nesse caso, em certos aspectos menos violento que o ódio apresentado pela moradora de Dourados sobre os indígenas, porque ela queria que eles fossem apartados de vez da sociedade. Todavia, temos a fúria demonstrada pelo cliente da sorveteria, que avançou para quase as vias de fato (pois não conseguiu acertar a proprietária)⁹³, ultrapassando até mesmo o ódio apresentado no exemplo anterior.

É possível ver uma postura de confronto entre a proprietária e o cliente. Ambos com o dedo em riste em direção um ao outro (o último *frame* na “Figura 8”). É possível uma análise como fizemos no caso da polêmica entre os moradores e as pessoas em situação de rua com relação às pequenas isotopias. Agora, referentes ao contexto de nosso objeto de análise atual:

a) isotopia da polêmica relacionada ao espaço: balcão (espaço exclusivo da

93 Conforme o Decreto-Lei Nº 3.688, de 3 de outubro de 1941, praticar vias de fato contra alguém não se constitui crime, mas contravenção penal. Nesses casos, são atos de agressão física que não deixam marcas no corpo da vítima, como puxões de cabelo, beliscões leves; ou, como no enunciado em análise, um possível toque firme no dedo da proprietária. Se condenado judicialmente, o autor é punido com prisão de quinze dias a três meses ou multa, de acordo com o decreto. Já causar dano a patrimônio, que é destruir ou danificar a coisa alheia é considerado crime. Se condenado, o autor pode ser punido com detenção de seis meses a três anos e multa, segundo o Art. 163 do Código Penal Brasileiro. Apesar de o chute ter sido forte, não há informação na reportagem se o balcão foi quebrado e as imagens não mostram dano material.

proprietária) vs. saguão (ambiente disponível aos fregueses).

b) isotopia da polêmica relacionada ao tempo: a progressão ‘leitura da faixa na entrada’ (subentende-se, pelo teor do texto, que o cliente leu), ‘negativa por parte do cliente em atender ao aviso da faixa’, ‘aviso oralmente feito pela proprietária para uso correto da máscara’, ‘negativa por parte do cliente em atender ao aviso direto feito pela proprietária’; ‘ameça em chamar a polícia feita pelo cliente’, ‘chute no balcão’, ‘dedo em riste quase acertando a mão da proprietária’.

c) isotopia da polêmica relacionada aos atores: “E aí eu pedi para que ele posicionasse a máscara corretamente” (ação da proprietária) vs. “balança a cabeça de forma negativa” (reação do cliente); “me recuso a dar continuidade no atendimento” (ação da proprietária) vs. “O homem diz que vai chamar a polícia, parte para agressões verbais e se descontrola” (reação do cliente).

Em “a)”, o cliente tenta invadir o espaço exclusivo da proprietária, o balcão; como *não pode*, expõe sua frustração chutando a portinhola. Em “b)”, temos uma gradação do embate percebida temporalmente. O item “c)” apresenta visualmente não só o embate entre a dona de um estabelecimento tentando fazer cumprir a regra que ela estabeleceu para esse ambiente (e que, por contrato tácito, precisa ser seguida por todos aqueles que pretendem frequentá-lo), mas a polêmica entre aqueles que seguem as normativas estabelecidas pelo Poder Público e aqueles que não seguem.

3.3.4 Sobre o acolhimento

Há alguns anos, o estado de Mato Grosso do Sul recebe uma grande quantidade de imigrantes refugiados de diversos países, mas principalmente do Haiti e da Venezuela. O texto seguinte relata um projeto de extensão realizado por professores e estudantes dos Cursos de Letras da Universidade Estadual (UEMS) voltado para esse público, visando, entre outras metas, a ensinar a língua portuguesa. Denominada “UEMS Acolhe: Além do acolhimento linguístico” (“Anexo IV”), a reportagem foi publicada no portal da instituição de ensino em junho de 2021, quando a pandemia estava em um de seus picos:

“Nossa meta é avançar na defesa dos direitos dos migrantes e seus familiares. O Projeto UEMS Acolhe busca promover condições para que refugiados e migrantes em situação de *vulnerabilidade* tenham acesso à aprendizagem da língua portuguesa, favorecendo a *integração na comunidade sul-mato-grossense e oferecendo-lhes oportunidades para realização de atividades de caráter cultural, de suporte à educação, de formação e complementação na dimensão humana, social e*

comunitária”, explica o professor João Fábio Sanches Silva, coordenador geral do Projeto UEMS Acolhe. (UEMS; Zarpelon, 2021, grifos nossos)

Se, quando abordamos o texto sobre a cartilha feita para os Guarani-Kaiowá, avistamos que a língua materna era o centro das atenções (visando à manutenção da cultura local e sua proteção), no projeto da UEMS a proposta é o inverso: ensinar o português aos não falantes do idioma. Pode-se afirmar que se trata de um caso de conjugação por meio de assimilação porque busca incluir o Outro no mundo do Eu. Tem por objetivo promover as condições necessárias para que essa incorporação se dê de forma quase que sem percalços. Parece, conforme o texto apresentado, existir uma sobreposição de uma cultura sobre outra, deixada num alhures pelos imigrantes. Como se, para que possam sobreviver de forma digna, eles não teriam escolha a não ser serem integrados. Sobre esse processo, Landowski comenta:

E é finalmente este desconhecimento [da cultura do Outro] – ingênuo ou deliberado – que fundamenta a boa consciência do Nós em sua integração assimiladora: *não só o estrangeiro tem tudo a ganhar ao se fundir de corpo e alma no grupo que o acolhe, mas, além disso*, o que ele precisa perder de si mesmo para aí se dissolver como lhe recomendam não conta, estritamente falando, para nada. (Landowski, 2012, p. 7, grifos nossos).

Se focarmos nos itens destacados no enunciado retirado da reportagem – *a integração na comunidade sul-mato-grossense e oferecendo-lhes oportunidades para realização de atividades de caráter cultural, de suporte à educação, de formação e complementação* – seria possível apreendermos que existe um lado de assimilação, nos termos de Landowski. Ora, mas será mesmo assim? A própria continuidade do texto traz “*na dimensão humana, social e comunitária*”. Se é “humana, social e comunitária” podemos subentender que levaria também em consideração os saberes e a cultura originários dos imigrantes e a troca entre eles e os ministrantes. É o que pode ser mais bem observado no seguinte trecho:

Rafaela Cordeiro é uma das voluntárias do UEMS Acolhe e conta que fazer parte do projeto é ir muito além dos processos de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, pois *a primeira função é acolher o humano, o outro que também nos integra*. Outros voluntários também relatam que *ter contato com a realidade dos migrantes é transformador*. (UEMS; Zarpelon, 2021, grifos nossos)

Enfatizando os termos em destaque – *a primeira função é acolher o humano, o outro que também nos integra, ter contato com a realidade dos migrantes é transformador* – é possível ver que existe um Eu vertido para o Outro. Uma postura da voluntária voltada para a conexão com o diferente; para ela, um ser capaz de agir sobre sua percepção e de a transformar.

Há um apelo emocional, em que retoricamente busca angariar empatia pelo projeto por meio de um conjunto semântico como “acolher”, “humano”, “o outro que nos integra”. Ou seja, acolher o Outro também seria afagar o próprio Eu. Mas haveria aí algo além de assimilação?

Se salientamos aqui essa dúvida e as que fizemos pontualmente ao longo do presente tópico no pedaço final de cada subseção – se poderíamos dizer que há uma admissão, ou mesmo assimilação, durante a análise dos textos sobre as pessoas na rua em Belém; se poderíamos afirmar o mesmo sobre os comentários a respeito da vacinação destinada aos indígenas; se, ainda no caso da vacinação nas aldeias, existiria uma postura além de não-disjunção ou de conjunção por parte do promotor e da infectologista – é para explicitar que não há uma definição estanque sobre essas classificações, mas uma que serve de norte. Ela não é “uma grade paradigmática congelada” (Landowski, 2012, p. 21). Por isso, e até mesmo porque a linguagem nunca é neutra e as possibilidades de efeitos de sentido são diversas, pode ser que existam outras correlações. Em outras palavras, de acordo com o que a Sociosemiótica ensina: “Seu principal interesse é, ao contrário, indicar entre posições definidas que servem de ponto de resistência, a presença de zonas de tensão e de vias de passagem que induzem a transformações possíveis, necessárias ou prováveis” (Landowski, 2012, p. 21).

Dessa forma, acreditamos que se dispusermos essa categorização numa rede tensiva podemos perceber além de quatro “cantos” de um quadrado semiótico. Podemos verificar uma gradação que incluiria nas categorizações o item “ausente” na tipologia, o *acolhimento*.

Ao ressignificarmos a palavra emprestada do último texto em análise, percebemos que o acolhimento (enquanto conceito que definiria a apreensão e foco abertos à identidade do Outro no que tange à receptividade quanto ao advento perante o campo de presença, à aceitação quanto às diferenças, ao amparo quanto às demandas) é elemento presente nos textos que formam nosso *corpus*. No que concerne à Semiótica Tensiva, ela nos auxilia na elaboração de redes que, se não desconsideram o quadrado semiótico clássico, o desdobram em uma cadeia de valores que se prolonga em gradações. Nelas, podemos, portanto, acrescentar o acolhimento às noções propostas por Landowski (2012). É o que faremos, então.

3.3.5 Tensividade e acolhimento

Se o percurso gerativo proposto por Landowski (2012) é extremamente eficaz para demonstrar “os pontos de referência” dos atos de apreensão e foco, haveria, a nosso ver, outra forma para demonstrar as possibilidades de valência gradativas da relação entre o Eu e o

Outro. Podemos correlacionar as categorias encontradas e incrementar o acolhimento, gerando, dessa forma, uma gradação que vai da apreensão menos acolhedora à mais acolhedora, conforme reformulação inspirada na Semiótica Tensiva de Zilberberg (2011).

No “Capítulo II”, apresentamos a divisão entre sobrecontrários e subcontrários proposta por Zilberberg (2011) (Cf. “Quadro 4”); agora, sugerimos a possibilidade de exceder a quantidade de elementos (com mais de dois subcontrários) da rede tensiva, tendo em vista que, se indica uma gradação, permite pressupor que as medidas podem ser inúmeras: “Se a paradigmática valencial se baseia na desigualdade dos intervalos que estabelece de um lado, os sobrecontrários $[S_1 \leftrightarrow S_2]$ e, de outros, os subcontrários $[S_2 \leftrightarrow S_3]$, a sintagmática depende do andamento adotado” (Zilberberg, 2011, p. 120).

Quadro 13 - Rede da gradação de triagem-mistura presente nos textos analisados⁹⁴

ódio	raiva ⁹⁵	aversão	tolerância	caridade	estima ⁹⁶	zelo	acolhimento
↓ S ₁	↓ S ₂	↓ S ₃	↓ S ₄	↓ S ₅	↓ S ₆	↓ S ₇	↓ S ₈
sobrecontrário	subcontrário	subcontrário	subcontrário	subcontrário	subcontrário	subcontrário	sobrecontrário
Comentário <i>online</i> sobre prioridade indígena para vacinação	Discussão de cliente com dona de sorveteria, em Campinas (SP)	Atitude das pessoas “nas casas” em Belém	Atitude da infectologista quanto à discriminação a indígena durante prioridade de vacinação	Voluntários doando comida para moradores “na rua” em Belém	Cartilha feita pela UFGD no idioma guarani	Atitude do promotor quanto à discriminação a indígena durante prioridade de vacinação	Projeto “UEMS Acolhe” junto a imigrantes

Fonte: Elaboração própria.

Verifica-se que, por meio da rede tensiva e das análises anteriores sobre os textos, a gradação é gerada de acordo com o maior ou o menor grau de aceitação do Outro. Quanto

94 Originalmente, a formulação de Zilberberg (2011) para a rede tensiva dispõe de dois termos sobrecontrários e de dois subcontrários. Propomos que a indicação de subcontrários pode ter sua quantidade de pares aumentada. Nos inspirados na própria noção de grandeza sugerida pelo semioticista ao se referir aos termos minúsculo, pequeno, grande e colossal (Cf. “Quadro 4”). Afinal, há, por exemplo: para alguém do minúsculo, o microscópio e o atômico; e, para além do colossal, o global (como, aliás, foi a extensão da pandemia de Covid-19) e o universal. E, ainda que não fora intenção destes autores, também a formulação de uma gradação do quadrado veridictório feita por Soares e Mancini (2023) e Barros, Demuru, Gomes e Mancini (2025) (Cf. “Quadro 3”) nos estimulou a isso: eles indicam uma extensão do *parecer*, *ser*, *não-parecer* e *não-ser* para: *parecer pouco* / *parecer* / *parecer muito*; até *ser* / *ser* / *ser exatamente*; *não parecer nada* / *não parecer* / *quase parecer*; *quase ser* / *não ser* / *não ser de forma alguma*. Se uma das formulações fundadoras da Semiótica Discursiva – como o quadrado veridictório – pode ser estendida, entendemos existir a possibilidade de a rede tensiva também ser.

95 Nesse trecho podemos cogitar que caso o cliente da sorveteria partisse para as vias de fato teríamos não somente a fúria, mas outra paixão que, assim como esta, deixamos de fora de nossa tipologia (Cf. “Capítulo IV”) por extrapolar qualquer polêmica: teríamos a cólera. No capítulo “Sobre a cólera - Estudo de semântica lexical” em “Sobre o sentido II”, Greimas (2014) aborda os efeitos de sentido dessa paixão que ultrapassaria o sentido de vingança contra aquele que quebrara um contrato fiduciário, por exemplo.

96 Indicamos “estima” em grau mais alto que “caridade” porque, pelos textos analisados, a apreensão de que o Outro precisa ser considerado em sua integralidade nos parece, nesse caso específico, mais relevante que doar algo, ainda que seja alimento.

maior a aceitação do Eu sobre o Outro, maior será o grau de mistura. Sendo assim, o “Quadro 13” apresenta em $S_1 \rightarrow S_8$ um sentido que leva ao estabelecimento do acolhimento, e, em $S_1 \leftarrow S_8$, um sentido que caminha ao recrudescimento.

Com essas indicações em mente, podemos responder às perguntas propostas no início de nosso tópico. Em meio à pandemia pelo novo coronavírus, qual o grau de admissão em nossa existência (ou nas diversas esferas de tomadas de decisões cotidianas) perante aqueles que denominamos de Outro? Não há uma postura única perante o Outro. Ela é sempre conflituosa, no sentido de gerar desconforto porque é para o Eu um simulacro. Pelo viés da Fenomenologia, diríamos que o Eu tem noção de seu corpo próprio, pois este é para ele seu passe para perceber o mundo, o corpo é o ser “pelo qual assumimos o espaço, o objeto ou o instrumento” (Merleau-Ponty, 2022, p. 213). Porém, o Eu cometerá um erro se achar que por ser corpo entende o corpo do Outro como idêntico ao seu: não há como sentir-se pelo/no Outro.⁹⁷ Pode-se, somente, fazer uma analogia. Pelo viés da Semiótica Discursiva à qual seguimos (baseada também em Discini, 2015), o corpo não é um ser ontológico, é fruto de um *éthos* conotado. Portanto, o Eu possuiria um *éthos* (apresentaria uma imagem sua frente ao Outro) e ao mesmo tempo estaria diante de uma imagem de outrem (o *éthos* do Outro, quando este assume a enunciação). Eu e Outro, além de seres de carne e osso (estudados ontologicamente), são enunciadores sensível e mutuamente afetados (analísáveis semioticamente). E essa tentativa de entender o Outro é que gera a polêmica, que é conflituosa por excelência.

Perguntamos ainda se esse Outro, a todo o momento (re)construído discursivamente – como vimos perante a apreciação interna dos textos selecionados –, é esquecido e/ou silenciado? É esquecido e é silenciado. Quando os moradores em situação de rua em Belém (simplesmente por viverem na rua) são (subentende-se pelo texto) esquecidos pelo Poder Público e são silenciados pelos moradores das residências; pois, ao pedirem comida sequer são respondidos com palavras, mas com gestos (“só balançam a mãozinha [negativamente]”, lembrando pronunciamento da entrevistada na reportagem). Quando a moradora da cidade questiona se os indígenas teriam preferência para recebimento da imunização, há também aí uma tentativa de silenciamento. Mesmo que o(a) indígena tenha replicado o comentário, a

97 Citamos a Fenomenologia porque ela foi uma das inspiradoras do conceito de corpo para a Semiótica, mas, deixemos novamente explícito que, quando indicamos corpo (“corpo próprio” e “corpo do Outro”), aludimos ao *éthos* de cada um dos enunciadores. *Éthe* que deixam vestígios em suas manifestações textuais, cujo cotejo nos leva a definir estilos diversos. Seria o mesmo que dizer, analogamente, “estilo do ‘Eu’ em vez de ‘corpo próprio’ e ‘estilo do outro’ em vez de ‘corpo do Outro’”. “Eu” e “Outro” não são os mesmos – são *éthe* que definem estilos que podem até se assemelharem, mas são particulares.

enunciadora anterior não queria dialogar, pois estava dissipando sua opinião (criminosa, sob a percepção da Promotoria).

A partir do que acabamos de expor, parece-nos que perante esse amálgama de percepções o acolhimento cresce conforme a tentativa de excluir o Outro diminui. Sendo assim, podemos finalizar com a proposição do gráfico tensivo gradando a relação de triagem e de mistura nos enunciados, seguindo o modelo criado por Fulaneti (2001) (Cf. “Gráfico 2”, em “1.3.4 A pandemia como objeto da Semiótica Tensiva”):

Gráfico 14 - Operações de triagem e de mistura nas interações sociais analisadas⁹⁸



Fonte: Elaboração própria.

Observamos, por meio do gráfico, ser possível partir de um alto grau de triagem com destino a um alto grau de mistura – pelo caminho *ódio* → *raiva* → *aversão* → *tolerância* → *caridade* → *estima* → *zelo* → *acolhimento*. Há uma relação inversa: quanto menos o Eu repele o Outro, mais ele se inclina a se tornar acolhedor.

A partir do gráfico tensivo proposto para gradar a relação acolhimento-ignorância, podemos dizer que o Outro não é um objeto perante o Eu, ou vice-versa. Essa relação é mais imbrincada que um simples contato objetivo. Poderíamos aludir novamente ao fenomenólogo:

[...] agora outrem não é mais para mim um simples comportamento em meu campo transcendental, aliás nem eu no seu, nós somos, um para o outro, colaboradores em uma reciprocidade perfeita, nossas perspectivas escorregam uma na outra, nós coexistimos através do mesmo mundo. (Merleau-Ponty, 2022, p. 475)

O caminho proposto pelo gráfico é uma possibilidade da gradação desse processo polêmico (pensado a partir dos enunciados analisados) que é a relação entre os corpos. Se há polêmica, ela pode ser ora mais conflituosa (tendendo ao ódio), ora menos conflituosa (tendendo ao acolhimento).

⁹⁸ Assim como fizemos no “Quadro” anterior, poderíamos indicar cólera entre a raiva e ódio no referido gráfico.

CAPÍTULO IV – A CORPORIFICAÇÃO DA POLÊMICA

Porque a única coisa que, sob uma forma ou outra, poderia realmente nos estar *presente*, é o *sentido*.
(Landowski, 2012, p. IX, grifos do autor)

Demonstramos por meio das análises que compuseram o “Capítulo III” que o *éthos*, o afeto e a relação entre o Eu e o Outro são operadores da polêmica. Afirmamos que quando o enunciador apresenta uma imagem perante o enunciatário busca persuadi-lo, e uma das formas de persuasão pode ser apelando à emoção, à inclinação, à paixão ou ao sentimento do enunciatário. Se essa imagem se apresenta perante o enunciatário é, portanto, no relacionamento entre enunciador e enunciatário que se dá a polêmica.

Se esse relacionamento ao qual nos referimos é dado na e pela linguagem, e ela não é neutra, existem diversos efeitos de sentido possíveis nos textos que materializam os discursos. Durante nossa empreitada, apontamos: como os enunciadores envolvidos nesse processo utilizaram argumentos retóricos, sobretudo o *éthos*, visando a angariar a opinião pública; como as investidas de cada lado fizeram sobressair diante do público o afeto como elemento persuasivo; e como esse embate influenciou na aspectualização dos atores envolvidos. Cumprimos, assim, os objetivos específicos que nos auxiliarão a cumprir o objetivo geral: o de propor uma tipologia da polêmica a partir da análise comparativa de textos selecionados por conterem (em maior ou menor grau) enunciados que reforçavam ou refutavam opiniões divergentes sobre o período pandêmico de Covid-19. Indicamos, com isso, elementos graduados conforme similaridades e/ou distinções enunciativas que representam um *corpo discursivo polêmico*: percebido, na análise individualizada de cada um dos textos de nosso *corpus*, como *ator enunciativo polêmico*; e, na análise conjunta, como *estilo polêmico* (Discini, 2015)⁹⁹.

Embora utilizemos redes e gráficos tensivos para apresentar nossas interpretações sobre a significação presente nos textos analisados, é o percurso gerativo de sentido a ferramenta metodológica primordial da Semiótica Discursiva. Pensado para o plano do conteúdo, esse instrumento metodológico possui três níveis originais: fundamental, narrativo e discursivo. Cada qual com um componente sintático e outro semântico. O nível fundamental é sintaticamente formado por uma categoria elementar de dois termos opostos, *vida vs. morte*,

⁹⁹ Lembremos que ampliamos a noção de *estilo* para a análise de textos não só sobre diversos gêneros, mas também com relação a enunciadores diversos.

por exemplo; e semanticamente por uma categoria tímica, em que tanto vida quanto morte podem ser eufóricos ou disfóricos (se a morte é decorrente de uma doença grave ou de uma catástrofe, ela é disfórica e vida é eufórica; se, por outro lado, a morte é vista como a passagem para um mundo mais belo, sobrenatural, vendo novamente entes queridos e sem nenhum sofrimento, ela é o termo eufórico e vida é disfórico). No nível narrativo, a sintaxe se apresenta pela indicação dos actantes e pelo esquema narrativo canônico (manipulação, competência, performance e sanção) e a semântica pela indicação dos valores que vão transformar o actante sujeito (ou seja, pelas modalizações). O nível discursivo tem como elementos sintáticos a actorialização, a temporalização e a espacialização, isto é, vincula-se à enunciação; e tem como elementos semânticos a tematização e a figurativização. Quanto ao nível tensivo, ele perpassa os demais.

Pensar a partir da Semiótica Tensiva significa dizer que a *foria* é a condutora do percurso gerativo de sentido. Por isso, pensar em nível tensivo é compreender que o ator enunciativo possui uma presença – ou uma *quase-presença*, nos termos de Discini (2015) – cujas marcas enunciativas se estendem pelos níveis do percurso gerativo de sentido. Sendo assim, a sintaxe do nível tensivo são as dimensões sensível e inteligível e sua semântica é a composição dos valores dispostos nessa união (valores de acontecimento e de estado, ou de exercício). Sob esse ponto de vista, a junção entre sujeito e objeto-valor – ou, para retomarmos Landowski (2012), entre (um) sujeito e (outro) sujeito – são operações tensivas: mais que de conjunção ou disjunção; de implicação ou de concessão.

Neste Capítulo propomos uma tipologia para a polêmica baseada em determinações e comparações de elementos selecionados em meio a uma totalidade de textos. Sendo assim, retomaremos os enunciados analisados no capítulo anterior para sobre eles nos debruçarmos investigando novas características que apontem para um estilo polêmico.

4.1 Estilo polêmico

Sendo o *corpo* constitutivo de um *estilo* (Discini, 2015), ele é a instância responsável pela composição das relações das fases narrativas (manipulação, competência, performance e sanção) e pelos temas e figuras da totalidade dos textos. É nesse sentido que indicamos, no “Capítulo III”, como operadores da polêmica: o *corpo* quase-presente enquanto *éthos* de cada enunciadador; o *afeto* e seus efeitos sobre o enunciatário causados pelas estratégias de um *ator enunciadador*; o conflito entre um (*corpo* do) Eu e um (*corpo* do) Outro.

Em cada um dos textos analisados (ou seja, em suas unidades) identificamos a polêmica por meio dos resquícios de enunciação deixados pelos atores polêmicos não só no nível discursivo, como também nas demais fases do percurso gerativo de sentido (como entendemos em Discini, 2015). Para indicarmos neste momento o *corpo polêmico* que se configura um *estilo polêmico*, faremos o paralelo entre os textos selecionados e apontaremos os contrastes e afinidades; portanto, nos importam as unidades e a totalidade dos enunciados. Seguimos, assim, coerentemente, os apontamentos da semiótica:

Examinar a pessoa como enunciação discursivizada e esta como estilo, enquanto se procura trazer à luz o processo de construção de um corpo no conjunto de enunciados de onde ele emerge, supõe uma prática analítica que busca apreender cada enunciado a partir de um conjunto, que é numérico (relativo a um, dois, três ou mais textos) e integral (regido por um princípio concernente a um todo subjacente). Cada enunciado é visto como parte de um todo, este constituinte de cada parte, como princípio organizador. (Discini, 2015, p. 17)

O conjunto de enunciados que apresentamos é uma totalidade, nos termos de Discini (2015), porque é formado por textos que possuem como elo o fato de materializarem refutações a pontos de vistas de enunciadores anteriores defendidos durante período de pandemia por Covid-19. Eles possuem um princípio organizador comum: um *ator enunciativo* voltado à polêmica; sendo assim, a própria polêmica corporifica-se e se concretiza em textos que apresentam um estilo polêmico reconhecível (em maior ou menor grau) pelo enunciatário. Dessa maneira, “deveremos provar que estilo é *éthos*, é corpo, é voz, é caráter de uma totalidade, sendo que o corpo da totalidade enunciada [estilo] remete ao corpo do ator da enunciação [o *éthos* propriamente dito]” (Discini, 2004, p. 29). A autora explica a teoria pensada por Brøndal (1948):

O *unus* pressupõe o *totus*, o “bloco inteiro”, a totalidade integral, a qual “destaca a absorção dos indivíduos isolados numa massa indivisível”. Estilo é, então, totalidade, enquanto unidade integral (*unus*) e enquanto totalidade integral (*totus*), sendo que um termo pressupõe outro, numa relação de interdependência. É o recorte do leitor que decide o que é considerado *unus* ou *totus*. (Discini, 2004, p. 33)

Seguindo essa proposição, apontamos que o conjunto de enunciados que forma nosso *corpus* é uma totalidade porque cada um possui um enunciador polêmico que utiliza a retórica (sobretudo a parte retórica ligada ao afeto, ou seja, o *páthos*) para angariar a opinião pública e fazer com que o enunciatário seja mobilizado a *querer/dever fazer* ou a *crer* em alguma destinação específica. E a Semiótica Tensiva recupera a retórica às análises, como explicamos

nos capítulos antecedentes.

Sendo assim, indicaremos *figuras de retórica* à lógica implicativa com função de *figura-argumento* e, à concessiva, com função de *figura-acontecimento*. Essas figuras dizem respeito às relações formais de constituição do enunciado e aos efeitos de sentido, à sintaxe e à semântica, assim, não necessariamente dizem respeito diretamente às estratégias de figurativização tradicionalmente disponibilizadas no nível discursivo. Até porque o nível tensivo é compreendido como atravessando os demais. Como aponta Discini (2015, p. 321), essas figuras podem ser encontradas, por exemplo: no nível tensivo, projetando o *páthos* (causando efeitos de sentido sobre o enunciatário); no nível discursivo, projetando o *éthos* (como perfil ético ou pático). Essas figuras de retórica são também elementos presentes em cada unidade e, quando associados na totalidade dos textos, o enunciatário tende a percebê-los como uma polêmica instalada (em nosso caso, a polêmica entre os que seguem as medidas médico-sanitárias e aqueles que não as cumprem). No decorrer deste capítulo, quando entendermos ser necessário, para comodidade na leitura, transcreveremos novamente os enunciados vistos anteriormente. Neste momento, rememoremos a parte verbal do “Enunciado 1”:

Não se preocupe com o coronavírus. Porque essa é a tática, ou mais uma tática, de Satanás. Satanás trabalha com o medo, com o pavor. Satanás trabalha com a dúvida. [...] E quando as pessoas ficam apavoradas, quando as pessoas ficam com medo, ficam em dúvida, as pessoas ficam fracas e débeis. E susceptíveis a qualquer ventinho. Qualquer ventinho que tiver, é uma gripe é uma pneumonia pra elas. [...] Nós não temos que temer essa maldição que corre pelo mundo que chama, não coronavírus, mas dúvida. (YouTube, 2020; Isto É, 2021)

Existe uma simetria entre o início da fala de Macedo e o que consta na parte visual do “Enunciado 1” (“Figura 2”), quando à esquerda da imagem do rosto de Macedo é colada a frase atribuída ao apóstolo Paulo: “Não atentando nós nas coisas que se veem, mas nas que se não veem; porque as que se veem são temporais, e as que se não veem são eternas (2 Coríntios 4.18)”. O arranjo entre imagem da “palavra de Deus” e rosto do líder evangélico é condizente com a fala do religioso. “Não se preocupe com o coronavírus”, enunciado por Macedo, coaduna com “Não atentando nós nas coisas que se veem...”. Embora um vírus seja um organismo microscópico, ele é “visível” em meio ao medo a se espalhar pela população e, por intermédio do medo, a dúvida na palavra divina: “Nós não temos que temer essa maldição que corre pelo mundo que chama, não coronavírus, mas dúvida”.

Vemos marcada uma proximidade entre sujeito e objeto por parte do ator Macedo,

aqui compactuando as instâncias de enunciador e narrador. Assim, existe um impacto sensível também mais direto ao enunciatário. Ele está, literalmente, ao lado (seu rosto) de Deus (palavra de Paulo). O enunciatário vê ambos (pastor e Deus) na mesma tela.

Macedo configura-se enquanto um *ator* com um perfil ético quando exige, por esse viés, um juízo de valor: é ele quem define que a frase de tom divino é eufórica. Assim, também aciona um *páthos*, já que o enunciatário (se quer se dizer crente) precisa se sensibilizar com seus apontamentos, pois estes ecoam os dizeres do apóstolo Paulo, escritor animado pelo próprio Deus. A maneira como Macedo apresenta Satanás não é descritiva, mas opinativa. Satanás é estrategista e ardiloso (“essa é a tática”, “ou mais uma tática” [de Satanás]), é maldoso (“trabalha com o medo, com o pavor”), é enganador (“trabalha com a dúvida”). O tempo verbal marcado no presente do indicativo dá ideia de que há um perigo real, mas que o perigo é Satanás e suas táticas.

Macedo utiliza funções de linguagem que se comportam como *função-acontecimento* porque estimulam a dimensão sensível da tensividade. Como em “Qualquer ventinho é uma [...] pneumonia”. Falamos de hiperbolizações, ou, melhor, *hiperbóles-acontecimentos*:

- a) dúvida → fraqueza;
- b) fraqueza → debilidade;
- b) ventinho → gripe;
- c) gripe → pneumonia.

Para Fiorin (2021, p. 75), a hipérbole “é o tropo em que há um aumento da intensidade semântica”. Essas *hiperbóles-acontecimentos* são usadas por Macedo para *fazer-creer*. Ganha, assim, caráter de um *lógos* verdadeiro perante o enunciatário, porque tende a *parecer/ser*. Remontamos aqui ao quadrado veridictório da Semiótica: *parecer/ser* (verdade); *parecer/não-ser* (mentira); *não-parecer/não-ser* (falso); e *não-parecer/ser* (segredo). Propomos uma gradação dessa estratégia discursiva do *ator* Edir Macedo usada para persuadir o enunciatário a compactuar com sua opinião.

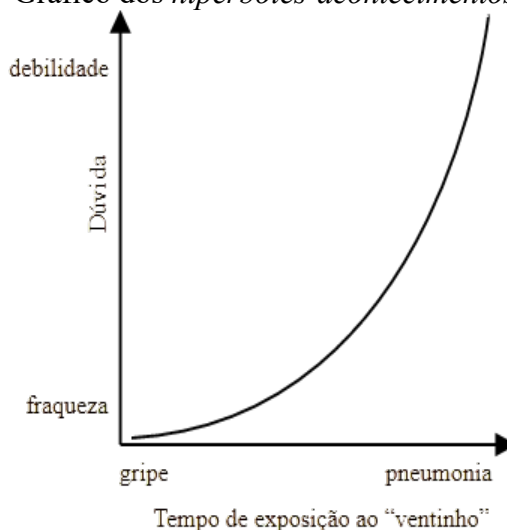
Por apresentarem sentido surpreendente, podemos dizer também que essas hipérboles remontam a uma ironia utilizada por Macedo. Seria uma forma de o bispo desprestigiar aqueles que pensam diferente dele, ou seja, quem pensa que o vírus deve ser motivo de preocupação. Como se dissesse: “Sentir medo não é coisa de crente; então se você que está me assistindo se diz ser fiel e tem medo, você não é crente e não segue Deus de verdade; se você tem medo, sua fé é demasiadamente fraca”.

Fiorin (2021, p. 69) explica que a ironia é uma “dissimulação”, o enunciador quer dizer

o contrário daquilo que diz, levando o enunciatário ao riso ou à confusão. Continua: “é um alargamento semântico, uma difusão sêmica [...] abarcando assim o sentido x e o seu oposto. Com isso, há uma intensificação maior ao sentido, pois se finge dizer uma coisa para dizer exatamente o oposto” (Fiorin, 2021, p. 69-70).

O autor (Fiorin, 2021, p. 70) afirma ainda que a ironia tem extensão que pode ir do “gracejo até o sarcasmo, passando pelo escárnio, pela zombaria, pelo desprezo, etc.” Com seu “ventinho”, Macedo: despreza a letalidade do vírus; é sarcástico com o fiel que não segue suas orientações (sua manipulação); zomba de quem pensa diferente dele; e pratica escárnio para com aqueles acometidos pela doença.

Gráfico 15 - Gráfico dos *hipérboles-acontecimentos* no “Enunciado 1”

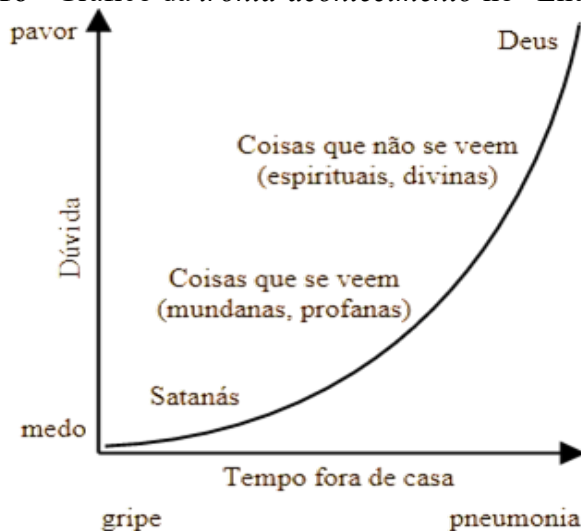


Fonte: Elaboração própria.

Ao definirmos “dúvida” como intensidade (porque é ela quem apela ao sensível, à alma do fiel a procurar a palavra de Deus) e “Tempo de exposição ao ‘ventinho’” como extensidade (porque é essa a expressão usada pelo ator da enunciação para se referir ao tempo decorrido de exposição à dúvida), pontuamos que as valências são fraqueza e gripe (menos acentuados) e debilidade e pneumonia (mais acentuados). O gráfico é uma relação conversa porque o caminho *fraqueza* → *debilidade* mostra que, quanto mais duvidar, mais o sujeito se exporia ao “ventinho” e mais propenso estaria a ser acometido por uma eventual pneumonia. O fiel não quer ser encarado como um sujeito “fraco” ou “débil” que sucumbe à “dúvida”, assim, ouve e segue o pastor. Com relação à ironia, temos o seguinte: i) o “ventinho” é a figurativização para os que preferem ficar em casa e não ir à igreja (Cf. “3.1 *Éthos* como princípio operador”); sendo assim, podemos indicar na extensidade não “Tempo de exposição

ao ‘ventinho’”, como no gráfico anterior, mas como “Tempo fora de casa (para ir à igreja e nela permanecer)”; ii) a dúvida ainda como intensidade, pois ela, mais que pela dimensão inteligível, está acometendo sensivelmente o enunciatário; e, desta vez, com uma gradação de valências que vai não da fraqueza à debilidade, mas do “medo” ao “pavor” (observemos que, mesmo nesse caso, ela é hiperbólica, pois o valor mais tênue já é o medo).

Gráfico 16 - Gráfico da *ironia-acontecimento* no “Enunciado 1”



Fonte: Elaboração própria.

Interessante que o gráfico leva à surpresa, pois, quanto mais próximo a uma pneumonia e ao pavor, mais próximo de Deus e; contrariamente, quanto mais próximo do pavor, também, mais próximo de Deus. Nossa interpretação corrobora o apontado por Fiorin (2021, p. 69): na ironia, “um significado tem o seu valor invertido”. O gráfico é subvertido pela ironia de Macedo, que causa confusão no enunciatário e que, ao mesmo tempo, deixa implícita a existência (quase-presença marcada pelas escolhas do enunciadador) de uma polêmica. O medo do enunciatário é, na verdade, o medo de não ser aceito pelos demais membros da igreja, de ser encarado como um infiel.

As estratégias de aludir ao micro-organismo inesperado algo conhecido (como no universo evangélico, Satanás e o fiel “transgressor”, por exemplo) é uma tentativa de *focar* a situação. Nesse sentido, outros procedimentos enunciativos são realizados pelo ator Macedo. A apresentação de Satanás e do fiel “desobediente” é feita remetendo a um *agora* concomitante com o momento da fala, aparência conferida pela utilização do presente: “[não se] preocupe”, “[essa] é”, “trabalha” [com o medo, com a dúvida], “ficam [apavoradas, com medo, em dúvida, fracas e débeis]”, “[Nós não] temos [que temer]”, “[maldição que] que

corre”, “[que] chama”.

Esse efeito de sentido de presentificação dá a entender ao enunciatário que o bispo está ciente do que está acontecendo, portanto, o que ele fala tem a ver com o momento atual. É para as ações a serem tomadas no presente que o fiel precisa escutar o bispo evangélico. Essa estratégia é otimizada com auxílio de outra: quando quer dar ares de validade à sua fala, o bispo utiliza a fala considerada divina, cujo tempo é ilusoriamente demarcado no agora. É uma ilusão porque esse *agora* não é o simultâneo ao momento da fala, mas um que dá ideia de uma continuidade eterna, àquilo que Fiorin (1996, p. 149) chama de “presente durativo”: a palavra de Deus é eterna para os que nela creem (sempre foi, é e sempre será válida). Assim, a palavra de Macedo ganha atributo de validade perpétua porque é respaldada pela palavra de Paulo, cuja fiança é a inspiração divina.

Dessarte, a utilização dos verbos “[Não] *atentando* [nós nas coisas que se] *veem*[, [mas nas que se não] *veem*[: porque as que se] *veem* são [temporais, e as que se não] *veem* são [eternas]” remetem à palavra de Deus, presente – num paradoxo – *agora, ontem e amanhã*, ou seja, possui duratividade e expressa a afirmação de uma verdade permanente. Volvemos ao plano da expressão que compreende o “Enunciado 1” com a imagem do rosto do pastor ao lado da transcrição verbal de Paulo para afirmar que a própria enunciação de Macedo ganha efeito de sentido de verdade permanente.

Quando quer enfatizar o risco que o fiel corre se não acatar seus aconselhamentos, Macedo utiliza um tempo verbal ligado a um momento indicado no futuro. Temos como marco temporal um verbo: “Qualquer ventinho que *tiver*” (que “vier a ter”). Assim, o tempo presente por ele mencionado logo em sequência “*é* uma gripe, *é* uma pneumonia” marca um presente no futuro. Num tempo futuro, o incrédulo se expõe ao “ventinho” e, num futuro posterior a essa exposição, é acometido por uma gripe ou uma pneumonia.

Rememorando as distinções de negatividade (negativo e mal) propostas por Bertrand (2011) (Cf. “2.1 Sobre o corpo, sobre a quase-presença e sobre o estilo”), o “Enunciado 1” tem três ocorrências da palavra ‘não’: “*Não* se preocupe com o coronavírus.” / “Nós *não* temos que temer essa maldição que corre pelo mundo que chama, *não* coronavírus, mas dúvida”. O *não* é direcionado, primeiramente, ao ‘coronavírus’; na terceira aparição, à ‘dúvida’. A segunda inserção do vocábulo é para negar que a primeira asserção era sobre o micro-organismo: “*não* o coronavírus”. Não é o coronavírus que é a maldição do mundo, mas a dúvida sobre a palavra de Deus e, por extensão, à palavra do próprio pastor Macedo (que se põe como seu representante no mundo). Pelo contexto interno, esse *não* atua maleficamente:

- a) por modalização: ao atribuir que o sujeito (fiel) não somente *não pode* ser medroso¹⁰⁰ como *não pode não ser* seguidor da Palavra trazida com auxílio da Bíblia;
- b) de maneira actancial: Macedo se transforma em destinador e manipula o fiel, que performa a partir do recebimento do *não poder* e do *não poder não ser*. Sua sanção, enquanto destinatário, depende do sucesso em conseguir recusar a dúvida e seguir a palavra do líder religioso;
- c) de maneira quantitativa: há uma seleção, feita por Macedo, dentro do quadro da igreja entre aqueles que seguem a palavra de Deus (ou seja, suas “ordens”) e aqueles que não seguem. Aqueles que seguem os preceitos médico-sanitários não ficam só isolados em casa fisicamente, mas se tornam isolados emocionalmente da igreja;
- d) de forma relacional: há uma imposição entre os termos profano e divino. Nesse caso, há algo curioso, porque o bispo subentende que o *mal* é representado por aqueles que defendem o distanciamento social e o *bem* por aqueles (como ele) que querem a reabertura dos estabelecimentos considerados não essenciais (como a igreja, naquele contexto); entretanto, o *mal* era a doença, que ameaçava justamente quem estivesse em locais com aglomerações. Por esse viés, seriam as palavras do bispo que indicariam o *mal*;
- e) de maneira axiológica: como pontuou Bertrand (2011, s/p) em suas observações, podemos dizer que, na fala de Macedo, há um “caráter dramático”. O bispo usa sua imagem ao lado da frase atribuída ao apóstolo Paulo, por exemplo, montando uma espécie de diálogo teatral com ela. *Bem* e *mal* (ou melhor, *divino* e *profano*) são obrigações morais dos sujeitos, e é a distinção mostrada no texto como a categoria opositiva do nível fundamental também.

O regime de interação (Landowski, 2014) mais relevante no “Enunciado 1” é o de manipulação. Existe uma intencionalidade do pastor para controlar o fiel e fazê-lo seguir seus conselhos ou então este será punido (e não será mais considerado um verdadeiro crente evangélico). O fiel se vê obrigado a performar numa busca insana por reconhecimento (do colega de igreja, do bispo, do próprio Deus). Com destinações e sanções como a de Macedo:

[...] a manipulação encontra seu fundamento na *motivação* propriamente subjetiva: ao sujeito [o fiel, em nosso enunciado] importa tanto ser reconhecido como tal, com todas as qualidades e competências que isso envolve, que se sente obrigado a atuar conforme a imagem que deseja oferecer (e oferecer-se) de si mesmo. (Landowski, 2014, p. 26, grifo do autor)

100 Já vimos (Cf. “3.1 *Éthos* como princípio operador”) que esse ‘medo’ se refere ao coronavírus, mas, existe o ‘medo’ referente ao forte receio de ser julgado pelos membros da igreja como um evangélico de pouca fé.

Esse medo está muito próximo, nesse caso, da vergonha. É o medo de ser envergonhado diante dos demais fiéis que faz com que o crente evangélico antes frequentador da Iurld, e que agora não pode mais ir fisicamente até ela, se desestabilize e passe a entender que precise descumprir as regras sanitárias, sair de casa e se dirigir até onde o bispo manda ir: à igreja. De acordo com Fiorin (1992), essa maneira de persuadir causa uma divisão entre um “nós” e um “eles”:

As sociedades podem ser divididas em segmentos. Há grupos que as pessoas percebem como “nós” e outros que são vistos como “eles”. Nos primeiros, dominam as normas da honra e da vergonha. Neles, resolvem-se todos os problemas mediante a força interior da coletividade, o julgamento é interpares e, portanto, não se recorre a tribunais, juízes, polícia, etc. Cada grupo tem suas normas de honra cuja violação constitui motivo de vergonha. Já a coerção e o medo definem as relações com os outros. (Fiorin, 1992, p. 56)

No “Enunciado 1”, percebemos que o fiel é parte do “nós” pronunciado por Macedo. Existe um “eles”, pessoas que divergem e pedem o isolamento e que estão longe da palavra de Deus. É o medo de ser apartado desse “nós” e ser ‘empurrado’ para aquele “eles” que faz com que o fiel performe para não ser sancionado negativamente pelo líder evangélico.

Passemos, agora, às observações referentes ao “Enunciado 2”, a fala do bispo-auxiliar católico Nivaldo dos Santos Ferreira durante Missa de Ramos celebrada em 2020. O trecho verbal é o seguinte:

Nós precisamos disto: precisamos salvar-nos da ignorância. Precisamos salvar-nos dos nossos estreitamentos. Para podermos entender que a nossa vida é feita de enfrentamentos corajosos e criteriosos, embasados na ciência, não a partir de egoísmos e de negacionismos que estão ainda hoje apostando na economia como sendo aquilo que salva. O que salva a nossa vida – quem é dono da vida? – é quem me deu a vida, te deu a vida e nos dá a vida. E vida boa, vida segura, vida para todos. Para isso, nesse momento, que é difícil para todo mundo, a necessidade de sacrifícios econômicos se faz imperiosa. Não é possível fingir que nós estamos passando por essa turbulência como se nada tivesse acontecendo. [...] Digo isso porque a liturgia da palavra no dia de hoje nos faz desafiados durante a mesma pergunta de Pilatos: “Vós quereis que eu vos solte Jesus ou Barrabás?” Também hoje nós precisamos discernir de quem nós queremos ser discípulos: de Jesus ou de Barrabás. Somos discípulos daquele que luta pela vida, quem veste esforços para defender a vida, que faz de tudo para apoiar a vida? Ou estamos do lado dos assassinos? Dos bandidos que acabam tirando a vida? Essa escolha é permanente. O discernimento não pode parar e só mesmo uma força espiritual da palavra de Deus pode nos alimentar e nos transformar em pessoas humanizadas. Assim como foi profetizado pelo profeta Isaías, ouvimos hoje na primeira leitura a imagem daquele que recebeu um ouvido atento, excitado, para escutar a Palavra e com isso receber uma língua adestrada para confortar as pessoas abatidas. (YouTube, 2021)

Enquanto a dúvida era evidenciada na fala de Macedo, na de Ferreira é a ignorância

que será enfatizada. É preciso que o fiel seja salvo dela. Mais até, que ele mesmo busque se salvar dela: ou seja, além do *crer*, o bispo-auxiliar apela ao *fazer*. Ferreira exprime termos como “enfrentamento” (“nossa vida é feita de enfrentamentos corajosos e criteriosos”), “sacrifícios” (“a necessidade de sacrifícios econômicos se faz imperiosa”), “assassinos” (“Ou estamos do lado dos assassinos?”), “bandidos” (“Dos bandidos que acabam tirando a vida?”) e delimita uma isotopia beligerante: existe uma guerra a causar mortes.

A guerra é figurativizada por Ferreira quando comenta o embate entre os que acreditam na ciência (“embasados na ciência, não a partir de egoísmos e de negacionismos”) contra aqueles que dela desdenham (“apostando na economia como sendo aquilo que salva”). Seria como se os primeiros estivessem ligados ao sagrado e os segundos ao profano (“Vós quereis que eu vos solte Jesus ou Barrabás?”). Ferreira se coloca ao lado da ciência. A partir do que enuncia, ele apresenta discursos religioso e científico quase sobre o mesmo patamar. Assim, diverge (e polemiza) de Macedo.

O sensível é sugerido pela junção das vestes e pela cerimônia em si. A missa do Domingo de Ramos¹⁰¹ é um momento esperado por todos os católicos, pois faz parte do ano litúrgico referente à vida do próprio Cristo. Silva (2020) comenta a importância desse rito:

A cada ano, os cristãos revivem as etapas consideradas mais importantes da vida de nosso Senhor: nascimento, morte, ressurreição, ascensão e envio do Espírito Santo. Assim como no ano civil, somos orientados pelas estações do ano e festas cívicas.

[...]

A Páscoa caracteriza-se como o segundo fato histórico mais importante. Fazem parte do Ciclo da Páscoa: Quaresma, Semana Santa, Tríduo Pascal, Páscoa, domingos da Páscoa (Ascensão) e Pentecostes. O terceiro e mais longo período do ano, com 34 domingos, recebe a designação de Tempo Comum. O Ano Litúrgico se inicia no primeiro domingo do Advento e termina no 34º domingo do Tempo Comum. (Silva, 2020, p. 100-101)

Com relação a aspectos expressivos, Macedo era apresentado vestido como uma pessoa comum, mas tinha o rosto colocado em tela ao lado da palavra divina, disposta sob os escritos do apóstolo Paulo. Já o bispo-auxiliar católico está paramentado com vestimentas cujo cargo lhe confere. Dessa maneira, sua imagem ganha *status* de representante da divindade e sua fala é considerada fidedigna pelo enunciário.

Se a vestimenta usada por Ferreira é tida como sagrada perante o fiel e a utilização da máscara protetiva passa a fazer parte do conjunto imagético, o acessório ganha contornos

101 Dá início à Semana Santa, sendo celebrada no domingo antecessor ao da Páscoa. Comemora-se a entrada de Jesus em Jerusalém montado em um jumento. Naquele momento, segundo a crença bíblica, Jesus foi saudado por muitas pessoas que agitavam folhas de palmeiras em sua homenagem (daí o nome “Domingo de Ramos”).

de deferência. É como se, por esse gesto (o de usar a máscara), o padre dissesse: “Se você quer ser respeitado (por Deus), precisa se proteger e proteger o próximo, usando a máscara”. É preciso, como ele disse, deixar de lado a “ignorância”. Sendo assim, ao colocar a máscara, Ferreira coloca o acessório quase que no mesmo patamar de importância de suas vestes. É como se mostrasse ao enunciário: “Assim como eu preciso me vestir adequadamente com essas vestimentas, eu preciso usar a máscara. Se eu, que sou um representante com autoridade dentro da Igreja, faço isso, você católico precisa seguir a mesma atitude”. Dessa maneira, seu *éthos* tem caráter de seguidor das leis e protetor dos fiéis (pois o uso da máscara é para minimizar as chances de contaminar e de ser contaminado), mas também de polêmico, porque apresenta postura contrária às atitudes demonstradas por outros religiosos, como Macedo, que se recusam a usar máscaras e a manterem distanciamento social.

Ferreira descreve aqueles que pensam diferente de si de forma bastante opinativa. Nesse quesito, coloca-se como avesso àqueles que desdenham dos riscos que o vírus pode causar. Os que não seguem a ciência são ligados a termos como “ignorância”, “estreitamentos”¹⁰², “egoísmos”, “negacionismos”, “fingidores” (“Não é possível fingir que nós estamos passando por essa turbulência”), “Barrabás”, “assassinos”, “bandidos”. Os que seguem são ligados a termos como “corajosos”, “criteriosos”, “Jesus”, “discernimento” (“O discernimento não pode parar”), “pessoas humanizadas”.

Existe uma ação de triagem. Mostramos Macedo separando os que tinham “dúvida” do âmbito religioso. Ferreira aparta desse espaço os que apresentam “ignorância” quanto ao que a ciência dizia naquele momento. Em 2020, o uso de máscaras (como ele fazia) e o fechamento de estabelecimentos tidos como não essenciais eram as medidas adotadas pela maioria dos especialistas na área para poder diminuir o nível de proliferação do coronavírus.

Como Macedo, Ferreira também precisa usar a fala divina em seu pronunciamento, e faz isso de maneira mais forte que aquela mostrada pelo líder evangélico, porque Ferreira conta uma história diretamente ligada a Jesus; ou seja, muito mais que um evangelizador como Paulo (lembrado por Macedo em sua fala), Jesus é o próprio Deus para o católico.

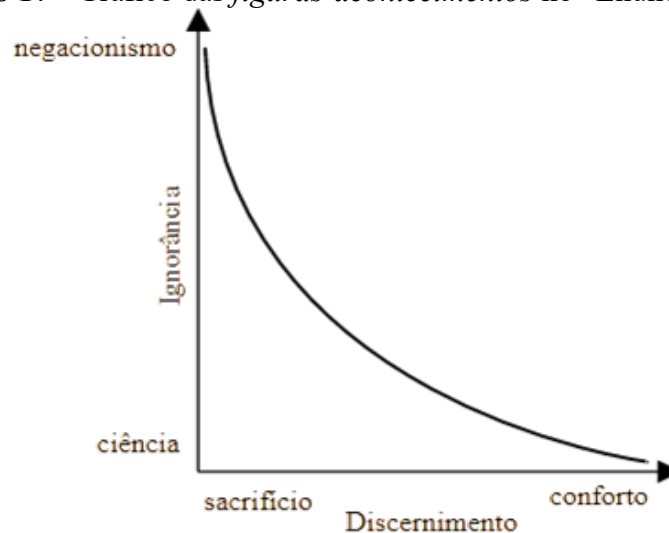
Vimos que o *corpo polêmico* nos dois casos se faz quase-presente (vai tornando-se cada vez mais denso no conjunto dos textos) também por essa instrumentalização do discurso religioso voltado especificamente em analogia às circunstâncias atuais – a pandemia no ano de 2020. Há uma metáfora ao fazer uma comparação implícita entre aqueles que seguem Jesus

102 “Estreito” tem sentido de uma pessoa intelectualmente limitada. Conforme o dicionário: “Que tem uma visão limitada da realidade; limitado: *Ela tem uma compreensão estreita dos fatos.*” (Michaelis. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/estreito/>. Acesso em: 12 jan. 2024).

seguirem também a ciência e aqueles que seguiam a Barrabás seguirem os negacionistas.

É uma figura de linguagem que cumpre função *metáfora-acontecimento* porque apela ao *páthos* do enunciatório, na medida em que este se lembra da crucificação de Cristo e, com essa memória, se emociona. Assim, seguimos uma coerência que nos permite apontar uma gradação da atitude esperada pelo católico que segue a ciência:

Gráfico 17 - Gráfico das *figuras-acontecimentos* no “Enunciado 2”



Fonte: Elaboração própria.

Definimos “ignorância” como intensidade pois é a ela que o líder católico confere a morte de Jesus, história sensível ao católico. O povo que escolheu Barrabás no julgamento tornou-se “assassino” por desconhecerem ou não crerem que Cristo era Deus. E definimos discernimento como extensidade porque, ainda segundo o texto, Ferreira pontua que a guerra contra o coronavírus ainda deve perdurar. Assim temos ciência e sacrifício como itens menos acentuados em ignorância e discernimento e negacionismo e conforto – indicamos o termo *conforto* em alusão ao trecho “confortar as pessoas abatidas” – como os mais acentuados, de tal maneira a entendermos que o sacrifício (de usar máscaras, de fechar estabelecimentos etc.) é o mínimo de enfrentamento para se chegar ao conforto, e quanto mais distante da ciência estiver o fiel, mais ignorante estará. Quanto mais voltado à ciência, mais próximo à vida. Quanto mais voltado ao negacionismo, mais distante. Nesse caso, confirma-se que a metáfora (do sacrifício) cumpre uma função de “concentração semântica” (Fiorin, 2021, p. 34). Em nosso gráfico, ela despreza diversos traços na dimensão extensiva (vai somente aos limites) auxiliando no aumento da intensidade de sentido, de tal forma que a ignorância é exacerbada também com opostos bastante extremos (ciência vs. negacionismo).

No “Enunciado 2” temos a ocorrência de três *nãos* e de dois vocábulos correlatos (negacionismos e nada): “*não* a partir de egoísmos e de *negacionismos*” / “*Não* é possível fingir que nós estamos passando por essa turbulência como se *nada* tivesse acontecendo” / “O discernimento *não* pode parar”. Embora, diferentemente de Macedo, Ferreira busque indicar o que é melhor para a saúde daqueles que o escutam, sua fala não deixa de conter manipulações e persuasões. Em termos semióticos, ainda contém resquícios de negatividade.

Pelo contexto interno, esse *não* atua:

- a) por modalização: da mesma forma, o sujeito *não pode não ser* seguidor da palavra contida na Bíblia (aqui trazida pela lembrança da própria crucificação de Cristo);
- b) de maneira actancial: Ferreira e o destinador, que faz o destinatário (católico) performar (manter-se fisicamente longe da igreja, usar máscara, etc.). Sua sanção é dizer que o fiel é obediente (às medidas sanitárias e, mais que isso, às pessoas que estão do lado de Jesus/salvador e não de Barrabás/assassinos);
- c) de maneira quantitativa: seleciona aqueles que estão do lado dos assassinos (negacionistas) e dos que estão do lado dos que lutam pela vida (cientistas);
- d) de forma relacional: novamente, uma distinção entre *bem* e *mal*;
- e) de maneira axiológica: uma contrariedade entre *divino* e *profano*, que apela ao emocional do enunciatário.

Como no enunciado anterior, neste o fiel também tem medo de ser colocado ao lado daqueles que estão afastados de Deus: só que, agora, os afastados de Deus são os que se põe em defesa da reabertura física das igrejas. Há, igualmente, um apelo ao afeto por meio da paixão do medo. “Somos discípulos daquele que luta pela vida, quem veste esforços para defender a vida, que faz de tudo para apoiar a vida? Ou estamos do lado dos assassinos? Dos bandidos que acabam tirando a vida? Essa escolha é permanente.” Ao ouvir essas palavras, o fiel tende a ficar com medo (e vergonha) de ser indicado como defensor de assassinos.

Uma característica comum nos dois enunciados é o fato de serem discursos de fidelização religiosa. Isso quer dizer que, embora fossem disponibilizados na internet para acesso a qualquer pessoa, seu público-alvo era o crente evangélico ou católico¹⁰³.

Vemos que se caracteriza pelas operações de triagem e de mistura. Define-se um *comprometimento* com relação a um *dever ser* (cristão). Ser um crente comprometido é, por

103 Silva (2020) definiu níveis de práticas religiosas a partir da recursividade das operações de triagem e de mistura. Para a autora, essas práticas se dividem em: discurso fundador, calcado no texto bíblico propriamente dito; discurso fidelizador, em que existe a experiência da palavra de inspiração divina dirigida a um enunciatário que é presumidamente um crente; e o discurso de divulgação, formado por textos formativos, em que o enunciatário não é presumido.

parte do enunciatário, algo extremamente obrigatório (*dever-ser*), cobiçável (*querer-ser*) e possível (*poder-ser*). Mais até, é algo impreterível (*não-poder-não-ser*). Tanto Macedo quanto Ferreira apresentam duas possibilidades a seus respectivos enunciatários: ou você será apartado da palavra de Deus ou a ela se mistura. A diferença é o critério para indicar quem está próximo da palavra de Deus: enquanto o chefe da Iurd prefere quem não segue a Ciência, o líder católico prefere quem a adota como necessária no momento de pandemia.

Como fez Macedo, Ferreira traz ao tempo do *agora* um fato ocorrido há milênios: o julgamento de Jesus. Mais uma vez, a intencionalidade é sensibilizar o enunciatário. Mais do que transportado para o tempo do então, o fiel é posto como se estivesse vivenciando a cena. Ao *percorrer o tempo*, a fala do religioso ganha ares divinos, com aparência de validade eterna, porque a separação (triagem) entre o que é bom ou mal é imutável: “Essa escolha é permanente”.

Pontuadas as especificidades e similaridades entre os textos apresentados, em que se fundem ator da enunciação e ator do enunciado, institui-se um sujeito que precisa *crer* para *fazer* (seja crer que o vírus é tática satânica, seja crer que a resistência aos preceitos médico-sanitários é fruto do negacionismo). O *corpo polêmico* comparece na totalidade e permite ao enunciatário percebê-lo a partir dos pontos em que indica a refutação mútua entre o ponto de vista de um Eu e a opinião de um Outro.

Observemos os demais enunciados que formam a totalidade de nosso *corpus*. Em 2021, o Poder Público promoveu diversas campanhas visando a diminuir a proliferação do coronavírus. Apresentamos nesta tese uma delas: a do governo de Mato Grosso do Sul (“Coronavírus: a balada pode esperar”), sobre o distanciamento social no período de Festas de Fim de Ano.

No “Enunciado 3”, Letícia é colocada sob uma suspeita moral: por conta de sua preferência por confraternizar em vez de ficar em sua casa recolhida conforme ordenava o Poder Público, foi exposta ao vírus e contaminou o pai quando o beijou no rosto assim que foi buscá-la em seu encontro com as amigas. O enunciatário acompanha essa cena e com ela se sensibiliza e é emocionalmente afetado (Cf. tópico “3.2 Afeto e efeito”).

A intencionalidade do enunciador é persuadir o enunciatário pelo viés da culpa. É como se dissesse, não “aja como Letícia ou será culpado pela doença de seus familiares”. O narrador delegado pelo enunciador diz: “Hoje, Letícia vai ser contaminada pelo Coronavírus. Ela não sabe, mas está passando o vírus para a pessoa que mais ama. Até a vacina chegar, proteja-se! Não brinque com a sua vida e com a vida de quem você ama!”. O enunciatário é

um sujeito do *saber*: porque Letícia “não sabe”, mas quem assiste àquele vídeo passa a saber.

Predomina o tempo verbal presente, porque os enunciatários precisam entender a urgência da situação em que se encontram. A história segue uma linearidade (Letícia e as amigas; o pai vai buscá-la; ela beija o pai; o vírus é passado de Letícia para o pai; o vírus começa a agir sobre ele; o pai é internado; Letícia corre pelo hospital; Letícia se depara com quarto onde o pai está).

Existem elementos visuais e sonoros a atuarem em conjunto no texto. Os *frames* 7 e 8 (vírus estilizado no *close* da boca de Letícia), 13 (vírus estilizado e câmera fechada no beijo que Letícia dá no pai) e 14 e 16 (vírus estilizado no *close* do rosto do pai) e o som de suspense, em tom mais grave, aparentando ser “pesado” é constante em todas essas cenas. Esses *frames* quebram a estrutura da propaganda: a partir do momento em que são inseridos, o enunciatário tem como *foco* da percepção a noção de que estão por vir cenas impactantes e disfóricas.

A música eletrônica toca enquanto o pai de Letícia não é contaminado e cessa exatamente quando ela se aproxima dele (quando entra no carro, *frame* 12). A polêmica ganha mais densidade estabelecida na comparação entre os três enunciados pela postura dos enunciadores em apontar lados opostos: aquele dos cidadãos que ouvem as prescrições do Poder Público e aqueles que não as seguem. Os ‘medrosos’ apartados da igreja (na fala de Macedo) podem ser colocados em oposição aos que escolheram Barrabás e crucificaram Jesus (na fala de Ferreira) e Letícia (no “Enunciado 3”), que são apresentados como exemplos daqueles que não seguem. Nos três, há um *éthos* enunciativo bastante polêmico, o que contribui para a comparação entre os textos apresentar um estilo polêmico.

Assim, o “Enunciado 3”, como o “1” e o “2”, conota uma situação de embate, o que fica subentendido pelo uso dos lexemas grifados a seguir: “Até a vacina chegar, *proteja-se!*”, no “3”. São palavras que impõem esse entendimento de *forma implicativa*, e são, portanto, figuras de linguagem que funcionam como *funções-argumentos*, afinal, se você precisa se proteger é porque há um inimigo perigoso, e se pode vencer, é porque existe uma disputa. O inimigo é a doença, figurativizada pela aglomeração de Letícia (no “Enunciado 3”). Essa indicação de um inimigo também existe nos enunciados anteriores: “Satanás” e “assassinos”, respectivamente.

No “Enunciado 3”, o enunciadador recorre ao *afeto* do enunciatário por meio do sentimento de amor pelos entes queridos (“... com a vida de quem você ama”), visando a opor as representações a respeito dos cidadãos sul-mato-grossenses que respeitam as prescrições

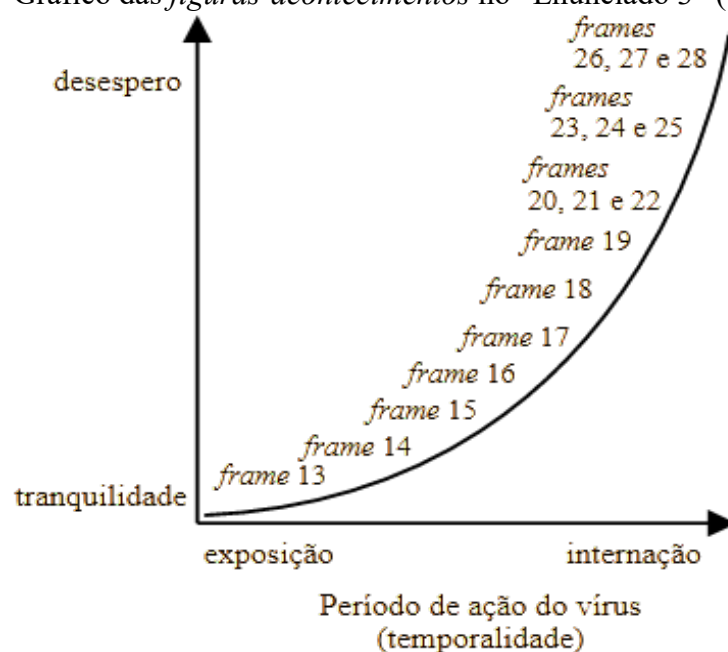
médico-sanitárias de evitar as aglomerações e aqueles que não respeitam, conforme a intencionalidade do governo. Porém, uma *figura-acontecimento* que causa efeito maior no enunciatário é o *climax*.

Fiorin (2021, p. 147) explica que essa figura de linguagem advém do grego *klimax* (“escada”): “em que se amplifica o enunciado, numa intensificação crescente, com palavras ou grupo de palavras de significado relacionado”. Nos permitimos acrescentar ao pensamento do semioticista que, no “Enunciado 3”, o clímax se dá, sobretudo, pela gradação das imagens que apelam ao emocional do enunciatário:

- Letícia beijando o pai (*frame* 13);
- Vírus estilizado contagiando o pai (*frame* 14);
- Pai se olha no espelho, já com uma aparência de quem não parece se sentir bem (*frame* 15);
- Novamente o efeito visual de esverdear a boca. E vírus estilizado (*frame* 16);
- Imagem em *close* de aparelho respirador hospitalar (*frame* 17);
- *Close* no dedo do pai na maca hospitalar (*frame* 18);
- *Close* no rosto do pai entubado na maca hospitalar (*frame* 19);
- Letícia (mostrada de costas) corre desesperadamente pelo corredor do hospital (*frames* 20, 21 e 22);
- Letícia chega ao local que parece ser uma UTI cuja parede é de vidro e, ao ver o pai, coloca emocionadamente a mão sobre o vidro (*frames* 23, 24 e 25);
- chega ao local que parece ser uma UTI cuja parede é de vidro e, ao ver o pai, coloca emocionadamente a mão sobre o vidro (*frames* 26, 27 e 28).

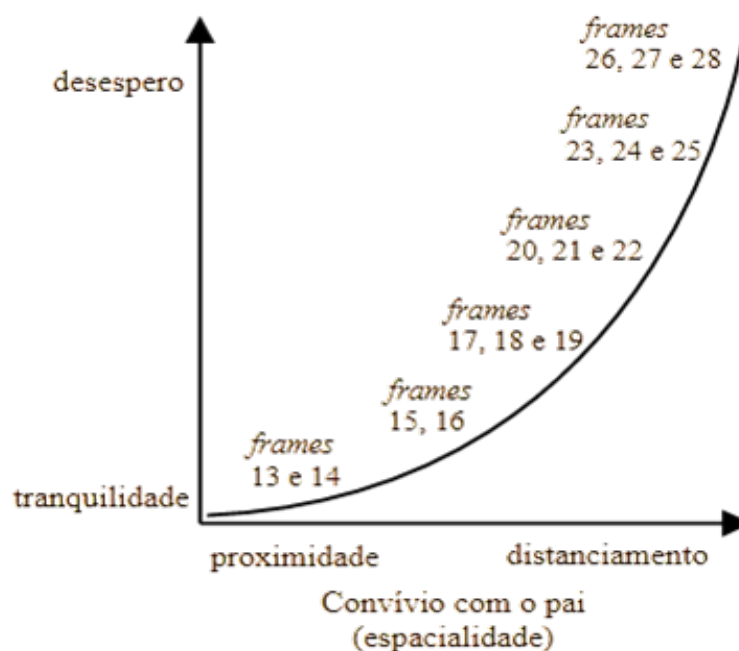
Cada vez mais a alegria do início do vídeo fica distante. O enunciatário “caminha” rumo ao desespero junto com Letícia. Podemos pensar sobre essas imagens em crescente desespero, junto com Fiorin (2021, p. 147): “A gradação é, pois, uma sequência de significados dispostos numa ordem ascendente, em que o posterior diz um pouco mais do que o anterior”. Sendo assim, formulamos o seguinte gráfico:

Gráfico 18 - Gráfico das *figuras-acontecimentos* no “Enunciado 3” (temporalidade)



Fonte: Elaboração própria.

Gráfico 19 - Gráfico das *figuras-acontecimentos* no “Enunciado 3” (espacialidade)



Fonte: Elaboração própria.

Nos gráficos apresentados, temos: no primeiro a intensidade graduada de “tranquilidade/desespero” sentidos por Letícia e, na extensidade, “exposição” e “internação” que definem o “período de ação do vírus” em seu pai. Entendemos que quanto mais Letícia caminha para ficar próxima à parede de vidro sem ter condições de se aproximar fisicamente

do pai (ou seja, quanto mais a internação do pai fica clara de que será demorada), mais o desespero aumenta; no segundo, a indicação da espacialidade no eixo da extensidade, indicando que, quanto mais próxima do pai, mais tranquila Letícia estava e, quanto mais distante (como quando está literalmente separada por uma parede de vidro), mais desesperada.

Além disso, o enunciador usa os seguintes temas:

a) vida: encontro das amigas (*frames* 1 a 6), ligação para o pai (10 a 11), encontro com o pai (12 a 14 – nesse caso, embora o beijo é que o contamina, beijá-lo é algo desejoso e é a falta desse beijo que é disfórica, quando o pai está internado).

b) morte: Letícia (*frames* 24 a 28), embora veja o pai pela vidraça, não pode ter contato com ele, que está desacordado, por isso, sente saudades e a vemos consternada com a situação do ente querido; internação inconsciente: *frames* 17 a 19 e 23 a 25 do “Enunciado 3”.

Aludindo ao verbal do enunciado, o narrador fala: “Ela [Letícia] *não* sabe, mas está passando o vírus para a pessoa que mais ama”. Esse *não* atua:

a) por modalização: o sujeito (Letícia, actante do nível narrativo e ator do nível discursivo) *não sabe* e, por não saber, age de forma descuidada (bebendo no copo que já foi usado por uma amiga, ficando próxima sem uso de máscara, não fazendo assepsias como lavar as mãos, beijando o pai logo depois do contato com as amigas);

b) de maneira actancial: há um destinador de certa forma oculto (o vírus, a doença; ou o governo do estado em outro programa narrativo, nesse caso, um destinador que quer que Letícia não seja contaminada), há o actante que precisa performar (Letícia, precisa seguir as regras sanitárias ou será contaminada), há a sanção (ela não seguiu e foi contaminada, não progrediu para a doença, mas contaminou o pai que ficou em estado grave);

c) de maneira quantitativa: pessoas que descumprem o procedimento de não aglomerar (como Letícia e as amigas) e o governo do Estado (que diz que precisa existir o distanciamento para minimizar os riscos de contaminação). Eis, nesse caso, uma caracterização um pouco mais concreta da polêmica, neste enunciado;

d) de forma relacional: distinções são colocadas em relação (alegria vs. desespero, desrespeito às medidas sanitárias vs. cumprimento);

e) de maneira axiológica: uma contrariedade entre *alegria* e *desespero*, subentendendo que (quando se trata do risco em contaminar-se com o coronavírus, a primeira pode ser passageira e o segunda, permanente: pois um ente querido pode morrer). Além disso, o pai de Letícia, agora, está em disjunção com sua saúde.

Letícia passa a ter um objeto-valor: a alta do pai, todavia, pouco pode performar para atingir um ponto de conjunção; tanto que no final ela usa máscara, mas já é tarde demais, porque a saúde do pai não depende mais dela (como dependia antes caso ela cumprisse as medias sanitárias quando estava com as amigas).

Tanto o narrador quanto a própria confecção do vídeo nos faz pressupor que Letícia sabia que não podia se aglomerar, mas, independentemente de *saber* preferiu agir de forma contrária. Todavia, o narrador do “Enunciado 3” é quem pode ser indicado com uma atitude mais próxima àqueles. Quando enuncia “– Ela não sabe, mas está passando o vírus para a pessoa que mais ama. / – Até a vacina chegar, proteja-se! / – Não brinque com a sua vida e com a vida de quem você ama! / – Governo do Estado de Mato Grosso do Sul”, não só age para indicar que Letícia não possui a *graça* da saúde inabalável, mas para apontar que ela teve a sanção punitiva (disfórica), por *demérito* de não seguir as medidas ditadas pelo Governo do Estado, da doença transmitida ao pai. Mesma sanção que ocorrerá ao enunciatário se da mesma maneira agir em seu cotidiano. Portanto, o “Enunciado 3” (como os enunciados anteriores) também apela ao afeto passional do medo. O enunciatário é sensibilizado pelo receio forte de ver um ente querido (como o pai na propaganda) em estado de coma.

Em “3.3 O *Eu*, o *Outro* e o *Entre*”, analisamos alguns enunciados, e, naquele momento, realçamos o aspecto relacional entre os sujeitos envolvidos; neste, salientaremos os pontos similares que definem um *corpo* em meio a essa totalidade selecionada como *corpus* da tese.

A fotografia das pessoas aguardando receberem a comida durante a noite em plena rua apela ao emocional do enunciatário: a imagem de pessoas cuja única esperança de uma alimentação minimamente satisfatória durante o dia todo corrobora as palavras da reportagem, tanto do jornalista (“Socialmente vulneráveis, com doenças crônicas e imunodepressoras, usuários de drogas, vivendo em condições extremamente insalubres e vítimas da fome, essa população tem sido uma vítima invisível da doença”), quanto da entrevistada (“A gente já vivia no meio de um monte de desgraça, a pandemia só piorou tudo”).

A fotografia (“Figura 6”) amplia a *percepção* do enunciatário porque adiciona mais elementos a seu *campo de presença*. Assim como nos enunciados dos líderes religiosos (em que o rosto de Edir Macedo era colocado ao lado da palavra da Bíblia e a imagem de Nivaldo Ferreira era mostrada com as vestes hierárquicas no catolicismo em toda sua exuberância), no caso de Belém, o elemento visual estende o verbal e captura a atenção do enunciatário.

Espacialmente demarcada em um ambiente urbano, mas, ao mesmo tempo, vazio

(uma rua do centro da cidade noite adentro), a fotografia expõe as contradições de um conviver entre desiguais. São desafios que perduram. Nesse sentido, vemos uma diferenciação entre as falas do jornalista (em terceira pessoa e no tempo presente) e da entrevistada (em primeira pessoa e perpassando os tempos verbais). O jornalista quer manter objetividade, mas, para angariar a atenção de seu público pelo *sensível*, precisa da subjetividade, alcançada por intermédio das fontes que ouviu, os moradores na rua cujas falas são transpostas pelo recurso gramatical do discurso direto: essa estratégia aproxima do enunciatário e apela ao emocional.

Quando a entrevistada comenta “A gente *já vivia* no meio de um monte de desgraça, a pandemia *só piorou* tudo”, o verbo *viver* conjugado no pretérito imperfeito do indicativo acrescido do advérbio *já* demonstra uma ação que não fora finalizada, portanto, mais que aludir a um passado, reporta-se a um cenário sempre a se repetir – é um “*looping*” (uma ação/situação repetitiva) do qual os moradores de rua não conseguem escapar, em que a mesma agonia (vulnerabilidade, acometimento de doenças, fome etc.) é vivida constantemente. Trata-se de uma estratégia retórica em que o enunciador quer conquistar a empatia do enunciatário: ao reforçar a desigualdade, há um apelo afetivo pela solidariedade. O enunciatário – pelo conjunto *fotografia/fala da entrevistada* – é apreendido pela história daquele grupo de pessoas (socialmente vulneráveis, famintas etc.).

Estamos tratando, narrativamente, sobre dois tipos de *actantes coletivos*. Eles são discursivamente figurativizados pelos que vivem na rua e pelos que moram em suas residências. Há dois programas narrativos: os da rua querem aproximar-se; os das casas, querem manter o afastamento. Nesse caso, dentro desse texto, a *quase-presença* (ou seja, a densidade) da polêmica é baixa. Porém, quando discursivizada, passa a se tornar mais densa, porque tematiza com a desigualdade e figurativiza com a fome sofrida e relatada pela mulher entrevistada durante a reportagem.

O *observador*, da forma como encaminhou a narrativa, confere aos moradores de rua e da casa *caráter de atores éticos e páticos simultaneamente*. Primeiro, socialmente lhes impõe uma característica positiva com relação aos da rua, ao transcrever a fala da entrevistada: “Na rua, todo mundo se trata como igual”. Depois, uma negativa aos das residências: “só balançam a mãozinha dizendo que não tem (comida)”. E apela ao sensível: “Se um *irmão* chega com uma sacola de comida e quer dividir, a gente faz uma roda e todo mundo mete a mão ali”. Os moradores na rua se veem como família, a ponto de chamarem um companheiro de *irmão*.

Temos, novamente, um embate entre dois grupos e a polêmica ganha uma quase-presença, por meio da utilização de *funções-retóricas*. No referido enunciado, temos uma

comparação-acontecimento porque apela à apreensão sensível do enunciatário: “Na rua, todo mundo se trata *como* igual”. Eles são iguais, são “irmãos”, como mencionou a entrevistada. E o uso de uma *metáfora-acontecimento* e de *sinédoque-acontecimento*: “já todos de máscara e ‘*encapados*’ [metáfora], só balançam a *mãozinha* [sinédoque] dizendo que não tem”. A metáfora de “encapados” diz que existem pessoas que preferem ficar alheias ao mundo externo. A sinédoque da “mãozinha” cumpre um papel de indicar a parte pelo todo, ou seja, cada mãozinha é, na verdade, uma pessoa em sua residência que não quer contato com quem está na rua. Sendo a sinédoque um tipo de metonímia, “estabelece uma compatibilidade predicativa por contiguidade, aumentando a extensão sêmica com a transferência de valores semânticos de um para outro dos elementos coexistentes e aumentando sua aceleração com a supressão de etapas de sentido” (Fiorin, 2021, p. 34). Portanto, quando indica “mãozinha”, suprime uma etapa do sentido e, ao mesmo tempo, o acelera: é como se a entrevistada dissesse “todas as pessoas que abrigam todas as casas da região são essas mãozinhas”.

Assim, “mãozinha” também dá ideia de que as pessoas estão tão escondidas em suas casas que sequer mostram seus corpos como um todo, expõem somente as mãos. É o máximo de contato que elas querem ter, a ponto de demonstrarem ojeriza dos da rua: “O povo já tinha *nojo* da gente, quando veio a Covid, aí que eles não quiseram mais nem chegar perto”. Aqui, novamente uma *metáfora-acontecimento*, o *nojo* é referente à aversão para com os da rua, como se houvesse uma repugnância frente algo estragado. Assim, é como se o observador – ao escolher essa frase em específico – quisesse expor ao enunciatário: as pessoas em suas casas estão tão desapiedadas que sentem repugnância daquelas pessoas na rua e, assim como ao se alimentar de algo estragado, o estômago expulsa repentina e violentamente, querem que os da rua sejam enxotados de sua vizinhança.

Temos, assim, um conglomerado:

a) igualdade → irmandade;

b) encapados → (mostram só as) “mãozinhas” (e escondem os rostos) → nojo.

Podemos, assim, configurar uma correlação tensiva.

Gráfico 20 - Gráfico das *figuras-acontecimentos* no “Enunciado 4”



Fonte: Elaboração própria.

A percepção de nojo estaria no extremo da maior aversão e maior distanciamento. Porém, não chegamos a ver uma irmandade plena com relação àqueles em situação de rua e os residentes das casas do centro da cidade. Como a extensidade do distanciamento gradua-se de *irmandade* a *encapados*, essa percepção aumenta a tensão para o enunciatário. E ele consegue entender que jamais haverá um convívio sadio entre os que moram na rua e os que estão em suas residências, porque essa noção de irmandade advém somente com relação aos próprios moradores de rua ou àqueles que foram doar os alimentos (“Se um *irmão* chega com uma sacola de comida e quer dividir”). E, assim, o enunciatário é cooptado pelo sensível. Existe, novamente, estratégia de mistura e triagem. Contudo, o *afeto* é quem rege a significação. Como ensina Zilberberg (2004), a respeito da construção do sentido, ele “estaria situado na junção entre uma *medida* intensiva e um *número* extensivo”, e complementa: “O presente do *afeto* [“unidade imaginária do sensível”] é sua medida constatada e proclamada pelo sujeito” (Zilberberg, 2004, p. 77, grifo do autor).

Para percebermos um *estilo polêmico*, precisamos comparar esse texto com os anteriores. Vemos que eles trazem *atores coletivos*: fiéis evangélicos ou católicos, Letícia e as amigas (representando figurativamente as pessoas que desdenham das medidas de distanciamento social), os moradores de rua e os habitantes de residências (geralmente, residentes do Centro da cidade pertencem às classes média e alta) que são “incomodados” por esses moradores da rua. Diante dos conflitos tematizados e figurativizados em cada texto, temos a percepção (por retenção) de que existe uma polêmica materializada (ganhando corpo) por meio de pontos de vistas díspares a respeito de situações que, apesar de poderem ser

antigas (como no caso dos moradores de rua que já eram ignorados antes da Covid-19), foram exacerbadas durante o período pandêmico.

Retomemos, neste momento, a cartilha confeccionada na língua guarani a ser entregue em aldeias urbanas de Dourados (MS). A estrutura do material didático é apresentada a partir da apreensão de um *observador* que a descreve sem ser opinativo: “[...] orientações sanitárias indicadas pelas autoridades mundiais de saúde, como distanciamento social, assepsia das mãos, etiqueta respiratória, cuidados com a higiene, entre outras possíveis de serem seguidas nas aldeias”. O encadeamento linear das características da cartilha dão sentido de extensidade frente o enunciatório, pois enumera itens.

O texto é preponderantemente ligado a esse viés descritivo e sem apelo emocional: “os pesquisadores abordaram na cartilha os aspectos ritualísticos tradicionais, muito presentes na rotina dos povos indígenas e essenciais para a garantia da preservação de suas etnias”. Portanto, diferentemente dos demais enunciados, não temos neste um jogo entre retensão ou protensão temporal realizado pelo observador. Nesse quesito, distancia-se dos enunciados dos líderes religiosos, por exemplo. Contudo, tem como característica comum – o que demonstra o *corpo polêmico* (ou, um *estilo polêmico*) –, a percepção de uma divisão entre dois grupos cultural e socialmente desiguais, conforme o texto.

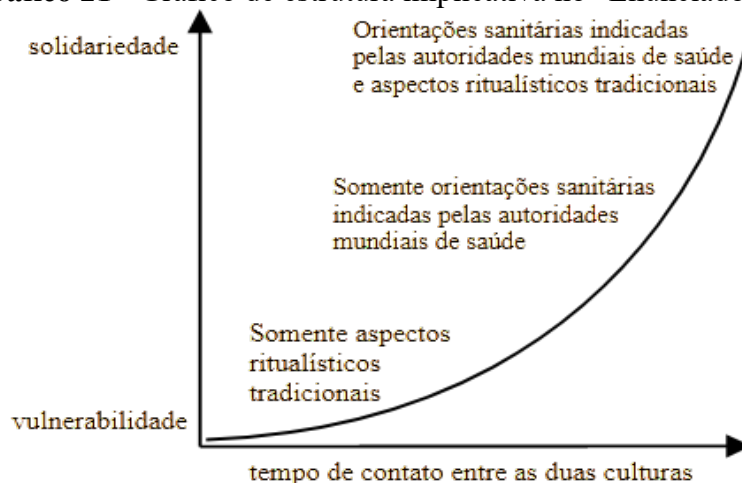
Se a *quase-presença* da polêmica neste enunciado é menos densa que nos vistos anteriormente, ela não deixa de existir: há a população indígena “que é mais vulnerável” e a “sociedade não-índia”. Vemos que existe, como nos demais textos, ocorrência de uma hierarquia: a sociedade indígena é mais vulnerável e a não indígena menos; portanto, é a primeira quem precisa de maior atenção por parte da área de saúde e, também, pela universidade que confeccionou a cartilha.

Tanto a população indígena é implicitamente colocada de forma inferior no texto que o observador comenta: “*Além* das orientações sanitárias indicadas pelas autoridades mundiais [...] de saúde os pesquisadores abordaram na cartilha os aspectos ritualísticos tradicionais, muito presentes na rotina dos povos indígenas e essenciais para a garantia da preservação de suas etnias”. Sendo assim, o que é tido como *essencial* é o *saber fazer* não indígena e o *saber fazer* indígena é secundário. Ele é “essencial” para manter sua cultura, mas não “essencial” para manter sua saúde e esta é mais importante nesse momento, segundo o texto. Longe de indicarmos que o jornalista foi leviano ao reportar dessa forma, estamos dizendo que esse enunciador, ao se dirigir ao enunciatório, delega a narração a um *observador* que demonstra essa diferenciação. Encontramos, assim, outra característica comum na totalidade de nosso

corpus: a utilização estratégica de figuras de linguagem para representar a existência de grupos distintos. Há uma espécie de *gradação* usada como *figura-argumento*, pois, do tipo implicativa. Essa *gradação* ajuda a direcionar a percepção do enunciatário para que ele também – sendo, idealmente, um não indígena – reflita sobre o atendimento à população dessa etnia, porque a cartilha beneficiará, conseqüentemente, a população não indígena também: “além de contribuírem com a população indígena, que é mais vulnerável, protegem também a sociedade não-índia”. Temos a significação desdobrada no seguinte conjunto de sentidos tensivos:

- a) prevenção: vulnerabilidade → solidariedade;
- b) tempo de contato entre as duas culturas: “aspectos ritualísticos tradicionais” → “orientações sanitárias indicadas pelas autoridades mundiais de saúde”.

Gráfico 21 - Gráfico de estrutura implicativa no “Enunciado 5”



Fonte: Elaboração própria.

Indicamos “prevenção” como intensidade porque entendemos existir um apelo ao *páthos* (podemos pensar em sentimentos de vulnerabilidade, de solidariedade). E como extensidade a “tempo de contato entre as duas culturas”, que é *menos* prolongada (de acordo com esse texto) se existirem somente os saberes indígenas (que não seriam suficientes para proteger a população, que necessitaria da vacinação, por exemplo), ainda não totalmente prolongada caso seguissem somente as instruções do Poder Público (pois seria uma imposição e, conforme depreendemos do texto, não surtiu efeito na comunidade, por não ser entendida) e *mais* prolongada se levar em consideração as orientações dos especialistas em conjunto com as dos próprios indígenas, ainda, segundo o texto.

Portanto, quanto *mais* a sociedade envolvente levar às aldeias as “orientações

sanitárias indicadas pelas autoridades da saúde na língua indígena”, ou seja, quanto maior o tempo de contato (respeitoso) entre essas culturas, maior será sua demonstração de solidariedade para com essa população. Foi para levar essas informações aos aldeados que a universidade confeccionou a cartilha em guarani e não em português. Nesse texto (diante do cotejo com os demais), a *quase-presença* do *corpo polêmico* está em densidade tão pouco espessa que não caberia indicá-lo em uma categorização para defini-lo como de *estilo polêmico*.

Enquanto a cartilha tem um olhar benevolente voltado ao indígena, os comentários em redes sociais feitos quando da liberação da vacina para esse público de forma privilegiada foram muito daninhos. A ponto de um deles ter sido denunciado por racismo pela Promotoria de Justiça de Dourados (MS).

Pela especificidade do gênero, o comentário de rede social possibilita o embate direto entre os enunciadores. Há o simulacro de uma discussão ferrenha entre enunciador e o enunciatário (aquele que, de fora, presencia a polêmica) se vê diante de um impasse que lhe convoca a tomar posição. Foi assim que se postaram a infectologista e o promotor de Justiça ouvidos por uma reportagem e resolveram *agir* diante do que presenciaram: ela, concedendo entrevista e apontando a importância de defender a vacinação prioritária para os indígenas; ele, denunciando formalmente o preconceito testemunhado. A dissolução só vem depois da intervenção de um promotor de Justiça. É ele quem *sanciona* negativamente o enunciador contrário à precedência dos indígenas aldeados para recebimento da vacina contra Covid-19.

O plano de conteúdo de uma disputa entre o “*nós* do centro da cidade (o não indígena)” e o “*nós* da aldeia urbana (o indígena)” é praticamente “desenhado” pelo plano de expressão do texto verbal. São transcritos simetricamente: “Eu acho um absurdo isso [a vacinação prioritária]” dita pelo enunciador número 1 e “Como assim?”, pelo número 2; “Para nós que saímos todos os dias para trabalhar e produzir, *pagamos impostos*” (nº 1) e “Você acha que nós não *pagamos impostos* [?]” (nº 2); “Agora, índio e bandido” (nº 1) e “na cidade não tem ladrão??” (nº 2); e “Isso é Brasil” [subentendendo que o Brasil é um país que favorece “índio e bandido”] (nº 1) e “Nossa, parabéns para você, sua preconceituosa” (nº 2).

As enunciações do enunciador 1 são por meio de *figuras-retóricas* e fazem sentido somente dentro do próprio texto, que é, como demonstrou o promotor de Justiça (Cf. subtópico “3.3.3 Sobre admissão e sobre exclusão”), falso. Nesse caso, podemos confeccionar uma rede tensiva pelo emparelhamento dos enunciados, mostrada no quadro a seguir:

Quadro 14 - Rede das figuras-retóricas no “Enunciado 6”

<u>Figura-retórica utilizada pelo enunciador nº 1</u>	<u>Expressões do enunciador nº 1</u>	<u>Expressões do enunciador nº 2</u>	<u>Figura-retórica utilizada pelo enunciador nº 2</u>
Hipérbole	“Eu acho um absurdo isso”	“Como assim?”	Interrogação retórica
Clímax	“Para nós que saímos todos os dias para trabalhar e produzir, pagamos impostos”	“Você acha que nós não pagamos impostos [?]”	Interrogação retórica
Analogia infundada	“Agora, índio e bandido”	“na cidade não tem ladrão?”	Pergunta ironizada
Sarcasmo	“Isso é Brasil”	“Nossa, parabéns para você, sua preconceituosa”	Ironia

Fonte: Elaboração própria.

Como na *disputa* não existem argumentos válidos, as *funções-retóricas* são de lógica concessiva. Ao identificar como “absurdo” o fato de existir preferência pelos indígenas das aldeias, o enunciador 1 demonstra que se apresentará dentro de um campo semântico que passa pelo exagero. Quando escala alguns afazeres em “saímos [...] para trabalhar e produzir, pagamos impostos” aponta uma enumeração em clímax que é uma artimanha discursiva visando a persuadir o enunciatário pertencente a seu grupo social (aquele que lê o comentário e não é indígena). Quando, analogamente, compara “índio” a “bandido”, expõe uma triagem – ele divide seu mundo em dois tipos de pessoas (os bandidos e os não bandidos, sendo os indígenas parte do primeiro agrupamento e ele, do segundo). Quando é sarcástico, zomba das legislações brasileiras, pois são as diretrizes emitidas pelo Ministério da Saúde que determinaram a necessidade das priorizações. O enunciador nº 1 não debate, ofende. Para se defender das agressões, o enunciador nº 2 usa das seguintes estratégias discursivas: para se proteger da hipérbole, usa uma interrogação retórica. Dize-se desse tipo de figura de linguagem que, ao contrário da indagação verdadeira, dela não se espera uma resposta, pois esta já está subentendida: quando pergunta “Como assim [você acha um absurdo]?”, o enunciador nº 2 quer provocar no nº 1 uma reflexão sobre o tema. O mesmo procedimento serve para “Você acha que nós não pagamos impostos [?]”. Já com relação à sua próxima pergunta (“na cidade não tem ladrão?”), trata-se de uma ironia, que seria sutil não fosse a dobra do uso da interrogação, um demarcatório do conteúdo irônico. E “Nossa, parabéns para você, sua preconceituosa” traz a ironia propriamente dita, em que a atitude preconceituosa do enunciador nº 1 é satiricamente elogiada pelo enunciador nº 2 já mostrado discordante desse posicionamento.

A estratégia usada pelo enunciador nº 2 para vencer a disputa é também voltada ao enunciatário leitor do texto – ou seja, o internauta que acessou aqueles comentários na rede social. É a ironia que finaliza seu enunciado, indicando, por meio de uma dissimulação, que o texto de seu oponente não merece crédito por parte do leitor. A disputa apresentada serve de exemplo dos efeitos de uma conversa irônica/sarcástica:

A ironia [...] Na verdade, são duas vozes em conflito, uma expressando o inverso do que disse a outra; uma voz invalida o que a outra profere. Assim, a ironia é um tropo em que se estabelece uma compatibilidade predicativa por inversão, alargando a extensão sêmica dos pontos de vista coexistentes e aumentando sua intensidade. (Fiorin, 2021, p. 70)

É por esse aumento na intensidade de sentido que vemos que, enquanto o enunciador nº 2 manteve-se na ironia, o nº 1 foi sarcástico, mostrando verdadeiro escárnio a respeito dos indígenas. Pela inferência do texto, entendemos que o enunciador nº 2 só desprezou aquilo que o nº 1 disse, enquanto o enunciador nº 1 desprezou o enunciador nº 2 enquanto pessoa, ao depreciar veementemente toda comunidade de “índios” a ponto de compará-los a “bandidos”.

O enunciador nº 2 ganha reforço de outros dois no contrapondo ao nº 1: a infectologista e o promotor público ouvidos pela reportagem, que repostou a disputa de opiniões cujo conteúdo foi entendido como criminoso pela Promotoria. Destarte, diferentemente das *figuras-acontecimento*, temos *figuras-argumento*, pois são de ordem implicativa e não concessiva. Para a infectologista, os indígenas possuem uma “constituição genética (mais frágil a alguns micro-organismos)” e vivem com muitas pessoas na mesma casa (aglomerados, um dos riscos para desenvolver Covid-19), *logo* precisam ser vacinados primeiro. Para o promotor, “Essa discriminação, xingamentos e, especialmente, a depreciação da comunidade indígena, são intoleráveis à luz da constituição” *logo* o que o enunciador nº 1 escreveu é discriminatório e intolerável.

Outro uso curioso que ocorre nesses casos é o do verbo *achar* ligado à modalização do *crer*. O enunciador nº 1 *crê* que a preferência dada a indígenas é um absurdo. Assim, *crê*, por extensão, que “índio” é “bandido”, “que não trabalha”, “que não paga imposto”. Esse sujeito do *crer* é, em certo nível, o mesmo evocado pelos enunciadores líderes religiosos nos “Enunciados 1 e 2” de nosso *corpus*. A *crença* está ligada à formação ideológica dos envolvidos. Nesse momento, buscamos auxílio de conceitos da Análise do Discurso aplicados nos estudos semióticos para explicar, a partir do que afirma Fiorin (2000), as formações ideológica e discursiva:

Uma formação ideológica deve ser entendida como a visão de mundo de uma determinada classe social, isto é, um conjunto de representações, de ideias que revelam a compreensão que uma dada classe tem do mundo. Como não existem ideias fora dos quadros de linguagem, entendida no seu sentido amplo de instrumento de comunicação verbal ou não-verbal, essa visão de mundo não existe desvinculada da linguagem. Por isso, a cada formação ideológica corresponde uma formação discursiva, que é um conjunto de temas e de figuras que materializa uma dada visão de mundo. (Fiorin, 2000, p. 32)

Dessa maneira, o enunciador nº 1 interpela o enunciatário (o internauta leitor de seu comentário na rede social) a compartilhar de sua formação ideológica. Semioticamente, essa formação deixa marcas de sua *quase-presença*, como abordamos a respeito das figuras retóricas, por exemplo.

Retomemos a reportagem sobre o projeto “Uems Acolhe”. No capítulo anterior, identificamos a possibilidade de adotarmos o termo “acolhimento” como parte da categorização referente às relações do Eu com o Outro, propostas, inicialmente, aos moldes de Landowski (2012). No atual capítulo, indicaremos como a polêmica mostra uma corporificação *quase-presente* neste texto, enquanto parte de uma totalidade discursiva, nos termos de Brøndal (1948) e Discini (2015).

O texto é calcado num *poder-ser* e num *poder-fazer*. Quando o imigrante inscreve-se no projeto de extensão, *crê-ser* inexorável a necessidade de se *misturar* à sociedade brasileira, para conseguir comprar um pão, ler o itinerário de um ônibus do transporte coletivo, conseguir uma entrevista de emprego etc. Todavia, se depara com um regime da *triagem*, em que a sociedade local (diferente da sua) o exclui por não saber a língua (o português). Com o Uems Acolhe, há uma possibilidade para, concluindo o curso, *performar* em busca da aquisição das competências necessárias para *fazer* tudo aquilo que precisa.

O observador do texto muda em determinados momentos. Sendo entidade delegada pelo enunciador, ora ele cumpre papel de narrador (a jornalista responsável pela matéria), ora de locutor (Fiorin, 1996) (os entrevistados). Essa é uma característica presente em outros dos textos de nossa totalidade, mas que definimos por melhor detalhar neste porque é um enunciado em que há um parágrafo completo formado pela fala da fonte, ênfase que nos parece significativa: trata-se da explicação do responsável pelo projeto.

O locutor fala primeiramente sobre o projeto como um “nós” (“Nossa meta é...”) e, depois, como um “ele” (“o Projeto UEMS Acolhe busca promover...”). O que aparentaria, num primeiro olhar, para uma proximidade e um distanciamento, respectivamente. Porém, como é construído o enunciado como um todo, podemos inferir que a ênfase é dada à primeira asserção: como se fosse uma afirmação de que “o projeto Uems acolhe somos nós”, sendo

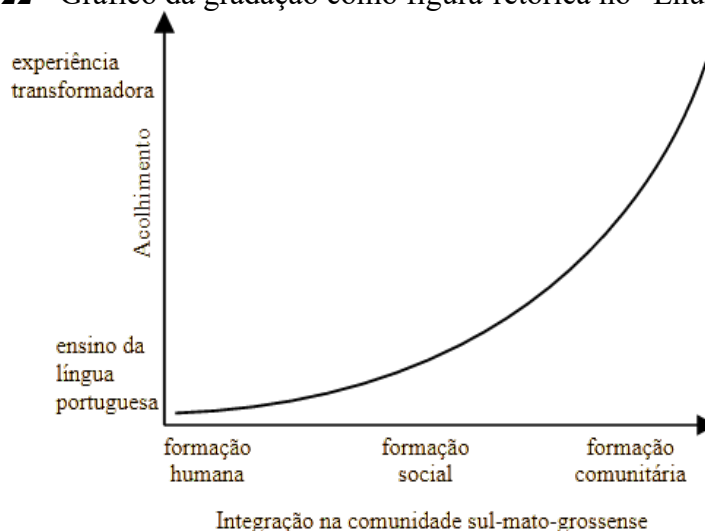
esse “nós” o conjunto professores+estudantes refugiados. Dessa maneira, retoricamente, o enunciatário (aqui entendemos diretamente o leitor internauta) se vê sensibilizado com a informação, como se fosse capaz de inferir: “olha, os responsáveis estão tão envolvidos que o projeto se confunde com sua vida pessoal”. Esse ponto de vista é colaborado com a apresentação da fala do narrador: “Outros voluntários também relatam que ter contato com a realidade dos migrantes é transformador”.

Como parte dessa maneira de apresentar os interlocutores, o enunciador recorre ao *páthos* do enunciatário, que se vê solidário para com o trabalho desempenhado na universidade. O enunciatário entende como verdadeira a afirmação de ser esse um projeto realmente acolhedor. Assim, entende que o imigrante também o “integra”, como foi apontado por uma das voluntárias ouvidas.

Existe novamente uma figura de linguagem de gradação: “realização de atividades de caráter cultural, de suporte à educação, de formação e complementação na dimensão humana, social e comunitária”. O projeto abrange: primeiro, o humano, tido como de caráter mais geral (como quando se pensa na própria inclusão num país desconhecido); depois o social, um nível intermediário (como a busca de um emprego, por exemplo); e o comunitário, o convívio cotidiano (como uma conversa com vizinhos, uma ida à padaria).

O enunciatário começa a entender que o imigrante *pode-ser* parte de sua rotina, o convívio é possível. Nesse caso, a polêmica ganha uma *quase-presença* átona. Porém, é demasiadamente átona para que seja comparada em graus próximos aos demais textos: sendo assim, também não parece um texto apto para ser incluído, no cotejo dos demais que formam nosso *corpus*, como de *estilo polêmico*. A polêmica existe, na medida em que se apresenta a existência de duas identidades diferentes (o nacional e o estrangeiro). Entretanto, ela é fraca, bastante fraca, pois, conforme a construção textual, as diferenças não são os elementos a serem destacados: afinal, somos todos humanos e “a primeira função é acolher o humano”. Dessa maneira, temos o seguinte gráfico que colabora com a percepção da *quase-presença* da polêmica, mas, desta vez, de forma átona. É, de acordo com a Sociossemiótica, um regime de interação de ajustamento, “o modelo em que os parceiros da interação, sentindo a maneira de agir um do outro, vão construindo *in fieri* os princípios da relação” (Fiorin, 2014, p. 9 [prefácio]). A nosso ver, é mais um acolhimento, uma receptividade forte para com o outro.

Gráfico 22 - Gráfico da gradação como figura-retórica no “Enunciado 8”



Fonte: Elaboração própria.

Colocamos o “acolhimento” como a intensidade pois é o elemento ligado ao sensível e como extensidade o progresso na “integração na comunidade sul-mato-grossense”, pois é a meta a ser cumprida pelo projeto ao longo do curso. Observa-se que, quanto mais o acolhimento é intensificado, mais a formação comunitária (a mais íntima) tende a aumentar. O maior grau de acolhimento é a “experiência transformadora”, comentada, inclusive, por uma das entrevistadas; e o ato de ensinar o português é somente seu menor grau.

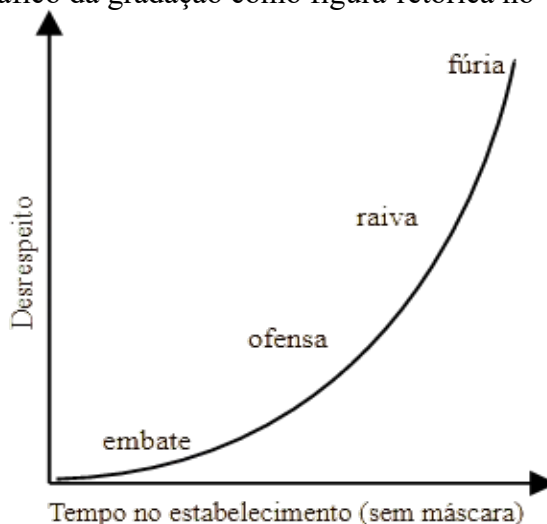
Com relação à história do cliente na sorveteria, o texto se formula em um *não poder fazer* e um *não poder não fazer*. Estamos num momento diferente daquele apontado nos “Enunciados 1” e “2”, em que vários estabelecimentos estavam fechados. Já é possível frequentar comércios não essenciais, mesmo assim, é preciso seguir uma série de regras; entre elas, usar máscaras e manter distância de ao menos um metro das demais pessoas. Quem entra num local fechado *não pode usar* máscara de forma inadequada e *não pode não usar* o acessório. O enunciator é a jornalista que reporta a história enfatizando a *antítese* entre a atitude da proprietária (que seguia a norma) e a do cliente (que descumpria).

Se comparada aos demais textos de nosso *corpus*, este tem um embate mais evidente. É de forma direta, frente a frente, que comerciante e cliente se veem em desavença. A polêmica vai ficando mais densa.

Ironicamente, o cliente diz que chamará a polícia, como se um direito seu tivesse sido retirado de forma injusta. Se entendermos: o sentimento de desrespeito sentido pela proprietária e pelo cliente (ela, por não ter sido atendida – embora a faixa, os cartazes no estabelecimento e a própria lei a apontem como aquela que toma a atitude correta –; ele, por

se sentir, erroneamente, insultado) como a dimensão sensível; e o tempo em que ele permaneceu no estabelecimento sem a máscara como a dimensão inteligível, podemos formular o seguinte gráfico da antítese entre as posturas dos envolvidos nessa polêmica.

Gráfico 23- Gráfico da gradação como figura-retórica no “Enunciado 7”¹⁰⁴



Fonte: Elaboração própria.

Observamos que, quanto mais o tempo de permanência do cliente sem a máscara no estabelecimento se estende, mais o sentimento de desrespeito paira sobre ambos os envolvidos. A proprietária passa, diretamente, do embate em somente dizer para ele colocar a máscara certa à raiva e à fúria indicando não somente o dedo para o acessório, mas em direção à porta, no sentido de solicitar que o cliente saia do local.

De maneira parecida, o cliente sai do embate em dizer que não cumprirá a normativa (afirmando, inclusive, que chamará a polícia para garantir o ‘não uso’: o que, provavelmente, seria um blefe; tendo em vista que a polícia deveria, se convocada, fazer cumprir a regra) para a ofensa (dirigi-se diretamente com o dedo em riste e falando de forma veemente com a comerciante), para a raiva (ao aumentar o tom de combatividade) e, ao final, para a fúria, porque parte para o chute no balcão.

Existem, no conjunto desses textos (analisados desde “3.3 O Eu, o Outro e o Entre”), também elementos de negatividade (Bertrand, 2011). Dentre aqueles enunciados que incluiremos na nossa proposta de formulação de uma tipologia da polêmica, podemos apontar esses elementos conforme a seguir:

¹⁰⁴ Assim como nos casos do “Quadro 13” e do “Gráfico 14”, a cólera poderia ser incluída no presente gráfico caso levássemos em consideração uma evidente agressão por “vias de fato” por parte do cliente da sorveteria.

1) No “Enunciado 4”:

a) por modalização: as pessoas em situação de rua modalizadas pelo *querer* comer (elas performarem pedindo ajuda nas casas ou, quando não têm sucesso – o que acontece com bastante recorrência – aguardando as marmitas dos voluntários). Os residentes têm suas ações moduladas pelo *não querer* se aproximar dos pedintes.

b) de maneira actancial: embora a *fome* pudesse ser entendida como um destinador, nos parece que uma distinção mais precisa seria pontuá-la como uma sanção aplicada pelos residentes das casas. É uma disputa, polêmica, entre actantes coletivos (moradores de rua/miseráveis vs. classe média/alta). O morador de rua é obrigado a performar sempre pedindo ou esperando ajuda (o que o coloca sempre em passividade). A atividade só vem quando dividem entre “os irmãos” (“Se um irmão chega com uma sacola de comida e quer dividir”), mesmo assim, essa divisão de alimento também só foi possível pela ajuda alheia.

c) de maneira qualitativa: a atitude maléfica dos residentes mostra uma divisão explícita entre o Eu e o Outro. Ela questiona o merecimento daquelas pessoas em receberem algo simplesmente por não estarem no mesmo patamar dos residentes (diferentemente deste, aqueles não contribuem para crescimento da sociedade, representam perigo, representam doença, são, em última instância, sujeitos: “o povo já tinha nojo da gente”);

d) de forma relacional: pois há uma dualidade de termos (Eu vs. Outro). Uma relação conflituosa difícil de ser vencida por aqueles das ruas, pois eles sequer podem se aproximar (“lá de dentro, já todos de máscara e ‘encapados’, só balançam a mãozinha”).

e) de maneira axiológica: essa distinção entre Eu e Outro é ideológica, pois está demarcada não nas atitudes propriamente ditas dos moradores em situação de rua, mas por sua simples característica de viver na rua (o ideal imaginário de uma sociedade e que os cidadãos que têm direitos devem possuir moradias: próprias, alugadas, compartilhadas etc.)

Os moradores de rua têm medo de morrer de fome. Os residentes não só têm medo de serem acometidos pela doença que poderia advir dos moradores de rua, mas essa paixão do medo esconde, na verdade, um sentimento de aversão (como pontuamos no “Quadro 13”) que já remonta de uma atitude de desprezo das classes média e alta (visto que, tradicionalmente, são essas classes as que possuem moradias na região central das cidades) pelo miserável.

2) No “Enunciado 5”:

a) por modalização: a universidade *quer* que o indígena siga as medidas sanitárias.

b) de maneira actancial: a universidade é um destinador que age por manipulação frente ao indígena que, tendo agora uma cartilha em sua língua, não teria como se recusar

(alegando ignorância) em seguir os preceitos médico-sanitários prescritos pelas autoridades. Por persuasão, o destinador coloca conhecimentos indígenas (como o uso de ervas) entre os preceitos. Dessa maneira, apela também ao emocional do enunciário que vê o indígena sendo respeitado por ter suas tradições incluídas entre os conhecimentos da universidade. O indígena é obrigado a performar buscando não só as ervas tradicionais, mas, conjuntamente, as medidas da sociedade envolvente (distanciamento social, uso de máscara, vacinação etc.);

c) de maneira qualitativa: o questionamento sobre a individualidade do indígena é posto de forma mais branda que nos demais casos (É importante reforçar que as plantas são utilizadas em rituais, seguindo um modo de preparo adequado, sob orientação de anciãos e especialistas indígenas”). Por isso, inclusive, esse enunciado é, em nossa tipologia, um dos tipos mais átonos de polêmica.

d) de forma relacional: indígena vs. não indígena são colocados em concorrência. Porém, a polêmica se instala porque não é uma relação horizontal. As tradições indígenas foram acrescentadas na cartilha como ação de manipulação para que os indígenas seguissem os preceitos médico-sanitários do não indígena (esses sim essenciais, conforme o texto).

e) de maneira axiológica: há uma distinção de valores natural vs. cultural. Embora o texto fale em “aspectos ritualísticos tradicionais” (o que acenaria para a existência de uma cultura rica), o indígena é, novamente apontado como um ser ligado à natureza (pois sua cultura inclui usar plantas coletadas nas proximidades das aldeias, algo, erroneamente, mais ligado ao natural que ao cultural); diferentemente do ‘conhecimento’ das universidades (esse sim, seria imbuído de estudos científicos, ou seja, produto de uma cultura mais civilizada); uma forma de pensamento retrógrado (ainda que inconsciente) possível de ser inferido do texto. Se retornarmos ao trecho: “Essa parceria é muito importante, pois os profissionais da UFGD envolvidos no processo de prevenção e solidariedade, além de contribuírem com a população indígena, que é mais vulnerável, *protegem também a sociedade não-índia*”. A intenção seria proteger as duas, proteger essencialmente a sociedade indígena ou proteger essencialmente a sociedade não indígena? Pelo texto, a resposta não fica evidente.¹⁰⁵

3) No “Enunciado 6”:

a) uma distinção por modalização: o Poder Público (promotor de Justiça) *quer* que a

105 Entretanto, se levássemos em consideração o fato de as aldeias em Dourados serem urbanas, ou seja, próximas à população não indígena, talvez seja um pouco mais fácil deduzirmos que a preocupação maior pode não ser a proteção da saúde do indígena, mas a dos não indígenas. Até mesmo porque muitos dos indígenas frequentam espaços fora das aldeias por motivos diversos (para ir ao trabalho, para buscar atendimento em serviços do poder público ou de estabelecimentos comerciais etc.). Haveria, portanto, um *medo* instalado, implicitamente, no texto: o da população não indígena ser contaminada pelo indígena; que seria, por essa leitura, muito maior que o medo de presenciar o indígena sendo acometido pela doença.

população siga os preceitos sanitários. A moradora do centro da cidade tem, por sua vez, as ações moduladas pelo *não querer* seguir essas normas.

b) de maneira actancial: indiquemos, para exemplo, o programa narrativo em que o Poder Público que indicou os indígenas como grupo preferencial para recebimento da vacinação. Nesse programa, o Poder Público, por intermédio do promotor de Justiça, é o destinador e sanciona a moradora do centro da cidade de Dourados sendo denunciada pelo crime de preconceito. Ela não performou como deveria (aceitar, pacificamente, a prioridade dos aldeados);

c) de maneira quantitativa: a moradora do centro da cidade define um grupo que deve ser apartado de seus direitos: indígenas (comparados a bandidos).

d) de forma relacional: existe um embate demarcado entre indígena e não indígena baseado num regime de exclusão.

e) de maneira axiológica: a moradora do centro da cidade é implacável em sua reclamação sobre a preferência aos aldeados pela vacinação. É uma defesa de pontos de vistas calcados em percepções morais, por exemplo: trabalhadores (nós) vs. bandidos (eles).

Podemos apontar também no “Enunciado 7”:

a) uma distinção por modalização: a proprietária segue (é modalizada pelo *dever* seguir) e *quer* que o cliente siga os preceitos sanitários. Este, por sua vez, é modalizado pelo *não querer*.

b) de maneira actancial: a proprietária tentar promover uma sanção, expulsando o cliente de seu estabelecimento. Apesar de ofendê-la e bater no balcão, ele não tem alternativa a não ser se retirar (mesmo demonstrando explicitamente contrariado);

c) de maneira quantitativa: a proprietária é a figurativização da norma estabelecida (é *dever* de todos usar a máscara corretamente) e o cliente é a quebra da norma. Até pelo fato de ser apresentada como exceção na reportagem, a atitude do cliente é vista quantitativamente como aquela tomada pela minoria e não pela maioria das pessoas;

d) de forma relacional: existe um embate num regime de segregação (até o momento em que se coloca o dedo em riste, assim que parte para o chute caminharíamos provavelmente para a exclusão).

e) de maneira axiológica: é um embate entre os que estão defendendo uma atitude de proteção da saúde e os que estão provocando o risco à saúde. Isto é, em última instância, entre aqueles que favorecem a manutenção da vida contra aqueles que podem provocar a morte.

Também a respeito das tipologias de Landowski (2019), focalizadas por nós na seção

“3.2 Afeto e efeito”, mostra-se presente nos demais textos. O comentário *online* reclamando da prioridade dos indígenas para vacinação é um exemplo de *exclusão*. O ‘enunciador n. 1’ (a moradora do centro de Dourados) quer suprimir de todas as formas a participação do ‘enunciador n. 2’ (o indígena da aldeia urbana) do convívio em sociedade não indígena. Para ela, o indígena deveria estar preso (como um “bandido”, ao que ela analogamente o comparou): se não preso em uma sela penitenciária, confinado em sua aldeia. E ele não pode receber nenhum serviço ou direitos de forma prioritária (apesar de suas condições de vida – morar em aldeia com poucos recursos providos pelo Poder Público perante outras localidades daquele município – requisitarem tais auxílios), como a vacinação contra coronavírus ser aplicada primeiramente nesse grupo de pessoas, por exemplo.

Com relação à segregação, vemos quatro dos textos analisados possíveis de serem indicados nessa categoria: as ofensas e dedo em riste de cliente na sorveteria em Campinas; a atitude dos moradores das casas com relação aos da rua em Belém; as falas dos líderes religiosos Edir Macedo e Nivaldo Ferreira, respectivamente, contra e a favor da ordem de fechar estabelecimentos; a propaganda institucional “Coronavírus: a balada pode esperar”.

Entendemos que a segregação tem a ver com a separação de sujeitos com base em características específicas, como, por exemplo, uma deficiência física ou mental, uma religião diferente da majoritária, fenótipos como a cor da pele (“racismo”). Vemos, nisso, uma possibilidade de gradação:

Embora haja modos e modos de separar e de “segregar” e uns possam parecer-nos mais inofensivos, outros francamente bárbaros (pois todos os graus são possíveis, entre, por exemplo, o fato “anódino” [inofensivo, insignificante], de esnobar seu vizinho fazendo-o sentir gentilmente que, por alguma razão, ele não poderia fazer parte do círculo de íntimos e, aquele considerado “desumano”, de delimitar, pela lei ou pelo costume, zonas geográficas, profissionais, ou outras reservadas a esta ou àquela classe de párias), todos eles manifestam, em profundidade, aquela mesma ambivalência que tentamos caracterizar entre *impossibilidade de assimilar* – e, portanto, de tratar o Outro realmente “como todo mundo” – e *recusa de excluir* (no sentido estrito). (Landowski, 2019, p. 17, grifos do autor)

Como o próprio Landowski (2019, p. 17) fala em “graus possíveis”, os enunciados que indicamos se configuram gradativamente também com relação aos aspectos de segregação. Mais um elemento que nos possibilita a categorização de uma tipologia da polêmica (como veremos em breve, no próximo tópico). Podemos afirmar que aqueles que assistem à peça propagandística para alertar a população sul-mato-grossense sobre os riscos da aglomeração quando da aproximação das festividades de Fim de Ano, tendem a segregar

aqueles que não cumprem essa regra. Porém, essa forma de segregar está distante daquela que Macedo impõe aqueles que não querem ir à Igreja fisicamente. Notemos que ambos os casos não são de exclusão: o governo não quer que o cidadão que não cumpra a regra seja alijado da sociedade (ao contrário: paradoxalmente, ele quer que este esteja próximo, mas dentro dos requisitos médico-sanitários de distanciamento); o pastor não quer expulsar o fiel, ele enuncia causando efeito de sentido sobre aquele que *não quer* lhe obedecer (ou aquele que *não crê* em sua palavra) seja sancionado como um ente em desarmonia com seu grupo religioso.

Como vimos nesta seção, as *figuras retóricas*, os regimes de interação afetados por medo e negatividade são características comuns nos enunciados. A indicação desses elementos nos auxiliou: a mostrarmos que a polêmica se adensou no grupo desses enunciados; e que, por retenção e protensão, podemos perceber que há um estilo polêmico permeando esse conjunto de textos. Unindo o corpo polêmico observado enquanto *ator enunciativo* (o que vimos no “Capítulo III”, sobretudo) e enquanto *estilo*, podemos especificar nossa categorização da polêmica. Discini (2015) formulou que a quase-presença é a medida da representação estilizada do *ator enunciativo* (possível de ser averiguada num texto e num conjunto de textos). Nós, a partir disso, indicamos que a polêmica também pode ser mensurada por sua própria *quase-presença*: há um ator enunciativo polêmico que torna a polêmica mais ou menos espessa; há um estilo polêmico que revela de maneira mais ou menos evidente a polêmica.

4.2 Uma proposta tipológica para a polêmica

No decorrer da tese, elegemos uma *totalidade* (o princípio condutor de um *estilo* encontrado dentre um conjunto de unidades textuais) e várias *unidades* (possuidora, cada uma, de um *ator enunciativo*). Discini (2015, p. 34) afirma que há “uma presença em transição (*quase-presença*) entre o todo integral e a unidade integral”. Como a *quase-presença* desse *corpo* é vista com maior ou menor densidade, existe a possibilidade de graduarmos a polêmica. Esse é nosso objetivo geral. Portanto, neste tópico, apresentaremos uma proposta tipológica para a polêmica, categorizada conforme sua densidade.

Um *corpo discursivo*, ao mesmo tempo, percorre todos os níveis de uma unidade (firmando-se como *ator da enunciação*) e se perfaz numa totalidade (quando se efetiva em *estilo*). Para indicar a espessura da manifestação de um *corpo* como *estilo*, Discini (2015) faz uma alusão aos diferentes modos de existência: potencialização, virtualização, atualização e realização. A autora chega a essa definição por meio de um cotejo de análises encontradas no “Dicionário de Semiótica” (Greimas; Courtés, 2008), em “Tensão e significação” (Fontanille; Zilberberg, 2001), nos “Elementos de Semiótica Tensiva” (Zilberberg, 2011) e na “Semiótica à luz de Guimarães Rosa” (Tatit, 2010). Por meio desse compêndio, Discini (2015, p. 47-52) coloca a densidade e o impacto da *quase-presença*: virtualizada no nível fundamental; atualizada, no narrativo; realizada, no discursivo; e, potencializada no nível tensivo, que transcorre pelos demais.

Acompanhando o raciocínio da autora, podemos pensar no *corpo polêmico* percebido como uma *quase-presença*: atualizada no nível fundamental das unidades da totalidade; virtualizada no nível narrativo das unidades da totalidade; realizada, no discursivo; e potencializada no nível tensivo. De tal maneira que sua *quase-presença* pode ser mais ou menos percebida pelo enunciatário em cada uma das unidades. E esse *mais* ou *menos* define a qual será sua categoria (de acordo com a tipologia que indicaremos).

Recordando que a etimologia da palavra polêmica remonta à guerra, ela sempre será ligada a uma ideia de conflito. A partir desse entendimento, defendemos alguns princípios e termos-chaves para nossa categorização:

1) Por meio de Discini (2015):

- a) o fragmento (unidade textual) possibilita a percepção do *corpo* como *ator enunciativo*;
- b) o conjunto (totalidade de textos) possibilita a percepção do *corpo* como *estilo*;
- c) os rastros deixados pelo *ator enunciativo* em cada um dos níveis do percurso

gerativo de sentido de um texto (mais no discursivo; um pouco menos no narrativo; e, menos ainda, no fundamental) e na confrontação (procura por semelhanças) entre os textos que formam o conjunto a ser analisado são verificáveis por uma medição denominada *quase-presença* (que pode ser mais ou menos densa).

2) A polêmica é feita por meio de um procedimento de mistura ou de triagem.

3) Por meio da Sociossemiótica, entendemos que a polêmica é uma relação conflituosa entre sujeitos; assim:

a) comporta um *Eu* a se portar, com determinado *éthos*, mediante o *Outro*;

b) comporta um *Outro*, cuja imagem será valorada a partir do *Eu*;

c) comporta uma relação *Entre* o *Eu* e um *Outro* que configura uma noção de identidade e/ou de alteridade.

4) Esse conflito pode ser mais tônico ou mais átono na dimensão intensiva e mais difuso ou mais concentrado na dimensão extensiva.

5) Cada enunciador envolvido numa polêmica terá um objetivo específico de acordo com a variação tensiva da polêmica em que está inserido.

Além do exposto, a sùmula dos tipos polêmicos é formulada pelo *afeto* que causa efeito de sentido sobre o enunciatário. Não há polêmica sobre coisa nenhuma; afinal, uma polêmica se dá a partir de um contrato tácito entre sujeitos que admitem a existência de um tema em contenda e apresentam sobre ele pontos de vistas diferentes.

Diante do apresentado, sugerimos a seguinte tipologia para a polêmica:

Quadro 15 - Tipologia da polêmica

<u>Elementos da quase-presença</u> ↓	<u>Tipos de polêmica</u>			
	<u>Contraposição</u>	<u>Controvérsia</u>	<u>Resistência</u>	<u>Embate</u>
<i>Objetivo</i>	Contradizer	Disputar	Objetar	Rechaçar
<i>Intensidade</i>	Mais átona	(-) → (+)	(-) → (+)	Mais tônica
<i>Extensidade</i>	Difusa	(-) → (+)	(-) → (+)	Concentrada
<i>Procedimento</i>	Maior mistura	(-) → (+)	(-) → (+)	Maior triagem
<i>Densidade de presença</i>	Menos densa	(-) → (+)	(-) → (+)	Mais densa
<i>Postura do Eu</i>	Opositiva	Competidora	Relutante	Repelente
<i>Relação Entre o Eu e o Outro</i>	Segregação (não conjunção)	Segregação (não conjunção)	Segregação (não conjunção)	Segregação (não conjunção)
<i>Visão sobre o Outro</i>	Contrário	Antagonista	Ameaçador	Repugnante

Fonte: Elaboração própria.

Na tabela, os constituintes são assim definidos:

a) os “Elementos da *quase-presença*” são também *componentes do corpo* porque deixam rastros nas unidades textuais (cada um dos enunciados que analisamos até este momento) e efetuam-se na totalidade (o conjunto desses enunciados).

b) o “Objetivo” refere-se ao propósito do embate, à meta que, porventura, se queira atingir no decorrer da contenda. Está ligado a uma intencionalidade.

c) “Intensidade” e “Extensidade” são as dimensões tensivas.

d) “Procedimento” diz respeito às atividades de mistura e de triagem, sendo que a *Contraposição* corresponde à maior mistura e menor triagem e o *Embate*, à menor mistura e à maior triagem.

e) “Densidade de presença” diz respeito à consistência da *quase-presença*, ou seja, o quanto conseguimos mensurar as marcas da ação de um ator e de um estilo polêmicos. Sendo que na *Contraposição* ela é menos densa e na *Embate* é mais densa.

f) a “Postura do Eu” diz respeito à maneira de se comportar do *Eu*. Em termos semióticos, diz respeito aos perfis ético e pático (ou seja, ao *éthos*). Assim, permite-nos pensar “[...] num ator da enunciação aspectualizado como necessariamente durativo” (Discini, 2015, p. 172), seja enquanto sujeito performativo – “responsável por um agir ético e moralizante” (Discini, 2015, p. 167) – seja nos papéis páticos, “mantidos como uma ‘disposição’ afetiva” (Discini, 2015, p. 172).

g) a “Relação *Entre o Eu e o Outro*” diz respeito às proposições que fizemos a partir dos estudos de Landowski (2012) a respeito da identidade e da alteridade, ou seja, a regimes de interação. São elementos ligados mais ao nível narrativo.

h) a “Visão sobre o Outro” apontariam para tematizações e figurativizações que o ator da enunciação utilizou para definir o Outro. São elementos mais ligados ao nível discursivo.

Como vimos, os itens de “a” a “h” apontam para uma espécie de geratividade dessa tipologia da polêmica. Todas as categorias polêmicas simulam um conflito. Entretanto, quando ela se tipifica como *Contraposição*, a percepção de sua *quase-presença* é a menos densa possível.

Da totalidade de enunciados que indicamos como *corpus*, cinco não entram em nossa tipologia da polêmica: i) o projeto de extensão “Uems Acolhe”; ii) as falas da infectologista e do promotor de Justiça a respeito de moradora que publicou comentário *online* reclamando da prioridade dos indígenas para vacinação; iii) o trecho da briga entre o cliente e a dona da

sorveteria, quando este quase comete uma contravenção de vias de fato e também chuta móvel do estabelecimento; iv) a cartilha feita pela UFGD no idioma guarani sobre medidas sanitárias visando à diminuição do contágio de Covid-19 nas aldeias; v) comentário *online* reclamando da prioridade dos indígenas para vacinação. Os dois primeiros contêm uma polêmica irrisória e tendem ao que poderíamos, semelhantemente a Dascal (2008), afirmar ser *uma questão que pode ser resolvida*. Neles, não se pretende dar continuidade a um discurso polemizador, mas entrar em consenso.

Chamaremos o texto “i)” de *Concurso*: isso significa que o objetivo fundamental dos enunciadores é o *convívio* e, por isso, o Eu se entende como um sujeito convivente e vê o Outro como um congênere convivente. Eles admitem a existência da divergência, mas são modalizados pelo *crer* na obrigação de manter a coexistência e, geralmente, o Eu pensa em amparar o Outro. O objetivo é a convivência mútua e a correlação entre eles é de *acolhimento*.

Chamaremos o texto “ii)” de *Tolerância*: o objetivo é consentir a existência e os direitos do Outro. Há, em ambos, um nível de admissão: o Outro é aceitável.

O “iii)” extravasa qualquer contenda possível de ser discutida na troca de palavras (ainda que fossem insultos); ou seja, vai além do limite conceitual da polêmica como entendemos nesta tese. Todavia, o trecho em que o cliente discute com a comerciante nos interessa e será levado em consideração, pois havia uma contenda sem agressões físicas envolvidas.

O “iv)” é um texto de admissão porque admite a existência de um outro, mas quer com ele concorrer. Podemos chamar esse tipo de texto de *Concorrência*. Concorrer possui duas acepções: “contribuir, cooperar”; “competir” (Cunha, 2021, p. 169). A cartilha em língua indígena compete com outros documentos em português – que já haviam sido entregues nas aldeias. O objetivo é persistir: a língua guarani persiste, apesar de a sociedade envolvente falar português. A postura dos indígenas é desprendida com relação à diferença com a língua portuguesa. Esse sujeito vê a língua portuguesa como coincidente com a sua (elas coincidem – coabitam um mesmo mundo, uma mesma sociedade: a douradense). Se houvesse, portanto, assim como em “i)” e “ii”), um resquício de contenda nesses enunciados, ele seria demasiadamente átono – conforme nossa metodologia – para que se configure uma polêmica.

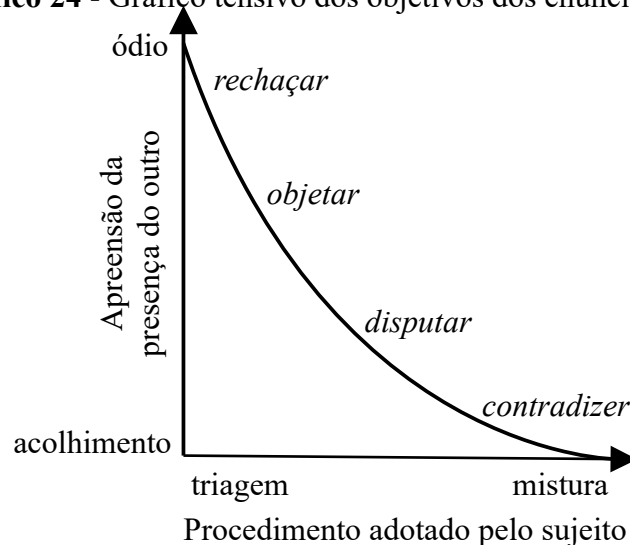
O “v)” é, por seu turno, demasiadamente tônico, próximo ou até mais radical que o cliente que quase agrediu a proprietária da sorveteria. Esse texto é exemplo de *Intolerância*, atitude que extrapola a polêmica como a vemos nesta tese. A exclusão é inflexível. O Outro é encarado como insuportável diante de uma postura supressora do Si. O comentário criminoso postado em rede social reclamando das medidas do Ministério da Saúde em privilegiar os indígenas aldeados para

vacinação contra a Covid-19 em Dourados (MS) apresenta um ódio é instalado e não há mais diálogo possível. Tanto que a maneira de manter contato por parte do indígena foi ser irônico.

O caminho *Contraposição* → *Controvérsia* → *Resistência* → *Embate* é o do recrudescimento da polêmica. Queremos com isso dizer que: quanto mais o Eu se verter para o entendimento do Outro, menos a polêmica se instalará; e, quanto mais dele se preservar, mais a polêmica se manifestará.

Vimos na rede tensiva representada no “Quadro 15” que a *Relação Entre o Eu e o Outro* é atrelada às nossas análises inspiradas também na Sociosemiótica (Cf. subitem “3.3. O Eu, o Outro e o Entre”), nesse sentido: *Concurso* refere-se à relação que denominamos de acolhimento; a *Tolerância*, à que definimos (pleonasticamente) tolerância; e *Intolerância*, à que Landowski (2012) definiu como exclusão. Representam, assim, respectivamente, duas conjunções (extrema e forte) – até por isso, fora de nossa tipologia da polêmica – e uma disjunção. Os demais elementos, nos termos de Landowski (2012), são formas de segregações. Dito isso, é congruente definirmos o gráfico seguinte:

Gráfico 24 - Gráfico tensivo dos objetivos dos enunciadores polêmicos



Fonte: Elaboração própria.

Traduzimos o gráfico assim:

1) a “apreensão da presença do outro” é o eixo da intensidade porque, quando entendido de forma polêmica, o Outro é percebido pelo Eu de maneira abrupta. O Eu está envolto em seu estado sensível. Esse outro causou uma impressão eufórica (acolhimento) ou disfórica (ódio).

2) é somente com o passar do tempo que o Outro que abruptamente invadiu o campo

de presença começa a fazer sentido para o Eu. Por isso, “procedimento adotado pelo sujeito (nesse caso, o Eu)” é o eixo da extensidade. O Eu pode iniciar um foco para melhor definir o que fará em relação à alteridade. Se vai querer tê-la mais próximo (e procederá fazendo uma mistura) ou mais distante (e procederá realizando uma triagem).

3) é a confluência entre o que sentiu e o que passará a pensar sobre o Outro que definirá a ação a ser tomada pelo Eu (suprimir, rechaçar, objetar, disputar, contradizer ou persistir):

a) se mais próximo ao ódio foi o sentimento que afetou o Eu quando de seu encontro com o Outro, e mais sua intencionalidade o tenha levado a promover uma triagem (ou seja, a querer se distanciar do Outro), mais tenderá ao rechaço, ou à supressão.

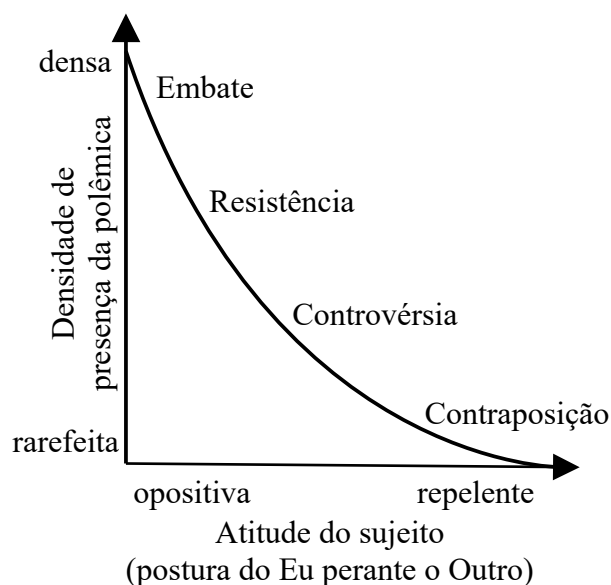
b) se, ao contrário, o Eu tende a querer misturar-se com o Outro, mais a caminho da persistência estará.

Observemos que o acolhimento é quase ilusório, é átono em demasia numa escala sensível que elencamos até o ódio: e, por isso mesmo, fora de uma tipologia polêmica. Sendo assim, mesmo que a confluência entre as dimensões sensível e inteligível indique um acolhimento-mistura, o objetivo é persistir (em coexistência), mas nunca em pleno convívio. Se não fosse assim, não teríamos mais polêmica, mas estaríamos falando sobre o que denominamos de *Concurso e Tolerância*.

Nomeamos de Concurso porque o termo remete a confluência, a cooperação, a uma “circunstância de duas ou mais coisas se encontrarem juntas num mesmo ponto ou local; encontro” (Michaelis, 2023, s. p.). Pensamos na concepção de duas orientações opinativas (dois cursos) que *confluem* simultaneamente. Por sua vez, indicamos como Tolerância porque vemos esse termo de forma um tanto quanto pejorativo. Tolerar é sinônimo de “suportar” (Cunha, 2021, p. 638). Toleramos uma coceira, por exemplo. Isto é, sua presença é ainda um incômodo. Nesse sentido, é como se o sujeito admitisse a existência do diferente, mas, embora seu *status* é de não disjunção, *não quer* relações muito estreitas com esse diferente. Age, portanto, de maneira condescendente e vê o Outro como aceitável. Porém, isso está um tanto longe de um embate polêmico.

Com o “Gráfico 23”, demonstramos a tipologia a partir da “apreensão do Outro”. O próximo gráfico apresenta uma proposta de gradação conforme a densidade de presença da polêmica propriamente dita.

Gráfico 25 - Gráfico tensivo dos tipos de polêmica



Fonte: Elaboração própria.

Interpretamos o gráfico desta maneira:

1) a “Densidade de presença da polêmica” é o eixo da intensidade porque é o que sobrevêm ao enunciatário (por meio de uma retenção-protensão). Se mais bem percebida pelo enunciatário, mais densa. Se menos explícita, mais rarefeita.

2) a “atitude do sujeito” é o eixo da extensidade porque para que uma atitude (por parte do enunciatário, por exemplo) seja tomada, é preciso um decorrer de tempo (menor ou maior). Se, com o período de contato com o texto polêmico, o enunciatário percebeu que há uma persistência entre os envolvidos, verificará que existe uma *Contraposição*. Se, por outro lado, percebeu uma maior supressão, notará um *Embate*.

A propaganda institucional do governo de Mato Grosso do Sul é exemplo de *Contraposição*. O objetivo do Poder Público era contradizer aqueles que viam uma festa (como Letícia e suas amigas) um evento ainda possível sem os devidos cuidados (uso de máscaras, distanciamento etc.). Trata-se de uma postura opositiva com relação a quem pensava dessa forma. A visão sobre o outro era a de um ser contrário. A relação só pode ser de segregação: é preciso se distanciar das pessoas que não se cuidam. O corpo da polêmica, aqui, começa a ganhar mais densidade.

Os pronunciamentos dos líderes religiosos (“Enunciados 1 e 2”) são exemplos de *Controvérsia*. Tanto Edir Macedo quanto Nivaldo Ferreira têm o objetivo de disputar a opinião pública. Eles usam como argumentos histórias bíblicas e tentam, com isso, vencer a disputa. Cada um é um Eu que apresenta uma postura competidora e vê aquele que pensa

diferente como um antagonista: daí, também, advém o fato de o líder evangélico opor Deus a Satanás e o líder católico, Jesus a assassinos.

A *Resistência* tem como meta objetar o ponto de vista de seu rival. É uma postura relutante às transformações. O Outro é visto como ameaçador. Indicamos como exemplo o “Enunciado 4”, o embate entre os moradores de rua de Belém e os que vivem em casas na região central da capital paraense. Os residentes queriam distância dos que estavam nas ruas, mantendo uma espécie de segregação.

O *Embate* é quase a linha limite de nossa categorização. O Eu tem o objetivo de rechaçar o Outro. Assim, age de forma repelente diante de um Outro visto como repugnante. Nosso exemplo é o caso de desobediência do cliente da sorveteria.

Quadro 16 - Tipologia da polêmica na totalidade do corpus

<u>Tipos de polêmica</u>	
<u>Embate</u>	Ofensas e dedo em riste de cliente na sorveteria em Campinas (SP).
<u>Resistência</u>	Atitude dos moradores das casas com relação aos da rua em Belém.
<u>Controvérsia</u>	Falas dos líderes religiosos Edir Macedo e Nivaldo Ferreira, respectivamente, contra e a favor da ordem de fechar estabelecimentos.
<u>Contraposição</u>	Propaganda institucional do governo de Mato Grosso do Sul (“Coronavírus: a balada pode esperar”).

Fonte: Elaboração própria.

Para Discini (2015, p. 47-52), a densidade da *quase-presença* é percebida virtualizada no nível fundamental, atualizada no narrativo, realizada no discursivo e potencializada no nível tensivo. Podemos observar essa propositura em nosso *corpus*.

Os “Enunciados 1 e 2” são discursos religiosos. De acordo com a Semiótica, esse tipo de discurso “[...] tem como paradigma básico a tensão entre o sagrado e o profano; essas duas categorias pertencem a estilos axiológicos distintos [...]” (Zilberberg, 2004, p. 82). Esse é o nível fundamental dessas duas unidades. É possível, pela distinção clara entre os dois termos, observarmos que o texto se configura em dissenso. Já existe uma polêmica virtualizada.

Ela é virtualizada porque ainda não se adensou completamente. Porém, podemos afirmar que a polêmica já está *quase-presente* (se corporificando) porque a categoria semântica é uma pista de sua existência. Afinal, uma categoria, do ponto de vista da Semiótica Discursiva, fundamenta-se justamente numa diferença/oposição, cujos termos

mantêm entre si uma correlação de contrariedade.

Se a categoria mostra a semântica do nível fundamental, sua sintaxe possui duas operações: asserção e negação. Quando Edir Macedo diz que o vírus é “mais uma tática de Satanás”, afirma o profano. Quando pede para que o fiel atente-se às “coisas que não se veem”, afirma o divino.

Por seu turno, quando Nivaldo Ferreira interroga seus fiéis [“quem me deu a vida, te deu a vida e nos dá a vida”], ou quando enuncia “Deus pode nos alimentar e nos transformar em pessoas humanizadas”, afirma o divino. Cada um estruturou de maneira diversa o seu pensamento, mas ambos colocaram o divino como eufórico e o profano como disfórico, demonstrando, assim, posturas de líderes religiosos, e apresentando uma polêmica diante de seus enunciatários.

O “Enunciado 3” mostra vida *vs.* morte em seu nível fundamental. De tal maneira que Letícia buscou aproveitar a vida ao se divertir com as amigas, mas viu o pai sob real risco de morrer quando o contaminou. Há uma afirmação da vida enquanto Letícia está alegre e uma negação dessa vida quando o pai está internado.

A igualdade *vs.* a desigualdade formula o nível fundamental do “Enunciado 4”. Os moradores das residências não ajudavam os da rua em Belém, enquanto outros voluntários lhes davam comida. Quando a entrevistada dizia “Na rua, todo mundo se trata como igual”, apontava que quem estava em casa não os via sequer como humanos merecedores de atenção e, dessa maneira, assevera a existência tanto da igualdade (objeto valor para os moradores de rua) quanto da desigualdade.

O “Enunciado 5” opõe duas formas de saber: não indígena *vs.* indígena. E a polêmica é virtualizada porque o enunciador se vê diante de um impasse: a cartilha precisa ser feita em guarani para que os indígenas tenham acesso às informações, mas as informações também são de origem da sociedade envolvente.

No “Enunciado 6”, o ódio contrapõe-se à afeição. Enquanto a moradora do centro da cidade ofendia os indígenas das aldeias urbanas em Dourados, uma infectologista e um promotor de Justiça demonstraram uma visão de aceitabilidade dos membros daquele grupo. Quando coloca em dúvida a necessidade de preferência à vacinação para o indígena aldeado, a moradora do centro não apenas indaga sobre algo, mas assevera seu ódio. Por outro lado, os profissionais da saúde e do direito asseveram a afeição, ao se colocarem dispostos a ajudar os indígenas.

Quando o enunciatário lê o “Enunciado 8”, verifica que o projeto de extensão traz à

tona um embate polêmico entre acolhimento e exclusão de uma população formada por refugiados (foram excluídos de seus países), assim, uma polêmica se virtualiza pela categoria nacional vs. estrangeiro. Em que seria preciso entender o que deveria ser levado em conta, a cultura do diferente ou a minha (com minha língua, minha identidade etc.).

Em cada uma das apresentações do nível fundamental (de cada unidade textual da totalidade dos textos), instala-se uma polêmica virtualizada, cuja *quase-presença* será sentida mais densamente quando sua manifestação for mais consistente. O que ocorre, segundo Discini (2015), nos outros níveis do percurso gerativo de sentido. Porém, como vimos, a polêmica não se adensa suficientemente em alguns desses textos – a ponto de ser realizada –, por isso, não os indicamos em nossa tipologia.

Pode parecer óbvio, mas é bom explicarmos que o nível narrativo condiz com a narratividade e não com a narração. Esta diz respeito a um tipo de texto (o texto narrativo, como o dissertativo, opinativo etc.); aquela se refere a uma transformação de estados observada no decorrer do texto, portanto, presente, segundo a Semiótica Discursiva, em todo e qualquer tipo de texto.

Nos “Enunciados 1 e 2”, os líderes religiosos fazem com que seus fiéis passem de um estado do *não saber* para o de *saber*. No primeiro caso, os evangélicos não sabem que o coronavírus é uma tática de Satanás e, a partir do que Edir Macedo informa, tomam conhecimento disso (o que, pelo texto, toma ares de verdade). No segundo, os católicos não sabem que quem pretende abrir os estabelecimentos comporta-se tal qual as pessoas que preferiram Barrabás a Jesus e o entregaram à crucificação e, com a história bíblica sendo retomada pelo padre, passam a saber.

A vida de Leticia se transforma da alegria para o desespero ao ver o pai internado. Os moradores de rua recebem alimentos dos voluntários e têm o dia transformado: de famintos passam a alimentados (ainda que momentaneamente). Os indígenas, ao receberem a cartilha em guarani (sua língua), têm o cotidiano transformado porque passam a acessar as informações que antes estavam disponíveis somente em português. Os comentários de ódio da moradora do Centro de Dourados são o começo de uma transformação, quando, ao serem lidas pelo promotor, fazem com que ele a identifique como possível praticante do crime de preconceito.

Esses são alguns exemplos das transformações observáveis no nível narrativo. Não existe uma narrativa mínima nos textos, isso é, apenas transformações básicas e/ou pontuais, mas, sim, uma complexidade formada por uma série de enunciados entremeados que

promovem modificações da ordem do ser (sujeitos de estado) e do agir (sujeitos do fazer). Não retomaremos aqui esses pormenores porque foram motivo de nossa atenção no “Capítulo III”, neste momento, cabe lembrarmos que é no nível narrativo, portanto, que a *quase-presença* da polêmica é atualizada. Porque ela se renova numa forma de se contar sobre a mesma categoria polêmica indicada no nível fundamental. Por exemplo, a polêmica entre divino vs. profano virtualizada no nível fundamental dos “Enunciados 1 e 2” foi atualizada pelo complexo narrativo que apresenta a manipulação dos líderes religiosos tentando convencer seus fiéis a não terem medo do coronavírus (no primeiro caso) ou a concordarem com o fechamento de estabelecimentos não essenciais (no segundo caso) e, ao mesmo tempo, terem medo de serem julgados por seus pares de igreja.

É no nível discursivo que a polêmica se realiza porque as tematizações e figurativizações auxiliam a torná-la concreta diante dos enunciatários. A polêmica já está com sua *quase-presença* tão densa que é como se eles pudessem vê-la, ouvi-la ou tocá-la: senti-la.

Como, no “Enunciado 3”, figurativiza-se por meio da confraternização entre Letícia e as amigas. Ou, ainda, a sequência de cenas em que o tubo de respiração, o rosto do pai desacordado, Letícia correndo, tocando a mão na vidraça inconsolável, como a figurativização de uma morte provável, forte demais para não sensibilizar o enunciatário. O apelo à emoção que afeta o enunciatário é grande.

Se lembrarmos, a partir de Discini (2015), que o nível tensivo percorre os outros três níveis, entendemos que faz todo o sentido observar que a *quase-presença* é tensivamente potencializada: afinal, ela é sempre latente. Sempre propensa a ser desenvolvida: de forma virtualizada no nível fundamental; atualizada no narrativo; e realizada no discursivo.

CONCLUSÃO

esses que pensam que existem sinônimos
desconfio que não sabem distinguir
as diferentes nuances de uma cor.
(Quintana, 2005, p. 316)

A imersão em enunciados que aludem a comportamentos de contraposição, controvérsia, resistência ou embate nos mais diversos gêneros discursivos nos mostra que esses vocábulos não são meras possibilidades de sinônimos, mas indicadores de uma gradação da polêmica, afinal: “Os sinônimos, jamais perfeitos, se cotejados como uso linguístico, vinculam-se também a um uso semiótico, para o que se articulam ao esquema de um corpo” (Discini, 2015, p. 180). A alteração entre pontos de vista díspares coloca em xeque a convivência entre os diferentes. Essa perspectiva nos fez pensar em como os processos de significação são transformados diante do impacto do contato entre o Eu e o Outro, sujeitos semióticos dotados de uma capacidade performativa que os torna mutuamente afetados por procedimentos retóricos dos mais variados.

Interações sociais são, por natureza, conflituosas. Como parte integrante de qualquer atividade comunicacional, a polêmica não pode ser extinta. Não à toa, a etimologia dessa palavra remete a *guerra* (Cunha, 2021). Contudo, a polêmica pode ser mitigada.

Se não existe polêmica que não identifique o Outro como alteridade, o conflito se (re)constrói em como cada um expõe suas opiniões no jogo das obrigações e direitos sociais. E as conexões em sociedade são manifestadas em textos passíveis de interpretações por meio da Semiótica Discursiva.

A polêmica não condiz com um diálogo completamente harmonioso. Ela é dialógica no sentido conferido pelo Círculo de Bakhtin¹⁰⁶, mas não no sentido conciliatório, isto é:

Todo enunciado, mesmo que seja escrito e finalizado, responde a algo e orienta-se para uma resposta. Ele é apenas um elo na cadeia ininterrupta de discursos verbais. Todo monumento continua a obra dos antecessores, *polemiza* com eles, espera por uma compreensão ativa e responsiva, antecipando-a etc. (Volóchinov, 2021, p. 184, grifo nosso).

106 O chamado Círculo de Bakhtin refere-se ao grupo de intelectuais russos de diferentes formações acadêmicas que se reunia, sobretudo no final da década de 1910 e início da de 1920, sob liderança de Mikhail Bakhtin. Compunham o grupo os estudiosos Valentin Nikoláievitch Volóchinov, Pável Nikoláievitch Mediviédev, Maria Iúdina, Matvei Kagan, Lev Pumpianski e Ivan Solertinski, entre outros (Grillo; Américo, 2021).

Devido à polêmica estar voltada sobretudo ao público é que incluímos a retórica em nossas análises. Toda contenda exige o convencimento do Outro, seja por argumentos lógicos, seja por argumentos ligados ao afeto. Nos Estudos da Linguagem, a Semiótica Tensiva recupera a retórica às análises discursivas, e a Sociossemiótica avalia a correlação entre identidade e alteridade: por isso, também, adotamos esse conjunto de instrumental teórico.

A polêmica é manifestada quando alguns operadores lhes dão existência, colocando-a em jogo social. O *éthos*, o afeto e a relação entre o Eu e o Outro são os operadores que identificamos como responsáveis por (re)construir e (re)manejar a polêmica.

Para determinado sujeito, é atribuída uma imagem de si. Por meio dessa imagem, um enunciador busca manipular um enunciatário. Não confundindo sujeito com pessoa, entendemos que sujeito cumpre papel narrativo. Um desses papéis é o de destinador, cujo encargo narrativo é manipular e persuadir outro sujeito. Essa influência pode se dar por meio de uma tentação, intimidação, sedução ou provocação. Quando Edir Macedo, por exemplo, afirma “Não se preocupe com o coronavírus. Porque [...] Satanás trabalha com a dúvida. [...] E quando as pessoas [...] ficam em dúvida, as pessoas ficam fracas e débeis” está intimidando o fiel: você não duvide ou fica fraco; se você ficar em dúvida, fica longe da palavra de Deus; se você ficar em dúvida, vai mostrar-se um evangélico de pouca fé (e induz o crente ao medo de ser julgado pelos membros da igreja e de não merecer dela fazer parte).

A Semiótica Tensiva propõe uma gradação que pode ser indicada em gráficos ou redes tensivos formulada pelo entroncamento de duas dimensões, a intensidade e a extensidade. Dessa maneira, um dos pressupostos dessa teoria é que o sensível (os elementos do estado da alma) gere o inteligível (os elementos do estado das coisas). É por pensarmos assim que indicamos, por exemplo, na análise do “Enunciado 3”, uma escala referente às sensações obtidas a partir das observações do *ator* da enunciação. Assim, o *ator* Letícia demonstrou alegria (quando estava bebendo com as amigas em um bar e se aglomerando), relaxamento (quando o pai foi buscá-la), preocupação (quando o pai foi contaminado e internado) e desespero (quando presenciou o pai na UTI e ela não podia sequer se aproximar, tendo de permanecer atrás de uma vidraça sem acesso ao leito).

A Sociossemiótica tenta explicar a significação por meio das práticas sociais. O que importa em suas investigações é, “antes de mais nada, o sentido da presença do Outro, quer ele se encontre diante de nós, ao nosso lado, ou até mesmo em nós” (Oliveira, 2012 [orelha de livro]). É nesse sentido que apontamos o Outro: *diante de nós*, quando recortamos o enunciado a respeito da cartilha em língua guarani, em que um dos entrevistados dizia que os

participantes “envolvidos no processo de prevenção e solidariedade, além de contribuírem com a população indígena, que é mais vulnerável, protegem também a sociedade não-índia”; *ao nosso lado*, quando falamos sobre os moradores na rua em Belém, relatando que “Na rua, todo mundo se trata como igual”; e *até mesmo em nós*, quando contamos a história do projeto de extensão promovido por professores e estudantes dos cursos de Letras de uma universidade estadual que visava ao acolhimento de imigrantes, em que uma voluntária dizia que “a primeira função é acolher o humano, o outro que também nos integra”.

Quando, seguindo Discini (2015), propusemos a conferência entre textos que traziam em comum um forte alicerce entre opiniões contrárias, pudemos identificar um princípio de unidade e outro de totalidade. A unidade era cada texto em sua singularidade; e a totalidade, o conjunto desses textos. Assim como cada unidade continha seu respectivo percurso gerativo de sentido, o todo também abarcava o seu próprio percurso.

A existência de marcas enunciativas similares em cada enunciado apontava para uma, digamos, espécie de existência semiótica homóloga, que entendemos como uma *quase-presença*. Esta pode se apresentar em maior ou menor densidade em cada uma das unidades observadas. É a recorrência sistemática dessas *quase-presenças* que torna possível a indicação de um *corpo discursivo*. Em nossa empreitada, buscávamos identificar o *corpo da polêmica*.

A polêmica se corporificou nos textos observados por meio de estratégias linguístico-discursivas dos *atores* da enunciação, apresentadas principalmente por meio do uso de *figuras-retóricas*. E também por meio da constituição dos *éthe* dos atores enunciativos e *do apelo ao páthos*. Esses elementos eram frequentes e as maneiras como se dispuseram em cada texto mostravam a *quase-presença* de um *ator polêmico* e, no conjunto dos textos, a de um *estilo polêmico*. São justamente as ocorrências semelhantes que indicaram a existência da polêmica e as dissemelhanças que apontaram para uma possibilidade de gradação dessa mesma polêmica, podemos entender isso como uma “composicionalidade” (Discini, 2015, p. 40), ou seja, “o exame feito da relação das partes com o todo permite depreender propriedades aspectuais da própria sentença” (Discini, 2015, p. 40). Essa composicionalidade aludida pela autora advém do pensamento fenomenológico, que, como vimos, inspirou a Semiótica Tensiva, sobretudo por meio de Merleau-Ponty (questões sobre o corpo) e Husserl (questões sobre retenção e protensão).

Pelo fato de a Covid-19 surgir como acontecimento, a pandemia sobreveio e modificou o cotidiano do sujeito abruptamente, e a percepção de retenção e de protensão se deu de maneira muito mais difícil. Até que o sujeito (enunciatório em nosso exemplo) entenda

o que está ocorrendo, já foi bruscamente afetado pelo acontecimento. Todavia, com o decorrer do tempo, as definições passam a ser mais assertivas, como pontua a Semiótica Tensiva, e passariam, extensivamente, a caminhar para o exercício. Assim, a *quase-presença* recebe cada vez mais ou menos densidade. A percepção da *quase-presença* auxilia a definir a gradação da polêmica e os sujeitos envolvidos tendem a categorizá-la de forma inconsciente: o que fizemos no decorrer da tese foi demonstrar uma maneira de sistematizar essa categorização. Enfatizamos que nossa sugestão é uma interpretação em meio a outras possibilidades: dependentes do olhar do pesquisador e da teoria “clamada” pelo objeto. Não se trata de tentar encaixar o objeto na teoria, mas o contrário: adaptar as teorias às exigências de um objeto novo, complexo e singular.

Levantamos a hipótese de que os sujeitos envolvidos num Concurso se encontram: mesmo pensando diferente, eles visam o *conviver*. Assim, esse conceito não se insere numa tipologia da polêmica. Da mesma forma, quando vivendo em uma atmosfera de Tolerância, os sujeitos se suportam: não se entendem por completo, mas objetivam *consentir* a existência do Outro enquanto Outro; a presença do Outro pode não ser desejável, mas é *aceitável*, e o Eu é *condescendente* com a presença da alteridade em seu ambiente. Por conseguinte, esse conceito também não remete a uma tipologia da polêmica. Quando há uma Concorrência, que comporta seres discursivos *coincidentes*, também não identificamos um grau de polêmica. Não há temor diante da alteridade e o Eu mantém-se *constante*. Existindo, assim, uma compatibilidade em que, para evitar uma justaposição do Eu sobre o Outro ou vice-versa, cabe a cada um *persistir*.

Se a oposição aparece mais claramente que nas definições anteriores, a ponto de os sujeitos já se verem como *contrários*, estamos diante de uma Contraposição. Nesse caso, o Eu se portará de forma *opositiva* ao Outro e buscará *contradizer* seu ponto de vista.

Quando há uma Controvérsia o Eu tende a tomar uma atitude *competidora* frente a alteridade, vista como sua *antagonista* e o objetivo é *disputar*. Numa Resistência imaginamos sujeitos *relutantes*, em que o Outro é visto como uma *ameaça*. A meta dos polemizadores relutantes é *objetar* a fala (a postura, a cultura, a vida etc.) alheia.

O polo equidistante à Contraposição e, consequentemente, aquele em que a polêmica é mais densa, é o Embate. É o momento em que o Eu percebe o Outro como um ser *repugnante*. Se no Embate a intenção é *rechaçar* a alteridade, na Intolerância, o objetivo é suprimir o Outro, visto como *insuportável*. É por isso que não indicamos a Intolerância como uma polêmica, mas algo que a transcende, podendo ser analisável por um observador, mas

não tem característica reiterativa, peculiar a uma polêmica.

Quando o sujeito passa às vias de fato, qualquer possibilidade de discussão já se findou. Dessa maneira, quando há fúria excessiva, não vislumbramos sequer uma polêmica aumentada pelo ódio, mas uma extrapolação que nos fez retirar essa fúria (como no exemplo do cliente da sorveteria) de nossa categorização polêmica. Por certo (e infelizmente) que o ódio, com o tempo, pode tender a brigas, a guerras bélicas... Todavia, nossa intenção é tipificar gradações de contendas que não ultrapassem das discussões para os embates físicos.

A Semiótica Tensiva institui “quatro estados *aspectuais* caracterizados pelas tensões e ambivalências que os modos de existência peculiares à sintaxe discursiva determinam” (Zilberberg, 2004, p. 76, grifos do autor): separação, continuidade, mescla e fusão. A polêmica, como observamos, é também fruto de procedimentos de mistura e de triagem. A Contraposição tende à maior mistura diante do Embate, que tende à maior triagem. Todavia, como afirmamos, todo texto é polêmico: portanto, não cremos que exista nem uma separação consumada de forma conclusiva, nem, da mesma forma, uma fusão plena. Existe, sim, como demonstramos, uma possibilidade de graduar a polêmica, sendo mais ou menos densamente *corporificada*.

Dissenção é atributo essencial da polêmica, mas ela não necessariamente precisa ser colérica. Sua morada é a correlação (sempre mais ou menos conflituosa) *entre o Eu e o Outro*. Como esse habitat (o espaço discursivamente ambientado entre o Eu e o Outro) é de tamanho indefinido – ora menor, ora maior (a depender das afinidades e discrepâncias de ambos os sujeitos) – pode existir ou não desavença, pode haver ou não disseminação do ódio.

Selecionar o modo de existência dependerá dos *atores* enunciativos. O jogo social compete aos sujeitos polêmicos. Por meio dos textos que analisamos, podemos dissertar que compete a cada *ator* enunciativo indicar qual é sua definição de identidade e de alteridade e, a partir daí, expor-se ou não diante do Outro. Claro, temos de ter em mente que as atitudes nem sempre são intencionais ou mesmo conscientes, lembremos o que explica Fiorin sobre as restrições do discurso: “Assim como uma formação ideológica impõe o que pensar, uma formação discursiva impõe o que dizer” (Fiorin, 2000, p. 32). Isso limita, mas não impede a *performance* dos sujeitos, desempenho que conseguimos averiguar semioticamente por meio das manifestações textuais.

Efetivar uma performance requer um *poder fazer* e um *saber fazer*. Ou um *querer fazer* ou um *dever fazer*. Nesse sentido, entendemos existir, como bem pontuaram Matte e Lara (2009b, p. 13-14), “possibilidades de sujeitos”, mas, em complementariedade ao

apontado pelas autoras, propusemos o *crer* como modalização. Teríamos, assim, um sujeito que *crê-poder-fazer*, *crê-saber-fazer*, *crê-querer-fazer* ou *crê-dever-fazer*.

É, geralmente, por meio do *crer* que o sujeito é persuadido. Com relação aos líderes religiosos, os enunciatários (fiéis) criam na palavra de Deus. O enunciatário que assistiu ao vídeo do governo de Mato Grosso do Sul sobre o pai contaminado pela filha cria que ela foi a responsável porque se aglomerou. O que leu a história dos moradores de rua que recebiam comida em Belém cria que esse público era desatendido pelo Estado e pelos habitantes do local. O que leu sobre a cartilha em guarani cria que ela auxiliaria a recuperar a cultura indígena e também auxiliar a mantê-los em menor risco de contaminação pelo coronavírus. O que leu os comentários contrários à vacinação indígena primeiro que os demais grupos populacionais passou a *crer*, depois de mostrado o parecer do promotor de Justiça, que aquele era um comentário preconceituoso. O que leu sobre o projeto de extensão para acolhimento do imigrante passou a *crer* que é preciso um amparo para essa comunidade em específico. O que leu sobre a briga em uma sorveteria passou a *crer* que a atitude do cliente foi muito exagerada em relação à abordagem da dona do comércio.

Observamos, assim, uma polêmica instalada em uma escalada de valores. Operada por um *ator* da enunciação, que possui certas possibilidades de existência, vista como:

a) potencialização: marcada pelo sujeito do “*não querer*”, “*não dever*”, “*não poder*” e “*não saber*”, mas com motivos para querer, dever, poder e saber. Portanto, é também sujeito que *crê querer*, *crê dever* ou *crê poder fazer*.

b) virtualização: sujeito do querer ou dever fazer, mas que não sabe nem pode fazer.

c) atualização: sujeito do *querer*, *dever* ou *saber* desde que já dotado do *poder fazer*.

d) realização: sujeito do *fazer*.

O enunciatário será persuadido a adotar o ponto de vista do polemizador por uma atitude fiduciária de *assunção* ou de *adesão* (Fontanille; Zilberberg, 2001, p. 255). Esta estimulada por um elemento externo; aquela, por uma internalidade.

Indicamos em nossas análises que os modos de existência que configuram os sujeitos envolvidos na polêmica são, principalmente, de ordem potencializada, isto é, tensivos. Os enunciatários assumem ou aderem, por meio de suas crenças, aos pontos de vista dos enunciadores polemizadores.

A linguagem nunca é neutra, e causa diversos efeitos de sentido. Durante nosso empreendimento, indicamos: como os enunciadores envolvidos na polêmica usaram argumentos retóricos visando a conquistar a opinião do enunciatário; como os *éthe* dos

enunciadores se constituíram nesse processo; como o *phátos* foi fundamental para a percepção da polêmica; como as proposições de cada lado fizeram sobressair diante do enunciatário o afeto como elemento de persuasão; e como esse embate influenciou na aspectualização dos atores enunciativos. Foram observações que auxiliaram a cumprir nossos objetivos específicos.

Tivemos como objetivo geral propor uma tipologia da polêmica a partir de uma gama de textos com opiniões discordantes sobre o período pandêmico de Covid-19. A categorização foi baseada em determinações e comparações de elementos graduados conforme similaridades e/ou distinções enunciativas que configuraram um *corpo discursivo polêmico*.

Iniciamos a empreitada contextualizando nossa tese, ou seja, indicando aspectos situacionais da pandemia. Recordamos que a pandemia impactou todo o planeta e modificou nosso dia a dia, ao ultrapassar a condição sanitária e repercutir na economia, na política, na religião e em outras esferas. Tivemos de nos adaptar a novos hábitos: como uso de máscara, higienização das mãos com álcool em gel, cessação de visitas pessoais a parentes e amigos etc. Tivemos de entender novas palavras (*lockdown* e *homeoffice*, por exemplo).

Vimos, por meio de alguns exemplos, que o negacionismo foi um ambiente propício à proliferação tanto do novo coronavírus quanto da polêmica: citamos o Brasil, onde as pessoas estavam em polvorosa desde as eleições políticas de 2018 e, até mesmo, desde as manifestações nas ruas em 2013. Por meio da leitura de alguns enunciados, percebemos (com auxílio de Santos, 2020) que a polarização política influenciou muitas pessoas a não seguirem as prescrições médico-sanitárias que pretendiam diminuir a proliferação do novo coronavírus e, conseqüentemente, minimizar o acometimento por Covid-19.

Comentamos também sobre a dificuldade em se desenvolver uma pesquisa estando envolto em seu objeto. Afinal de contas, fomos todos afetados pela pandemia, que, embora oficialmente tenha durado de 11 de março de 2020 a 5 de maio de 2023, ainda deixou resquícios em toda sociedade: pessoas que perderam empregos, negócios, ou pior, perderam entes queridos, ficaram com sequelas da doença ou com problemas psicológicos.

Indicamos, ainda, como a pandemia foi e é observada pelos Estudos de Linguagens. Buscamos mostrar que, embora não convirjam com nossa base teórica, esses trabalhos não poderiam ser desprezados. Apontamos as divergências com nossa forma de pensar e apontamos que nossa tese poderia ocupar algumas lacunas.

Moirand (2020) comenta existir uma relutância social na população (sobretudo ocidental) em atender às determinações do Poder Público. Isso se deve, segundo a autora, a

uma memória coletiva sobre crises em que os governantes não teriam se saído muito bem nas outras ocasiões em que precisavam atuar mais firmemente, o que acaba por colocar em embaraço a credibilidade diante do advento do coronavírus. A autora também entende a pandemia como um acontecimento inesperado. Vemos, aí, uma proximidade (mesmo que involuntária) com o pensamento do semioticista Zilberberg (2011).

Por meio da pesquisa semiótica proposta em nossa tese, essa falta de credibilidade pode ser indicada como uma falha na manipulação, sobremaneira no que se refere à modalização do *crer*. Um sujeito que não *crê-dever-fazer* não age.

Maingueneau (2021) cunhou o conceito de *saturação discursiva* para determinar a cobertura pela mídia de tudo que ocorria sobre a Covid-19. Haveria, segundo o autor, uma fartura exorbitante de dados, informações, palestras, gráficos, tabelas etc. a respeito do vírus, de mortes, de internações etc. Por meio da Semiótica, mostramos ser possível uma gradação da polêmica, o que nos leva a crer que, em trabalhos futuros, uma gradação dessa dita *saturação discursiva* pode também ser efetuada. Os *incrementos* e as noções de *saturação* e *extinção* propostas por Tatit (2019, 2020a, 2020b) parecem ser um bom arcabouço teórico para as análises desse tipo.

A Semiótica Cultural apontou uma pandemia também de *fakenews* (Leone, 2022). As transformações são a base da narratividade e, por conseguinte, a forma como percebemos o mundo. Em nossas análises, propusemos que a uma *fakenews* está muitas vezes atrelada a credibilidade do enunciador, como quando este tem seu *éthos* apresentado diante do enunciatário. Um exemplo é a crença que o fiel tinha na palavra de Macedo que dizia que não era preciso se preocupar com o coronavírus e, pouco tempo depois, ele próprio foi contaminado e precisou ser atendido por médicos.

Como afirmamos em “2.2 Pensar a pandemia envolto pela pandemia: um ainda (se) pensando”, o momento pandêmico causa instabilidade na ciência e nas diversas teorias, da linguagem, inclusive. A ponto de a Sociosemiótica, cujas premissas usamos em nossa tese, mostrar a possibilidade de equívoco. Landowski (2021) estudou a percepção a respeito do coronavírus como um “agressor”. Segundo ele, o micro-organismo ora era visto como advindo da ação de um inimigo externo (a China, por exemplo), ora como um “acidente”, uma reação natural. Conforme o sociosemiótico, é provável que ambos os pontos de vistas sejam recusados no futuro, depois de novos estudos dos especialistas da área.

Também pontuamos como a polêmica é vista pelos Estudos de Linguagem. Novamente, abordamos teorias diversas às que propusemos seguir, e sugerimos aproximações

e distanciamentos entre elas e nosso ponto de vista.

Tanto a teoria das faces, de Goffman (1975), quanto a teoria da polidez, de Kerbrat-Orecchioni (2014), são bastante voltadas à Pragmática. Da mesma forma, a teoria das controvérsias de Dascal (2008). A nosso ver, tendem a se voltar para o estudo conversacional e não para o semiótico propriamente dito, como nosso estudo propõe.

Com relação a Dascal (2008), todavia, encontramos um relacionamento mais estreito com nosso pensamento. Por isso, indicamos como um “princípio de tipologia” para a polêmica. Entretanto, observa-se que se trata de um parâmetro de categorização do debate. O debate é, conforme defendemos, uma das mais diversas possibilidades de manifestação da polêmica, ou mesmo de uma controvérsia. Aliás, controvérsia é por nós colocada enquanto parte da gradação da polêmica e não como um tipo de debate. Concordamos, portanto, com a viabilidade das propostas de Dascal (2008) com relação ao enfrentamento entre debatedores, mas nos posicionamos de forma diferente com relação à polêmica entendida de forma geral. Nossa proposta, inclusive, independe da simetria entre o Eu e o Outro. Não obstante, é precisamente a dissimetria entre a percepção de identidade e de alteridade por parte do Eu frente o Outro que causa o efeito de sentido capaz de promover a diferenciação categórica.

Entendemos que o discurso do Eu pode ser um simulacro de um discurso alheio. A formulação de que a polêmica seja fruto de uma *interincompreensão* (Maingueneau, 2012a) tende a indicar ser sempre um processo totalmente inconsciente. Observamos, todavia, a existência de margens de manobra do enunciador. Novamente, citemos os enunciados dos líderes religiosos, em que usam estratégias linguístico-discursivas (*éthos*, *páthos*, figuras de retórica, por exemplo) de manipulação narrativa, de onde os efeitos de sentido transbordam para seus enunciatários (os fiéis evangélicos e católicos).

Concordamos também em certo ponto com Amossy quando comenta que, diferentemente do senso comum, a polêmica não visa ao diálogo, “consequentemente, seu objetivo não é o consenso” (Amossy, 2017, p. 198). Contudo, discordamos com relação à definição do cerne de sua estrutura. Para a autora, entre os traços da polêmica estão a dicotomização, polarização e desqualificação e “apenas de forma secundária, [a] violência verbal e [o] *páthos*” (Amossy, 2017, p. 52). Para nós, o *páthos* é essencial para a existência polêmica, como demonstramos, por exemplo, em “3.2 Afeto e efeito”. O afeto diante do Outro é que permite a gradação sensível, por conseguinte, a gradação polêmica.

É a *foria*, por meio da tonicidade e da atonicidade, analisáveis via Semiótica Tensiva, o acesso ao reconhecimento do impacto no enunciatário. Demonstramos que uma

conciliação entre as vertentes Tensiva e Sociossemiótica é não só possível, mas enriquecedora. Esse agrupamento de teorias foi exequível porque o objeto permitiu, ou seja, a polêmica presente nos textos observados demandou essa interação; pois o que concebe um conhecimento científico não é um objeto empírico, mas um teórico. É preciso que o objeto empírico seja recortado por um viés teórico: como defendia Saussure (2021), o ponto de vista é que cria o objeto.

Como deixamos claro desde o início, nosso *corpus* estava bem distante de abarcar todo o conglomerado de enunciados do período pandêmico. Contudo, eles foram suficientes para atender a contento nossos objetivos.

Não conseguimos extinguir a polêmica; podemos estancá-la com mais ou menos força. Podemos dizer que, entre as posições contraditórias que existem referentes à possibilidade ou não de utilizar vertentes discursivas tidas como distintas de forma conjunta numa análise, mostramos que, ao menos em nossa tese, as vertentes *convivem*. Isso pode não ser válido para outras incursões, outros objetos, outras mesclas, ou, até mesmo, para o uso de outros conceitos das mesmas vertentes não mencionados em nosso trabalho. Cabe ao pesquisador observar o objeto e verificar possibilidades. Afinal, fazer ciência é, também, estender os horizontes das possibilidades.

REFERÊNCIAS

- ACTA SEMIOTICA. La pandémie: hasard ou signification? **Acta Semiotica**. v. 1. 2021. Centro de Pesquisas Sociosemióticas da PUC. São Paulo. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/actasemiotica/article/view/54157>. Acesso em: 30 ago. 2021.
- AH - AVENTURAS NA HISTÓRIA; BAZI, Daniela. Edir Macedo apaga vídeo onde afirma que coronavírus é ‘tática do satanás’: o conteúdo teria sido excluído após o grande número de compartilhamentos em grupos do whatsapp. **Ah - Aventuras na História**. São Paulo, s.p. 16 mar. 2020. Disponível em: <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/coronavirus/edir-macedo-apaga-video-onde-afirma-que-coronavirus-e-tatica-do-satanas.phtml>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- ALDAMA, Juan Alonso; MONTANARI, Federico. Por una sociosemiótica tensiva. La figura del “últimátum”. **Escritos**, Revista del Centro de Ciencias del Lenguaje, Cidade do México, México, n. 19-20, jan.-dez. 1999, p. 115-133. Disponível em: http://cmas.siu.buap.mx/portal_pprd/work/sites/escritos/resources/LocalContent/34/1/115-133.pdf. Acesso em: 29 dez. 2023.
- ALVES, Rafael. Igrejas fechadas: rezar na pandemia?, **Revista Acta Semiotica**, São Paulo, Brasil, n. 1, 2021. DOI: 10.23925/2763-700X.2021n1.54169. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/actasemiotica/article/view/54169>. Acesso em: 28 dez. 2023.
- ALVES, Rafael. O sensível no fazer persuasivo do Papa Francisco. **Revista Estudos Semióticos**, [online], v. 18, n. 2, p. 193-215, 2022. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.194369. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/194369>. Acesso em: 28 dez. 2023.
- ALVES, Rafael. Utopia e ajustamento. Entre o interacional e o tensivo: uma complementariedade, **Revista Acta Semiotica**, São Paulo, Brasil, v. 3, n. 6, p. 225–247, 2023. DOI: 10.23925/2763-700X.2023n6.64719. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/actasemiotica/article/view/64719>. Acesso em: 28 dez. 2023.
- AMADEO, Pablo (Ed.). 2020. **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporáneo en tiempos de pandemias. [s.l]: Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatorio). 188 p.
- AMAZÔNIA REAL; NETO, Cícero Pedrosa. Invisível e desamparada, população de rua aumentou em Belém durante a pandemia. *Amazônia Real*, 11 ago. 2021. Disponível em: <https://amazoniareal.com.br/invisivel-e-desamparada-populacao-de-rua-aumentou-em-belem-durante-a-pandemia/>. Acesso em: 12 ago. 2021. FONTANILLE, Jacques. *Corpo e sentido*. Tradução de Fernanda Massi e Adail Sobral. Londrina, PR: Eduel, 2016.
- AMOSSY, Ruth. **A argumentação no discurso**. Coordenação da tradução de Eduardo Lopes Pires e Moisés Olímpio-Ferreira. São Paulo: Contexto, 2018.
- AMOSSY, Ruth (Org.). **Imagens de si no discurso**: a construção do *éthos*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2005.

AMOSSY, Ruth. **A apologia da polêmica**. Coordenação da tradução de Mônica Magalhães Cavalcante. São Paulo: Contexto, 2017.

ANVISA (Agência Nacional de Vigilância Sanitária). **Regulamento Sanitário Internacional**: Versão em português aprovada pelo Congresso Nacional por meio do Decreto Legislativo 395/2009 publicado no DOU de 10 de julho de 2009. Brasília: ANVISA, 2005.

ARISTÓTELES. Definição da Retórica e sua estrutura lógica. *In*: ARISTÓTELES. **Retórica**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

ARISTÓTELES. **Aristóteles**: obras completas. Retórica. Biblioteca de autores clássicos. Tradução e notas de Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena. 2. ed. revis. Lisboa, Portugal: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda de Portugal, 2005.

BAALBAKI, Angela; SILVA, Luiz Felipe Andrade (Orgs.). **Discursos da pandemia**: entre dores e incertezas. 1. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARTHES, Ronald. **Mythologies**. Nova York, Estados Unidos da América: The Noonday Press, 1972 [1957].

BARROS, Diana Luz Pessoa; DEMURU, Paolo; GOMES, Regina Souza; MANCINI, Renata Ciampone. **A construção da verdade**. São Paulo: Contexto, 2025.

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral I. Tradução de Maria da glória Novak e Maria Luisa Neri. 6. ed. Campinas, SP: Pontes, 2020.

BENVENISTE, Émile. Problemas de Linguística Geral II. Tradução Eduardo Guimarães, Marco Antônio Escobar, Rosa Attié Figueira, Vandersi Sant'Ana Castro, João Wanderlei Geraldi e Ingedore G. Villaça Koch. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2023.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da semiótica literária**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Edna Maria F. S. Nascimento, Mariza Bianconcini Teixeira Mendes e Marisa Gianecchini de Souza. São Paulo: Edusc, 2003.

BERTRAND, Denis. Au nom de non. Perspectives discursives sur le négatif. **Actes Semiotique**. [online]. n. 144. 2011. DOI: <https://doi.org/10.25965/as.2589>. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/2589>. Acesso em: 28 fev. 2025.

BERTRAND, Denis; DARRAULT-HARRIS, Ivan. Covid-19: o vírus e suas variantes semióticas. Tradução de Gabriela Santos Silva e Mariana Luz Pessoa de Barros. **Estudos Semióticos** [online], v. 17, n. 2. Dossiê temático: “A semiótica e a cultura”. São Paulo, ago. 2021. p. 321-339. Disponível em: www.revistas.usp.br/esse. Acesso em: 10 dez. 2023.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen. **Politeness**: Some universals in language use. Cambridge, EUA: Cambridge University Press, 1987.

BRØNDAL, Viggo. **Les parties du discours**. Partes orationes. Études sur les catégories linguistiques. Tradução de Pierre Naert. Copenhague: Einar Munsgaard, 1948, p. 76-84.

CASSIRER, Ernest. **A filosofia das formas simbólicas**: volume III - Fenomenologia e conhecimento. 1. ed. Tradução de Flavio Benno Eiwbeneichler e Eurides Avance de Souza. São Paulo: Martins Fontes - selo Martins, 2011 [1957].

CALLIGARIS, Contardo. Para Agamben, pandemia funciona como pretexto para o poder satisfazer sua sede de mais domínio. Não acho que o filósofo se oponha às medidas de quarentena, o que lhe importa é chamar a atenção para a liberdade à qual renunciamos em troca de mais tempo de vida. **Folha de S.Paulo**. São Paulo. [s/p]. 26 mar. 2021. Disponível em: <https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:hzhn2Sc8OpUJ:https://www1.folha.uol.com.br/colunas/contardocalligaris/2020/03/para-agamben-pandemia-funciona-como-pretexto-para-o-poder-satisfazer-sua-sede-de-mais-dominio.shtml&cd=9&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>. Acesso em: 13 set. 2023.

CALVINO, Ítalo. O seio nu. *In*: CALVINO, Ítalo. **Palomar**. Tradução de João Reis. Alfragide, Portugal: Teorema, 2009. p. 8-9.

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). 2025a. Disponível em: <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#!/>. Acesso em: 4 out. 2025.

CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). 2025b. Disponível em: https://www.periodicos.capes.gov.br/index.php/acervo/buscar.html?q=all%3Acontains%28pandemia+pol%C3%AAmica+semi%C3%B3tica%29&source=all&publishyear_min%5B%5D=2021&publishyear_max%5B%5D=2022&mode=advanced&source=all. Acesso em: 4 out. 2025.

CARVALHO, Nelly de. O léxico da publicidade. **Intercom, Revista Brasileira de Comunicação**, São Paulo, v. 18, n. 1, jan./fev. 1995, p. 9-20.

CARVALHO, Nelly de. **Publicidade**: a linguagem da sedução. São Paulo: Ática, 2003.

CASAQUI, Vander. Propaganda. *In*: MARCONDES FILHO, Ciro. (Org.). **Dicionário da Comunicação**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Paulus, 2014.

CHARAUDEAU, Patrick. **A conquista da opinião pública**: como o discurso manipula as escolhas políticas. Tradução de Angela Maria da Silva Corrêa. São Paulo: Contexto, 2016.

CNN. **Jair Bolsonaro diz que não chamou Covid-19 de ‘gripezinha’**. Pronunciamentos em março, no entanto, contradizem o presidente. São Paulo: CNN, 27 nov. 2020.

CORREIO BRAZILIENSE. **Perda definitiva de olfato e paladar, a angústia de muitos que tiveram covid**. A maioria das pessoas que perdem o paladar e o olfato pelo coronavírus os recuperam de três a quatro semanas. 31 mar. 2021. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/mundo/2021/03/4915355-perda-definitiva-de-olfato-e-paladar-a-angustia-de-muitos-que-tiveram-covid.html>. Acesso em: 30 set. 2023.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 4 ed. rev. e atual. 7. impr. Rio de Janeiro: Lexicon, 2021.

DASCAL, Marcelo. Dichotomies and types of debate. In: EEMEREN, Frans van; GARSSSEN, Bart (Orgs.). **Controversy and Confrontation: Relating Controversy Analysis with Argumentation Theory**. Amsterdã, Holanda: John Benjamins, 2008, p. 27-49. Disponível em: <https://www.tau.ac.il/humanities/philos/dascal/publications.html>. Acesso em: 24 set. 2023.

DEMURU, Paolo. Qanons, antivaxxers e influenciadores da saúde alternativa: uma perspectiva semiótica cultural sobre as ligações entre teorias da conspiração, espiritualidade e bem-estar durante a pandemia de Covid-19, **Revista Social Semiotics**, v. 32, Issue 5: A Sociosemiotic Critique -A Lotmanian perspective, dez. 2022. Disponível em: <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/10350330.2022.2157170>. Acesso em: 11 maio 2024.

DEMURU, Paolo. O mesmo e o diverso. A construção discursiva do povo na política : notas a partir do caso brasileiro. **Revista Acta Semiotica**, São Paulo, Brasil, v. 3, n. 5, 2023. DOI: 10.23925/2763-700X.2023n5.62454. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/actasemiotica/article/view/62454/42521>. Acesso em: 4 out. 2025.

DEMURU, Paolo; FECHINE, Yvana; LIMA, Cecília Almeida Rodrigues; GONDIM, Juliana. As mentiras do eu: procedimentos, gêneros e atores do discurso desinformativo em primeira pessoa, **Liinc em Revista**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, e6062, nov. 2022. DOI: <https://doi.org/10.18617/liinc.v18i2.6062>. Disponível em: <https://revista.ibict.br/liinc/article/view/6062/5720>. Acesso em: 11 maio 2024.

DEMURU, Paolo. **Políticas do Encanto: extrema-direita e fantasias da conspiração**. 1. ed. São Paulo: Elefante, 2024.

DISCINI, Norma. **O estilo nos textos: história em quadrinhos, mídia, literatura**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

DISCINI, Norma. **Corpo e estilo**. São Paulo: Contexto, 2015.

DOM TOTAL. Em indireta a negacionistas, bispo de BH pergunta: ‘De que lado estamos: de quem defende a vida ou dos assassinos?’. **Dom Total**. Belo Horizonte: 29 mar. 2021. Disponível em: <https://domtotal.com/noticias/index.jsp?id=1507711>. Acesso em: 25 ago. 2022.

FECHINE, Yvana. Uma dinâmica interacional complexa, **Acta Semiotica**, São Paulo, DOI 10.23925/2763-700X.2021n1.54179, v. 1, 2021. p. 261-277.

FLOCH, Jean-Marie. **Petites mytologies de l’oeilet de l’esprit: pour une sémiotique plastique**. Amsterdam: Hadés-Benjamins, 1985.

FILHO, Ricardo Rios Barreto; FERNANDES, Otávia Pinheiro Pedrosa. “A senhora tá totalmente descontrolada”: as avaliações da impolidez no caso de machismo na CPI da Pandemia no Brasil”, **Revista do Gelne (Grupo de Estudos Linguísticos do Nordeste)**, v. 25. n. 1, Natal, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 28 mar. 2023.

FIORIN, José Luiz. Algumas Considerações sobre o Medo e a Vergonha, Caminhos e desvios da Semiótica no Brasil, **Revista Cruzeiro Semiótico**, v. 16, Lisboa, Portugal, Associação Portuguesa de Semiótica, Fundação Engenheiro Antonio de Almeida, jan. 1992. p. 55-64.

FIORIN, José Luiz. **As astúcias da enunciação**: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática, 1996.

FIORIN, José Luiz. **Linguagem e ideologia**. São Paulo: Ática, 2000.

FIORIN, José Luiz. Paixões, Afetos, Emoções e Sentimentos. **Cadernos de Semiótica Aplicada**, São Paulo, v. 5, n. 2, p. 1-15, dez. 2007.

FIORIN, José Luiz. A linguagem humana: do mito à ciência. In: FIORIN, José Luiz (Org.). **Linguística? Que isso?** São Paulo: Contexto, 2013a. p. 13-43.

FIORIN, José Luiz. A sacralização da política. In: FULANETI, Oriana de Nadai; BUENO, Alexandre Marcelo. **Linguagem e política**: princípios teórico-discursivos. São Paulo: Contexto, 2013b. p. 21-38.

FIORIN, José Luiz. Prefácio. In: LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. Tradução de Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras; Cores Editora, 2014.

FIORIN, José Luiz. **Figuras de retórica**. 1. ed. 5. reimp. São Paulo: Contexto, 2021.

FIORIN, José Luiz. **Argumentação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2022.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. São Paulo: Humanitas, 2001.

FONTANILLE, Jacques. **Corpo e sentido**. Tradução de Fernanda Massi e Adail Sobral. Londrina, PR: Eduel, 2016.

FONTANILLE, Jacques. **Semiótica e discurso**. Tradução de Jean Cristtus Portela. 2. ed., 1 reimp. São Paulo: Contexto, 2019.

FRATESCHI, Yara. Agamben sendo Agamben: o filósofo e a invenção da pandemia. **Blog Boitempo**. [s.l.]. Boitempo. 12 maio 2020. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2020/05/12/agamben-sendo-agamben-o-filosofo-e-a-invencao-da-pandemia/>. Acesso em: 13 set. 2023.

FULANETI, Oriana de Nadai. Reflexões semióticas sobre as responsabilidades na pandemia da Covid-19. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 18, n. 2. p. 6289-6298. Dossiê temático: “Obedecer e insurgir”. Doi: <https://doi.org/10.5007/1984-8412.2021.e79063>. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/79063>. Acesso em: 20 dez. 2023.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ (FIOCRUZ). **Observatório Covid-19**: Informação para ação. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2023. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/observatorio-covid-19>. Acesso em: 9 set. 2023.

G1MS; TV MORENA. Promotor denuncia usuários de redes sociais por comentários racistas contra indígenas em MS. G1MS, 20 jan. 2021. Disponível em: <https://g1.globo.com/ms/mato-grosso-do-sul/noticia/2021/01/20/promotor-denuncia-usuarios-de-redes-sociais-por-comentarios-racistas-contra-indigenas-em-ms.ghtml>. Acesso em: 20 maio 2021.

GALILEU. Áudio que fala em “gradação” de Covid-19 é mentira; entenda os termos. Mensagem que circula pelas redes sociais diz que Covid-19 pode virar Covid-20, 21 até virar o “coronavírus”. Entenda por que isso não faz sentido. 2020. Disponível em: <https://revistagalileu.globo.com/Ciencia/Saude/noticia/2020/06/audio-que-fala-em-gradacao-de-covid-19-e-mentira-entenda-os-termos.html>. Acesso em: 11 maio 2024.

GELL, Alfred. Metamorphosis of the Cassowaries: Umeda Society. **Language and Ritual**, v. 51, 1975.

GOFFMAN, Erving. **Representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 20 ed. São Paulo: Vozes, 2014.

GOFFMAN, Erving. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Tradução de Fábio Rodrigues Ribeiro da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

GREIMAS, Algirdas Julien; LANDOWSKI, Eric. Análise semiótica de um discurso jurídico: a lei comercial sobre as sociedades e os grupos de sociedades. In: GREIMAS, Algirdas Julien (Org.). **Semiótica e Ciências Sociais**. Tradução de Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Cultrix, 1981. p. 69-113.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. Prefácio e Tradução de Ana Claudia de Oliveira. Apresentação de Paolo Fabbri, Raúl Dorra e Eric Landowski. São Paulo: Hocker Editores, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Sobre o Sentido II**: Estudos Semióticos. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz. São Paulo: Nankin, Editora da Universidade de São Paulo (Edusp), 2014.

GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÈS, Joseph. **Dicionário de semiótica**. 2. ed. 3. reimp. São Paulo: Contexto, 2021.

GRILLO, Sheila; AMÉRICO, Ekaterina Vólkova. Sobre o autor. In: CÍRCULO DE BAKHTIN; VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem. e. ed. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2021. p. 371.

GROS, Frédéric. **Desobedecer**. Tradução de Célia Euvaldo. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

GUISARDI, Conceição Maria Alves de Araújo; CHAGAS, Lucas Araujo; PEREIRA, Anísio Batista. (Orgs.). **Os discursos de um Brasil efervescente em tempos de pandemia**. Londrina, PR: Syntagma, 2020.

HUSSERL, Edmund. **Lições para uma fenomenologia da consciência interna do tempo**. Série Universitária. Tradução, introdução e notas de Pedro M. S. Alves. Lisboa, Portugal: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1994.

ISTO É. Vídeos resgatam o que líderes evangélicos falaram sobre a pandemia. **Isto É**. 11 nov.

2021. Disponível em: <https://istoe.com.br/videos-resgatam-o-que-lideres-evangelicos-falaram-sobre-a-pandemia/>. Acesso em: 25 ago. 2022.

JORNAL DA RECORD; R7. **Fúria**: regra básica de controle da pandemia vira motivo de descontrole e violência – Veja casos de ataques de raiva que nasceram a partir do desrespeito ao uso obrigatório de máscara. São Paulo: Record TV, 2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/jr-na-tv/videos/furia-regra-basica-de-controle-da-pandemia-vira-motivo-de-descontrole-e-violencia-08062022/>. Acesso em: 6 mar. 2025.

KERBRAT-ORECCHIONI, Chatherine. Face. Tradução de Vanice Maria Oliveira Sargentini. In: MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. 3. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2014. p. 235-236.

KRIEG-PLANQUE, Alice. **A noção de “fórmula” em análise do discurso**: quadro teórico e metodológico. Tradução de Luciana Salazar Salgado e Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

LANDOWSKI, Eric. Simulacre. In: GREIMAS, Algirdas Julius; COURTÉS, Joseph. **Sémiotique dictionnaire raisonné de la théorie du langage**: tome 2 (compléments, débats, propositions). Paris, França: Classiques Hachette, 1986. p. 206.

LANDOWSKI, Eric. *La Société réfléchie*. Paris: Seuil, 1989.

LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro**: ensaios de sociossemiótica. Tradução de May Amazonas Leite de Barros. 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2012.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. Tradução de Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação das Letras; Cores Editora, 2014.

LANDOWSKI, Eric. Présentation du dossier - La pandémie : hasard ou signification? **Acta Semiotica**. Dossiê La pandémie: hasard ou signification?, v. 1. 2021. Centro de Pesquisas Sociossemióticas da PUC. São Paulo. DOI:<https://doi.org/10.23925/2763-700X.2021n1.54157>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/actasemiotica/article/view/54157>. Acesso em: 30 ago. 2021a.

LANDOWSKI, Eric. Face à Pandemia. **Acta Semiotica**. v. 1. 2021. Centro de Pesquisas Sociossemióticas da PUC. São Paulo. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/actasemiotica/article/view/54158>. Acesso em: 30 ago. 2021b.

LARA, Glaucia Muniz Proença; LANDIM, Alessandra Folha Landim. “Isolamento social” em tempos de coronavírus: uma fórmula discursiva?. In: OLIVEIRA, Hélio; POSSENTI, Sírio. (Org.). **Rumor público**: polêmica e fórmula discursiva. 1. ed. Belo Horizonte: Tradição Planalto, 2021. p. 197-221.

LEFORT, Claude. Prefácio. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Tradução de Cassio de Arantes Leite. São Paulo: Cosacnaify, 2004. p. 7-10.

LEITE, Ricardo Lopes; FARIAS, Otávia Marques de. Enunciação e tensividade no discurso da mídia jornalística sobre a pandemia de covid-19. **Revista Prolíngua**. v. 16, n. 2.

Universidade Federal de Pernambuco, Recife, ago/dez 2021. DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.1983-9979.2021v16n2.58832>. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/58832>. Acesso em: 30 ago. 2021.

LEONE, Massimo. The Semiotics of the Medical Face Mask: East and West. **Signs & Media: A Journal of Semiotics in China and the World**. Bill Editora, [s.l.], 25 ago. 2020. p. 40-70.

LEONE, Massimo. O falso como vírus: uma epidemiologia semiótica. Estudos Semióticos, v. 18. n. 2, ago. 2022. p. 106-121. **Estudos Semióticos**. Universidade de São Paulo, São Paulo, Dossiê temático: “semiótica e verdade”. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1980-4016.esse.2022.198586>.

LEONE, Massimo. Entrevista concedida ao site UnitoNews. I volti del Coronavirus, semiotica di una pandemia. **UnitoNews**, Turim, Itália, [s. p.], 8 abr. 2020. Disponível em: https://www.unitonews.it/index.php/it/news_detail/i-mille-volti-del-coronavirus-semiotica-di-una-pandemia. Acesso em: 27 set. 2023.

LINGUASAGENS. Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), SP, v. 35, n. 1, maio 2020.

LINGUASAGENS. Número temático: Covid-19: uma pandemia sob o olhar das ciências da linguagem, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), SP, v. 35, n. 1, maio 2020. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/issue/view/55>. Acesso em: 12 jun. 2022.

LINGUASAGENS. Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), SP, v. 41, n. 1, maio 2022. Disponível em: <https://www.linguasagem.ufscar.br/index.php/linguasagem/issue/view/86>. Acesso em: 12 jun. 2022.

LOTMAN, Iúri. **Mecanismos Imprevisíveis da Cultura**. Tradução de Irene Machado. 1. ed. São Paulo: Hucitec, 2021.

MACHADO DE ASSIS. **Dom Casmurro**. 1. ed. 3. reimp. Brasília: Edições Câmara, 2018.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em Análise do Discurso**. Tradução de Freda Indursky. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gêneses do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. 2. ed. 1. reimp. São Paulo: Parábola, 2012.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. Tradução de Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. 6. ed. ampli. São Paulo: Cortez, 2013.

MAINGUENEAU, Dominique. A análise do discurso diante da crise do coronavírus: algumas reflexões. **Bakhtiniana: Revista de estudos do discurso**, PUC-SP, São Paulo, v. 16, n. 4, Dossiê Temático Pandemia, ética e discursos, 11 ago. 2021. p. 140-156. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/bakhtiniana/article/view/49759>. Acesso em: 1 set. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. Tradução de Nelson

Barros da Costa. **Revista do Gelne**, [S. l.], v. 2, n. 1/2, p. 1-12, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/gelne/article/view/9331>. Acesso em: 12 out. 2022.

MAINGUENEAU, Dominique. Polêmica. Tradução de Fábio César Montanheiro. In: MAINGUENEAU, Dominique; CHARAUDEAU, Patrick. **Dicionário de Análise do Discurso**. Coordenação da tradução de Fabiana Komesu. 3. ed. 1. reimp. São Paulo: Contexto, 2014. p. 379-381.

MATTE, Ana Cristina Fricke; LARA, Glaucia Muniz Proença. Um panorama da semiótica greimasiana, **Alfa**, São Paulo, 53, p. 339-350, 2009a.

MATTE, Ana Cristina Fricke; LARA, Glaucia Muniz Proença. **Ensaaios semióticos: aprendendo com o texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009b.

MENDES, Conrado Moreira. Semiótica Tensiva: fundamentos teóricos. **Revista Línguas & Letras**, [S. l.]– v. 16, n. 34, 2015. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/11641>. Acesso em: 8 jan. 2024.

MENDES, Conrado Moreira; ALZAMORA, Geane Carvalho. Lógicas da propagação da informação e da desinformação no contexto da pandemia de covid-19: abordagem semiótica. **Revista Matrizes**. v. 17. n. 1. jan./abr. 2023, São Paulo, Universidade de São Paulo (USP), p. 193-22.

MENDES, Conrado Moreira; LARA, Glaucia Muniz Proença (Orgs.). **Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2016.

MENDES, Conrado Moreira; SOUZA, Jocyare; SILVA, Sueli Maria Ramos da. A noção de acontecimento à luz da Análise do Discurso, da Semântica do Acontecimento e da Semiótica Tensiva. **Linguagem em (Dis)curso–LemD**, Tubarão, SC, v. 20, n. 1, p.179-195, jan./abr. 2020.

MERLEAU-PONTY, Maurice. O olho e o espírito. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Olho e o espírito**: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira, Prefácio de Claude Lefort, Pós-fácio de Alberto Tassinari. São Paulo: Cosac e Naify, 2014a.

MERLEAU-PONTY, Maurice. A linguagem indireta e as vozes do silêncio. In: MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Olho e o espírito**: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira, Prefácio de Claude Lefort, Pós-fácio de Alberto Tassinari. São Paulo: Cosac e Naify, 2014b.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. 3. tir. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2022.

MICHAELIS. **Acontecimento**. São Paulo: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/acontecimento/>. Acesso em: 27 dez. 2023.

MICHAELIS. **Concurso**. São Paulo: Melhoramentos, 2023. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/concurso/>. Acesso em: 17 jan. 2024.

MOIRAND, Sophie. Regards médiatiques sur la covid-19: “instants discursifs” d’une pandémie sous l’angle des chiffres, des recits médiatiques et de la confiance. **Revista Linguasagem**, São Carlos, SP, v. 35. n. 1. Dossiê Discurso em tempos de pandemia. Jun. 2021, p. 213-241.

MOREIRA, Patricia Veronica. **A emergência do sensível na semiótica discursiva: uma abordagem historiográfica**. 2019. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras - Campus Araraquara, Universidade de Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, São Paulo, 2019.

O ESTADO DE S.PAULO; BERGAMO, Mônica. Vídeo mostra Edir Macedo dizendo que coronavírus é inofensivo e que Satanás e mídia promovem medo. Imagem mostra pastor apresentando fala de médico que afirma que a doença não mata ninguém. **O Estado de S.Paulo**. São Paulo. 15 mar. 2020. Atualizado em 16 mar. 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2020/03/video-mostra-edir-macedo-dizendo-que-coronavirus-e-inofensivo-e-que-satanas-e-midia-promovem-medo.shtml>. Acesso em: 27 ago. 2022.

O ESTADO DE S.PAULO. ‘Não se preocupe com o coronavírus’, diz Edir Macedo a fiéis no Facebook: em transmissão ao vivo feita na última quarta-feira, o líder da igreja universal do reino de deus endossa e reproduz a fala do patologista Beny Schmidt; que divulgou informações falsas em seu canal do youtube. **O Estado de S.Paulo**. São Paulo, s.p. 15 mar. 2020. Disponível em: <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,nao-se-preocupe-com-o-coronavirus-diz-edir-macedo-a-fieis-no-facebook,70003234116>. Acesso em: 25 ago. 2022.

OLIVEIRA, Ana Claudia. Prefácio. In: GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. Prefácio e Tradução de Ana Claudia de Oliveira. Apresentação de Paolo Fabbri, Raúl Dorra e Eric Landowski. São Paulo: Hocker Editores, 2002.

OLIVEIRA, Ana Claudia. Orelha de livro. In: LANDOWSKI, Eric. **Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica**. Tradução de May Amazonas Leite de Barros. 1. ed. 1. reimp. São Paulo: Perspectiva, 2012.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE (OPAS). **Folha Informativa sobre Covid-19: Histórico da pandemia de Covid-19**. Brasília: OPAS, 2023. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19#:~:text=Em%2011%20de%20mar%C3%A7o%20de,pa%C3%ADses%20e%20regi%C3%B5es%20do%20mundo>. Acesso em: 9 set. 2023.

ORLANDI, Eni de Lourdes Puccinelli. **Discurso fundador**. 3. ed. Campinas, SP: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. Papel da memória. In: Achard, Pierre (Org.). **Papel da memória**. Campinas, SP: Pontes, 1999, p. 49-57.

PERELMAN, Chaim. **Retóricas**. 2. ed. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martins Editora, 2004.

PERELMAN, Chaim; OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação: a nova retórica**. 3. ed. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: WMF

Martins Fontes, 2014.

PEREIRA, Daniervelin Renata Marques. O estilo dos gêneros: uma metodologia de análise. **Estudos Semióticos** [online], v. 17, n. 1, São Paulo, abr. 2021. p. 124-141. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/174776>. Acesso em: 28 dez. 2023.

PLANTIN, Christian. Negação. Tradução de Rodrigo Seixas. *In*: PLANTIN, Christian. **Dicionário de argumentação**: uma introdução aos estudos da argumentação. Coordenação da tradução de Rubens Damasceno-Morais e Eduardo Lopes Piris. São Paulo: Contexto, 2025. p. 399-401.

PLANTIN, Christian. Denegação. Tradução de Rodrigo Seixas. *In*: PLANTIN, Christian. **Dicionário de argumentação**: uma introdução aos estudos da argumentação. Coordenação da tradução de Rubens Damasceno-Morais e Eduardo Lopes Piris. São Paulo: Contexto, 2025. p. 400-401.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Pronunciamento do Senhor Presidente da República, Jair Bolsonaro, em cadeia de rádio e televisão, 24 de março de 2020. Brasília: Presidência da República, 24 mar. 2020. Disponível em: <https://www.biblioteca.presidencia.gov.br/presidencia/ex-presidentes/bolsonaro/pronunciamentos-oficiais/pronunciamento-do-senhor-presidente-da-republica-jair-bolsonaro-em-cadeia-de-radio-e-televisao-24-de-marco-de-2020>. Acesso em: 9 set. 2023.

QUINTANA, Mario. **Mario Quintana**: poesia completa, em um volume. Organização de Tânia Franco Carvalhal. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

REBOUL, Olivier. **Introdução à retórica**. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. (Coleção Justiça e Direito).

SANTOS, Fátima Aparecida dos. A Multidão e o Vazio: a semiose do espaço público e a pandemia. *In*: 43º CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 2020, Virtual/Salvador. **Anais do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**. São Paulo: Intercom, 2020.

SAUSSURE, Ferdinand. **Escritos de Linguística Geral**. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rodolf Engler. São Paulo: Cultrix, 2004.

SCIELO. Disponível em: <https://search.scielo.org/?fb=&lang=en&count=15&from=1&output=site&sort=&format=summary&page=1&q=pandemia+de+Covid&where=>. Acesso em: 4 out. 2025.

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DO PARANÁ. **Dia a dia da Educação**: compreendendo música. 2012. Disponível em: <http://www.arte.seed.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=136>. Acesso em: 3 mar. 2025.

SOARES, Vinicius Lisboa; MANCINI, Renata Ciampone. Uma leitura tensiva das modalidades veridictórias. **Estudos Semióticos**. v. 19, n. 1. p. 15-29, 2023. Disponível em: <https://revistas.usp.br/esse/article/view/206156/193333>. Acesso em: 6 jul. 2025.

SILVA, Marcelo Eduardo da; MARTINS, Geraldo Vicente. Pessoa, tempo e espaço estranhos: uma abordagem enunciativa de letras de Arnaldo Antunes. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 24-42, 2025. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2025.230084. Disponível em: <https://revistas.usp.br/esse/article/view/230084>. Acesso em: 12 jul. 2025.

SILVA, Marcelo Eduardo da; SILVA, Sueli Maria Ramos da. O convívio polêmico em meio à pandemia de Covid-19 – um olhar semiótico discursivo sobre as relações do si com o outro. **Gragoatá**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 62, p. e58331, 14 nov. 2023. DOI: <https://doi.org/10.22409/gragoata.v28i62.58331.pt>.

SILVA, Elaine Cristina de Queiroz; SILVA, Sueli Maria Ramos da. Pandemia e feira livre: uma abordagem semissimbólica. **Revista Linguagem**, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos, SP, v. 41, p. 1, 2022.

SILVA, Elaine Cristina de Queiroz; SILVA, Sueli Maria Ramos da. Uma reflexão sobre linguística e semiótica em tempos de pandemia. **Revista Papéis**, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Campo Grande, v. 25, p. 160-178, 2021.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Por uma semiótica do vivido: entrevista com o sociosemiótico Eric Landowski, **Revista Casa: Cadernos de Semiótica Aplicada**, v. 12, n. 1, 2014, p. 345-361. DOI: <https://doi.org/10.21709/casa.v12i1.7129>. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/view/7129>. Acesso em: 29 dez. 2023.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. Análise Semiótica de mapas das eleições presidenciais de 2017: fraturas no discurso da identidade nacional, **Revista do Gelne**, v. 19, n. Especial, São Paulo, 2017.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da; REIS, Naiane Vieira dos; MELO, Márcio Araújo de. Narrativa de uma busca interminável: lacunas do sujeito e da história em romances de Milton Hatoum. In: BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas. **Literatura e resistência: reler os anos de chumbo - volume 1**. Palmas: UFNT. 2022, p. 94-113.

SILVA, Sueli Maria Ramos da. **Discurso religioso: semiótica e retórica**. Campo Grande: Editora da UFMS, 2020.

TATIT, Luiz. **Semiótica à luz de Guimarães Rosa**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2010.

TATIT, Luiz. **Passos da Semiótica Tensiva**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2019.

TATIT, Luiz. O acento mítico na semiótica. **Estudos Semióticos**, [S. l.], v. 16, n. 3, p. 185-204, 2020a. DOI: 10.11606/issn.1980-4016.esse.2020.173561. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/173561>. Acesso em: 28 dez. 2023.

TATIT, Luiz. Claude Zilberberg e a prosodização da semiótica, **Actes Sémiotiques**. 2020b, n. 123. Disponível em: <https://www.unilim.fr/actes-semiotiques/6466>. Acesso em: 2 jan. 2023.

TATIT, Luiz. O ritmo que vem das sílabas. **Estudos Semióticos**, São Paulo, v. 17, n. 3, dez. 2021. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/esse/article/view/192424/178635>. Acesso em jan. 2022.

TEIXEIRA, Lucia. Entre dispersão e acúmulo: para uma metodologia de análise de textos sincréticos, **Gragoatá**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 16, p. 229-242, 1 sem. 2004.

TEIXEIRA, Lucia. Para uma metodologia de análise de textos verbovisuais. In: OLIVEIRA, Ana Cláudia de; TEIXEIRA, Lucia (Orgs.). **Linguagens na comunicação**: desenvolvimentos de semiótica sincrética. 1. ed. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2009, p. 41-77.

UEMS; ZARPELON, Liziane. **UEMS ACOLHE: Além do acolhimento linguístico**. Portal Uems, 18 jun. 2021. Disponível em: <https://portal.uems.br/noticias/detalhes/uems-acolhe-alem-do-acolhimento-linguistico-171255>. Acesso em: 18 jun. 2022.

UFGD. Professores da UFGD elaboram cartilha em guarani com orientações de combate à pandemia: Realizada em parceria com docentes da educação escolar indígena de Dourados, a iniciativa tem por objetivo tornar as informações acessíveis a toda a população indígena da macrorregião. Portal UFGD, 16 abr. 2020. Disponível em: <https://portal.ufgd.edu.br/noticias/professores-da-ufgd-elaboram-cartilha-em-guarani-com-orientacoes-de-combate-a-pandemia>. Acesso em: 12 ago. 2021.

UFSCAR. Discurso em tempos de pandemia. **Laboratório de Estudos Epistemológicos e de Discursividades Multimodais da UFSCar**. Universidade de São Carlos. Disponível em: <https://www.facebook.com/leedim.ufscar/videos/discurso-em-tempos-de-pandemia-balan%C3%A7o-perspectivas-e-cobran%C3%A7as/761080231388105/>. Acesso em: 30 ago. 2022.

UOL. **Drauzio**: Bolsonaroistas usaram vídeo em que avaliei mal o início da pandemia. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/saude/ultimas-noticias/redacao/2023/05/09/drauzio-bolsonaristas-usaram-video-em-que-avalei-mal-o-inicio-da-pandemia.htm>. Acesso em: 25 dez. 2023.

VEJA; DA REDAÇÃO. Por que o histórico de atleta não garante imunidade contra a Covid-19. Em março, em tentativa de minimizar os efeitos da doença, o presidente afirmou que, caso contraísse o novo coronavírus, sentiria apenas uma “gripezinha”. **Revista Veja**, versão online, São Paulo, 7 jul. 2023. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/maquiavel/infectado-pela-covid-19-bolsonaro-colocara-a-prova-historico-de-atleta>. Acesso em: 9 set. 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem (Círculo de Bakhtin). Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2021.

YOUTUBE. Canal José Maurício Ferraz. **De qual lado estamos: da vida ou dos assassinos?** -Palavra profética de Dom Nivaldo Ferreira. 2021. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KDA49EwC-y0>. Acesso em 25 ago. 2022.

YOUTUBE. Canal Júlio Freitas. **Palavra Amiga do Bispo Macedo** -11 de Março de 2020. mar. 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=32TIDTXrGp0>. Acesso em 25 ago. 2022.

ZAVAGLIA, Adriana; BASTIANELLO, Renata Tonini. Glossário de termos ligados à Covid-19. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de

São Paulo, 2020. Disponível em:

<https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/601/535/2031>. Acesso em: 16 dez. 2021.

ZILBERBERG, Claude. As condições semióticas da mestiçagem. *In*: CAÑIZAL, Eduardo Peñuela; CAETANO, Kati Eliana (Orgs.). **O olhar à deriva**: mídia, significação e cultura. São Paulo: Annablume, 2004. p. 69-102.

ZILBERBERG, Claude. Louvando o acontecimento. Tradução de Maria Lucia Vissotto Paiva Diniz, **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 13, p. 13-28, jun. 2007.

ZILBERBERG, Claude. **Elementos de semiótica tensiva**. Tradução de Ivã Carlos Lopes, Luiz Tatit e Waldir Beividas. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2011.

ZILBERBERG, Claude. Essai sur les modalités tensives [Ensaio sobre modalidades tensivas]. Amsterdã, Holanda: Editora John Benjamins Publishing Company, 1 jan. 1981. ISBN-10. 9027225273.

ŽIŽEK, Slavoj. Coronavirus es un golpe al capitalismo al estilo de ‘Kill Bill’ y podría conducir a la reinención del comunismo. *In*: AMADEO, Pablo (Ed.). **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias (p. 21-28). [s.l]: Editorial ASPO (Aislamiento Social Preventivo y Obligatório).

ANEXOS

ANEXO I

Cobertura Covid19 Amazônia

Invisível e desamparada, população de rua aumentou em Belém durante a pandemia

Por Cícero Pedrosa Neto

Publicado em: 11/08/2021 às 16:30

Desemprego e falta de assistência das autoridades colocam em risco sobrevivência de moradores que vivem nas ruas

Belém (PA) – “A gente já vivia no meio de um monte de desgraça, a pandemia só piorou tudo”. A frase de Lene Silva, que tem 40 anos e há 26 vive nas ruas de Belém, capital do Pará, resume o drama enfrentado pela população em situação de rua no Brasil com a chegada devastadora da pandemia da Covid-19.

Socialmente vulneráveis, com doenças crônicas e imunodepressoras, usuários de drogas, vivendo em condições extremamente insalubres e vítimas da fome, essa população tem sido uma vítima invisível da doença: as autoridades públicas de saúde no estado não possuem dados epidemiológicos oficiais sobre os impactos da pandemia neste grupo social, conforme apurou a reportagem.

No próximo dia 19, o Brasil comemora o Dia Nacional de Luta da População em Situação de Rua, criada em 2004, mas a realidade de quem não têm um teto e dorme nas calçadas é de desamparo e invisibilidade, agravada mais ainda com os impactos da pandemia.

Na Região Metropolitana de Belém, a desocupação e a falta de empregos, consequências da crise econômica, somadas à chegada da pandemia, resultaram no aumento do número de pessoas vivendo nas ruas.

Márcio (nome fictício), tem 32 anos e contou que vive nas ruas sempre que não consegue pagar um “quartinho”, moradias temporárias espalhadas pelo centro da cidade. Ele, que pediu à reportagem para não ser identificado com o nome completo, tinha um carrinho de pipoca, ao lado de um shopping, na esquina da avenida Visconde de Souza Franco, até a chegada da pandemia.

“O povo teve que ficar em casa e eu, que dependia do movimento, não tive mais para quem vender. Não pude mais pagar o quartinho, voltei para a rua e tive uma recaída”, explicou Márcio, que é usuário de drogas, enquanto aguardava na fila para receber o jantar oferecido

pela irmandade franciscana “O Caminho”. Localizada na rua Aristides Lobo, no centro histórico de Belém, a irmandade diariamente distribui alimentos com o apoio de voluntários.

Márcio é o que se pode chamar de morador de rua intermitente, aquele para quem a rua é o primeiro destino quando não há escolhas para a sobrevivência. Assim como ele, muitas pessoas vivem neste ritmo pendular e poucas conseguem sair dessa condição por conta do abandono histórico dos governos e da falta de oportunidades, que acabam levando esta população à invisibilidade.



Distribuição de alimentos nas ruas do centro de Belém
(Foto: Cícero Pedrosa Neto/Amazônia Real)

Com a chegada da Covid-19 e suas demandas pelo controle da disseminação do coronavírus, a falta de políticas públicas efetivas voltadas para este público, de maneira geral, veio à tona como mais um desafio para governos, profissionais de saúde e organizações da sociedade civil que trabalham com pessoas em situação de rua.

Na capital paraense não foi diferente: a falta de estatísticas oficiais, de levantamentos que dêem conta da especificidade da população de rua vivendo em Belém e das limitações do próprio sistema de saúde, escancararam problemas crônicos que se acumularam ao longo de anos de negligência do poder público.

“Eu só não morri de Covid porque Deus não quis, mas passei doze dias muito ruim mesmo, eu e a minha menina. Ele aí teve, mas foi fraco”, contou Shirley Pilar, 42, ao lado da filha de sete anos, apontando para o marido, Reginaldo Neves da Silva.

Com 53 anos, Reginaldo cata latinhas, mas diz que até isso ficou difícil durante os picos da pandemia com o fechamento de bares, restaurantes e com a diminuição do trânsito de pessoas nas ruas. Ele também fazia alguns bicos de pedreiro antes da Covid-19 – o que dava à família alguns intervalos das ruas. Eles vivem atualmente em um local cedido por uma conhecida, no bairro da Campina, centro da cidade.

Apesar de não haver dados concretos, a Secretaria Municipal de Saúde de Belém estima que hoje existam entre 1.500 e 2.000 pessoas vivendo em situação de rua na cidade. Pela ausência

de referências de anos anteriores, não se pode mensurar o aumento da população nas ruas da capital com o início da crise sanitária causada pelo coronavírus.

Mesmo ficando atrás de muitas cidades como São Paulo e Rio de Janeiro – que lideram o ranking das cidades com maiores números de pessoas em situação de rua – profissionais de saúde e pessoas ligadas a organizações da sociedade civil, que atuam voluntariamente com esses grupos, em Belém, alertam que esses números podem estar defasados.

De acordo com dados do IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada), até março do ano passado, exatamente no mês em que a pandemia oficialmente chegou ao Brasil, cerca de 221 mil pessoas viviam nas ruas do país. Mas não há dados atualizados que mostrem o aumento dessa população em níveis nacionais, com o passar dos meses de impacto do coronavírus na sociedade brasileira. O último censo do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) a gerar dados sobre a população em situação de rua no Brasil é de 2008 e não há expectativas de que ela seja incluída no censo previsto para ocorrer ainda este ano.

Segundo Thyago Rezende, que trabalha como voluntário há quase dez anos com esse público – e que hoje coordena um núcleo estratégico de atenção à população de rua na Secretaria Municipal de Saúde de Belém – a Covid-19 trouxe outros contornos ao perfil das pessoas que vivem nas ruas.

“A gente começou a observar famílias inteiras indo parar nas ruas porque perderam suas casas com o desemprego e a falta de ocupação trazida pela pandemia. A gente, infelizmente, só não sabe quantas”, conta.



O casal Tayana Trindade dos Santos e Jorge Luís Fonseca da Silva perdeu tudo com a chegada da pandemia
(Foto: Cícero Pedrosa Neto/Amazônia Real)

É o caso da família de Tayana Trindade dos Santos, ex-feirante de 24 anos, e Jorge Luís Fonseca da Silva, 42, ex-estivador. Apesar das dificuldades, eles nunca viveram nas ruas, mas perderam tudo durante a pandemia e foram parar, junto com os três filhos pequenos, na “Casa Abrigo para Moradores Adultos de Rua” (CAMAR), mantida pela prefeitura municipal de Belém.

“Essa doença [Covid-19] me afetou muito. Eu não fiquei doente, mas ela quase me matou de outras formas. Eu e minha família fomos despejados da casa que a gente vivia porque atrasamos um mês de aluguel”, narra Jorge Luís, que até janeiro deste ano fazia diárias como estivador em um porto às margens do Rio Guamá, em Belém.

“Eu cheguei para trabalhar quatro e pouco da manhã, como todos os dias, e veio a notícia de que iam reduzir o número de diaristas lá na empresa em que eu trabalhava. Perdi o chão na hora. Eu já estava quase sendo contratado quando veio a doença e acabou com tudo”, relata.

O casal contou à **Amazônia Real** que teve sorte, porque no mesmo dia conseguiu ingressar em um abrigo mantido pelo governo do Estado, aberto no período da pandemia para acolher pessoas em situação de rua, o primeiro onde estiveram.

“Eu só conseguia pensar nas nossas coisas no meio da rua. A gente perdeu tudo que a gente tinha dentro de casa: geladeira, fogão, roupas. Saímos com a roupa do corpo”, lamenta Tayana. Os pertences do casal foram coletados por um dos irmãos de Jorge, que se desfez dos bens sem que eles soubessem.

“A gente está lá no abrigo, mas na esperança que tudo isso melhore e eu possa voltar a trabalhar para ter nossa casinha de novo”, anseia Jorge que, vacinado, aguarda por uma entrevista de emprego em uma empresa de alimentos da cidade.

Thyago Rezende afirma haver também pessoas que, impactadas pela crise, passaram a viver em extrema pobreza. Elas moram em barracos ou conseguem pagar quatinhos com a ajuda de benefícios do governo, mas não têm dinheiro para se alimentar. A maioria é idosa. “Elas, hoje, dividem com a população de rua os mesmos pontos de recebimento de alimentos na cidade e percorrem longas distâncias, quase sempre a pé”. Procurada pela **Amazônia Real**, a Prefeitura de Belém, por meio da Fundação Papa João XXIII, ligada à assistência social do município, informou que ainda não dispõe de um quantitativo oficial de pessoas em situação de rua e que também não sabe informar sobre o crescimento dessa população durante a pandemia, por não haver ainda um censo específico com este fim. Mas trabalha com estimativas baseadas nos atendimentos realizados pela assistência social do município.

Vulnerabilidades e coinfeções



João Eudes Ferreira, 38 anos, está hoje em situação de rua
(Foto: Cícero Pedrosa Neto/Amazônia Real)

O principal desafio enfrentado pela população em situação de rua na pandemia se dá justamente pelo fato de que as mesmas regras epidemiológicas impostas pelo coronavírus ao restante da sociedade são inaplicáveis no contexto das ruas. As orientações sobre distanciamento social, uso de máscaras e atenção redobrada com a higiene pessoal não têm as mesmas respostas nestas populações que sequer têm onde dormir.

“Aí a gente ouve, ‘fica em casa’, mas como que a gente vai ficar em casa se a gente mora na rua?”, questiona João Eudes Ferreira, 38, que mora nas ruas há seis anos. “E tem mais, eu não consigo usar máscara numa quentura dessas”, disse ele, com a máscara na altura do pescoço.

“Nunca imaginei que eu fosse viver um negócio desses de pandemia. Pegou a gente despreparado, às vezes eu nem acredito. Parece um vento que sai levando e matando as pessoas”, define João. A imagem evocada por ele reflete bem o contexto de exposição e vulnerabilidade das pessoas em situação de rua frente à ameaça mortal do coronavírus.

Thyago Rezende, que atua como voluntário em dois projetos de acolhimento de pessoas em situação de rua – o Bem-Querer e o Missão Belém – conta que várias entidades da sociedade civil promoveram distribuição de máscaras de tecidos, mas que por conta da dinâmica insalubre da vida nas ruas e da falta de acesso à água, até mesmo para o consumo, é impossível manter as máscaras limpas.



Voluntários distribuem alimentos em frente à Agência dos Correios, no centro de Belém
(Foto: Cícero Pedrosa Neto/Amazônia Real)

Vitor Nina, médico do Consultório na Rua, programa federal vinculado ao SUS, explica que o contexto de vulnerabilidade da população em situação de rua é histórico e vem acompanhado de problemas que se agravaram na pandemia. Ele destaca a situação de saúde dessas pessoas que, segundo ele, sofrem frequentemente de desnutrição, tuberculose, doenças imunodepressoras – como o HIV/AIDS – tornando-as potencialmente mais vulneráveis aos efeitos da Covid-19.

Nina aponta ainda para uma ocorrência pouco mencionada e que, segundo ele observa, pode ter ocorrido em números elevados com esta população: a coinfeção.

“É possível que muitas pessoas tenham morrido por coinfecção tuberculose e Covid-19. As duas doenças agem juntas: a pessoa já tinha um quadro de tuberculose, chega a Covid e agrava a situação”, argumenta o médico se referindo a possibilidade de ação conjunta de uma ou mais doenças com a Covid-19.

Segundo ele, há dificuldades no mapeamento epidemiológico das pessoas em situação de rua porque elas podem simplesmente ser tratadas como indigentes em caso de óbito nos hospitais, pelo fato de não informarem endereços fixos e de não estarem acompanhadas por um responsável.

Questionada sobre a omissão dos dados epidemiológicos da população em situação de rua no Pará, a Secretaria Estadual de Saúde informou que não quantifica esses números porque o “Sistema de Notificação do Ministério da Saúde não possui a variável que identifica indivíduos em situação de rua”.

Tendo-se chegado no Brasil à marca de 20 milhões de infectados, cerca de 10% do quantitativo mundial, o Ministério da Saúde segue desconhecendo e ignorando a especificidade de alguns grupos, como indígenas, quilombolas, ribeirinhos e pessoas em situação de rua.

“Na rua, todo mundo se trata como igual. A gente come com a colher do outro, bebe no mesmo copo, mesmo as vezes sabendo que aquela pessoa tem uma doença feia. Se um irmão chega com uma sacola de comida e quer dividir, a gente faz uma roda e todo mundo mete a mão ali, não tem dessa”, conta Lene Silva.

Quando perguntada sobre a maior dificuldade que enfrentou na pandemia, Lene responde: “o povo já tinha nojo da gente, quando veio a Covid, aí que eles não quiseram mais nem chegar perto. A gente bate na casa das pessoas para pedir e, lá de dentro, já todos de máscara e ‘encapados’, só balançam a mãozinha dizendo que não tem”.

Desafios da Vacinação



Lene Silva, 40 anos, decidiu não se vacinar. (Foto: Cícero Pedrosa Neto/Amazônia Real)

“A gente revira lixo, bebe e come o resto dos outros, usa tóxicos e bebe cachaça. Tu achas que a gente vai se dobrar para este vírus?”, indaga Lene, uma das pessoas mais emblemáticas ouvidas pela **Amazônia Real** nesta reportagem.

Ela, que preferiu não se vacinar, costuma ficar na praça localizada em frente à Igreja Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, no bairro da Campina. Lene não quis se vacinar porque acredita que a população em situação de rua tenha uma certa “resistência” ao vírus da Covid-19, por conta da exposição frequente às péssimas condições sanitárias e outros riscos próprios da vida nas ruas.

Incluídos desde dezembro entre os grupos prioritários do Plano Nacional de Imunização (PNI) do governo federal, os moradores de rua receberam as primeiras doses da vacina, em Belém, entre os dias 3 e 4 de julho e, segundo a Secretaria de Saúde, a imunização alcançou cerca de 60% da população que vive nas ruas. A secretaria disponibilizou pontos de vacinação em áreas estratégicas da cidade, incluindo os distritos de Icoaraci e Mosqueiro, e continua realizando busca ativa dos que ainda não se imunizaram.

Cerca de 1500 doses foram disponibilizadas pelo governo do Estado, mas nem todas as pessoas aceitaram a vacinação. Um dos principais motivos foi o “medo de intervenção”.

“A vacinação depende muito da confiança dessas pessoas nos profissionais de saúde, porque elas possuem experiências traumáticas, muitas vezes violentas, com o Estado”, analisa Vitor Nina, que já trabalha há vários anos com pessoas em situação de rua e acredita que a vacinação deste grupo é uma forma de ratificação do seu direito à vida.



Ação de vacinação da população em situação de rua, em Belém (Foto: Arquivo/SESMA)

ANEXO II

Professores da UFGD elaboram cartilha em guarani com orientações de combate à pandemia

Atualizada: 16/04/2020

Realizada em parceria com docentes da educação escolar indígena de Dourados, a iniciativa tem por objetivo tornar as informações acessíveis a toda a população indígena da macrorregião

Um dos grandes desafios em tempos de pandemia é a difusão da informação, de forma homogênea, aos diferentes públicos de um território continental, como é o Brasil. Com realidades tão distintas em suas variadas regiões, o País necessita do empenho de todos os setores da sociedade para que ninguém fique desassistido ou sem saber como proceder frente à covid-19. A doença, causada pelo novo coronavírus, já começou a se manifestar até nas comunidades mais remotas e sensíveis, como aldeias indígenas e grupos quilombolas.

Em Dourados, docentes da Faculdade Intercultural Indígena (FAIND) da UFGD, cientes do cenário vulnerável em que se encontra a grande população indígena do Cone Sul de Mato Grosso do Sul, se uniram a professores da educação básica nas aldeias e desenvolveram um material escrito em guarani e kaiowá, contendo todas as informações necessárias sobre a epidemia – desde a contextualização sobre o vírus até a prevenção e o atendimento na rede pública de saúde.

Um dos responsáveis pela publicação, o professor Neimar Machado de Souza, da FAIND, conta que houve solicitação por parte dos educadores indígenas das escolas de Dourados pela parceria, e que o resultado foi a elaboração de uma cartilha de 20 páginas, colorida e ilustrada, intitulada “Koronavíru”.

O docente, que é doutor em Educação, explica que, primeiramente, foi realizada uma conversa entre os professores indígenas e os integrantes mais velhos da comunidade, para que fossem explicados o que é a covid-19 e quais os cuidados vêm sendo recomendados pelas autoridades de saúde. Em seguida, os mais idosos contribuíram retratando as orientações na língua guarani, de acordo com o vocabulário e as expressões coloquiais.

CIÊNCIA E TRADIÇÃO

Além das orientações sanitárias indicadas pelas autoridades mundiais de saúde, como distanciamento social, assepsia das mãos, etiqueta respiratória, cuidados com a higiene, entre outras possíveis de serem seguidas nas aldeias – já que parte dessa população não dispõe sequer de acesso à água – os pesquisadores abordaram na cartilha os aspectos ritualísticos tradicionais, muito presentes na rotina dos povos indígenas e essenciais para a garantia da preservação de suas etnias.

“Após essa primeira fase, os professores indígenas passaram a dialogar com os mais velhos também sobre os cuidados tradicionais de saúde aplicados na aldeia em casos de quadros gripais e insuficiência respiratória, características da covid-19, além de registrar suas concepções sobre o adoecimento”, relata Neimar.

Ele enfatiza que as comunidades indígenas tradicionalmente fazem o uso regular de plantas medicinais na prevenção ao adoecimento e também vêm empregando algumas delas durante a pandemia. “É importante reforçar que as plantas são utilizadas em rituais, seguindo um modo de preparo adequado, sob orientação de anciãos e especialistas indígenas”, afirma.

VEICULAÇÃO

Por enquanto, a cartilha vem sendo distribuída virtualmente, por meio de redes sociais e aplicativos de mensagens, difundida pelos professores das escolas indígenas a seus alunos, familiares e amigos, uma verdadeira rede de comunicação: hoje, a educação indígena no município conta com sete escolas municipais que atendem aproximadamente 3,6 mil alunos, e uma escola estadual com mais de 400 estudantes indígenas, num total de 260 professores e 300 funcionários administrativos.

“A divulgação impressa é mais onerosa. Solicitamos orçamento e aguardamos a resposta de apoiadores. Também pretendemos difundir as informações via rádios comunitárias e carros de som dentro das aldeias, pois alguns moradores não são alfabetizados. Já temos o levantamento destes custos e quem desejar apoiar as atividades como voluntário será muito bem-vindo”, diz o docente da UFGD, que recentemente teve o projeto selecionado em edital do Comitê Operativo de Emergência (COE) da Universidade, iniciativa que prevê auxílio financeiro para as ações de enfrentamento à covid-19.

Coordenadora do Setor de Educação Escolar Indígena da Secretaria Municipal de Educação (Semed) de Dourados, a professora Teodora de Souza participou da elaboração do material e garante que a cartilha será muito útil para todas as idades e contextos, por ser de fácil leitura e compreensão das imagens.

Atualmente, a população indígena na cidade é de cerca de 16 mil pessoas, grande parte vivendo nas aldeias Jaguapiru e Bororó. Metade dessa comunidade é formada por adultos e idosos, estes, integrantes do grupo de risco mais impactado pela covid-19.

PARCERIA DE LONGA DATA

“A Universidade já é parceira da educação escolar indígena no que tange às formações continuadas para professores, desde 2013, por meio da FAIND. Recentemente, também forneceu máscaras, luvas e 100 litros de álcool para a Sesai em Dourados, para ajudar os postos de saúde das aldeias. Essa parceria é muito importante, pois os profissionais da UFGD envolvidos no processo de prevenção e solidariedade, além de contribuírem com a população indígena, que é mais vulnerável, protegem também a sociedade não-índia”, diz a docente, que é da etnia Guarani, moradora na aldeia Jaguapiru e falante da língua nativa.

Além de profissionais da UFGD, participaram da elaboração da cartilha professores indígenas e não-indígenas da Semed e do Setor de Educação Escolar Indígena de Dourados. O material está disponível para quem quiser veicular on-line e também imprimir e divulgar por conta própria (o arquivo está ao fim da matéria).

De acordo com o professor Neimar, alguns órgãos externos ao município já demonstraram interesse em expandir a distribuição da cartilha para outras aldeias do Cone Sul, como a

Prefeitura de Ponta Porã e a Agência de Desenvolvimento Agrário e Extensão Rural (Agraer), que farão a divulgação nas comunidades Lima Campo e Kokue'i. Também a Secretaria Especial de Saúde Indígena (Sesai) – Polo Dourados e a Fundação Nacional do Índio (Funai) já dispõem de arquivo do material.

Em curto prazo, o docente diz que a ideia é realizar a cartilha também na língua terena, para a qual está em busca de tradutores, já que a macrorregião da Grande Dourados conta com expressiva população dessa etnia. Ainda, há o planejamento para a elaboração de um folder com o resumo das orientações de combate à pandemia, um gibi voltado ao público infantil e um vídeo informativo.

SERVIÇO

Quer conhecer a cartilha “Koronavíru”? Clique [aqui](#). A impressão e a veiculação são livres.

Voluntários interessados em contribuir com o projeto de divulgação nas aldeias podem entrar em contato com a professora Teodora de Souza, pelo telefone 99806-6208.

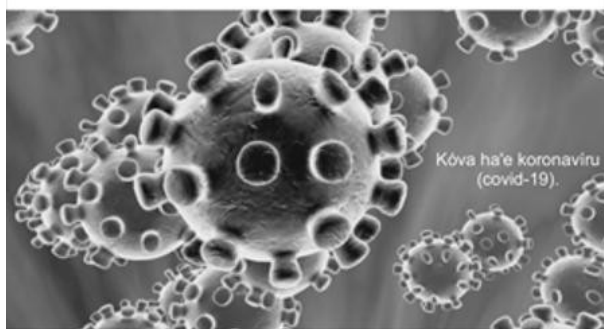
Jornalismo ACS/UFGD



Cartilha “Koronavíru”, desenvolvida para as comunidades indígenas do Cone Sul do Estado

APYSAKA TESÃI REKO

PEÊ XE RE'YI KWÉRA GUARANI-KAIOWÁ TEKOKA JAGWAPIRU, BORORÓ HA PANAMBIZINHO PEGWA. PEJAPÓKE PEÊ AVEI PENDE RESÃI REKO NHAMBOYKE HAGWA KO MBA'ASY VAI HÉRAVA KORONAVÍRU OÚVA NHANDÉ REKHAPE. UPE KORONAVÍRUS (COVID-19) HA'E MARÁ TASY PYTUGWA OMOASÃI, UPÉA MEME EMA'ÉNA!



NDAIKATÚI PENHANHUVÃ. PENHOMONGETA RAMO, EMOÍ MEME MÁSCARA NDE JURU REHE.



Material é todo escrito em guarani e contém ilustrações



NDE JU'ÚRAMO EMOÍ NDE JYVA NDE JURUPY, UPÉIXA EMBOTY NDE JURU.

ANI HETA TE'YI KWÉRA, ONHOMBOATY! PEÊ AVEI ANI PENHOMBOATY ATY ETEREI KÓVA KO ÁRA PYAHU HASA PEVE.



O texto contém orientações sanitárias e também inclui tradições de cuidados indígenas

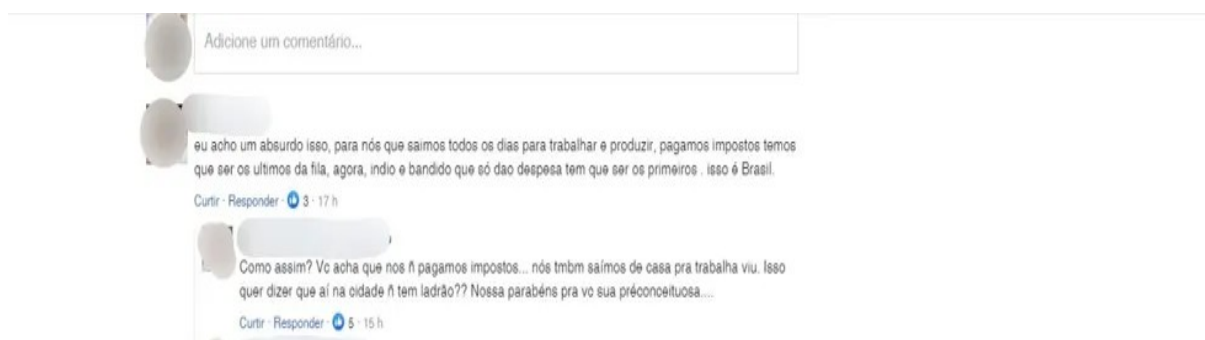
ANEXO III

Promotor denuncia usuários de redes sociais por comentários racistas contra indígenas em MS

Comentários estavam em publicação sobre prioridade da vacinação para indígenas em Dourados (MS). Promotor que realizou a denúncia disse que “internet não é um lugar em que a pessoa possa se manifestar ofendendo outras, praticando crimes, sobretudo encampando crimes de ódio”.

Por G1MS e TV Morena

20/01/2021 16h14 Atualizado há 3 anos



Promotor enviou prints dos comentários em redes sociais à Polícia Federal, para iniciar investigações
Foto: Reprodução

Diversas pessoas que reclamaram, de forma preconceituosa, da prioridade da vacinação contra Covid-19 para indígenas em Dourados, a 229 quilômetros de Campo Grande, foram denunciadas por racismo por um promotor de justiça, na tarde desta terça-feira (19).

De acordo com o promotor João Linhares, as respostas a notícias publicadas em redes sociais eram inadmissíveis. “Enviei o material à PF, para que fosse instaurado inquérito e investigados os leitores de sites que fizeram os comentários odiosos, nefastos, pelo crime de racismo, que prevê pena de dois a cinco anos e multa”, afirma.

Os comentários questionavam a escolha dos órgãos de saúde sobre as primeiras pessoas a receberem a vacina contra a Covid-19. Em Dourados, mais de 11 mil doses da vacina serão exclusivas a indígenas. O direito se dá pelo povo indígena estar entre os grupos sociais considerados vulneráveis e protagonizarem números alarmantes de infecções. A primeira pessoa vacinada no estado foi, inclusive, uma indígena de 91 anos.



Primeira pessoa a receber vacina contra a Covid-19 em Mato Grosso do Sul foi indígena de 91 anos — Foto: TV Morena/Reprodução

Em Mato Grosso do Sul, 3.960 indígenas contraíram a doença, sendo 546 em Dourados. 80 perderam a vida, sendo 29 de Aquidauana, 19 de Sidrolândia e 12 no município de Dourados. A infectologista Andyane Tetila explica os motivos da vulnerabilidade dos indígenas à Covid-19. “Além da constituição genética, por morarem em comunidades mais fechadas, como aldeias, também há o contexto social, de modo cultural de vivência, além da habitação, com muitas pessoas morando na mesma casa. Ainda há de ser considerada a parte cultural do contato entre eles. Então é totalmente diferente da população urbana, que nós conseguimos ter maior controle”, esclarece.

De acordo com o coordenador do Distrito Sanitário Especial Indígena (DSEI) de Dourados, coronel Joe Saccenti, as doses foram distribuídas a seis equipes na aldeia de Dourados. A vacinação acontecerá toda na própria reserva indígena. A meta é vacinar pelo menos 90% da população que tem direito a dose no município.

Para o promotor João Linhares, os comentários preconceituosos e criminosos em notícias precisam ser mais coibidos nas redes sociais.

“Essa discriminação, xingamentos e, especialmente, a depreciação da comunidade indígena, são intoleráveis à luz da constituição, das convenções internacionais. A internet é regulada por lei, não uma terra em que a pessoa possa se manifestar ofendendo outras, praticando crimes, sobretudo encampando crimes de ódio. Essas pessoas devem responder criminalmente por isso”, finaliza.

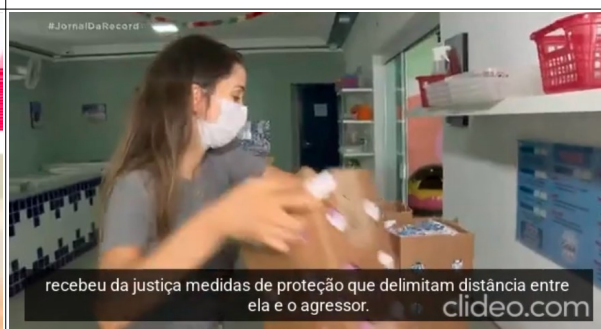
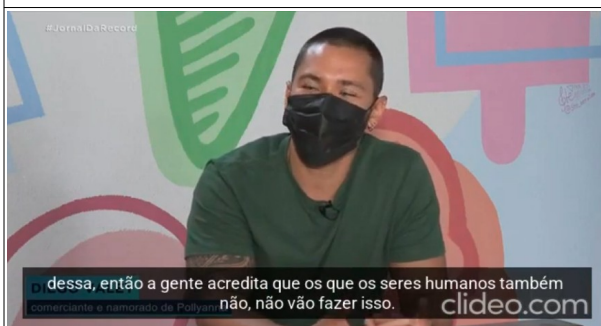
ANEXO IV

JORNAL DA RECORD; R7. **Fúria**: regra básica de controle da pandemia vira motivo de descontrole e violência – Veja casos de ataques de raiva que nasceram a partir do desrespeito ao uso obrigatório de máscara. São Paulo: Record TV, 2021. Disponível em: <https://noticias.r7.com/jr-na-tv/videos/furia-regra-basica-de-controle-da-pandemia-vira-motivo-de-descontrole-e-violencia-08062022/>. Acesso em: 6 mar. 2025.

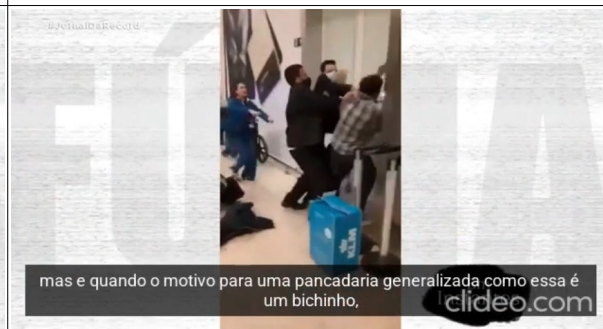
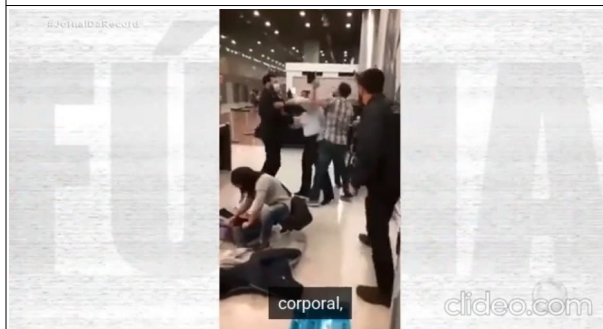
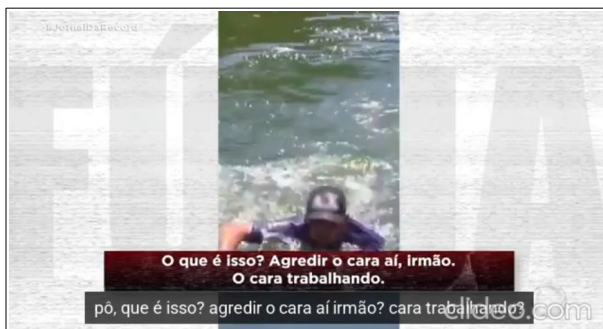


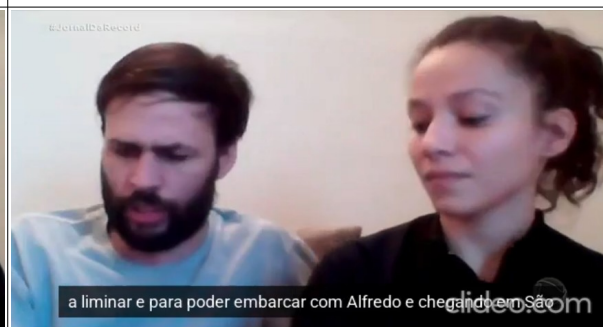


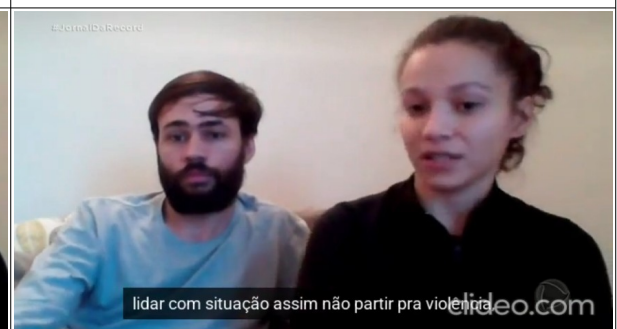
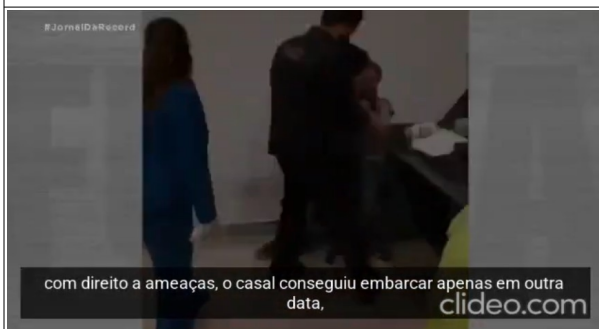


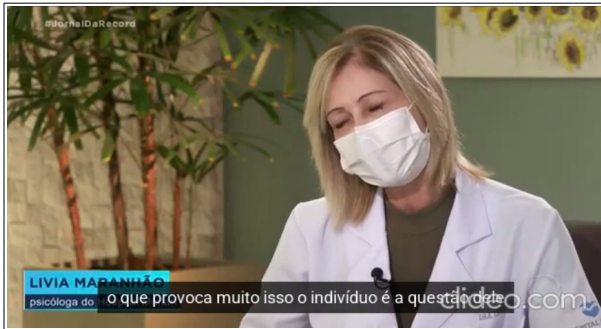














ANEXO V

UEMS ACOLHE: Além do acolhimento linguístico

Por: Liziane Zarpelon | Postado em: 18/06/2021

Neste sábado, 19 de junho, é celebrado o Dia do Migrante, uma data que nos leva a reflexão e direciona nosso olhar a essa população que está em busca de algo melhor. Há quatro anos a Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) passou a atender a comunidade migrante por meio do **Projeto UEMS ACOLHE - Acolhimento Linguístico, Humanitário e Educacional a Migrantes Internacionais**. Tudo começou com aulas de português para estrangeiros, mas em pouco tempo a equipe do projeto percebeu que não bastava ensinar a língua era preciso fazer isso com acolhimento para garantir uma maior inserção linguística, humanitária e educacional de migrantes e refugiados. Assim nasceu a essência que norteia o UEMS ACOLHE.

Em comemoração à Semana do Migrante e do Refugiado, o Projeto UEMS ACOLHE faz um balanço das principais ações realizadas nos últimos 4 anos a partir de ações de extensão voltadas à comunidade migrante internacional. O UEMS ACOLHE tem como objetivo principal promover o reconhecimento da cidadania plena dessa comunidade, atuando na defesa de seus direitos, de sua integração laboral e sociocultural.

“ Nossa meta é avançar na defesa dos direitos dos migrantes e seus familiares. O Projeto UEMS ACOLHE busca promover condições para que refugiados e migrantes em situação de vulnerabilidade tenham acesso à aprendizagem da língua portuguesa, favorecendo a integração na comunidade sul-mato-grossense e oferecendo-lhes oportunidades para realização de atividades de caráter cultural, de suporte à educação, de formação e complementação na dimensão humana, social e comunitária”, explica o professor João Fábio Sanches Silva, coordenador geral do Projeto UEMS ACOLHE.

UEMS ACOLHE em números

Em 4 anos de atividades foram 1.300 migrantes internacionais atendidos nos diversos cursos de Português para falantes de outras línguas oferecidos pelo Projeto, sendo que no momento outros 106 migrantes estão inscritos para os cursos em andamento. Desse significativo quantitativo, alunos são provenientes de 31 nacionalidades, sendo países como Venezuela, Colômbia, Haiti, Senegal, Egito e China, a maioria dos atendidos.

Os alunos internacionais atendidos pelo Projeto UEMS ACOLHE participaram ao todo de 28 cursos de Português, nos diversos polos e cidades atendidas pelo Projeto. Em Campo Grande, as aulas foram realizadas em quatro polos diferentes para melhor atender o público-alvo. Já em Dourados, a comunidade migrante internacional interessada pôde participar das aulas presenciais em três localidades diferentes. Ainda foram realizados cursos na cidade de Itaquiraí, Nova Andradina e na cidade de Lucas do Rio Verde, no estado de Mato Grosso.

Voluntários

Para além dos cursos de Português, o Projeto UEMS ACOLHE também se preocupa com a formação de agentes para o atendimento e acolhimento aos alunos migrantes internacionais, promovendo capacitações gerais para os colaboradores voluntários para atuar como professores e auxiliares nos cursos oferecidos.

O Projeto conta com a participação de colaboradores voluntários, aproximadamente 20 pessoas participam atualmente das ações de maneira direta, além de alunos de graduação e de pós-graduação da UEMS.

Rafaela Cordeiro é uma das voluntárias do UEMS ACOLHE e conta que fazer parte do projeto é ir muito além dos processos de ensino-aprendizagem da língua portuguesa, pois a primeira função é acolher o humano, o outro que também nos integra. Outros voluntários também relatam que ter contato com a realidade dos migrantes é transformador.

Pandemia

Por força do isolamento social causado pela pandemia do coronavírus COVID-19, o Programa UEMS ACOLHE precisou se reinventar e passou a oferecer seus cursos na modalidade online. Com o novo curso ‘Práticas em Língua Portuguesa para Migrantes Internacionais’, atividades de compreensão e produção oral e escrita totalmente online passaram a ser realizadas. Mais de 400 alunos internacionais participaram da iniciativa.

O Projeto UEMS ACOLHE passou também a promover a realização de Lives com a finalidade de levar informações importantes para estas comunidades. Com o nome de “Oficinas de Acolhimento”, temas como saúde, direito e assistência social são abordados por profissionais qualificados, para públicos específicos. As duas primeiras Oficinas foram voltadas para Venezuelanos e Haitianos, respectivamente, com tradução simultânea para o Espanhol e Crioulo Haitiano.

O futuro

Buscando consolidar e ampliar as ações do UEMS ACOLHE, o projeto firmou algumas parcerias, dentre elas o acordo de cooperação mútua assinado com a Secretaria Estadual de Direitos Humanos, Assistência Social e Trabalho (SEDHAST) para cooperação na divulgação e consequente formação de grupos de migrantes internacionais para as aulas de Português.

Também foram assinados acordos ao longo dos anos, como, por exemplo, com a Secretaria Municipal de Educação de Campo Grande – MS visando a implantação de ações de acolhimento linguístico a alunos migrantes e refugiados matriculados na Rede Municipal de Educação da cidade de Campo Grande - MS (REME) e o estabelecimento de mecanismos para sua realização.

Acordo semelhante foi assinado com a Secretaria Municipal de Educação, Cultura e Esportes de Itaquiraí – MS, também para ações de acolhimento a comunidade haitiana residente na cidade.

A Pastoral dos Migrantes é outra grande parceira e incentivadora das ações do Projeto UEMS ACOLHE, em especial na perspectiva das ações de acolhimento humanitária e na proposição

da criação de um Rede Municipal e Estadual de Parcerias para a atendimento a comunidade migrante em situação de vulnerabilidade.

As perspectivas futuras de ações para o Projeto UEMS ACOLHE vislumbram um quantitativo maior de ações voltadas para o acolhimento humanitário e educacional.

Uma das recentes conquistas do Projeto UEMS ACOLHE foi a nomeação da UEMS em 16 de junho de 2021, como membro permanente do Comitê Estadual para Refugiados, Migrantes e Apátridas (CERMA/MS), a partir do Decreto Nº 15.677. O CERMA é um órgão consultivo, de caráter permanente, vinculado à SEDHAST, tendo como um dos seus objetivos promover a inserção de refugiados, migrantes e de apátridas no território sul-mato-grossense.

O Prof. João Fábio finaliza que “além da continuidade do oferecimento dos nossos cursos e oficinas, precisamos pensar em formas de ingresso de migrantes e refugiados nos cursos de graduação da nossa universidade, como também apoiarmos a ampliação dos processos de revalidação de diplomas superiores, uma grande demanda social desta comunidade”. *Com informações fornecidas pela coordenação do Projeto UEMS ACOLHE.*